

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME XX*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1981

JOÃO ROSA VIEGAS

Consultor técnico do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal

JEANNETTE U. SMIT NOLLEN

Colaboradora do Museu Monográfico de Conimbriga.

MARIA LUISA FERRER DIAS

Técnica de conservação do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal

## A NECRÓPOLE DE SANTO ANDRÉ

«Conimbriga», XX, 1981, p. 5-180

**SUMÁRIO:** O presente artigo é o relatório da escavação de uma necrópole romana de incineração da segunda metade do século I e dos inícios do II d.C. escavada na Herdade de Santo André, concelho de Montargil.

Na primeira parte, João Rosa Viegas apresenta a metodologia seguida na escavação e elabora uma tipologia dos enterramentos.

Na segunda parte, Jeannette U. Smit Nolen e Maria Luisa Ferrer Dias estudam os materiais. O catálogo é precedido por um extenso comentário no qual se classificam tipologicamente os achados, se sugerem paralelos e se apontam cronologias. A cronologia geral da necrópole é fundamentada na secção II da parte II do artigo.

**SUMMARY:** A Roman cremation necropolis of the second half I to beginning II c. A.D. is here presented. It was located in the large farm of Santo André near Montargil in the central part of Portugal.

In the first part of the article João Rosa Viegas presents the methodology used in the excavation and establishes a typology for the many graves encountered.

Jeannette U. Smit Nolen and Maria Luisa Ferrer Dias present a study of the finds in the second part. The catalogue is preceded by an extensive study and classification of the pièces while parallels and chronologies are suggested. The chronology of the necropolis in general is explored and documented in section II of part II.

(Página deixada propositadamente em branco)

# A NECRÓPOLE DE SANTO ANDRÉ

## PARTE I

### A ESCAVAÇÃO E A TIPOLOGIA DOS ENTERRAMENTOS

#### Situação da Necrópole

A necrópole que constitui objecto deste estudo situa-se a cerca de duzentos metros para sudeste da parte urbana, ou «Monte», da Herdade de Santo André e a menos de cem metros para sul da antiga ermida do mesmo nome (da qual só restam alguns alicerces, ao lado dum presumível esteio de anta derrubada).

Seguindo a Carta Militar de Portugal, na escala 1:25.000, do Serviço Cartográfico do Exército, folha n.º 380, Montargil (Ponte de Sor), na edição de 1974, encontramos para o local as seguintes coordenadas: 8º 14' 30" Oeste de Greenwich; 39º 03' 07,6 Norte.

O acesso a Santo André faz-se a partir da Estrada Nacional n.º 2, que liga Montargil e Mora, abandonando esta logo a seguir ao Km 462, mesmo antes de atravessar o pontão da barragem de Montargil, seguindo pela estrada que, a partir de aí, segue directamente para o Couço, acompanhando de perto a Ribeira de Sor na sua margem direita. O percurso nessa estrada alcatroada leva-nos, em cerca de seis quilómetros, à Herdade do Engarnal. Aí, viramos, abandonando o alcatrão, para, percorrendo cerca de 1 500 metros em direcção ao Norte, chegarmos ao casario do «Monte» de Santo André. Estamos na freguesia de Montargil, concelho de Ponte de Sor, extremo sudoeste do distrito de Portalegre. O nível acima do Atlântico é de cerca dos 91 metros. O ambiente é monta-

nhoso para o Norte e o Leste mas a necrópole situa-se numa plataforma que temporariamente acalma os desníveis do terreno, entre duas importantes linhas de água, ao lado de um extenso terreno preparado para culturas intervaladas de sequeiro e regadio, regadio este que é apoiado por duas pequenas barragens privadas. A vegetação dominante é o sobreiro, a azinheira, plantações recentes de árvores de fruta e, aqui e ali, o pinheiro donde ainda se extrai resina; de resto, só mato e pastagens. O terreno é um grés conglomerático argiloso do Pliocénico. As linhas de água atrás referidas concorrem, com outras, para manter o caudal da Ribeira de Sor que, juntando-se mais para o Sul com a Ribeira da Raia, acaba desembocando no Rio Tejo com o nome de Rio Sorraia.

Foi uma região ocupada intensamente na pré-história de que, para além da toponímia local, nos ficaram, como testemunhos, muitas antas, algumas delas ainda bastante bem conservadas (1).

#### Circunstâncias das descobertas

Em meados de Março de 1973, fomos informados pelo Sr. Manuel Falcão de Sousa, proprietário da Herdade de Santo André, de que no decurso de trabalhos agrícolas para nivelamento do solo para culturas de regadio, tinham começado a aparecer vestígios arqueológicos diversos, tais como uma jarra de vidro (2), várias peças de «terra sigillata», além de fragmentos de cerâmica comum, ossos e manchas de cinzas. Para ele, com os seus 84 anos de idade, a situação não era nova, pois se recordava de terem aparecido com frequência e em vários pontos desta «herdade», vestígios semelhantes aos de agora, em locais que chegavam a ser tão distantes como 400 metros para Oeste do lugar das actuais descobertas. Num deles teriam aparecido peças inteiras, das quais guardou como recordação duas taças de «terra sigillata», um unguentário e uma fibula anular romana; muitas outras peças teriam sido oferecidas

(1) LEISNER (G.) e (V.), *Contribuição para o Registo das Antas Portuguesas — A Região de Montargil, no concelho de Ponte de Sor*, «O Arqueólogo Português», Nova Série, II, Lisboa, 1953, p. 227-256.

(2) Vid. infra, p. 171, Dispersos.

a alguns amigos, perdendo-se, entretanto, o seu paradeiro. A existência de outras e de outros núcleos com incinerações romanas foi-nos ainda testemunhada pelo Padre Henrique da Silva Louro que, tendo estado alguns meses em repouso nesta «herdade», assistiu ao aparecimento do referido núcleo sito a uns 400 metros do actual. Gomo se deduzirá da bibliografia que acompanha o estudo dos materiais, o Padre Silva Louro foi colega de trabalho em boa parte das escavações realizadas por Abel Viana na região de Eivas (cerca de 70 Kms para Leste de Montargil); em conversa com aquele senhor, a quem mostrámos algumas fotografias da nossa escavação, foi-nos confirmado que, contrariamente ao que se tinha observado nas outras necrópoles, nunca em Santo André teriam surgido construções funerárias, mas tão somente cinzeiros e urnas, os ossos sempre muito fragmentados, numa situação muito semelhante à que se nos deparava agora. Os núcleos antigos teriam aparecido sempre nos pontos ligeiramente mais elevados, não havendo conhecimento de terem sido recolhidos materiais nas zonas baixas e, como tal, mais alagadiças. Tal como nós, também o Padre Silva Louro tentou achar contexto habitacional para o cemitério e, igualmente, sem sucesso. Quanto à antiga ermida, fomos informados por ele que chegou a ver lá uma imagem de Santo André, em madeira pintada que «pelo estilo da escultura e qualidade da pintura não seria posterior ao século xvi e até talvez mais antiga». Aí funcionou uma irmandade de Santo André, já no século xviii, tendo a ermida e terreno anexo sido cedidos à referida irmandade pela extinta Ordem de Avis. O motivo que nos levou a referir aqui a existência deste templo foi a dúvida que se nos pôs de que pudesse ter fundação romana, o que, por sondagem que realizámos, veio a mostrar-se sem qualquer fundamento. Por outro lado, na toponímia não encontrámos nada de caracteristicamente romano. Julgamos poder fazer, num futuro próximo, uma prospecção aturada da região, porque deveríamos encontrar, se não uma «villa» rústica, pelo menos elementos da rede viária que serviu aquela área em época romana.

Mas, voltando à necrópole, que é o tema do nosso estudo, logo que informados do seu aparecimento, fizemos uma visita ao local e, com materiais recolhidos à superfície, contactámos Adília e Jorge Alarcão que, paia além de nos confirmarem o

interesse do achado, aceitaram que se procedesse a uma primeira campanha de escavações no mês de Abril desse mesmo ano.

Se, por um lado, a escavação teria sido impossível sem a colaboração do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra, dada a nossa pouca experiência de trabalhos de escavação, por outro lado foi preciosa a colaboração do Laboratório do Museu Monográfico de Conimbriga no tocante ao levantamento correcto do espólio, ao desenho e aos trabalhos de restauro.

O trabalho realizado em Santo André, para o qual não solicitámos quaisquer subsídios, teve desde o início o apoio de voluntários de várias procedências<sup>(3)</sup>.

A boa aceitação da escavação por parte da população de Montargil e dos campos vizinhos de Santo André animou-nos com as suas visitas e o interesse com que acompanharam as nossas explicações; graças a elas pudémos, com prudente tranquilidade, deixar materiais no terreno durante dias, obtendo assim fotografias de conjunto, sem que nunca tivesse havido interferências furtivas. Devemos também gratidão à Casa do Povo de Montargil e ao seu secretário, Sr. Lino Mendes, pelas facilidades que nos deram para a realização de uma pequena exposição de materiais da necrópole que, durante alguns dias, foi visitada por escolas das povoações vizinhas; e de uma palestra acompanhada de projecção de diapositivos sobre os trabalhos realizados em Santo André e proferida diante de um auditório extremamente participante.

Devemos, por fim, o nosso maior agradecimento ao Sr. Manuel Falcão de Sousa, que não se poupou a esforços para que o nosso trabalho fosse bem sucedido, por um lado pondo à nossa inteira disposição a sua casa em Santo André, o que nos permitiu uma estada a duas centenas de metros do local de trabalho, por outro reservando a área que achámos conveniente para as escavações feitas e a fazer eventualmente. A oferta generosa dos materiais possibilitou que se procedesse a um estudo cuidadoso, com base no Laboratório do Museu Monográfico e a manter o espólio em depósito, até que possa dar entrada num museu da região.

<sup>(3)</sup> Foi a seguinte a distribuição das tarefas: Orientação e responsabilidade da escavação — Jorge de Alarcão; orientação dos trabalhos de levantamento e do estudo dos materiais — A. Moutinho Alarcão; coordenação dos relatórios de campo e fotografia — J. Rosa Yiegas; desenho de campo —

## A escavação — método e designações utilizadas

Realizada em três campanhas de, aproximadamente, um mês cada, a escavação decorreu em Abri] de 1973, Junho de 1974 e Junho/Julho de 1975, tendo, neste último ano, sido feitas sondagens durante todo o mês de Agosto.

O local onde se situa a necrópole é pouco ventoso, bastante quente em pleno Verão e muito lamaçento quando chove. Assim, de acordo com as previsões meteorológicas para os períodos em que escavámos, achamos ter, efectivamente, utilizado os meses mais convenientes para este tipo de trabalho naquela região; somente no fim da campanha de 1974 fomos surpreendidos por fortes trovoadas e muita chuva, não tendo a zona onde escavávamos simultaneamente vários conjuntos sido afectada devido às precauções tomadas. A argila feldspática de que o terreno é formado seca muito rapidamente mas, escavados os primeiros centímetros, apresenta-se húmida e acessível a instrumentos delicados. Para favorecer essa humidade usámos, muitas vezes, pulverizar ao fim da tarde o terreno com água e deixá-lo toda a noite coberto com plásticos.

Como atrás dissemos, ao proceder ao nivelamento de uma extensa área de terra que estava sendo preparada para cultura de regadio, uma máquina escavadora começou a desmontar uma encosta suave, no lado sudeste desse terreiro; aí, numa área bastante restrita, com cerca de 10 X 15 metros, surgiram várias manchas de cinza e abundantes fragmentos de cerâmica e vidro. Foi próximo desse local, na parte ainda não remexida da encosta, por onde decidimos começar a escavação. Assim, obedecendo à orientação que nos pareceu mais conveniente para a configuração do terreno, estabelecemos duas linhas paralelas a partir das quais delimitámos nove rectângulos com quatro metros de largo por dez de compri-

Salete da Ponte; restauro, desenho e estudo dos materiais — Jeannette U. Smit Nolen e Luisa Ferrer Dias; orientação dos trabalhos de laboratório — Carlos Beloto; execução final do desenho dos enterramentos — A. M. Alarcão e M. Augusta Loreto; escavação das sepulturas — Isabel C. Almeida, J. U. S. Nolen, Joaquim S. Rojão, Luís M. Pires, L. F. Dias, Madalena Alarcão, Manuela Salta, Maria Manuel Almeida e Sálete da Ponte; trabalhos mais pesados de escavação — António Emídio, Gabriel A. Texugo, Gabriel M. Prates, José C. Libório, José L. Godinho e Manuel Libório.

mento. Escavada uma pequena extensão da encosta, convencemo-nos de que havia uma única camada arqueológica — o que veio a confirmar-se até ao fim dos nossos trabalhos — e, a partir dessa hipótese, decidimos fazer uma escavação em extensão, rectângulo por rectângulo, alternadamente, o que permitiu grande economia na remoção e movimentação das terras, independentemente de outras vantagens que são fáceis de imaginar.

A escavação em extensão foi feita procedendo-se à decapagem cuidadosa de todo o rectângulo, até à detecção do mínimo indício de enterramento; umas vez que todos os enterramentos se fizeram pela abertura de covas em solo de época romana, portanto, sempre abaixo da camada de terras vegetais de superfície, os indícios manifestavam-se, uma vez sob a forma de terras mais claras ou mais escuras, outras, pelo aparecimento de bordos de urnas ou tampas, ou até dos bordos de algumas bilhas que, pela sua altura, sobressaíam bastante dos cinzeiros onde se apoiavam. Esta prática dava-nos, a par e passo, uma visão de conjunto com 10 X 4 metros, permitindo-nos optar por escavar um só conjunto de enterramentos ou vários simultaneamente, porquanto muitas das vezes eles distavam uns dos outros poucas dezenas de centímetros.

Verificámos com o decorrer dos trabalhos que as medidas tiradas para a profundidade dos enterramentos relativamente ao solo actual não eram de grande interesse para o nosso estudo, porquanto sempre que aumentava a profundidade do enterramento relativamente ao solo actual, também aumentava a espessura da camada de terra arável e, obviamente, os enterramentos mais profundos situavam-se mais próximo da parte mais baixa da vertente, isto é, mais próximo da zona onde a escavadora tinha operado. Lavouras antigas, acompanhadas por uma importante erosão pluvial, teriam provocado a deslocação de terras do cimo da encosta para a sua base, a ponto de termos encontrado praticamente descarnada de terra arável a parte mais elevada, consequentemente, aí, com os enterramentos quase à superfície, ou até parcialmente destruídos no topo. Iremos, isso sim, indicar a espessura dos cinzeiros e a altura actual dos outros enterramentos, sempre relativamente à base das covas.

Dividido o campo pelo modo atrás exposto, confirmada a inexistência de mais do que um nível de enterramentos, os rectân-

gulos em que o campo fora dividido receberam o nome de sectores, designados por maiúsculas dentro da ordem alfabética a partir da letra B, já que se convencionou designar como sector A, toda a área destruída pela escavadora mas onde se recolheram alguns materiais. Os enterramentos dentro de cada sector receberam um número árabe por ordem do seu aparecimento e, por sua vez, cada peça que ia surgindo dentro de cada enterramento recebia outro número árabe, separado do primeiro por um ponto. Temos assim, por exemplo, que um unguentário de vidro, que foi a sexta peça a aparecer no segundo enterramento que surgiu no sector E, passou a ser designado por E 2.6; no entanto, como foi frequente o aparecimento de urnas, quer isoladas no terreno, quer integradas num conjunto com vários objectos, que continham dentro delas mais espólio, houve que assinalar a situação distinguindo as urnas e os objectos nelas contidos pela junção de um parêntesis ao algarismo ou número que as designa. Temos assim, por exemplo, que a quarta peça do conjunto formado por uma urna e seu espólio, recebeu a designação B 2 (4), porque a urna que o continha, B 2 (1), era o único objecto do segundo enterramento a aparecer no sector B; no enterramento n.º 7 do mesmo sector havia oito objectos e por isso a urna aí encontrada recebeu a designação B 7.1 (1) e o copo que estava dentro dela, B 7.1 (2).

O desenho dos enterramentos foi feito por triangulação a partir dos pontos fixos centrados nos postes de cimento, colocados nos quatro cantos de cada sector; para o desenho dos objectos dentro de cada enterramento foi utilizada uma grelha com um metro de comprimento e oitenta centímetros de largo, dividida em frações de vinte centímetros que, uma vez nivelada sobre a cova, era facilmente relacionada com os pontos fixos e permitia ao mesmo tempo rigor e rapidez. Esses desenhos foram feitos, simultaneamente, em planta topográfica e em perspectiva, sendo sempre apoiados por fotografias *Polaroid* tiradas do ponto em que foram perspectivados, contendo a fotografia uma placa identificadora do desenho, com indicação do Norte magnético.

Foi reunida abundante documentação fotográfica a branco/preto e cor, assim como toda a informação escrita do que se foi observando, sintetizada em relatórios anuais apresentados em conformidade com a legislação em vigor.

## Tipos de enterramentos encontrados

Sumariamente, encontrámos em Santo André os seguintes tipos de enterramentos:

1 — Cinzas sem espólio, em covas bem definidas, mas aparente ou nitidamente associadas a uma ou mais urnas.

2 — Cinzas com espólio, num maior ou menor número de peças, mas sem urna associada.

3 — Espólio diverso (excluindo urna), acompanhado de fragmentos de ossos em camadas compactas e, por vezes, de pequenos resíduos de cinzas separados dos ossos.

4 — Espólio diverso, incluindo uma ou mais urnas, tudo depositado directamente na terra.

5 — Urnas isoladas e directamente depositadas na terra.

Na generalidade, devemos desde já notar que nenhuma urna estava em contacto com cinzas, mesmo que estas existissem, contendo espólio ou não, a poucos centímetros de distância. Do mesmo modo, todos os fragmentos de ossos dispostos em camada compacta encontravam-se directamente depositados na terra, sem contacto com cinzas, ainda que estas se encontrassem perto.

### 1. *Cinzas sem espólio*

As cinzas ocupam totalmente covas que delimitámos com bastante segurança, não só em área como em altura, dado o grande contraste com a cor do terreno; retirada a terra arável, era fácil notarmos o cimo dos cinzeiros, normalmente bem demarcado por uma terra mais amarelada e mole do que a argila avermelhada, muito dura, que os circundava.

Muitas das covas tinham paredes quase verticais e os fundos irregulares. Sem excepção, os cinzeiros aqui referidos não continham fragmentos de ossos em aglomeração; quando muito, apareciam de vez em quando pequenas esquirolas isoladas, aparentemente levadas com as cinzas por acidente. Encontrámos ainda covas repletas de cinza sem qualquer associação com enterramentos, ora pequenas como B 4 e B 6, ora maiores como D 18, orientada

NE/SW. O grande cinzeiro G 2, medindo um por dois metros, com orientação NW/SE, ocupava uma cova quase rectangular, mas ligeiramente estrangulada no centro e bem delimitada por pedras de pequenas dimensões, atingindo as cinzas espessuras que variam entre os 8 e os 15 centímetros. Na proximidade de espólio, sem que, no entanto, o contivessem, registámos os cinzeiros D 5/E 1, D 7a, D 8, D 9, D 10 e D 14. O primeiro era uma cova com 7 a 11 cms de espessura de cinzas, as quais, ocupando uma área de 180 por 150 cms, no sentido N/S, com fundo bastante irregular, estavam nitidamente relacionadas com cinco urnas e demais espólio do enterramento E 1. As cinzas de D 7a ocupavam uma cova com 150 por 90 cms orientada NW/SE e pareciam associadas à urna com o mesmo número. Também sem material, mas visivelmente associados aos enterramentos D 2, D 3 e D 4, observámos, no centro do sector D, os cinzeiros D 8, D 9 e D 10, orientados NE/SW, tendo aparecido um prego de ferro na terra que separava os dois últimos. Mais para leste, apareceu uma cova com cinzas, de forma quadrada (D 14), ao lado do conjunto D 17 e sem dúvida relacionada com este. Também no sector E, nos pareceu que o cinzeiro a norte dos enterramentos F 1 e F 2 lhes estaria associado. À excepção de C 2 e D 5/E 1, para os quais indicámos a altura das camadas de cinza, devem os cinzeiros ser considerados como pouco espessos, raramente ultrapassando os cinco centímetros.

## 2. *Cinzas com espólio*

Este tipo de enterramento, em que objectos diversos eram, em maior ou menor número, colocados directamente sobre cinzas depositadas em covas de dimensões variáveis, surgiu com bastante frequência na necrópole de Santo André.

Em alguns casos, as peças estavam colocadas sobre cinzas, noutros encontraram-se semi ou totalmente mergulhadas nelas. Fazemos de seguida um breve apontamento do que observámos nos 24 enterramentos deste tipo:

B 5 — Enterramento de forma ovoide (com 90 x 75 cms.), coberto por um «tumulus» constituído por um aglomerado de pedras, compacto mas de pouca espessura; o material estava

depositado numa camada de cinzas com a espessura de 20 cms, sem quaisquer vestígios de ossos. As peças metálicas (n.ºs 8, 9 e 10) escondiam-se na espessura das cinzas.

G 3 — Bem delimitada, de forma rectangular (com cerca de 70 X 50 cms.), orientada E/W, a cova continha cinzas que atingiam uma espessura máxima de 25 cms., nas quais estavam parcialmente enterrados os objectos. É de notar ter sido este o único caso por nós observado em que havia um bloco compacto de ossos no seio das cinzas, envolvendo totalmente o fundo do unguentário (C 3.5). Pomos a hipótese de terem sido contidos num pequeno saco de material perecível porque de outro modo apresentar-se-iam numa camada distribuída horizontalmente; num dos extremos deste cinzeiro, apareceu uma segunda camada de ossos, esta plana e de pequenas dimensões, apoiada directamente sobre a terra. O aspecto de ambos os núcleos era idêntico ao que viemos a observar no interior das urnas.

C 7 — Cova de forma rectangular (com cerca de 52 X X 73 cms.), orientada aprox. NE/SW, bem definida e contendo uma camada de cinzas espessa de 13 cms., onde se viram alguns pequenos fragmentos de ossos, muito dispersos, bem como pedras escurecidas por acção do fogo. O espólio estava colocado sobre o cinzeiro, excepto a lucerna G 7.7, enterrada nele; o unguentário C 7.1 estava em posição vertical.

C 8 — Cova de forma rectangular (com 100 X 56 cms.), orientada aproximadamente N/S, com paredes quase verticais e fundo mais ou menos horizontal, cheia de cinzas que atingiam uma espessura de 20 cms. Algumas peças depositadas neste cinzeiro estavam completamente enterradas nele. Pudémos observar pedras muito calcinadas que tinham sido colocadas em volta do fundo de alguns vasos de cerâmica com intenção nítida de manter a sua verticalidade.

C 11—Cova com o topo de forma rectangular (com 35 x 60 cms.) e o fundo oval (diâmetro máximo de 33 cms.), orientada E/W; as cinzas que a enchiam chegaram a atingir uma espessura máxima de 22 cms., se bem que em cerca de metade da área não ultrapassassem uma fina camada com

cerca de 2 cms., na qual havia alguns pequenos fragmentos de ossos calcinados e pequenos pedaços de carvão.

D 6 — Cova de forma rectangular estrangulada (com 150 X 80 cms.), orientada E-NE/W-SW, contendo cinzas numa espessura de 12 cms. entre as quais se encontrou apenas uma malga, um prego e fragmentos de ossos e carvões.

D 11 — Cova de forma rectangular (com 90 X 48 cms.), orientada NE/SW, cheia de cinzas numa espessura de 10 a 15 cms, sobre as quais se depositara o espólio, encontrando-se algumas peças enterradas nelas.

D 15/16 — Cova provavelmente rectangular (com cerca de 85 x 50 cms.), orientada NE/SW, cheia de cinzas numa espessura de entre 20 e 25 cms., sobre as quais estava depositado todo o espólio; por baixo do copo de vidro D 15/16.3 apareceram pequenos pedaços de carvão e alguns fragmentos de ossos.

D 17 — Cova irregular na forma (com cerca de 75 X X 68 cms.), orientada E/W, cheia de cinzas, com fragmentos de carvão vegetal no lado mais próximo do cinzeiro D 14; o material concentrava-se numa área restrita (55 X 45 cms.).

E 2 — Cova rectangular, de base horizontal (com 120 X 45 a 50 cms) orientada NE/SW, cheia de cinzas que atingem a espessura de aprox. 25 cms, sobre as quais, muito concentrado no lado Sul, fora colocado o espólio; enquanto as peças mais altas estavam só parcialmente enterradas, as outras ocultavam-se completamente dentro delas.

E 3 — Só foi possível delimitar o fundo da cova deste enterramento (com cerca de 68 X 50 cms); orientado NW/SE, era coberto por uma estreita camada de cinzas sobre as quais tinham sido depostas as peças, tendo aparecido, na zona central, um número bastante grande de fragmentos de ossos muito dispersos; a taça de «paredes finas» E 3.4 apresentava cinzas no seu interior e pedaços de carvão vegetal no exterior.

E 5 — Cova rectangular e bem definida (com 120 X X 40 cms), orientada N-NE/S-SW, cheia de cinzas que atingiam a espessura de 15 cms e sobre as quais tinha sido colocado o espólio; no topo sul, as peças estavam invulgarmente

concentradas, chegando a sobrepor-se umas às outras. No fundo do cinzeiro, havia alguns fragmentos de ossos muito corroídos. O enterramento, com uma cova de base plana e bem nivelada como em E 2, era muito semelhante a este, tanto na dimensão como na forma, ficando no seu prolongamento para Sul.

E 6 — Retiradas as grandes pedras desabadas que cobriam o enterramento e pareciam ter formado uma caixa de protecção, à maneira de uma pequena anta, com um grande esteio no lado leste, a cova mostrou-se de forma rectangular (com 120 x 50 cms), orientada E-SE/W-NW, cheia de cinzas sobre uma base plana e bem nivelada; estava delimitada a Sul por pequenas pedras que nos pareceram colocadas de modo intencional. Uma forte chuvada que caiu na altura impediu-nos de medir a espessura exacta do cinzeiro. As peças, muito fragmentadas pelo desabamento das grandes pedras, estavam metidas nas cinzas, nas quais havia carvões e raros fragmentos de madeira incompletamente queimados.

E 7 — Cova aproximadamente rectangular (com 130 x X 80 cms) cuja base era plana e bem nivelada, orientada NW/SE; estava coberta com uma fina camada de cinzas sobre as quais, completando o enchimento da sepultura, havia terra limpa de tom amarelado, o que nos permitiu delimitá-la desde o seu aparecimento. Exceptuando o prego de ferro E 7.15, depositado sobre ten a firme na periferia da cova, todo o espólio tinha sido depositado nas cinzas, entre as quais encontrámos alguns fragmentos de carvão e dois grandes pedaços de osso; à mistura com cinzas, observámos pequenas pedras calcinadas que serviram de suporte às peças E 7.4, E 7.5, E 7.8 e E 7.17. Por baixo das peças E 7.5, E 7.7 e E 7.10, agarrado ao fundo destas cerâmicas, parece ter existido um grande objecto provavelmente todo de ferro, irreconhecível na forma, apenas denunciado pela mancha que deixou no terreno.

F 3 — Cova rectangular estrangulada (com 135 x 55 cms), orientada N-NE/S-SW, cheia de cinzas formando camada pouco espessa, sobre as quais se concentrava o espólio; no

topo sul, afastada poucos centímetros, estava a urna ossuária F 3(1), deposta directamente sobre a terra.

F 4 — Cova de forma irregular (com cerca de 165 X X 103 cms) aberta num dos pontos mais baixos da necrópole a 40 cms de profundidade, orientada E-NE/W-SW; as cinzas que a enchiam tinham uma espessura de cerca de 18 cms e nelas estavam apoiados ou enterrados os objectos; havia fragmentos, muito pequenos e dispersos, de ossos calcinados e, por baixo das peças F 4.4 e F 4.6, pedaços de carvão.

F 5 — Cova invulgarmente grande (100 X 100 cms) para as cinco pequenas peças que continha, as quais só ocupavam uma área com 60 x 50 cms., depositadas sobre cinzas com uma espessura de 14 cms na zona central onde apareceram grandes carvões e pedacinhos de madeira mal carbonizada. Junto das peças de «terra sigillata» havia uma pequena concentração de fragmentos de ossos, muito calcinados e dispersos.

G 2 — Cova aproximadamente rectangular (com 85 x X 50 cms) e orientada N/S, cheia de cinzas que chegavam a atingir uma espessura de 12 cms, sobre as quais fora colocado o espólio que se encontrava invulgarmente deteriorado; urna das peças apoiava-se em quatro pedritas. O fundo da cova formava um declive muito acentuado para Nordeste.

G 3 — A cova deste enterramento, que era bem definida na área onde tinham sido depositadas as cinzas, já o não era no lado sul, onde um grande número de peças estavam colocadas directamente sobre a terra ocupando urna área de 80 x 80 cms, orientada N/S. Havia, assim, duas zonas distintas: uma, coberta com uma camada de cinzas pouco espessa (cerca de 2 cms), com vários pregos ou fragmentos de pregos de ferro, normalmente à superfície, alguns fragmentos de ossos muito calcinados e, no topo norte, uma malga cinzenta e o que nos pareceu ser o fundo de um unguentário de vidro muito deformado por acção do calor; outra, no lado sul e adjacente ao cinzeiro, onde se concentrava o restante espólio, directamente depositado sobre a terra, muito junto, sobrepondo-se as peças, parcialmente ou no todo, umas às outras, sem quaisquer vestígios de ossos.

I 1 —Cova em forma de rectângulo constricto, orientada no sentido N-NE/S-SW (com 135 x 58 cms), na qual havia duas zonas bem distintas: na metade norte, a cova era ligeiramente mais profunda e continha uma camada de cinzas que no centro atingiam 18 cms de espessura, e entre as quais foram localizados vários pregos, alguns de grandes dimensões; na metade sul, ao nível do topo das cinzas, o espólio tinha sido depositado directamente na terra. Não apareceram vestígios de ossos.

I 3 — Cova rectangular, estrangulada (com 120 x 55 a 80 cms) e orientada N/S; muito bem definida e de base horizontal, cheia de cinzas que atingiam 25 cms de espessura, e nas quais os objectos surgiram depositados ou mesmo enterrados. Não apareceram vestígios de ossos.

J 1 — Este enterramento apareceu muito à superfície, no local onde, até então, era mais evidente o desgaste provocado pela erosão do solo. A cova era rectangular (com cerca de 90 x 50 cms), orientada E/W, cheia de cinzas que atingiam uma espessura máxima de 25 cms e sobre as quais estava depositado o espólio. Não havia ossos.

J 5 — Cova de forma rectangular (com cerca de 100 x 75 cms), orientada aproximadamente E/W, com um cinzeiro espesso de 14 cms sobre o qual tinha sido depositado o espólio; encontrámos fragmentos de carvão mas não apareceram ossos.

Hesitámos em considerar os enterramentos B 1 e G 5 dentro deste grupo, mas, já porque são apenas dois casos, já porque não se apresentam com características que justifiquem a sua individualização, resolvemos mantê-los:

BI — Este enterramento consistia na deposição de uma só peça, uma taça de «paredes finas», sobre uma mancha de cinzas pouco espessa; o contorno da cova não pode ser definido, tendo aparecido entre as cinzas e na terra envolvente, pequenos fragmentos de ferro.

C 5 — Cova praticamente impossível de delimitar, em que só por baixo da fíbula C 5.8 e do pratel C 5.9 apareceram algumas cinzas muito diluídas na terra, bem como raros fragmentos de ossos.

### 3. *Espólio sem urna, acompanhado de ossos*

Neste tipo de enterramento, todo o espólio estava directamente depositado numa cova aberta na argila; junto dos materiais havia sempre uma camada compacta de ossos fragmentados que, apesar de apresentarem acção do fogo, não continham quaisquer vestígios de cinzas. As covas eram muito irregulares e foi-nos impossível determinar o seu contorno exacto; o número de peças era variável. Pelas razões atrás expostas, passamos a dar somente as dimensões das camadas ósseas:

No enterramento C 6, os ossos apresentavam-se, no lado sul, numa camada compacta com 26 X 20 X 35 cms; em C 9, os ossos ocupavam no lado norte uma camada compacta e fina que raramente ultrapassava os 2 cms de espessura numa área irregular com aprox. 20 X 20 cms; em D 19, também a camada de ossos media cerca do 2 cms, ocupando uma área triangular com 15 cms de lado; concentrada numa área muito restrita, a espessa camada de ossos do enterramento E 4 apareceu por baixo do espólio (na terra encontrámos alguns restos de carvão, sem cinzas); somente com duas peças, o enterramento F 1, orientado N/S, era acompanhado por uma camada de ossos muito fina, de forma rectangular com 20 X 30 cms de lado) e vestígios ténues de terra acinzentada com alguns pedaços de carvão; em I 2, cujo espólio, orientado N/S, estava invulgarmente danificado por raízes de árvore, havia fragmentos de grandes ossos por baixo da peça I 2.6.

Depositadas sobre a terra e de modo que nos pareceu intencional, encontrámos, no canto sudeste do sector G, uma concentração invulgar de pedras que designámos por G 1; aprofundado o local, verificámos que não havia ali qualquer enterramento. Resta assinalar, no sector H, o aparecimento de um machado de pedra polida, aparentemente sem contexto na camada arqueológica e, relativamente próximo, no lado sudeste, um aglomerado de pedras dispostas de modo que nos pareceu intencional mas que não cobria qualquer enterramento.

#### 4. *Urnas ossuárias associadas a outro espólio*

Dum total de 25 urnas ossuárias encontradas, todas elas depositadas directamente sobre a terra, só 7 apareceram isoladas, isto é, não havendo no seu exterior qualquer espólio: temos, portanto, 18 enterramentos com um número variável de peças, das quais faz parte uma, ou mais do que uma, urna ossuária. As covas, abertas na argila base, eram frequentemente tão mal definidas, que são raras aquelas de que podemos indicar dimensões.

Das 18 urnas que se faziam acompanhar por espólio no exterior, 10 continham ainda alguns objectos no seu interior, enquanto as restantes nada mais possuíam para além dos ossos nelas depositados. Passamos a descrever, sumariamente, estes enterramentos:

B 7 — Numa cova grande, cuja forma não foi possível delimitar, a urna apresentava ossos depositados no fundo e, sobre estes, dois objectos, tudo coberto por uma malga. Acompanhavam-na sete peças.

C1 — Colocada no centro de uma cova de forma rectangular e bem definida (com 55 x 70 cms), com o restante material à sua volta, a urna continha uma concentração de ossos junto ao fundo, até 8 ou 8,5 cms de altura; dentro da urna estavam fragmentos desta e do testó, que se apoiavam nos ossos, o todo envolvido em terra, sem mais material. A cova do enterramento estava cheia com terra clara, sem cinzas nem pedras.

C 4 — Numa cova de forma indeterminável, com uma peça no exterior, a urna continha ossos até uma altura que variava entre os 8 e os 13 cms e, em cima destes, dois objectos, envolvidos em terra.

D 2 — Neste enterramento existiam duas urnas e mais espólio no seu exterior, tudo depositado numa cova de forma não determinada. A urna D 2.1 (1) continha fragmentos de ossos até cerca de 8,7 cms do fundo e, daí até ao cimo, terra no meio da qual estava a peça de cerâmica D 2.1 (3); a outra urna tinha fragmentos de ossos até uma altura média de 6,7 cms e, de resto, só terra em que observámos uns fragmentos muito pequenos de carvão.

D 3 — O espólio deste enterramento de forma não definida consistia em duas urnas ossuárias e a bilha D 3.3 colocada junto ao bordo de D 3.2; ambas as urnas continham ossos em camada que variava entre os 5 e os 7 cms, sobre os quais havia diversos objectos. Em D 3.1 (1) verificámos que o unguentário D 3.1 (8) tinha sido intencionalmente colocado incompleto e que junto a este havia dois dentes carbonizados; entre a terra que enchia o resto da urna havia alguns fragmentos de carvão. Na urna D 3.2 (2) observámos ainda pequenas pedras junto às paredes do potinho D 3.2 (3) e da copa D 3.2 (4). Uma grande pedra protegia este conjunto.

D 12 — Dentro da urna, sobre uma compacta camada óssea de espessura variável entre 8 e 11 cms, encontravam-se à mistura com terra e raros pedacinhos de carvão, uma taça de «paredes finas», fragmentos da própria urna e do testo que a cobria. Por baixo da urna descobriu-se o fragmento do unguentário D 12.4.

D 13 — Este enterramento formava uma grande cova cujos limites não pudemos definir e constava de várias peças, entre as quais uma urna sem tampa que, para além de uma camada de ossos com uma espessura média de 10 cms, só continha terra com algumas pedras; sobre duas peças deste conjunto havia um grande testo (D 13.1) nitidamente afastado da urna.

E1 — Numa cova muito irregular (com cerca de 100 X X 130 cms) e localizada no prolongamento do cinzeiro D 5 / E 1, depositara-se o espólio deste enterramento, que consistia em 5 urnas, todas cobertas com malga ou testo, duas das quais (E 1.3 e E 1.5) se faziam acompanhar de espólio no exterior; a cova estava bem delimitada por pequenas pedras empilhadas, mais concentradas em alguns pontos, apresentando-se cheia de terra solta, castanha e sem misturas; todas as urnas, com excepção de E 1.5 (1), estavam assentes sobre pequenas pedras. Todas as cinco urnas continham ossos, em camada depositada no fundo, com espessuras diferentes e irregulares (E 1.1 (1) com 6,5 a 7 cms; E 1.2 (1) com 7 cms; E 1.3.1 (1) com 5 cms; E 1.4 (1) variando entre 6,5 e 12 cms e E 1.5.1 (1) variando entre 9 e 10,5 cms.) sobre a qual havia terra até

ao cimo. As urnas E 1.3.1 (1) e E 1.4 (1) tinham ainda, logo assentes nas camadas de ossos, um objecto cada, observando-se, na primeira, uma aglomeração de pequenas pedras na zona envolvente das «paredes finas» E 1.3.1 (3) e, na segunda, que a taça de «terra sigillata» E 1.4 (3) fora originariamente colocada com falta de um grande pedaço do bordo.

E 10 — Uma cova relativamente pequena (com cerca de 105 X 80 cms) e orientada E/W, este enterramento era composto por uma urna acompanhada por um grande número de peças; o todo era coberto por terra solta e castanha; a urna ocupava o topo leste da cova enquanto os restantes objectos se concentravam em volta de algumas pedras relativamente volumosas, empilhadas umas sobre as outras, por baixo das quais encontrámos ossos, densamente agrupados mas num volume inferior ao que se observou dentro de qualquer das urnas da necrópole. A urna continha ossos até 6,5 a 8 cms de altura, sobre os quais assentavam parte da malga que lhe servia de tampa e uma taça de «paredes finas»; terra, à mistura com pequenas pedras e com fragmentos da malga e da urna, enchia o resto desta.

G 4 — Grande urna, acompanhada no exterior por duas peças de cerâmica. A urna continha ossos até 7,5 cms de altura e, logo por cima destes, um par de brincos de ouro, a que se seguia imediatamente um grande fragmento da frigideira que servira de tampa; daí, até ao topo, só havia terra, à mistura com fragmentos da urna e da tampa. A terra desta urna foi toda crivada em peneira fina, não tendo sido encontrados, como era de esperar, quaisquer fragmentos de contas relacionáveis com os brincos.

J 4 — A cerca de 30 cms de distância da urna J 3, de que falamos adiante, este enterramento compunha-se de uma urna e uma peça colocada no seu exterior, junto à parte superior. A urna continha ossos numa camada cuja espessura variava entre os 7 e os 9 cms e estava cheia até ao topo com terra e fragmentos de si mesma e do testó.

Propositadamente deixámos para o fim a urna F 3.1 a que já se fez referência por estar associada ao enterra-

mento F 3 (espólio depositado sobre cinzas). A urna, sem tampa, continha uma camada de ossos com 7 cms de espessura, sobre os quais apenas havia pedras pequenas e terra.

### 5. *Enterramento de urnas isoladas*

As 7 urnas que estavam completamente isoladas, contendo espólio somente no seu interior, apareceram directamente depositadas na terra, em posição vertical, tendo sido impossível delimitar o tamanho das covas abertas na argila base. Passamos a dar um breve apontamento sobre cada uma delas.

B 2 — Tinha uma malga a servir-lhe de tampa e o espólio estava colocado sobre uma camada de ossos, compacta, com 11 cms de espessura; todo o resto estava cheio de terra idêntica à do exterior, à mistura com fragmentos da urna e da malga.

B 3 — Tinha tampa, e os ossos, em camada compacta, ocupavam 8 cms a partir do fundo; 7,5 cms acima destes, apareceu uma taça de «paredes finas» que, à mistura com fragmentos da tampa e da urna, completava o enchimento desta.

Dl — O espólio, à mistura com fragmentos da urna e da malga que a cobria, envolvido em terra, estava empilhado sobre uma camada de ossos depositados no fundo da urna.

D 4 — Retirada a malga que servia de tampa, a urna continha no fundo uma camada de ossos, sobre a qual estava apoiada a taça D 4.1 (3). Não havia infiltração de terra no interior.

D 7 — Uma camada de ossos compacta, com cerca de 7 cms, ocupava a zona junto ao fundo da urna; sobre estes, à mistura com terra, estava depositado o espólio; entre este e a malga intacta D 7 (2) que servia de tampa, à mistura com a terra, encontrámos uma mancha com 4x4 cms de pequenos pedaços de carvão.

F 2 — Sem tampa e muito fragmentada, esta urna continha uma camada de ossos cuja altura, a partir do fundo, variava entre 8 cms por baixo de F 2 (3) e 5 cms por baixo

de F 2 (2); a fíbula repousava horizontalmente nos ossos e o copo de «paredes finas» F 2 (2) estava em posição vertical.

J 3 — A urna, e parte da malga que a cobria, apareceram quase à superfície, na parte mais alta e erodida do terreno, faltando-lhe grande parte da metade superior, provavelmente desfeita por trabalhos agrícolas antigos; o espólio, que consistia num potinho de cerâmica comum J 3 (3), estava deitado sobre uma espessa camada de ossos, com cerca de 10 cms, que enchia o fundo da urna; o resto era terra à mistura com fragmentos da urna e da malga.

### O espólio ósseo

Em todos os enterramentos onde apareceram ossos, quer depositados directamente sobre a terra, quer dentro de urnas, havia uma constante: os ossos não estavam em contacto com as cinzas e até as próprias urnas (contendo todas ossos) se mantinham afastadas delas.

Os ossos apresentavam-se depositados nas urnas ou directamente sobre a terra, sob a forma de pequenas esquirolas que raramente ultrapassavam os 5 cms de comprimento, acamadas compactamente umas sobre as outras, não deixando espaços ociosos onde se pudesse ter infiltrado terra. Observa-se em todos os fragmentos uma intensa acção do fogo e até, em alguns casos, aparecem, com os ossos, pedacinhos de carvão. Somos levados a supor que, após a queima do cadáver, alguns ossos teriam sido partidos e lavados cuidadosamente da cinza que certamente os teria envolvido quando na pira, antes de serem definitivamente enterrados. Essa lavagem teria levado a que se misturassem fragmentos de ossos de diferentes partes do corpo; assim, temos urnas em que havia fragmentos de ossos planos e da calote craniana, à mistura com outros de menor diâmetro, sendo estes últimos os que mais frequentemente apareceram; estranhámos só ter encontrado dois dentes completos, e fragmentos de um terceiro, nas seis urnas em que fizemos uma escolha minuciosa dos ossos; frequentemente, apareceram, com estes, pequenas pedras calcinadas que com eles se confundiam. Nas primeiras urnas que desmontámos, procedemos também ao

desmonte de toda a camada de ossos, separando os maiores dos mais pequenos e retirando por outro lado as pequenas pedras; no entanto, ao fazer tal, demo-nos conta de que fragmentávamos os ossos mais do que estavam e, a partir da sexta urna, verificando que dentro da camada óssea nunca aparecia espólio, resolvemos escavar somente até ao nível dessa camada, julgando que, conservando-a em bloco, facilitaríamos um estudo posterior.

### Considerações diversas

A análise descritiva destes enterramentos mostra que raras vezes houve a preocupação de delimitá-los e protegê-los. Sepulturas construídas com telhas ou lajes de pedra afeiçãoada tal como apareceram frequentemente nas necrópoles do Padrãozinho, de Serrones, do Padrão e da Horta das Pinas (4), não existem em Santo André.

Apenas E 6 se apresentava bem protegida por grandes pedras que formavam uma cobertura pesada e irregular, apoiada noutras pedras mais pequenas, estando a cova aparentemente delimitada a Sul por algumas pedritas. Trata-se de um arranjo fortuito e que ajuda a provar a inexistência do hábito de construir uma sepultura para enterrar os despojos funerários.

D 3 apresentava uma grande pedra a proteger uma urna.

Em B 5, o enterramento ocultava-se por baixo de um aglomerado esparsa de pequenas pedras como sucede em Horta das Pinas (5). Deve, no entanto, notar-se que em Santo André as covas parecem todas menos fundas do que as das citadas necrópoles; dever-se-á tal fenómeno a uma maior erosão do terreno? Outra característica geralmente observada foi a irregularidade de grande parte das covas. E 1 surgiu como o único enterramento em que parece ter havido preocupação de delimitar a cova com

(4) VIANA (A.), DIAS DE DEUS (A.), *Nuevas necropolis celto-romanas de la región de Eivas (Portugal)*, «Arquivo Español de Arqueologia», 1955 e ID., *Campos de urnas do Concelho de Vila Viçosa*, Coimbra, 1958.

(5) ID., *ibid.*, fig. 3, 4 e fig. 4, 2.

pequenas pedras empilhadas e mais concentradas nos lados sul e este.

G12, G1 e H 2 designaram três montículos de pedras de pequeno tamanho que, uma vez desmontados, mostraram não corresponder a sepulturas.

O costume de apoiar as diversas peças que formavam o espólio em pedritas, apareceu documentado apenas em três enterramentos: G 7, C 8 e E 1. Contudo, e a despeito do mau estado de conservação das peças, pode verificar-se que elas eram, em regra, dispostas cuidadosamente, formando, por vezes, arranjos intencionais mesmo quando se tratava de objectos partidos ou queimados. São bastantes as peças de cerâmica e, especialmente, de vidro que mostram sinais de ter sofrido forte acção do fogo.

Não encontrámos em toda a área escavada vestígios de *ustrinum*, o que surpreende dado tratar-se de um espaço relativamente amplo. Será possível que nesta necrópole se procedesse à cremação dos cadáveres no próprio local do enterramento? A. Viana e Dias de Deus imaginaram, a propósito da Horta das Pinas <sup>(6)</sup>, que se abriria uma cova proporcional ao tamanho do defunto, colocando sobre ela a pira e o corpo. Terminada a cremação, varrer-se-iam para o centro da cova as cinzas e os ossos não recolhidos nas urnas, à mistura com carvões e restos de madeira não consumidos; sobre este amontoado, dispor-se-ia então o mobiliário funerário. Só nalguns raros casos de enterramentos dos tipos 1 e 2, as dimensões das covas se aproximam de dimensões compatíveis com tal hipótese; a maioria oferece, porém, tamanhos demasiadamente pequenos para o efeito. O pequeno volume de cinzas e a total ausência de dentes tornam inverosímil a cremação «in situ».

Os numerosos enterramentos sem cinzas tornam ainda mais difícil de compreender como se passaria em Santo André o ritual funerário. E certo que a área escavada não compreendeu toda a necrópole, ficando assim em aberto a possibilidade de que o lugar ou lugares de cremação se encontrassem noutra zona.

A utilização de padiolas ou estrados, sugerida para a necrópole das Pinas pela presença de grossos pregos, dobrados longe

(6) ID., *ibid.*, p. 14.

da cabeça o bastante para poderem ter fixado grossos ramos de árvore ou fortes travessas, está confirmada neste cemitério onde, tal como ali, apareceram também pregos de dimensões apropriadas à construção de ataúdes (7).

O comentário que acabámos de fazer mostra claramente que a tipologia dos enterramentos não fornece por si só indicações de ordem cronológica e estas só podem conseguir-se através do exame do mobiliário (8). Também é possível constatar que não se observa correlação entre a data dos enterramentos e o seu tipo; tal facto não é, todavia, surpreendente, dado o curto espaço de tempo abrangido, três quartos de século no máximo. A orientação das covas e do mobiliário nada significa.

Interessante é notar a existência de enterramentos colectivos. Em D 2 e D 3 havia duas urnas enquanto em E 1, o número de deposições se elevava a cinco; a composição dos espólios existentes é bastante regular o da presença de três urnas em cinco, sem espólio, nada se pode concluir.

O mobiliário funerário recolhido é, no seu conjunto, pobre em qualidade e diversidade. Daí que não seja possível retirar conclusões significativas quanto ao sexo e à categoria social dos enterrados, às profissões ou outras actividades a que se dedicavam.

Pelo contrário, o estudo dos vidros e das cerâmicas produziu dados muito seguros relativamente aos centros fornecedores desta localidade entre c. 50 e c. 120 d.G. e provou que a cerâmica comum era na sua quase totalidade fabricada na região (&).

(7) Vid. infra p. 123 s.

(8) A forma dos enterramentos em que não se observa uma construção propriamente dita, tende fatalmente a repetir-se em lugares e épocas distantes, o que retira significado à tentativa de sistematização e estudo comparativo. Veja-se, a propósito, as semelhança que existem entre muitos dos enterramentos de Santo André e outros de Wederath (HAFFNER (A.), *Das Keltisch-römische Graberfeld von Wederath-Belgium*, Mainz, 1971).

(9) Vid. infra p. 65 s.

### Sondagens fora da área escavada

No decurso da campanha de escavações realizada no ano de 1974, procedemos à abertura de quatro quadrados, com dois metros de lado cada, no intuito de sondarmos locais relativamente afastados dos enterramentos, não tendo encontrado materiais em nenhum deles; quando muito, confirmámos o que já atrás tínhamos dito sobre o escorregamento, por erosão, da terra arável. Temos assim que, na sondagem feita a 30 metros para Sudoeste do sector F, encontrámos uma camada de terra arável com 40 cms de espessura, seguida por uma camada de barro vermelho com 22 cms, tendo sido ainda cavados 20 cms da argila base; na sondagem n.º 2, feita a 36 metros para Sul do sector F, a terra arável apareceu em 20 cms do corte, seguida por 46 cms de barro vermelho e 24 de argila base; na sondagem n.º 3, a 22,5 metros para Leste do ponto de divisão entre os sectores F e D, havia 12 cms de terra arável, seguidos por 40 cms de barro vermelho e 30 de argila base; a sondagem n.º 4, a 16 metros para Leste do ponto que dividia o sector D do G, próxima da anterior mas mais na crista da colina, apresentou-nos 18 cms de terra arável, seguidos por 10 cms de barro vermelho e 20 cms de argila base. Enquanto as três primeiras sondagens feitas em terreno de vertente, se bem que suave, nos apresentaram uma camada subjacente à argila base com, sensivelmente, a mesma espessura, verificámos que, na última, estas somavam uma altura muito inferior. Fomos levados a crer que o barro vermelho era resultante da lavagem da terra arável e consequente deposição sobre a argila base.

Em 1975, após termos dado por terminados os trabalhos das três campanhas que são objecto do presente estudo, procedemos ainda, durante cerca de um mês, à abertura de duas valas de sondagem que se distanciaram a partir da zona escavada da necrópole. A primeira destas valas foi aberta perpendicularmente ao lado sul do sector G, no prolongamento do enterramento G 3, com 150 cms de largo e um comprimento de 19 metros (se bem que se tivessem tirado 20 cms de terra arável numa distância de 25 metros); aí encontrámos (à distância de 11 metros do sector G) sobre a argila base, um monte de pedras acompanhado por uma laje, fragmentos de cerâmica comum cinzenta (a 17,40 m) e uma

*tegula* (a 10 m) mergulhando de cutelo na argila; o resto da vala não foi aprofundado porque as condições climatéricas o não permitiram. A segunda vala foi aberta com 2 metros de largura e 15 de comprimento, a partir do lado leste do caminho antigo que acompanha a zona que escavámos, sendo a parede sul da sondagem o prolongamento da parede sul do sector G; aprofundámos a argila base em toda a extensão sem que tivéssemos encontrado quaisquer vestígios, para além de umas pedras de certo porte que nos pareceu terem sido intencionalmente enterradas (a cerca de um metro do caminho). Porque observámos à superfície alguns materiais que nos pareceu terem relação com possíveis enterramentos, tais como pequenos fragmentos de cerâmica comum, fragmentos raros de *tegulae* e plaquetas de xisto (rocha que não é desta região), entendemos que, se bem que, provavelmente, tenhamos escavado a parte principal deste núcleo da necrópole, não a devemos dar como totalmente descoberta.

Circunstâncias diversas não permitiram até agora retomar os trabalhos. Essa a razão por que se publicam os resultados da investigação realizada. A descrição do espólio de cada enterramento e a sua análise pormenorizada seguem-se a este estudo introdutório.

JOÃO ROSA VIEGAS

(Página deixada propositadamente em branco)

# A NECRÓPOLE DE SANTO ANDRÉ

## PARTE II OS MATERIAIS

### SECÇÃO I ESTUDO TIPOLÓGICO

#### Vidros

Contrastando com as cerâmicas, bastante pobres e de expressão local, os vidros de Santo André constituem uma pequena colecção relativamente rica e variada; são todos soprados e só em dois casos (B 7.1 (2) e E 2.12), soprados em moldes.

É interessante notar que não se encontraram vestígios de taças caneladas as quais, segundo Charlesworth, foram produzidas durante quase todo o séc. i d.C. sobrevivendo algumas no século seguinte; além disso, é comum encontrá-las com abundância em qualquer jazida daquele período (\*). Dever-se-á esta lacuna simplesmente ao facto de as taças caneladas parecerem menos utilizadas a sul do Tejo — ainda que tenham aparecido em Almeirim e Aljustrel, dois sítios não muito distantes de Montargil (2) — ou poderá a sua ausência indicar que a necrópole é predominantemente dos fins do séc. i e contém pouco material dos segundo e 1

<sup>1)</sup> CHARLESWORTH (D.), *The glass*, em FRERE (S. S.) e ST. JOSEPH (J. K.), *The Roman fortress at Longthorpe*, «Brittania», Vol. V, 1974, p. 88-89.

<sup>(2)</sup> *Fouilles de Conimbriga VI*, p. 159.

terceiro quartéis ? A facilidade de aquisição das taças de «paredes finas» da região de Mérida — que também serviam como vasos de beber — pode ser encarada como um terceiro factor explicativo.

a) *Vasos de diversas formas* (3)

A peça mais notável é a taça B 7.1 (2), soprada em molde e relacionada com as chamadas taças com coroas de louros, com gladiadores ou com cenas desportivas, quer pela técnica (molde bivalve), quer pela forma. Von Saldern publicou diversas peças dessas pertencentes à colecção Oppenländer, semelhantes à nossa pela forma, mas divergentes nos seus esquemas decorativos (4). A decoração de folhas e bagas alternantes que se encontra na taça Oppenländer 446 está provavelmente em íntima relação com as simples linhas horizontais que definem as zonas de círculos do exemplar de Santo André (5). Contudo, esta taça é consideravelmente mais baixa, enquanto as taças mais altas exibem decorações mais elaboradas. Mas a coroa estilizada do n.º 454 e de exemplares semelhantes em Newark e Corning (6) lembra na verdade os círculos da nossa peça. Por outro lado, deve notar-se que as taças alusivas a cenas de desporto apresentam uma inscrição grega de preferência a simples linhas moldadas para separar as zonas decorativas.

A despeito das diferenças de decoração apontadas, a cronologia deve ser correspondente. Von Saldern sugere uma datação de séc. i para as quatro taças da colecção Oppenländer, e Vessberg atribui todas as taças com coroas de louros aos meados ou à segunda \*1

(3) São as peças seguintes: B 1A (2), G 8.13, G 11.1, D 11.1, D 13.4, D 15/16.3, D 19.8, E 2.7, E 2.12, E 2.13, E 2.15, E 5.4, E 5.19, G 3.3, G 3.18\*, I 3.5, I 3.6, I 3.13, I 3.14, I 3.15, e Dis. A.15.

(4) SALDERN (A. von), NOLTE (B.), LA BAUME (P.), HAEVERNICK (T. E.J.), *Gläser der Antike Sammlung Erwin Oppenländer*, Mainz a. Rhein, 1974, n.ºs 446, 452, 453 e 454 p. 159 e 162-163.

(5) Estes círculos podem ter simbolizado pateras como BERGER sugeriu a propósito de um motivo semelhante num copo decorado também com coroas de louros, proveniente de Vindonissa, cf. BERGER, *Vindonissa*, n.º 120, inv. 11260, p. 50, Est. 8.

(6) AUTH, *Newark*, n.º 57, inv. 50.1442, p. 63. SMITH (R. W.), *Glass from the Ancient World, the Ray Winfield Smith Collection*, Corning, 1957, n.º 96, p. 69.

metade do mesmo século (7). As taças decoradas com cenas de circo ou gladiadores são em regra datadas da segunda metade do século i com base nos achados de Camulodunum (8) e Vindonissa cujo *terminus ante quem* é de 75 d.C. (9). Neste enquadramento, a datação mais provável para a nossa taça há-de situar-se na segunda metade do séc. i.

Von Saldern atribui as taças da colecção Oppenländer à Síria ou ao norte da Itália, enquanto Berger crê que as taças com coroas de louros são todas oriundas da Síria (10 \*). Preferimos atribuir a nossa taça ao norte da Itália ou à região renana.

O copo D 11.1 é uma peça relativamente comum. Pertence ao grupo Isings 33, cujas origens a autora situa no período cláudio-neroniano e que perdurou pelo séc. n (11). São muitos os paralelos publicados, entre outros, na colecção Oppenländer, datados dos sécs. ii-iii (12); dois de Colónia — um dos quais pertencente a um contexto tumular datado da primeira metade do séc. m (13); diversos fragmentos de Vindonissa, que Berger data do período flaviano (14), de Karanis, com estratigrafia não datável (15), e da Península Ibérica em Carmona (16), Miróbriga (17) e Conimbriga (18). A datação proposta para o último fragmento é o séc. n. A segunda metade do séc. i constitui uma cronologia provável para o nosso exemplar.

(7) VESSBERG e WESTHOLM, *Cyprus*, Beaker tipo A I p, p. 137-138, 199.

(8) A taça de Camulodunum foi datada do período 43-65 d. C., cf.

HARDEN (D. B.), *The Glass*, in HAWKES e HULL, *Camulodunum*, p. 287 e 290.

(9) BERGER, *Vindonissa*, p. 59.

(10) ID., *ibid.*, p. 49-50.

(11) ISINGS, *Dated -finds*, tipo 33, p. 47-48.

(12) V. SALDERN, *op. cit.*, n.º 658, p. 225.

(13) FREMERSDORF (F.), *Die Römischen Glaser mit Fadenauflege in Kohn*, Colonia, 1959, Inv. N 106, e N 107, p. 71-72, Est. 108 e 109.

(14) BERGER, *Vindonissa*, n.ºs 110 e 113, p. 47-48, Est. 7 e 19.

(15) HARDEN, *Karanis*, n.º 419, inv. Mich. 6223, p. 151, Est. XV.

(16) BONSOR (G. E.), *An Archaeological Sketch-book of the Roman Necropolis at Carmona*, (Hispanic Notes and Monographs), New-York, 1931, n.º 187, p. 148, Est. LXXXVII.

(17) ALARCÃO, *Alentejo e Algarve*, n.º 70, p. 36, Est. III.

(18) ALARCÃO (J. de) e (A. M.), *Vidros Romanos de Conimbriga*, Conimbriga, 1965, n.ºs 12 e 13, p. 26-27, Est. I.

A base D 13.4 e os fragmentos C 8.13 pertenceram a taças ou copos cuja forma poderia estar relacionada com o tipo Isings 12, frequentemente encontrado a partir dos meados do séc. i<sup>(19)</sup>. O n.º G 8.13 está demasiadamente estragado para que se possa reconstituir-lhe o perfil com segurança. Encontram-se alguns paralelos para o D 13.4 em Portugal <sup>(20)</sup>. Outras possibilidades de comparação são uma taça e um copo de Colónia. A base e a espessura do primeiro não são infelizmente fornecidos pela ilustração; foi encontrado num túmulo com moedas de Vespasiano, Domiciano, Antonino Pio e Lúcio Vero e consequentemente datado da primeira metade do século n. O copo é ligeiramente mais cónico do que o nosso D 13.4, mas parece ter a mesma discreta concavidade na base <sup>(21)</sup>. Harden publica três copos fragmentados desta forma provenientes de Fishbourne (período 3), que data dos fins do séc. i ou séc. n baseado na cronologia de outros achados semelhantes estratigrafados e na qualidade do vidro e da execução <sup>(22)</sup>. Poder-se-á atribuir a mesma datação às duas peças de Santo André.

A taça mais bulbosa E 2.7 pertence ao tipo Isings 96, datado do séc. II <sup>(23)</sup> e está relacionada com as duas peças anteriores pela base côncava, as linhas delicadamente incisadas e o vidro muito fino, praticamente incolor. Taças semelhantes provêm do período 3 (100-270 d.G.) de Fishbourne <sup>(24)</sup>, de um túmulo de Colónia que continha também uma moeda de Nerva <sup>(25)</sup>, de Portugal, numa

<sup>(19)</sup> ISINGS, *Dated finds*, tipo 12, p. 27-30.

<sup>(20)</sup> ALARCÃO, *Vila Viçosa*, n.ºs 22 e 31, p. 12, 16, 18. Est. 3 e 6. O n.º 31 é interpretado pelos autores como base de garrafa; os fabricos muito finos e delicados dos nossos n.ºs D 13.4 e G 8.13 sugerem de preferência uma taça ou um copo.

<sup>(21)</sup> FREMERSDORF, *Blaugriine Glas*, Inv. 35.362, p. 39, Est. 78, e Inv. N 836, p. 39-40, Est. 80.

<sup>(22)</sup> HARDEN (D. B.) e PRICE (J.), *The Glass*, em CUNLIFFE, *Fishbourne II*, n.ºs 56a, 57, 59, p. 347-349, fig. 140.

<sup>(23)</sup> ISINGS, *Dated finds*, tipo 96, p. 104.

<sup>(24)</sup> HARDEN (D. B.) e PRICE, (J.), *The Glass*, em CUNLIFFE, *Fishbourne II*, n.º 56, p. 347, fig. 140 e Est. XXVII.

<sup>(25)</sup> FREMERSDORF (F.), *Die Romischen Glaser mit Schlieff. Bemahlung, und Goldauflagen aus Köln*, Colónia, 1967, Inv. 26.897, p. 53, Est. 5, e inv. N 875, p. 55, Est. 9.

versão de perfil mais alto atribuída com reservas ao séc. i (26) e de Vindonissa, onde se aponta uma cronologia dos meados do século i ou até anterior (27). A qualidade do vidro, muito fino e quase sem tinto, obrigam a colocar a nossa peça depois do exemplar de Vindonissa mas juntamente com as outras duas citadas para o século ii. Deve, no entanto, recordar-se que a forma continuou a ser produzida durante muito tempo, encontrando-se em estratos datados de 300-315 d.C., em Verulamium, embora executada em vidro verde ou incolor, grosso e de má qualidade (28).

O n.º D 19.8, muito fragmentado, tinha provavelmente forma semelhante ao n.º E 2.7 embora a curvatura de alguns fragmentos sugira um perfil em «S» como os boiões provenientes de Bensafrim e Balsa (29) publicados por Alarcão, que aproxima o segundo do tipo A II de Vessberg, datado dos sécs. n e m (30). O vidro é da mesma qualidade do n.º E 2.7, mas os fragmentos são demasiado pequenos para se poder determinar qualquer ligeira tonalidade que possa ter. A sua cronologia é, muito provavelmente, a mesma que a da taça precedente.

Outros fragmentos da mesma qualidade de vidro foram encontrados no enterramento D 15/16 (n.º 3). A delicadeza do vidro leva-nos a supor que aqui também se trata de um copo, mas ignora-se a sua forma exacta. A qualidade do vidro incolor indica uma cronologia dos fins do séc. i até meados do século seguinte.

O jarro soprado em molde n.º E 2.12 tem forma relacionada com a garrafa de tipo Isings 50 a, que a autora diz ter aparecido pela primeira vez em meados do séc. i e perdurado até ao séc. iv, inclusive. A forma hexagonal pode ser datada com mais rigor do

(26) ALARCÃO, *Vila Viçosa*, n.º 21, p. 9 e 12, Est. 3.

(27) BERGER, *Vindonissa*, n.º 95, p. 43-44, Est. 6 e 19.

(28) CHARLESWORTH (D.), *The Glass*, em FRERE, *Verulamium*, n.ºs 58 e 61, p. 210-212, fig. 79.

(29) ALARCÃO, *Figueira da Foz*, n.º 34, p. 108-109, Est. 111-8; ALARCÃO, *Balsa*, n.º 27, p. 246 e 249, Est. Y.

(30) VESSBERG E WESTHOLM, *Cyprus*, n.ºs 24 e 25, p. 168 e 208-209, fig. 45. Estes boiões são, todavia, mais carenados que o nosso n.º D 19.8 e apresentam-se decorados com aplicações de fio de vidro.

período cláudio-neroniano <sup>(31)</sup>. A boca trilobada afasta, no entanto, a nossa peça destas garrafas tão comuns. Podem citar-se alguns termos de comparação, mas nenhum com uma asa tão erguida. No museu de Aquileia encontra-se uma garrafa semelhante datada do séc. i ou n <sup>(32)</sup>, e conhecem-se diversas garrafas ou jarros afins, provenientes de estações portuguesas <sup>(33)</sup>. Uma datação entre a segunda metade do séc. i e os inícios do séc. n parece aceitável para este vaso de Santo André.

Os fragmentos que compõem o n.º E 2.13 podem ter pertencido a um copo alto semelhante a um que existe em Newark <sup>(34)</sup>, outro na Figueira da Foz <sup>(35)</sup> e dois encontrados em Balsa <sup>(36)</sup>, todos pertencentes ao tipo Isings 106, datado no séc. iv, mas que Alarcão presume ter podido começar a fabricar-se mais cedo na área do Mediterrâneo. A qualidade do vidro não permite recuar a nossa peça além do final do séc. i ou inícios do séc. n, mas o facto de não conhecermos o seu perfil exacto impede a atribuição de uma cronologia rigorosa.

O pequeno jarro n.º E 2.15, também trilobado, possui a mesma forma básica, embora mais larga, do tipo Isings 56a. Trata-se de uma forma com longa vida, que remonta a níveis pré-flavianos. O perfil da nossa peça tem provavelmente o melhor termo de comparação nos jarros de Pompeia, que possuem gargalo mais alto e corpo mais ovoide do que a forma dominante <sup>(37)</sup>. Um exemplar

<sup>(31)</sup> ISINGS, *Dated finds*, tipo 50 a, p. 63-66. Também D. HARDEN concorda em situar o grosso da produção das garrafas cilíndricas no período 70-130 d. C., cf. HARDEN (D. B.) e PRICE (J.), *The Glass*, em CUNLIFFE, *Fishbourne II*, p. 361.

<sup>(32)</sup> CALVI (M. C.), *I Vetri Romani del Museo di Aquileia*, Aquileia, 1968, n.º 226, p. 87, Est. 13-3.

<sup>(33)</sup> ALARCÃO, *Vila Viçosa*, n.º 29, p. 16-17, Est. 5, datado da segunda metade do séc. I d.C. ou mais tarde. VIAN A, *Vidros Romanos*, Necrópole de Jerumenha, Escola, ñg. 3. VIANA e DIAS DE DEUS, *Nuevas Necrópolis*, Necrópole de Padrãozinho, sep. 60, n.º 182, p. 16, fig. 12.

<sup>(34)</sup> AUTH, *Newark*, n.º 375, p. 206, não datado.

<sup>(35)</sup> ALARCÃO, *Figueira da Foz*, n.º 39, p. 113-114, Est. IV-4, datado com hesitação no séc. I — início do séc. II d.C.

<sup>(36)</sup> ALARCÃO, *Ralsa*, n.º 22 ou 23, p. 245 e 248, Est. IV.

<sup>(37)</sup> ISINGS, *Dated finds*, tipo 56a, p. 74-75.

de dimensões aproximadas mas com decoração repuxada, proveniente de Colónia, foi datado dos inícios do séc. n<sup>(38)</sup>; outro exemplar datado provém de Constanta, onde foi encontrado com uma moeda de Antonino Pio<sup>(39)</sup>. Em Portugal existem jarros vagamente semelhantes, nas necrópoles de Serrones<sup>(40)</sup> e Valdoca<sup>(41)</sup>, infelizmente sem cronologia estabelecida ou meramente sugerida. Contudo, a primeira destas necrópoles foi datada, na generalidade, dos sécs. i e n d.C.<sup>(42)</sup>. Uma cronologia de inícios do séc. n parece conveniente ao nosso jarro.

O vidro extremamente fino e frágil do «guttus» E 5.4 torná-lo-ia impraticável como biberão. O seu emprego no enchimento de lucernas como sugeriu Auth<sup>(43)</sup>, ou para servir azeite, vinagre ou outros molhos, parece mais plausível.

Não pode integrar-se seguramente na tipologia de Isings; a forma assemelha-se ao tipo 14 (meados do séc. i — séc. n) enquanto a adição do pequeno bico leva a considerar o tipo 99 (séc. n — possivelmente séc. v) um termo de comparação mais seguro<sup>(44)</sup>, com diversos exemplares datáveis entre o séc. m e o séc. iv<sup>(45)</sup>. Um paralelo mais bulboso e outro com uma asa ligeiramente diferente são datados em Colónia do séc. n<sup>(46)</sup>. Outro exemplar do séc. ii provém de Trier<sup>(47)</sup>, enquanto um de Aquileia foi atri-

<sup>(38)</sup> FREMERSDORF, *Blaugriine Glas*, inv. 30.324, p. 35-36, Est. 63.

<sup>(39)</sup> BUCOVALĂ (M.), *Vase antice di sticlă la Tomis*, Muzeul de arheologie Constanta, 1968, n.º 3, inv. 4124, p. 25-26.

<sup>(40)</sup> ALARCÃO, *Vila Viçosa*, n.º 27, p. 13 e 15, Est. 5 ou VIANA, *Vidros Romanos*, n.º 1, p. 32, Est. I.

<sup>(41)</sup> ID., *ibid.*, n.º 30, p. 25, Est. II.

<sup>(42)</sup> ALARCÃO, *Vila Viçosa*, p. 2-3.

<sup>(43)</sup> AUTH, *Newark*, p. 152.

<sup>(44)</sup> ISINGS, *Dated finds*, tipo 14, p. 31-32, tipo 99, p. 118.

<sup>(45)</sup> BUCOVALĂ, *op. cit.*, n.º 127, inv. 4008, p. 79; GUDIOL (J.), *Catalech deis vidres que integren la col·leccio Amatller*, Barcelona, 1925, n.º 311 e 312, p. 53-54.

<sup>(46)</sup> FREMERSDORF, *Blaugriine Glas*, inv. N 6120 e N 520, p. 36, Est. 64 e 65.

<sup>(47)</sup> GOERTHER-POLASCHEK (K.), *Katalog der römischen Gläser des Rheinischen Landesmuseums Trier*. Trierer Grabungen und Forschungen, Band IX, Mainz am Rhein, 1977, forma 116 b, n.º 1221 em vidro azul esverdeado, p. 198, Est. 66.

buído ao séc. i por comparação com uma peça dessa data, saída da necrópole de Akko (48). Calvi também cita o tipo Isings 14 a propósito da forma genérica do vaso de Aquileia, que constitui o mais exacto paralelo para o de Santo André. Outra peça muito semelhante foi publicada em Portugal, mas uma vez mais encontrada sem contexto datável (49). Julgamos que são muito poucos os achados datados com precisão suficiente para podermos indicar uma cronologia mais segura do que a sugerida pela qualidade do vidro e do fabrico: fins do séc. i—inícios do séc. n.

O jarrinho n.º E 5.19, embora mais periforme do que o protótipo, pode integrar-se, sem hesitação, no grupo 14 de Isings (50). A sua decoração de fios aplicados em espiral é típica dos fins do séc. i e da primeira metade do séc. n. Podem apontar-se dois paralelos deste mesmo período: um jarro quase idêntico dos inícios do séc. n e outro do final do séc. i, cujo corpo é mais esférico, ambos provenientes de Colónia (51). Auth publica outro jarro bulboso datando-o do séc. i ou mais tarde (52) e em Portugal surgem diversas peças comparáveis (53).

Os fragmentos n.º G 3.18 pertencem a um copo carenado com bordo evasado semelhante ao tipo Isings 87 (54). São de Portugal (Valdoca, Balsa e Farrobo) (55) as três peças que podemos aproximar da nossa e que foram datadas dos finais do séc. i ou do séc. ii, com base na cronologia de Isings 87. Contudo, todas elas, mais o copo de Santo André, diferem do protótipo pelo facto

(48) CALVI (M. C.), *I vetri romani del Museo di Aquileia*, Aquileia, 1968, Gutti tipo A, n.º 190, inv. 12933, p. 78-79, Est. 12-4.

(49) LEITE DE VASCONCELOS (J.), *Antigualhas da Beira-Baixa*, «O Arqueólogo Português», XXIII, 1918, p. 3, fig. 12.

(50) ISINGS, *Dated finds*, tipo 14, p. 31-32.

(51) FREMERSDORF, *Blaugrüne Glas*, inv. L 1054 e N 75, p. 28, Est. 28 e 29.

(52) AUTH, *Newark*, inv. 50.1565, n.º 96, p. 91.

(53) ALARCÃO, *Alentejo e Algarve*, n.º 45, p. 27, Est. III; este jarro tem base côncava. VIANA, *Vidros Romanos*, n.º 112, p. 27, Est. VI.

(54) ISINGS, *Dated finds*, tipo 87, p. 104.

(55) ALARCÃO, *Valdoca*, n.º 4 da sep. 100, p. 32-33, Est. VII; *Id.*, *Balsa*, n.º 24, p. 245 e 248, Est. IV; *Id.*, *Farrobo*, n.º 5 da sep. 32, p. 14 e 22, Est. IX.

de possuírem um pé baixo em forma de anel em vez da base alta formando pedestal. Um anel idêntico ocorre ainda num copo baixo e mais anguloso procedente da necrópole da Horte das Pinas, em companhia de um jarrinho atribuído com reservas à segunda metade do séc. n ou ao séc. m <sup>(56)</sup>. Não encontramos outro paralelo mais exacto ou mais seguramente datado, pelo que não podemos sugerir uma cronologia mais precisa dentro do período finais do séc. i-séc. ui.

O enterramento I 3 continha um ou dois serviços de vidro compostos por um prato e três taças. Todavia, torna-se difícil dizer quais as peças que formam entre si conjunto. I 3.6 e I 3.13 são formas compatíveis, mas o prato I 3.14 e a taça I 3.5 não parecem relacionadas.

O prato I 3.14 é difícil de classificar: não podemos incorporá-lo no tipo Isings 42a (Flávios — séc. n), por ser mais baixo e apresentar um bordo mais largo <sup>(57)</sup> em forma de aba, que parece única, e faz com que não possamos encontrar um paralelo exacto para este prato. Além disso, a orla revirada do bordo é inexistente no tipo Isings 42, embora conhecida em muitos pratos de Karanis cujas abas são, contudo, menos largas <sup>(58)</sup>. Um prato da necrópole de Padrãozinho, publicado por Viana <sup>(59)</sup>, poderia ter um perfil muito semelhante ao nosso mas é praticamente impossível verificá-lo através das más fotografias apresentadas. Resta admitir que os melhores termos de comparação são provavelmente os dois pratos de Chipre tipo Vessberg «shallow bowl» B II a <sup>(60)</sup>.

<sup>(56)</sup> ALARCÃO, *Vila Viçosa*, n.º 13, p. 8 e 10, Est. 2.

<sup>(57)</sup> ISINGS, *Dated -finds*, tipo 42a, p. 58.

<sup>(58)</sup> HARDEN, *Karanis*, Est. XL

<sup>(59)</sup> VIANA, *Vidros Romanos*, n.ºs 64 e 65, p. 31, Est. IV. Esta peça de vidro esverdeado provém da necrópole do Padrãozinho, que J. ALARCÃO situa cronologicamente na segunda metade do séc. I d.G. e no séc. II, admitindo que possa ter chegado aos inícios do séc. III, cf. ALARCÃO, *Vila Viçosa*, p. 2.

<sup>(60)</sup> VESSBERG E WESTHOLM, *Cyprus*, Bowls B II a, n.ºs 11 e 12, (inv. Cyp. Mus. D 1001, alt. 3.2 cm. e diâm. 16.8 cm; Cyp. Coll. Stockh. Acc. 727, alt. 3.0 cm., diâm. 17.3 cm.), p. 132 e 196, fig. 42.

A forma genérica do I 3.14 é obviamente reminescente do prato de sigillata Drag. 36; a sua completa ausência de cor determina um *terminus post quem* de pelo menos 70 d.C.; os inícios do séc. ii aparecem como a datação mais provável para a produção deste prato.

A taça n.º 6 pertence ao tipo Isings 42a <sup>(61)</sup>, com paralelos em Aramenha <sup>(62)</sup>.

As duas taças I 3.5 e I 3.13 têm forma semelhante e pertencem ao tipo Vessberg «deep bowl» B I p I, que já se conhecia em Pompeia, fabricado em vidro de cor esverdeada<sup>(63)</sup>. O n.º I 3.13 pode, juntamente com a taça I 3.6, comparar-se ao tipo Isings 42 a, que é datado desde os Flávios até fins do séc. n e mais tarde <sup>(64)</sup>, enquanto o n.º I 3.5 pertence ao tipo Isings 41b, que se inscreve no período Cláudio — finais do séc. i <sup>(65)</sup>. Várias taças desta forma, mas mais antigas como indica a cor do vidro, entre azul e verde escuro, foram encontradas em Tessina conjuntamente com uma moeda de Nero <sup>(66)</sup>.

Estas últimas três peças de Santo André só podem, na verdade, datar-se em função da qualidade do vidro, porquanto as formas têm longa duração. Cremos que são contemporâneas do n.º I 3.14, isto é, uma produção dos finais do séc. i ou mais provavelmente do séc. ii.

Entre os achados superficiais só merece publicação a peça marcada Dis. A. 15. Vasos quase idênticos apareceram na Herdade da Chaminé e em Valdoça<sup>(®7)</sup>, podendo comparar-se o primeiro com uma jarra tiberio-claudiana de Ampúrias (Inc. Torres n.º 43) publicada por Almagro <sup>(68)</sup> e o segundo, com o tipo Morin-Jean 62,

<sup>(61)</sup> ISINGS, *Dated finds*, tipo 42 a, p. 58.

<sup>(62)</sup> ALARCÃO, *Aramenha e Mértola*, n.ºs 3 e 6, p. 192-194, Est. I.

<sup>(63)</sup> VESSBERG e WESTHOLM, *Cyprus*, Cyp. Mus. D 1005, p. 134, fig. 42-29.

<sup>(64)</sup> ISINGS, *Dated -finds*, tipo 42a, p. 58.

<sup>(65)</sup> ID., *ibid.*, tipo 41b, p. 57.

<sup>(66)</sup> SIMONETT, *Tessiner Graberfelder*, Cadra Grab 31, fig. 142.

<sup>(67)</sup> ALARCÃO, *Vila Viçosa*, n.º 43, p. 22, Est. 9; ID., *Valdoça*, n.º 3 da sep. 27, p. 19, Est. III.

<sup>(68)</sup> ALMAGRO, *Ampúrias II*, Inc. Torres 43 n.º 2, p. 174, fig. 147.

atribuída ao séc. m. Nenhum destes paralelos é, contudo, tão estreito e alongado como os vasos encontrados em Portugal. A jarra de Valdoca provém de um enterramento do último terço do séc. i d.C.. Mais dois vasos desta forma, em vidro muito fino e incolor, encontram-se publicados por P. Paris, provenientes de Belo <sup>(69)</sup>.

#### b) *Unguentários* <sup>(70)</sup>

Os unguentários de Santo André não apresentam formas novas e pertencem todos a tipos bem conhecidos, largamente documentados.

O mais antigo deve ser o n.º D 3.1 (8), um unguentário em forma de gota que encontra paralelos em Portugal, num túmulo claudiano de Balsa <sup>(71)</sup> e numa série de peças atribuídas à primeira metade do séc. i, provenientes de Valdoca, Conimbriga, Almeirim, Bensafrim, Molião e Balsa <sup>(72)</sup>.

O tipo Isings 8 está representado pelos n.ºs C 4.1 (3), D 3.2 (5), E 2.6, F 5.5 e G 7.1, todos de vidro translúcido e colorido (vários tons de verde). O tipo está datado do séc. i — séc. n <sup>(73)</sup>, mas o n.º F 5.5, com um estrangulamento provavelmente a meia altura, deve cingir-se à primeira metade do séc. i, incluindo o período claudiano e talvez o neroniano <sup>(74)</sup>. Todos os outros, com o estrangulamento na metade inferior da peça, cabem no período Cláudio-Tito <sup>(75)</sup>.

Os n.ºs D 12.4, D 15/16.2 e J 5.11, incompletos, poderiam talvez pertencer ao tipo Isings 28b, enquanto os n.ºs C 3.5, C 9.9 e E 4.7,

H *Fouilles de Belo II*, n.ºs 8 e 9, p. 183, Est. XXVII.

<sup>(70)</sup> São as peças: G 3.5, C 4.1 (3), G 7.1, G 9.9, D 3.1 (8), D 3.2 (5), D 12.4, D 15/16.2, E 2.6, E 4.7, F 5.5, J 5.11.

<sup>(71)</sup> ALARCÃO, *Alentejo e Algarve*, n.º 3, p. 7-8 e 10-11, Est. IX.

<sup>(72)</sup> ID., *Valdoca*, n.º 1 da sep. 325, p. 76, Est. XXIII; ID., *Martins Sarmento*, n.ºs 1 e 2, p. 182, Est. VI; *Fouilles de Conimbriga VI*, n.ºs 38 e 39, p. 163 e 166, Est. XXXV; ALARCÃO, *Figueira da Foz*, n.ºs 1 e 2, p. 81-82, Est. I; ID. *Balsa*, n.º 51, p. 254 e 257, Est. VII.

<sup>(73)</sup> ISINGS, *Dated finds*, p. 24; os exemplares mais tardios apresentam muitas vezes um lábio espesso e arredondado.

<sup>(74)</sup> ALARCÃO, *Martins Sarmento*, p. 180-181.

<sup>(75)</sup> ID., *ibid.*, p. 181-183.

completamente, ou quase, intactos, podem com segurança atribuir-se a este o grupo que Isings situa no largo período de tempo que vai de Cláudio ao séc. n, incluindo talvez mesmo o início do séc. ui <sup>(76)</sup>. Alarcão data este tipo constrangido bastante baixo, na parte inferior, da segunda metade do séc. i ou inícios do séc. n <sup>(77)</sup>.

c) *Objectos diversos* <sup>(78)</sup>

O anel de vidro cor de âmbar C 11.4 apresenta uma tonalidade pouco comum. Dos 13 anéis de vidro publicados, provenientes de Conimbriga, só um é amarelo dourado <sup>(79)</sup>. No Museu Nacional Machado de Castro existe uma colecção de vidros que inclui também 13 anéis, um dos quais, apenas, cor de âmbar claro <sup>(80)</sup>. Quanto à forma, o nosso anel corresponde ao n.º 304 de Conimbriga <sup>(81)</sup>, mas a forma é tão simples que poderia ter sido produzida em qualquer período. A transparência do vidro aponta a segunda metade do séc. i como *terminus post quem*, sendo impossível determinar qualquer data a partir de então. A exiguidade do diâmetro — 11 mm — indica que este anel pertenceu a uma criança.

No enterramento E 2, encontrámos alguns fragmentos de outro anel decorado com uma espiral de vidro (isto é, E 2.16). O diâmetro interno teria cerca de 12 mm, o que estava certo para um anel de criança. Contudo, a sua grande espessura — 4 mm — parece demasiada para que pudesse usar-se confortavelmente numa mão infantil; mas não sabemos supor outra utilização.

O n.º E 2.17 não foi provavelmente usado como conta — designação geralmente dada a este tipo de objecto — mas antes como \* VIII.

<sup>(76)</sup> ISINGS, *Dated finds*, tipo 28b, p. 42-43.

<sup>(77)</sup> ALARCÃO, *Balsa*, p. 254.

<sup>(78)</sup> Fazem parte deste grupo as peças: C 11.4, E 2.16 e E 2.17.

<sup>(78)</sup> *Fouilles de Conimbriga VI*, n.º 307, p. 211 e 213, Est. XLVI. Veja também FRANÇA (E. A.), *Anéis, braceletes e brincos de Conimbriga*, «Conimbriga» VIII, 1969, p. 40-41.

<sup>(80)</sup> ALARCÃO (J. de), *Mais algumas pequenas colecções de vidros romanos*, «Conimbriga» X, 1971, n.º 12, p. 42, Est. VI.

<sup>(81)</sup> *Fouilles de Conimbriga VI*, n.º 304, p. 213, Est. XLVI.

cossoiro. Outra utilização possível, sugerida por Harden <sup>(82)</sup> e comprovada para peças maiores, é de tampa para unguentário, servindo a perfuração central para fazer passar uma vareta que servia para mexer o unguento. Gusta-nos a aceitar esta função, dada a reduzidíssima dimensão do furo, a menos que a vareta fosse metálica e não de vidro, como se conhece. O seu emprego como cossoiro — admitindo a fiação de fios delgados <sup>(83)</sup> — parece-nos mais adequado ao tamanho e peso do nosso exemplar. Julgamos que estes objectos devem ter tido diferentes usos consoante o diâmetro da furação, o tamanho total e o peso.

Estes objectos de vidro ligeiramente colorido e decorados em espiral com um fio de vidro de outra cor parecem ter conhecido uma larguíssima difusão, quer no espaço, quer no tempo <sup>(84)</sup>. Só para citar alguns poucos exemplos: Belo <sup>(85)</sup>, Tessina (enterramento datado de Tibério) <sup>(86)</sup>, Krefeld — Gellep (450 d.C. e posterior) <sup>(87)</sup>. Mais dois exemplares, também combinando vidros azul e branco, provêm do norte de Portugal <sup>(88)</sup>, enquanto outros dois, guardados no Museu Nacional Machado de Castro <sup>(89)</sup>, têm proveniência incerta.

<sup>(82)</sup> HARDEN, *Karanis*, p. 295.

<sup>(83)</sup> Não concordamos com T. HAEVERNICK quando diz que a abertura central destes objectos é demasiado pequena para receber um fuso (cf. HAEVERNICK (T. E.), *Nadelköpfe vom Typ Kempton*, «Germania», 50, 1972, p. 136-148). Cremos que um fuso de madeira, añado de modo a entrar no pequeno furo, deveria conservar suficiente robustez para produzir fios leves de algodão ou lã.

<sup>(84)</sup> Veja HAEVERNICK, *op. cit.*

<sup>(85)</sup> *Fouilles de Belo II*, n.º 20, p. 144, Est. XXII, em vidro castanho com uma espiral de cor amarela.

<sup>(86)</sup> SIMONETT, *Tessiner Gräberfelder*, sep. Liverpool oben 7, p. 62. Para a datação veja LAMBOGLIA (N.), recensão de SIMONETT, *op. cit.*, em «Riv. di Studi Liguri», IX (2-3), Dicembre 1943, p. 167.

<sup>(87)</sup> PIRLING (R.), *Das Römisch-Fränkische Gräberfeld von Krefeld-Gellep*, Teii I, Berlin, 1966, p. 211-212, fig. 25.

<sup>(88)</sup> ALARCÃO (J. de) e (A. M.), *Quatro pequenas colecções de vidros romanos*, «Revista de Guimarães», LXXIII, 1963, n.ºs 8 e 9, p. 374-375, Est. 11-5 e 6. O n.º 8 também é de vidro azul decorado com uma espiral de cor branca.

<sup>(89)</sup> ALARCÃO (J. de), *Mais algumas pequenas colecções de vidros romanos*, «Conimbriga» X, 1971, n.ºs 33 e 34, p. 42, Est. VII.

## «Terra Sigillata»

Dos 55 enterramentos que continham material, 29 — ou seja, 52% — continham peças de «terra sigillata». Em 11 destas sepulturas, as peças estavam agrupadas, formando os tradicionais serviços de prato e taça, nalguns casos ainda, acompanhadas de mais pratos e/ou taças.

As formas encontradas não são muito variadas e repetem as mais comuns nas estações de Portugal. Não se encontraram vasos decorados <sup>(90)</sup>.

Naturalmente, dada a cronologia da necrópole e a proximidade dos centros oleiros hispânicos, é a t.s. hispânica a mais abundante: 53 peças, isto é, 75% do total. Tanto os vasos de t.s. sudgálica como os de t.s. hispânica possuíam pastas e engobes que parecem de boa qualidade, mas a acidez do terreno provocou a desintegração de alguns, assim como a perda total ou quase total dos engobes. Na t.s. sudgálica, encontrámos vários tipos de pasta que vão desde as de cor rosada com pouquíssimos carbonatos de cálcio e engobe também rosado e muito fino, às pastas vermelhas com grãos calcíticos mais abundantes e engobe francamente vermelho.

A t.s. hispânica constitui um grupo mais homogéneo e que nos parece corresponder a um só fabrico. A pasta é rosada, mais ou menos clara, conforme a densidade dos carbonatos de cálcio, mas sempre homogénea e apenas levemente esponjosa. Os engobes (que estão, como dissemos, alterados e particularmente dentro desta produção) vão do vermelho alaranjado ao vermelho acastanhado, passando pelo vermelho vivo, sempre muito brilhantes; alguns apresentam o aspecto granuloso de uma casca de laranja.

<sup>(90)</sup> Existiam em casa do proprietário da estação, à data da escavação da mesma, duas taças de forma Drag. 37 com decoração metopada. Foram encontradas, ao que nos disseram, numa área próxima daquela que foi por nós escavada e se publica agora.

- a) *T. S. Sudgálica. Formas Draggendorff* 18, 24/25, 27, 33, 35 e 36.

A t.s. sudgálica, além de pouco abundante, apenas se encontra representada por uma pequena variedade de formas. O prato de forma Drag. 18 está representado por três exemplares (D 2.1.4, E 4.6 e F 4.2/3) de boa qualidade, com pé alto de secção rectangular, fundo interno alteado e bordo curvo terminando num lábio marcado no exterior por uma ranhura. Um deles, o n.º D 2.1.4, tem marca do oleiro PAULLUS<sup>(91)</sup>. Existiram vários oleiros com este nome que trabalharam em La Graufesenque e em Lezoux. Admite-se que pelo menos dois trabalharam em La Graufesenque entre os períodos de Cláudio e Domiciano<sup>(92)</sup>. A. M. Alarcão refere a possibilidade de existência de uma só oficina cuja actividade iniciada no período de Cláudio teria sido continuada pelos sucessores de Paullus<sup>(93)</sup>. A marca está datada por Mary para Novaesium entre os anos de 25 e 85 d.C.<sup>(94)</sup>. Aparece em Richborough no período Cláudio-Nero<sup>(95)</sup> e em Leicester, também numa forma Drag. 18 a que se atribui uma datação de 70-80 d.C.<sup>(96)</sup>. Em Portugal, encontrou-se em Conimbriga, num fragmento de forma indeterminada proveniente de uma canalização flaviana<sup>(97)</sup>, e ainda nas Represas e na Lobeira Grande<sup>(98)</sup>.

<sup>(91)</sup> OSWALD (F.), *Index of Potter's Stamps on Terra Sigillata*, Londres, 1964, p. 235 e 236.

<sup>(92)</sup> WHITING (W.), HAWLEY (W.), MAY (T.), *Report on the Excavation of the Roman Cemetery at Ospringe, Kent* (Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London, 18), Oxford, 1931, p. 9 e 10.

<sup>(93)</sup> *Fouilles de Conimbriga IV*, p. 122.

<sup>(94)</sup> MARY (G. T.), *Novaesium I, Die Südgallische Terra-Sigillata aus Neuss*, (Limesforschungen Studien zur Organisation der Romische Reichsgrenze an Rhein und Donau, 6), Berlin, 1967, p. 43.

<sup>(95)</sup> CUNLIFFE, *Richborough F*, p. 140.

<sup>(96)</sup> KENYON (K.), *Excavations at the Jewery Wall site, Leicester*, (Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London, 15), Oxford, 1948, n.º 2, p. 65, Est. XV.

<sup>(97)</sup> *Fouilles de Conimbriga IV*, n.º 316, p. 122, 123, Est. XXXII e XXXIII.

<sup>(98)</sup> VEIGA FERREIRA, *Marcas*, p. 172.

A taça Drag. 27 está representada por 5 exemplares cujas dimensões variam entre 35 e 67 mm de altura ("). À excepção do n.º E 4.8 de pança baixa e aberta, a que se liga um bordo também bastante aberto, todos os outros apresentam a espessura da parede uniforme, o pé alto, de secção rectangular, bem oblíquo e moldurado no exterior e lábio esquadriado e ressaltado interna e externamente, ou seja, um perfil que as situa entre Cláudio e Domiciano. O n.º D 1(7) tem a marca OF PATRI[ em caixilho rectangular de ângulos arredondados. Trata-se, provavelmente, de uma marca truncada do oleiro Patricius, por este utilizada em fundos de taças. Este oleiro começou a trabalhar na época de Nero e teve uma produção muito abundante, especialmente no período ilaviano (100). A marca encontrou-se em Novaesium (101), em Fishbourne (102), Verulamium (103), Conimbriga (104), Miróbriga (105), Setúbal, Tróia de Setúbal e Represas (106).

Da forma Drag. 24/25 encontraram-se cinco exemplares (107), todos de pequenas dimensões e bom fabrico. Quatro apresentam a parede pouco espessa e o bordo aberto, terminando num lábio ressaltado interna e externamente. O n.º E 5.13 tem parede mais espessa, bordo rectilíneo e aberto, formando com o fundo como que um ângulo obtuso. Apenas em dois (E 1.4(3) e C 8.11) se conserva um guiloché muito fino e perfeito em duas faixas que decoram o bordo e a moldura saliente que o liga ao fundo. O C 8.11, cujo engobe desapareceu quase completamente, teve marca de que apenas restam alguns traços.

(") Trata-se das seguintes peças: D 1(7), D 3.1(4), D 3.1(5), E 4.4, E 4.8.

(100) OSWALD, *op. cit.*, p. 232 e 233.

(101) MARY, *op. cit.*, p. 43.

(102) CUNLIFFE, *Fishbourne II*, p. 312.

p03j FRERE (S.), *Verulamium Excavations I* (Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London, XXVIII), Londres, 1972, n.º 19, p. 244, Fig. 81.

(i04) *Fouilles de Conimbriga IV*, n.º 313, p. 122, Est. XXXIII.

(ios) p<sub>or</sub> n<sub>ós</sub> erradamente atribuída a Pater. Cf. FERRER DIAS (L.), «*Terra Sigillata*» de Miróbriga, «Setúbal Arqueológica» II/III 1976-1977, n.º 14 e 316, p. 390, Est. IX.

(ios) VEIGA FERREIRA, *Marcas*, p. 172.

(107) São os n.º C 8.8, C 8.11, E 1.4 (3), E 5.13 e F 5.4.

Encontraram-se ainda dois exemplares (E 6.4 e J 1.1) das formas aparentadas Drag. 35 e 36. Ambos possuem bordo em aba apenas ligeiramente encurvado e bem destacado da parede, decorado com quatro longas folhas de água em barbotina.

Da forma Drag. 33 temos apenas uma peça (F 1.3) com parede recta e aberta, marcada por um sulco no terço superior interno e lábio ressaltado na parte interior. Pelas suas características não ultrapassa o período flaviano.

- b) *T. S. Hispânica. Formas Draggendorff* 15/17, 18, 24/25, 33, 35 e 36, *Ritterling* 8, *Ludowici Tb*, *Mesquiriz* 4 e 20.

Esta produção é, como já vimos, a mais abundante na necrópole de Santo André. Dela se encontraram também uma maior variedade de formas, incluindo duas peças de produção tipicamente hispânica, o prato de forma Mezquiriz 4 e a bilha de forma Mezquiriz 20.

A forma Drag. 27 está representada por 16 exemplares (108), todos de bom fabrico. Entre os cinco exemplares de pequenas dimensões (40 a 46 mm de alt.), dois apresentam um pequeno lábio rematando um bordo bem aberto. Esta característica, que se encontra também no material mais antigo de Gonimbriga, e que se situa no início da produção hispânica a partir de meados do séc. i, é considerada por F. Mayet mais frequente do que habitualmente se supõe (109); em Pamplona encontra-se nos estratos mais antigos do séc. i (no). A taça n.º I 2.10, de bordo vertical e lábio apenas sublinhado no exterior, tem a marca F[...]<sub>NI</sub> em caixilho rectangular. A parte central da marca não se pode ler devido à perda do engobe que provocou o desaparecimento das letras intermédias. O comprimento do caixilho, as letras altas e finas, com

(108) Trata-se das seguintes peças: G 7.5, D 11.2, D 15/16.1, D 17.10, E 5.1, E 5.6, E 6.8, E 10.9, E 10.10, F 3.2, F 4.1, G 3.20 e I 2.10. Os fundos G 9.7, D 17.5 e E 5.20 são também provavelmente formas Drag. 27.

(109) *Fouilles de Conimbriga IV*, p. 184.

(110) MEZQUIRIZ, *Hispanica*, p. 60.

pouco relevo e a grafia inclinada do N, que condiz com a de Conimbriga (<sup>m</sup>), levam-nos a atribuí-la ao oleiro Flavinus (ou Flavianus), considerado raro, tendo-se apenas registado em Itálica, num prato Ludowici Tb (<sup>112</sup>), em Beja (<sup>113</sup>) e em Gonimbriga, num fundo provavelmente Drag. 27 (<sup>114</sup>). Os exemplares de maiores dimensões repetem os perfis dos primeiros, excepto no caso das taças n.º F 3.2, F 4.1 e G 3.20, em que a altura do bordo é igual à profundidade do fundo. Exemplares com estas características aparecem em Conimbriga entre o fim do séc. i e a primeira metade do séc. n, de acordo com os dados estratigráficos (<sup>115</sup>). As taças n.º D 11.2 e G 3.20 tiveram marca que, infelizmente, desapareceu com a perda do engobe, só restando o caixilho rectangular em que se inseriam as letras.

A forma Drag. 15/17 situa-se, no plano quantitativo, em segunda posição, imediatamente a seguir à forma Drag. 27. Todos os exemplares (<sup>116</sup>) são de boa qualidade e aproximam-se, pela forma, dos modelos sudgálicos. Apresentam um diâmetro relativamente pequeno, parede oblíqua, pouco inclinada e, em alguns casos (n.º B 5.1, B 5.3, E 10.7 e G 3.19), o lábio ressaltado. O pé é relativamente alto e o quarto de círculo que marca a junção interna entre o fundo e a parede é bem saliente. Todos os exemplares desta forma (com excepção do n.º I 1.7), possuem no fundo exterior o ressalto típico da produção hispânica. Dois (n.º G 3.21 e G 3.26) possuem a parede exterior moldurada, constituindo uma imitação clara dos produtos sudgálicos. Formas como estas, com características de antiguidade, aparecem em Pamplona em estratos que Mezquiriz data entre 50 e 100 d.C. (<sup>117</sup>). Um destes

(<sup>m</sup>) MAY ET, *Marques de Potiers*, n.º 26, p. 25, 26, Est. I.

(<sup>112</sup>) MEZQUIRIZ, *Hispanica*, n.º 145, p. 46, Est. 10.

(<sup>113</sup>) NUNES RIBEIRO (F.), «*Terra Sigillata*» encontrada nas Represas-Beja, I e II, *Marcas de Oleiro*, «Arquivo de Beja», XV, 1959, n.º 53, p. 17, Est. V; segundo MAYET erradamente apresentado como Rasini.

(<sup>114</sup>) MAYET, *Marques de Potiers*, n.º 26, p. 25, Est. I.

(<sup>115</sup>) *Fouilles de Conimbriga*, IV, p. 184.

(<sup>116</sup>) As peças são as seguintes: B 5.1, B 5.3, D 17.6, E 10.7, E 10.8, G 3.17, G 3.19, G 3.21, G 3.26, I 1.7 e I 2.6.

(<sup>117</sup>) MEZQUIRIZ, *Hispanica*, p. 54 e 55.

tem perfil semelhante às peças encontradas em Conimbriga em níveis flavianos e trajânicos <sup>(118)</sup>. Quatro pratos da forma Drag. 15/17 tiveram marca (n.º D 17.6, E 10.8, G 3.19 e G 3.21) mas apenas uma se pode ler, já que todas as outras se perderam com o desaparecimento do engobe. O n.º D 17.6 tem a marca ATT PATERNIO 5 trata-se do oleiro Attius Paternus que se encontra com frequência em Mérida em formas Drag. 27 e 15/17 com a mesma grafia do exemplar de Santo André. Também se encontra em Julióbriga, em Carmona e em Málaga <sup>(119)</sup> com grafias diferentes. Em Portugal, esta marca encontrou-se em Conimbriga <sup>(120)</sup>, na necrópole do Padrãozinho <sup>(121 122)</sup>, assim como em Alcácer do Sal e Torre de Palma <sup>(m)</sup>. O n.º G 3.26 é um prato de grandes dimensões (233 mm de diâmetro), de parede alta e aberta, decorada por caneluras, lábio apenas engrossado e ressaltado no exterior. Caneluras marcam no exterior a junção bordo-fundo que no interior se define por uma meia-cana pouco nítida. Pensamos que se lhe deva atribuir a mesma cronologia que às peças mais antigas.

As formas afins Drag. 35 e 36 são bastante abundantes em Santo André, ocupando a 3.<sup>a</sup> posição entre a t.s. hispânica encontrada na necrópole. De um total de 10 exemplares <sup>(123)</sup>, apenas três são seguramente pratos, dois dos quais (n.º E 6.13 e J 1.2) têm o bordo encurvado e bem separado da parede. O n.º E 7.5 tem o bordo praticamente na horizontal, o que o aproxima da forma Mezquiriz 4. Nenhum conserva as folhas de água que habitualmente decoram o bordo da forma sudgálica mas que a forma hispânica nem sempre leva. O n.º E 6.13 tem o fundo exterior

<sup>(U8)</sup> *Fouilles de Conimbriga*, IV, n.º 202 a 204, p. 183, Est. XLVI.

<sup>(119)</sup> MAY ET, *Marques de Potiers*, p. 46.

<sup>(120)</sup> ID., *ibid.*, n.º 57, p. 46, Est. II.

<sup>(121)</sup> ALARCÃO (A. M.), *Algumas peças de «terra sigillata» na Secção Arqueológica do Paço Ducal de Vila Viçosa*, «Conimbriga», II/III 1960-1961, n.º 13, p. 193.

<sup>(122)</sup> VEIGA FERREIRA, *Marcas*, p. 167.

<sup>(123)</sup> Trata-se das seguintes peças: Drag. 35—C 9.6, D 11.9a, E 3.2, E 4.9, E 5.21, Dis A/3 e Dis A/6; Drag. 36—E 6.13, E 7.5, J 1.2, e, provavelmente, D 19.9.

percorrido pelo ressalto típico dos produtos hispânicos. Três exemplares da taça Drag. 35 têm um bordo muito pequeno e arredondado, destacando-se mal da parede do vaso; são os n.ºs G 9.6, D 11.9a e o E 3.2. Destes, dois conservam a decoração formada por longas folhas de água. Os restantes três (nos quais incluímos dois exemplares dispersos, n.º E 4.9, Dis A/3 e Dis A/6) têm bordos bem encurvados e espessados, destacando-se bem da parede do vaso. Os dois dispersos conservam a decoração de barbotina e levam o grafito RV na parede exterior. Em Conimbriga ambas as formas aparecem em níveis flavianos e trajânicos <sup>(124)</sup>.

A forma Drag. 33 está representada por três exemplares de excelente fabrico <sup>(125)</sup>. Todos apresentam pé relativamente alto, parede oblíqua e ligeiramente côncava e lábio ressaltado no exterior. O n.º C 5.3 teve marca que se perdeu com o desaparecimento do engobe. Esta forma, que se data habitualmente da 2.ª metade do séc. i <sup>(126)</sup>, encontra-se em Conimbriga nas canalizações da época de Trajano <sup>(127)</sup>.

A forma Drag. 18, considerada quase rara na produção hispânica, o que é confirmado pela presença em Conimbriga de apenas dezanove fragmentos para um total de 349 testemunhos de pratos <sup>(128)</sup>, aparece aqui representada por cinco exemplares <sup>(129)</sup>. À exceção de um (D 15/16.12), que apresenta um bordo convexo, canelura no exterior na junção parede-fundo, pé relativamente alto e fundo exterior percorrido pelo ressalto típico da produção hispânica, todos os outros apresentam o bordo rectilíneo, mais ou menos inclinado. O n.º I 2.7 tem o bordo terminando num pequeno lábio ressaltado no exterior. Em Conimbriga, a estra-

<sup>(124)</sup> *Fouilles de Conimbriga*, IV, p. 185.

<sup>(125)</sup> As peças são as seguintes: C 5.3, G 8.10 e D 19.5.

<sup>(126)</sup> MEZQUIRIZ, *Hispanica*, p. 63.

<sup>(127)</sup> *Fouilles de Conimbriga*, IV, p. 185.

<sup>(128)</sup> *Id.*, p. 183.

<sup>(129)</sup> Trata-se das seguintes peças: G 5.7, D 15/16.12, F 5.3, G 2.6 e

tigrafia situa esta forma nos níveis flavianos e trajânicos (130), embora se tivesse encontrado um fragmento no nível claudiano da ínsula ao norte das termas.

A forma Drag. 24/25 é considerada igualmente pouco típica da produção hispânica e está representada em Santo André apenas por dois exemplares. O n.º D 11.10 é uma taça de grandes dimensões, bordo alto e vertical, ressaltado na parte externa, moldura bem saliente e biselada e guiloché largo e pouco profundo. O n.º E 5.2 é uma taça muito pequena, com dimensões próximas das taças de fabrico sudgálico encontradas em Santo André, com o bordo decorado com duas faixas de um guiloché muito largo e fundo; possui no fundo exterior a saliência umbilical típica dos produtos hispânicos. Em Conimbriga, esta forma não aparece em níveis anteriores ao período flávio-trajânico (m) e, embora Mezquh iz afirme que deixou de se fabricar no fim do séc. i (132), em Andújar fabricou-se até à extinção dos fornos, que se situa em meados do séc. ii d.C. (133).

Apenas com um exemplar cada, estão representadas as formas Ritterling 8, Ludowici Tb, Mezquiriz 4 e 20.

O exemplar da primeira forma encontrado em Santo André (n.º F 3.10) está muito próximo, pelo perfil, dos modelos sudgálicos; a parte exterior encurvada é moldurada. Em Conimbriga, formas como estas, consideradas entre as mais antigas e influenciadas pelos modelos sudgálicos, aparecem em níveis flavianos e trajânicos (134).

A forma Ludowici Tb (n.º I 2.5) é considerada rara e em Conimbriga apenas se encontrou um exemplar. O de Santo André apresenta perfil anguloso com bordo oblíquo, marcado no exterior

(130) *Fouilles de Conimbriga*, IV, p. 184.

(131) *Id.*, *ibid.*

(132) MEZQUIRIZ, *Hispanica*, p. 59.

(133) ROUMENS, *Andujar*, p. 39.

(134) *Fouilles de Conimbriga*, IV, p. 183.

por uma ligeira canelura e o fundo exterior ressaltado. Tem a marca ATT PA[...], que atribuímos ao oleiro Attius Paternus e que se encontra também num prato de forma Drag. 15/17, como atrás vimos. A estratigrafia de Conimbriga nada acrescenta à cronologia desta forma datada habitualmente dos séc. n e m<sup>(135)</sup>.

O contexto em que se encontra o exemplar que publicamos é importante para a sua datação, dada a homogeneidade do fabrico das quatro peças de t.s. hispânica e a contemporaneidade dos oleiros presentes: Attius Paternus e Flavinus que também fabricou, como atrás dissemos, a forma Ludowici Tb, cujo aparecimento na Gália é atribuído ao período Trajano-Adriano. As características do nosso conjunto obrigam a situá-lo dentro do período clássico da produção hispânica, não devendo por isso ultrapassar o reinado de Trajano.

O prato Mezquiriz 4 (n.º G 3.23), de dimensões apreciáveis (241 mm. de diâm.), apresenta um bordo quase horizontal, provavelmente decorado com uma ou mais faixas de guiloché entre as duas caneluras fundas que o percorrem. O guiloché desapareceu certamente com a perda do engobe, pois é natural que a peça, de muito bom fabrico, o possuísse. Tinha duas pequenas asas de rolo de que apenas se conserva uma. Em Conimbriga, a estratigrafia coloca esta forma nos níveis de Trajano e no séc. II<sup>(136)</sup>.

A bilha de forma Mezquiriz 20 (n.º E 2.4) é uma peça considerada rara, documentada em Espanha somente em Itálica, Arcóbriga, Bronchales e Iruña<sup>(137)</sup>. De corpo bojudo, canelura na zona média do ombro, tem o colo alto terminando num lábio espessado, ressaltado na parte interna e leva uma asa de fita canelada. Em Portugal encontrou-se uma em Aljustrel. O tipo fabricou-se na oficina de Bronchales, cuja actividade, iniciada no último quartel do séc. i, se prolongou por todo o séc. n<sup>(138)</sup>.

<sup>(135)</sup> *Id.*, p. 185; MEZQUIRIZ, *Hispanica*, p. 69.

<sup>(136)</sup> *Fouilles de Conimbriga*, IV, p. 185.

<sup>(137)</sup> MEZQUIRIZ, *Hispanica*, n.º 2, p. 81, Est. XXV.

<sup>(138)</sup> ALARCÃO, *Valdoça*, n.º 2, sep. 206, p. 60.

## Lucerna

Digna de atenção é a prática inexistência de lucernas nesta necrópole, o que contrasta visivelmente com o que sucede nas outras necrópoles alentejanas já conhecidas.

O n.º G 7.7 é uma lucerna de bico redondo ornamentado com volutas e cabe no tipo Dressel-Lamboglia 11 b, que corresponde ao tipo V A de Deneauve, cujo fabrico se iniciou no 2.º quartel do séc. i d.C. e se prolongou até ao fim do século (139). O disco está ornamentado com um jovem vestindo uma túnica curta e transportando aos ombros uma canga da qual pendem um cesto e um animal, talvez um pequeno porco. Tem paralelo em Cartago, na necrópole dita dos «Officiales» e marcada C. L. Esta marca, segundo Deneauve, seria proveniente de Itália e a necrópole onde a lucerna foi encontrada tinha enterramentos que vão desde os finais da República até aos inícios do séc. m (140).

A lucerna de Santo André é ligeiramente mais pequena que a de Cartago, o que sugere a utilização de um molde a partir de um positivo.

## «Paredes Finas»

As «paredes finas» de Santo André têm pouco interesse estilístico, não apresentando novidade nem quanto à forma nem quanto aos esquemas decorativos. Além disso, conservaram-se mal, não permitindo nalguns casos a reconstituição da forma ou da decoração. O desaparecimento da maior parte do engobe e de todo o seu lustro, metálico ou não, é também devido ao lamentável estado de preservação.

O conjunto é muito homogéneo, encontrando a maior parte destas taças paralelos entre as «paredes finas» das necrópoles do Alto Alentejo, escavadas por Abel Viana (141), e de Valdoca e

(i39) DENEAUVE (J.), *Lampes de Carthage*, Paris, 1969, p. 126.

(140) *Id.*, *ibid.*, n.º 479, p. 137, Est. L.

(141) VIANA e DIAS DE DEUS, *Nuevas Necrópolis*; *Id.*, *Campos de Urnas*.

Farrobo <sup>(142)</sup>, publicadas por Alarcão; Conimbriga também possui muitas peças com grandes semelhanças <sup>(143)</sup> e, finalmente, é fácil encontrar paralelos na obra que F. Mayet publicou sobre as «paredes finas» da Península Ibérica <sup>(144)</sup>. Estas formas têm poucos ou mesmo nenhuns termos exactos de comparação nas publicações do material proveniente de sítios do norte da Europa. Este facto explica-se por serem produção peninsular. Quanto à possível localização dos centros de fabrico, aceitamos como hipótese de trabalho as propostas de F. Mayet.

Ao publicar as «paredes finas» de Miróbriga, afirmámos que uma tão pequena colecção — e o número de peças de Santo André ainda é menor — não permitia esperar que todos os principais tipos desta categoria cerâmica estivessem representados <sup>(145)</sup>. Apontaram-se então algumas lacunas evidentes a respeito das quais se pode fazer agora uma observação interessante: nenhuma das peças encontradas em Santo André apresenta decoração de areia. Aceitando que na Península Ibérica esta decoração compreende os reinados de Cláudio e Nero, a sua ausência confirma a cronologia predominantemente flaviana — inícios do séc. n — que a globalidade dos materiais permite atribuir a esta necrópole.

A presença de engobe — ou pelo menos vestígios dele — em todas as peças, é mais um indício de que pertencem a um período avançado da produção das «paredes finas» <sup>(147)</sup>. Além disso, como a totalidade dos fabricos parece ser local, ou pelo menos peninsular, pode datar-se globalmente de Cláudio aos inícios do séc. n <sup>(148)</sup>, e só se fará menção específica da cronologia quando ela possa ser definida com mais precisão.

<sup>(142)</sup> ALARCÃO, *Farrobo*; **Id.**, *Valdoca*.

<sup>(143)</sup> *Fouilles de Conimbriga VI*, p. 27-37, Est. V-VIII.

<sup>(144)</sup> MAYET, *Parois Fines*.

<sup>(145)</sup> NOLEN (J. U. S.), *Alguns fragmentos de «paredes finas» de Miróbriga*, «Setúbal Arqueológica», Vol. II/III, 1976-1977, p. 425.

<sup>(146)</sup> **Id.**, *ibid.*, p. 428.

<sup>(147)</sup> A primeira referência de F. MAYET ao engobe metálico de cor laranja aparece no catálogo ao descrever o n.º 192 (cf. MAYET, *Parois Fines*, p. 56) da forma XXc, datada dos últimos tempos de Augusto até Cláudio. O emprego frequente deste tipo de engobe não aparece, contudo, antes do período Cláudio-Nero e até mais tarde. (**Id.**, *ibid.*, forma XXXII, p. 64-66).

<sup>(148)</sup> **Id.**, *ibid.*, p. 139; NOLEN, *op. cit.*, p. 429.

Não encontramos taças decoradas com folhas de barbotina, que é o tipo de decoração mais típico da produção atribuída à Bética durante o período flaviano. A sua ausência poderá significar apenas uma contingência da escavação, dado que uma parte da necrópole terá sido destruída por trabalhos agrícolas. Julgamos, no entanto, que ela se deve à falta de relações comerciais regulares entre o Alentejo e a província meridional da Bética. Aquela região lusitana ficava na órbita comercial de Mérida e mantinha muitos contactos com o mundo romano através do mar, via pela qual os diversos vidros importados devem ter chegado a Santo André <sup>(149)</sup>.

Estabelecemos dois grupos principais atendendo à presença ou ausência de cerâmica moída utilizada como desengordurante, e diversos subgrupos compreendendo peças com fabricos semelhantes (incluindo os engobes) ou com o mesmo aspecto exterior. Alguns destes subgrupos podem na realidade pertencer a uma mesma produção, devendo-se o seu aspecto actual a diversas condições sofridas a partir do enterramento — por exemplo, a deposição em contacto directo com as cinzas ou dentro das urnas no topo de uma camada de ossos esmigalhados — e acentuados ou modificados ao longo de quase vinte séculos. O facto das superfícies estarem nalguns casos deterioradas ao ponto de tornarem a cor e a qualidade do engobe irreconhecíveis, dificultou muito a classificação dessas peças e impossibilitou qualquer dedução sobre a possível existência de brilhos ou reflexos metálicos. Por esta razão, não podemos atribuir nenhuma peça à mais fina produção da Bética, especialmente identificável por um engobe espesso, aplicado de forma regular, sempre lustroso e com frequentes reflexos metálicos.

O grupo 1 a <sup>(150)</sup> pode ter sido produzido na área da Bética. A pasta é bastante densa, não apresentando partículas de cerâmica moída e contendo, ocasionalmente, pequenos grãos de quartzo; tem cor ocre (Munsell 7.5 YR 7/6 para 8/5) e o engobe nas áreas melhor preservadas vai de castanho-claro e laranja-acastanhado

(U8) para um desenvolvimento sucinto deste argumento aplicado a Conimbriga, consultar *Fouilles de Conimbriga* YI, p. 115-117, 119-120.

<sup>(150)</sup> Este grupo compreende as peças B 1.1, D 12 (3), J 5.9.

(Munsell 7.5 YR 5/6 para 5 YR 6/6). A este grupo pertencem as únicas taças de Santo André decoradas com fiadas verticais de mamilos:

- B 1.1 — Fiadas verticais de pequenos mamilos todos do mesmo tamanho. Trata-se de um esquema datável do período Cláudio-Vespasiano <sup>(151)</sup>, com paralelos em Valdoca <sup>(152)</sup>.
- D 12 (3) — Fiadas verticais alternantes de mamilos e pérolas, um esquema mais comum, que julgamos restringir-se, cronologicamente, ao período Nero-Vespasiano <sup>(153)</sup>.

O grupo 1 b <sup>(154)</sup> apresenta pastas medianamente finas; a própria argila é ainda fina e densa mas tem mais inclusões, especialmente de quartzo. A cor é ocre ou ocre-amarelado (Munsell 7.5 YR 7/4 para 8/5 e 7/6) e o engobe, laranja ou laranja-acastanhado (Munsell 2.5 YR 5/8 para 5 YR 6/6), está muito estragado em todas as peças com excepção de J 5.10, na qual se podem ver ainda pequenas manchas de um revestimento espesso e de boa qualidade. Hesitamos na atribuição de uma origem bética, mas a ausência de cerâmica moída como desengordurante relaciona este grupo certamente com aquela área de produção.

- F 2 (2) — A decoração é diferente do guilhoché frequentemente visto em taças de produção atribuída a Mérida ou do esquema de pequenos losangos em relevo, imbrincados, comum em taças da Bética. No nosso exemplar, os losangos são incisos ou talvez impressos com um trapo ou um pincel. O termo de comparação mais próximo que encontramos é um desenho ligeiramente mais grosseiro, visível no n.º 390 de

(m) NOLEN, *Recensão*, p. 196.

<sup>(152)</sup> ALARCÃO, *Valdoca*, n.º 1 da sep. 26, p. 17-18, Est. III; n.º 1 da sep. 441, p. 93, Est. XXXI.

<sup>(153)</sup> NOLEN, *Recensão*, p. 196.

<sup>(154)</sup> Integram este grupo, as seguintes peças: F 2 (2) e J 5.10.

Cosa, um fragmento datável de Tibério aos inícios do reinado de Cláudio <sup>(155)</sup>. A delicadeza da decoração sugere para esta taça uma datação ligeiramente anterior à das restantes peças da colecção, possivelmente eláudio-neroniana.

J 5. 10 — É lamentável que esta peça esteja fragmentada ao ponto de tornar impossível a reconstituição exacta da forma. Entre os fragmentos existe um vertedoiro, o que é uma ocorrência rara em «paredes finas». A existência de engobe na face interna demonstra que se trata de uma forma aberta que, a avaliar pelo perfil dos fragmentos existentes, pode muito provavelmente ter sido uma taça hemisférica, versão bastante mais pequena da forma Mayet L. <sup>(156)</sup>. O lábio do nosso exemplar tem mais a forma de pérola do que a goteira apresentada pelo exemplar que Mayet publica e um dos fragmentos conserva o arranque de uma asa de fita que é vertical em vez de horizontal. Além disso, o perfil reconstituível aproxima-se talvez melhor da forma Dragendorff 37 (t.s.) do que da forma Mezquiriz 40 (t.s.h.) atribuível a Mayet L. <sup>(157)</sup>.

O almofariz com vertedoiro, fabricado «em paredes finas», pode no fim de contas ter sido mais comum do que F. Mayet admite. Actualmente, reconhecem-se três tipos de produção peninsulares: o fabrico emeritense de Mayet 599, as «paredes finas» da região de Braga <sup>(158)</sup> e o presente

<sup>(155)</sup> MARABINI, *Cosa*, n.º 390, p. 203-204, 302, Est. 42 e 83.

<sup>(156)</sup> MAYET, *Parois Fines*, n.º 599, Forma L, p. III, Est. LXXI. O diâmetro da base deste vaso deveria rondar pelos 80 mm, o da peça J 5.10 é de 40 mm. aproximadamente.

<sup>(157)</sup> ROUMENS, *Andujar*, n.º 250, p. 70-71, 183-184, Est. 30.

<sup>(158)</sup> ALARCÃO, (A. M.) e MARTINS (A. N.), *Cerâmica aparentada com «Paredes Finas» de Mérida*, «Conimbriga» XV, 1976, n.ºs 93 e 94, p. 99 e 108, Est. VI.

exemplar possivelmente oriundo da Bética. A quarta produção poderá ser representada pelo *mortarium* de Glanum publicado por Bémont<sup>(159)</sup>.

O grupo 2 a <sup>(160)</sup> pertence à produção mais típica de Mérida, com pasta branca (Munsell 10 YR 8/2), pouco fina e coberta por um engobe cor de laranja tendendo para tijolo (Munsell 2.5 YR 5/6 ou 5/8 para 10 YR 5/8), bastante desigual e descolorido, para castanho em muitos pontos, especialmente na base. A pasta inclui muitos grãos de quartzo e cerâmica moída de várias tonalidades (branca, avermelhada e castanha) e tende a lascar.

D 4.1 (3), D 15/16.10, E 2.9 e E 3.3 — São taças carenadas ornamentadas com duas faixas de guilhocé — a forma e o esquema decorativo mais utilizados pelos oleiros emeritenses. Outra peça deste sub-grupo, E 5.12, poderá ter tido a mesma forma, mas o que se conserva não chega para uma reconstrução segura; possuía também decoração de guilhocé ainda mais fino, em qualidade, do que o n.º E 3.3 ou D 4.1 (3). Isto poderá indicar uma produção ligeiramente anterior à dos n.ºs D 15/16.10 ou E 2.9, cujo guilhocé é irregular e de execução pouco cuidada. É verdade que esta falta de qualidade se pode explicar por variação de um para outro oleiro, mas parece-nos mais provável que se deva à degradação que estas oficinas terão experimentado no final do século ou nos inícios do séc. ii, quando se fabricavam as últimas «paredes finas» <sup>(161)</sup>. Consequentemente, julgamos possível

(159) BÉMONT (C.), *Vases à parois -fines de Glanum: formes et décors*, «Gallia», 34(1), 1976, p. 243-244, n.º 7534, fig. 2.

<sup>(160)</sup> Fazem parte deste grupo as peças D 15/16.10, E 2.9, E 3.3, E 5.12, e D 4.1(3).

<sup>(161)</sup> Em Conimbriga encontraram-se ainda muitas peças de «paredes finas» em níveis datados de Trajano; convém, no entanto, lembrar que se trata de níveis de enchimento contendo fragmentos de todos os períodos

atribuir o n.º E 5.12 ao período cláudio (tardio)  
 — flaviano; os n.ºs D 4.1 (3) e E 3.3, aos Flávios;  
 os n.ºs D 15/16.10 e E 2.9, ao período Flávios  
 —• inícios do séc. II.

Encontram-se facilmente paralelos na obra de  
 F. May et (<sup>162</sup>).

O grupo 2 b (<sup>163</sup>) pode também ser atribuído à região de Mérida. É um fabrico ligeiramente melhor que o anterior, feito de argila branca (10 YR 8/2), mais fina, coberta por um engobe uniformemente colorido e que tende a desprender-se facilmente. A pasta pode classificar-se genericamente de grão médio, contendo algumas partículas cerâmicas e quartzíticas mas em concentrações mais pequenas que as do grupo anterior e não possuindo como ele os largos vacúolos que caracterizam aquele fabrico.

O engobe tem um aspecto geral acinzentado ou castanho claro, oscilando a cor entre o laranja-sombrio, o laranja-amarelado e o laranja-acastanhado (Munsell 2.5 YR 6/6 para 5 YR 7/6 e 6/6).

D 7 (3) — Não conseguimos paralelo para a decoração barbotinada constituída por três grupos isolados de três mamilos.

E 1.3.2 — Mais uma vez, o guilhoché irregular deverá indicar uma cronologia relativamente tardia, isto é, flaviana  
 — inícios do séc. n.

Pertencem igualmente a este sub-grupo, três peças não ilustradas (n.ºs C 4.2, C 5.2 e C 9.8) de que só restam alguns poucos fragmentos.

anteriores. Também as canalizações, construídas no mesmo período, apresentam no seu leito uma espessa camada de cacos de cerâmicas na sua maioria anteriores a Trajano; admitindo, porém, que alguns fragmentos de «paredes finas» aí encontrados eram contemporâneos, o período trajânico aparece como a data limite para esse tipo de louça de Gonimbriga, e o mesmo se poderá dizer para Santo André.

(<sup>162</sup>) MAYET, *Paroís Fines*, n.ºs 528-540, p. 102-103, Est. LXIV-LXV.

(<sup>163</sup>) São as seguintes peças: G 4.2, C 5.2, C 9.8, D 7 (3), E 1.3.2.

O grupo 2 c <sup>(164)</sup> apresenta o fabrico mais grosseiro que encontramos e pode também atribuir-se à área de produção emeritense. A pasta é grosseira, branca (Munsell 7.5 YR 8/2 para 10 YR 8/2) e contém muito desengordurante, incluindo larga quantidade de partículas cerâmicas de diferentes cores. O engobe, com uma tonalidade mais acastanhada e menos laranja luminoso do que o do sub-grupo 2 a, é esborratado e desigual e apresenta cores que vão do laranja acastanhado (2.5 YR 5/6) a vária tonalidade de laranja-amarelado (5 YR 7/8) e castanho (YR 5/4 e 4/2).

D 3.1 (7) e D 17 (12) — Ambos decorados com meias luas de barbotina, um esquema que se encontrou em Conimbriga a partir de Cláudio <sup>(165)</sup>. A sua cronologia deverá, portanto, ser Cláudio (tardio) — Flávios. Também aqui não faltam paralelos publicados por Mayet, devendo ainda referir-se um vaso idêntico ao n.º D 3.1 (7) encontrado em Medellin <sup>(166)</sup>.

E 4.2 e E 10.1 (3) — Decoração de fiadas horizontais de mamilos de barbotina. Este esquema data provavelmente do período Cláudio-Vespasiano <sup>(167)</sup> e encontra paralelos na área Alentejo-Mérida, embora nenhum deles com uma decoração tão irregular como a das taças de Santo André <sup>(168)</sup>.

O grupo 2 d <sup>(169)</sup> reúne vasos com pastas semelhante à do grupo 2 a, pelo que devem considerar-se igualmente produção emeritense. A pasta tem cor oscilante entre ocre-claro e beije (Munsell 7.5 YR 8/4 para 10 YR 8/3) enquanto o engobe é de um laranja ligeiramente mais brilhante que o do grupo 2 b (a cor base varia entre Munsell 5 YR 6/8, 5/6 e 5/8).

<sup>(164)</sup> Incluindo os n.ºs D 3.1 (7), D 17 (12), E 4.2, E 10.1 (3).

(ioð) Período claudio: Conimbriga, Ref. 69.R.5 A (inédito), com decoração arenosa na face interna; ver ainda *Fouilles de Conimbriga VI*, n.ºs 59-65, p. 35, Est. VII e VIII.

<sup>(166)</sup> MAYET, *Parois Fines*, n.ºs 553 e 554, p. 105, Est. LXVI; DEL AMO, *Medellin*, n.º 36, p. 101, fig. 24, da vila romana de Las Vegas del Ortega, datada do séc. I d. G.

<sup>(167)</sup> NOLEN, *Recensão*, p. 196.

(i®®) MAYET, *Parois Fines*, n.ºs 563-573, p. 106-107, Est. LXVIII.

- B 2 (4) e E 1.3.1. (3)—Duas taças carenadas com decoração de guilhoché, que contam com diversos paralelos na região Alentejo-Mérida, publicados por F. May et (170).
- B 3. (3)—Taça hemisférica cujo guilhoché encontra o paralelo mais próximo em Mayet n.º 542 (m).
- E 3.4 — Taça decorada com fiadas horizontais de mamilos como os n.ºs E 4.2 e E 10.1 (3) do grupo 2 c, tendo os mesmos paralelos e obviamente igual cronologia.

Os restantes dois vasos não podem ser integrados em nenhum dos grupos citados.

O n.º E 4.5 é semelhante às taças do grupo 2 c em aspectos externos; a base é bastante manchada e queimada, enquanto o engobe do corpo mostra diversas tonalidades de laranja (Munsell 2.5 YR 5/8), laranja-amarelado (Munsell 5 YR 7/8) e castanho (Munsell 5 YR 4/3). A pasta é branca (Munsell 10 YR 8/2) e pouco fina como a do grupo 2 a, mas apresenta uma preponderância de inclusões formadas por cerâmica branca moída, mal misturada e, comparativamente, muito menos quartzo. O seu guilhoché, bastante regular e bem executado, mas muito espaçado, situa-se no período flaviano. O n.º 529 de Mayet, proveniente de Vila Viçosa, serve-lhe de paralelo (172).

O n.º B 7.1 (3), uma taça decorada com uma fiada horizontal de meias luas de barbotina, apresenta o aspecto exterior do grupo 2 b; o engobe é laranja-sombrio (Munsell 2.5 YR 5/6) com tendência para castanho alaranjado claro (Munsell 10 YR 6/4).

A pasta é, todavia, mais grosseira, incluindo muita cerâmica moída, de diversas cores, abundantes grãos de quartzo e alguns

(169) A este grupo pertencem as peças B 2.4, B 3(3), E 1.3.1 (3) e E 3.4.

(170) MAYET, *Parois Fines*, n.ºs 517-527, p. 101-102, Est. LXIII.

(171) ID. *Ibid.*, n.º 542, p. 103, Est. LXV.

(172) ID. *Ibid.*, n.º 529, p. 102, Est. LXIV.

grãos de minerais ferromagnesianos, sendo de notar que estes últimos não aparecem em qualquer dos outros tipos de fabrico encontrados em Santo André. A cor da pasta é ocre (Munsell 7.5 YR 7/4). Uma taça semelhante, proveniente de Itálica, foi publicada por F. Mayet <sup>(173)</sup>. Cremos que esta decoração deve limitar-se ao período flaviano, pois o tamanho relativamente grande das meias-luas não aparece em contextos pré-flavianos, enquanto a qualidade da sua execução anuncia uma datação anterior aos inícios do séc. n.

#### Cerâmica comum

A cerâmica encontrada nesta necrópole é, na sua maioria, pobre e de expressão local, o que torna a comparação com produtos de outros lugares relativamente pouco concludente e de certo modo perigosa se não for julgada com a necessária prudência. Por isso resolvemos assentar a sua classificação principalmente na forma e na identificação dos fabricos, baseada na composição das pastas e no tratamento tecnológico.

Os resultados dos exames realizados não podem considerar-se exaustivos, porquanto só foi possível recorrer de forma sistemática à lupa de mão, sendo os casos de dúvida resolvidos pela observação em lâmina delgada. A identificação dos minerais não argilosos é, todavia, suficiente para uma primeira abordagem do problema e as classificações obtidas são suficientemente rigorosas para permitirem algumas hipóteses e conclusões importantes sobre a origem destas cerâmicas <sup>(174)</sup>.

<sup>(173)</sup> ID. *Ibid.*, n.º 546, p. 104, Est. LXVI.

<sup>(174)</sup> Agradecemos ao Dr. António Tavares, do Museu Monográfico de Conimbriga, todo o auxílio prestado na identificação das pastas, as análises feitas e o contributo que amavelmente forneceu para a elaboração desta introdução ao estudo das cerâmicas comuns.

### *Pastas*

Definiram-se seis tipos de pasta significativos pelo número de peças que compreendem e distinguiram-se mais algumas pastas diversas daquelas e isoladas.

I. Pasta caracterizada pela presença de minerais ferromagnesianos (máficos) acompanhados por grãos de quartzo e feldspato anguloso ou sub-anguloso, e grãos poliminerálicos, isto é, constituídos por mais de uma espécie mineral: quartzo-feldspáticos, quartzo-máficos, quartzo-micáceos, quartzo-feldspático-máficos, etc.

A identificação dos minerais ferromagnesianos com a lupa de mão é duvidosa, e seria necessário utilizar outros métodos.

A classificação dos grãos é média ou má, ressaltando a fracção fina na sua maioria composta de ferromagnesianos. A fracção de maior calibre é tipicamente composta de grãos poliminerálicos. Nos casos em que uma melhor depuração da pasta fez predominar a fracção fina, os grãos poliminerálicos tornam-se pouco abundantes.

Nalguns exemplares existem raros grãos de cerâmica moída a acrescentar ao desengordurante já descrito.

II. É um tipo de pasta em que, ao predomínio de grãos de quartzo, a pouco feldspato e rara mica, se juntam poucos grãos de minerais máficos.

III. Pasta corfr desengordurante constituído por quartzo e pouco feldspato. Os grãos são rolados ou sub-rolados e a classificação granulométrica é variável. O desengordurante tanto pode ser abundante como pouco abundante. Pode ocorrer mica (moscovite) em quantidade escassa.

IV. A acrescentar aos elementos do tipo anterior, aparece cerâmica moída, mas sem ultrapassar em importância os restantes elementos. O desengordurante é abundante ou muito abundante.

V. Tal como anteriormente, mas com o desengordurante pouco abundante ou escasso.

VI. Neste tipo, o elemento fundamental do desengordurante é a cerâmica moída, que é acompanhada por quartzo e feldspato em grãos rolados ou sub-rolados.

As restantes pastas identificadas e que não podem incluir-se em nenhum dos tipos descritos, são as seguintes:

- G 5.4 — Caracterizada pela presença de desengordurante orgânico que se traduz por manchas de carvão. Além deste, possui quartzo, feldspato, poucos máficos e pouca cerâmica moída.
- E 5.11 — O elemento dominante é a cerâmica moída, de cor cinzenta esverdeada, a que se junta quartzo, pouca mica e inclusões carbonosas.
- J 1.4 — Possui uma pasta com desengordurante muito abundante, muito bem classificado, com calibres médios predominantes, constituído por grãos de quartzo e feldspato, mas com o feldspato em muito mais quantidade do que o quartzo.

Não é possível fazer referência significativa à cor ou gama de cores predominantes em cada tipo de fabrico, pois encontraram-se vasos de cores e tonalidades muito diversas em qualquer dos tipos. Assim, julgou-se preferível indicar a correspondência na tabela de Munsell para cada peça do catálogo.

As pastas mais abundantes são as incluídas nos tipos I e III, as quais, pela sua composição, não provieram da mesma região. As do tipo I (ao qual podemos anexar o tipo II que é uma simples variante daquele) são provenientes de argilas residuais, isto é, de argilas acumuladas no próprio local da rocha-mãe que, por alteração, as originou, como se depreende da angulosidade dos grãos, da quantidade de minerais ferro-magnesianos mais densos do que os minerais argilosos e, além disso, da presença de pedaços de rocha (citados na descrição das pastas como grãos políminerais). A inexistência de transporte deste material para um local

de deposição mais ou menos longínquo origina argilas de baixa qualidade tecnológica, que só a não existência de bons barreiros na vizinhança leva a utilizar.

As pastas III são formadas a partir de argilas que, contrariamente às anteriores, sofreram transporte e posterior deposição.

Nos tipos IV e V encontramos pastas que não são fundamentalmente diferentes das do tipo III. A sua separação provém da presença de cerâmica moída como constituinte do desengordurante. No entanto, como a quantidade é reduzida, somos levados a crer que se trata mais de contaminação com pó e sujidade existente na oficina do que duma introdução deliberada.

Já o mesmo não se passa no tipo IV, onde a cerâmica moída é o constituinte fundamental de desengordurante, o que leva a considerar a existência de uma tecnologia bem diferente das dos tipos anteriores. A utilização deste desengordurante indica a preocupação de obter artigos capazes de um melhor comportamento durante a cozedura e, posteriormente, de maior resistência mecânica.

As três pastas não pertencentes a qualquer destes tipos têm todas características diferentes. Assim, nas peças G 5.4 e E 5.11 vemos uma tecnologia que não existe em qualquer das restantes pastas observadas e que consiste na introdução de material orgânico no desengordurante. Entre si, estas pastas diferenciam-se pela cerâmica moída que é o elemento dominante na peça E 5.11. Significa isto que se trata de oficinas diferentes? Não é possível uma resposta conclusiva somente pela análise de duas peças; mas é, pelo contrário, fora de dúvida que o n.º J 1.4 provém de região diferente, pois a sua pasta é feita de uma argila que não encontramos em qualquer outra.

### *Distribuição das pastas*

No quadro seguinte (quadro I), apresentamos a distribuição dos diferentes grupos de formas de cerâmica comum de Santo André pelos diferentes tipos de pastas que acabámos de definir.

QUADRO I

Pastas	I	II	III	IV	V	VI	Diversas	Total	c.%	Engobe Vermelho
Bilhas jarros	39		16 2	5	13 1	3		76 3	26 1	22
Púcaros copas	8 1	1	23 2	3	6 1	6 1		46 6	16 2	12
Pratos	9	3	14	3	5	5 <sup>(4)</sup>	1	40	13	6
Tigelas malgas	1 31		5 4					6 <sup>(6)</sup> 39	2 13	4 1
Testos	7		3					10	3	1
Potes <sup>(1)</sup> potinhos	5 1	3 1	13 9		2 1		1 1	24 15	8 5	
Urnas	15		5	3	1			24 <sup>(7)</sup>	8	
Total	117	10	96 <sup>(2)</sup>	16	29 <sup>(3)</sup>	18 <sup>(5)</sup>	3	289 <sup>(8)</sup>		46
c.%	40	3.4	33	5.4	10	6	1			
Engobe vermelho	34	2	9		1					

(\*) Incluindo os tachos.

(2) Deve acrescentar-se a este número uma marca de jogo e uma base não identificada.

(3) A este total há que juntar uma marca de jogo e três bases não identificadas.

(4) Incluindo o «prato covo» F 4.12 e o prato Dis. A 14.

(5) Deve acrescentar-se a este número uma base não identificada.

(6) A base C 6.9, de pasta indeterminável, também pertencia a uma tigela.

(7) O pote J 4.1 foi utilizado como urna, o que perfaz um total de 25 urnas funerárias.

(8) O total de peças de cerâmica comum é de 298, incluindo as marcas, as bases não identificadas e duas peças cuja pasta não se pode classificar dado o mau estado de conservação (G 6.9 e G 2.5).

No quadro seguinte (quadro II), apresentamos o número e proporção relativa dos diferentes grupos de formas de cerâmica comum das necrópoles de Valdoca e de Farrobo.

QUADRO II

<i>Valdoca:</i> O total de c. 172 vasos de cerâmica comum publicados compreende:		
Bilhas	14	c. 8%
Jarros	9	5
Púcaros	9	5
Malgas	34	20
<i>Farrobo:</i> O total de c. 48 vasos de cerâmica comum publicados, compreende:		
Bilhas	7	c. 14%
Jarros	5	10
Púcaros	6	12
Malgas	4	8

A distribuição dos dois principais grupos de pastas, ou seja, dos tipos I — II e dos tipos III — IV — V, pelos vários enterramentos parece não ter significado especial, sobretudo naqueles que contêm muitas peças, como E 1, E 5 e G 3 ou I 3. Só nalguns poucos casos se pôde constatar que os vasos presentes acusam o predomínio de um dos principais grupos.

No enterramento C 6 há um predomínio da pasta III, devido ao facto de o seu espólio conter 7 tigelas, cinco das quais feitas daquela argila.

D 2 e D 3, datados da segunda metade do séc. i e do período Cláudio — Tito, respectivamente, incluíam quase exclusivamente cerâmicas de pasta I; contudo, não se observa o mesmo nos outros enterramentos relativamente antigos.

Por outro lado, D 17, E 7, F 3, F 4, e J 5 ou não continham vasos pertencentes ao grupo de pastas I — II, ou apresentavam nítido predomínio das outras pastas (III, IV e V). Estes enterra-

mentos são todos dos finais do séc. i e/ou dos inícios do séc. n, o que nos adverte para a possibilidade de uma gradual mudança de depósitos, levando a uma maior utilização das argilas das pastas III, IV e V. As pastas encontradas nos espólios de D 19, E 2 e I 2 — os mais tardios que determinámos — parecem confirmar tal hipótese. Contudo, os exemplos são demasiado poucos e os enterramentos são com frequência demasiado pequenos para permitir traçar rigorosas conclusões de ordem cronológica a partir de tal distribuição.

As cerâmicas de importação, como a «terra sigillata» ou as «paredes finas», apresentam-se geralmente como formas bem conhecidas e largamente difundidas. Isto contrasta flagrantemente com o carácter muito individual das cerâmicas comuns de Santo André, sugerindo que as cerâmicas mais utilitárias eram produzidas localmente ou, pelo menos, regionalmente. Para ilustrar alguns destes aspectos, poder-se-á apontar a relativa frequência da forma da bilha em geral e a preponderância das bilhas de colo estreito relativamente à quase exclusão dos jarros de boca larga; a aparente ausência de decoração ou de articulações bem nítidas nos perfis e também a constatação de técnicas rudimentares responsáveis pela deformação de peças como a tampa D 13.1 ou a bilha D 3.3. Além disso, alguns pratos não torneados como D 17.11 ou D 19.6 deixam uma forte impressão de que uma olaria tradicional continuou a produção de louça de cozinha indígena, nas vizinhanças próximas.

Esta hipótese é reforçada pela análise da distribuição das pastas pelas diversas formas de vasos. Considerando o quadro I, verifica-se que os dois grupos básicos (I — II e III — IV — V) são de longe os mais representados, com 43,4 e 48,4% do total das cerâmicas comuns, respectivamente, e a frequência da maior parte das formas é bastante homogénea relativamente a esses dois grupos. As excepções mais óbvias são os púcaros, predominantemente do grupo III — IV — V e as malgas, quase todas da pasta I. As urnas funerárias eram feitas com argilas dos dois grupos, pertencendo 15 exemplares ao tipo I e um total de 9 aos tipos III, IV e V. Estas urnas, relativamente grandes e frágeis, tornavam-se difíceis de transportar e deveriam, por isso, ser vendidas de preferência para lugares pouco distantes do local de fabrico.

É ainda interessante notar que pode supor-se para as diversas oficinas uma certa especialização sugerida pelas seguintes observações:

- 1 — Cinco das seis tigelas das quais se conhece a pasta, foram feitas no tipo III.
- 2 — Embora as bilhas fossem genericamente fabricadas em ambos os grupos de pastas, 14 exemplares do total das bilhas em forma de cabaça pertencem aos fabricos I e II e apenas 3 exemplares a fabricos do outro grupo.
- 3 — 33 malgas são feitas de pastas I e II e apenas 6 pertencem ao segundo grupo.
- 4 — 22 pratos mostram pastas dos tipos III, IV e V, enquanto as pastas I e II só se encontram em 12 exemplares desta forma.
- 5 — 32 púcaros oferecem pastas III, IV e V e apenas 8, pastas do primeiro grupo.
- 6 — A distribuição dos potinhos favorece o segundo grupo na relação de 10 para 2.

O que deixámos dito pode levar a supor que existe uma certa relação cronológica entre os vasos fabricados com argilas do grupo I — II e os que apresentam argilas do grupo III — IV — V. Ora, não é possível descobrir uma variação cronológica entre, por um lado, as bilhas em forma de cabaça, as malgas e tigelas e, por outro lado, os pratos, os púcaros e os potinhos; todas estas formas correspondem, nas suas linhas gerais, a tipos geralmente datados do século i e dos inícios do segundo. Por outro lado, observa-se que apenas três bilhas em forma de cabaça (C 10.1, E 1.5.3, e J 1.7) provêm de enterramentos relativamente antigos, fazendo parte as restantes (15 ao todo) de conjuntos datados dos finais do séc. i ou inícios do séc. n. Entre os púcaros ocorre uma distribuição virtualmente semelhante pelos enterramentos mais antigos e mais recentes.

Quererá isto dizer que a gradual mudança na utilização dos depósitos de argila de que falámos atrás é ilusória? Talvez não. Forçoso é reconhecer, antes de mais, que a quantidade de peças de que dispomos para cada forma de vaso não é suficiente para

determinar seriações evolutivas e, conseqüentemente, a cronologia relativa dessas mesmas formas. Assim, sugerimos a hipótese de que os mesmos tipos se tenham fabricado simultaneamente e com argilas dos dois grupos sem que isso contradiga a preferência que — por qualquer razão para nós desconhecida — terá sido dada, a partir de certo momento, gradualmente, aos depósitos de argilas III, IV e V.

Comparando os quadros I e II, verifica-se não só que a percentagem de bilhas é muito maior em Santo André do que nas outras necrópoles alentejanas mais conhecidas, mas também que elas compreendem todos os tipos característicos, incluindo a bilha em forma de cabaça, revestida de engobe vermelho <sup>(170)</sup>, e que todos esses tipos eram fabricados com argilas provenientes de depósitos fáceis de encontrar nas vizinhanças.

A bilha G 3.34, feita de argila de tipo I, dotada de coador, representa uma forma relativamente elaborada que dá a medida da capacidade técnica das olarias desta região.

### *Engobes*

O péssimo estado de conservação da maioria dos vasos, devido principalmente à forte acidez do terreno, levanta sérias dúvidas quanto ao aspecto original; por vezes, não é possível concluir, mesmo em termos de probabilidade, sobre a existência de engobe, polimento ou decoração superficial.

Nos casos mais difíceis de decidir por simples exame com lupa de mão fizeram-se lâminas delgadas. Só as peças F 3.4 e D 1 (6) se revelaram efectivamente cobertas de engobe castanho avermelhado no primeiro caso e negro brilhante no segundo. A bilha G 3.7 possui uma superfície notavelmente alisada que se repercutiu numa compactação da pasta em profundidade.

Todas as outras peças que apresentam indiscutível engobe pertencem a um mesmo grupo de fabricação, caracterizado por um revestimento que se aproxima muito do chamado «engobe vermelho pompeiano» e pela qualidade das pastas: 34 peças (74%)

<sup>(175)</sup> Ver *infra*, p. 79.

apresentam pasta I, dois pratos, pasta II; os restantes vasos, pasta III (9 exemplares) e V (um só caso) <sup>(176)</sup>.

Adília M. Alarcão já chamou a atenção para a existência de uma tradição no emprego de engobes vermelhos não gresosos em cerâmicas luso-romanas de qualquer época e concluiu que uma parte desses fabricos de imitação foi produzida algures no Alentejo <sup>(177)</sup>. Embora com hesitação prudente, sugere essa origem para dois fragmentos encontrados em estratos tardios de Conimbriga <sup>(178)</sup>. Comparando as pastas desses fragmentos com as cerâmicas de Santo André, verificámos que o n.º 47 pertence à pasta tipo II e o n.º 48, à pasta tipo I. A oficina ou as oficinas que na região de Montargil produziam tais cerâmicas conheceriam assim uma difusão que não nos teríamos atrevido a supor sem conhecermos tais fragmentos. A presença destes em estratos tardios de Conimbriga talvez possa explicar-se como intrusões; na verdade, é difícil admitir que o fabrico alentejano do Alto Império tenha persistido durante mais de três séculos <sup>(179)</sup>.

O quadro I mostra que o engobe vermelho se aplicava em vasos feitos de argilas dos grupos I — II e III — IV — V, embora com nítido predomínio do tipo I; relativamente às formas dos vasos, vê-se que o engobe não se aplicava igualmente a todas, constituindo as bilhas 50%, os púcaros 21% e os pratos 13% do total dos vasos assim tratados. A tigela é outra forma que apresenta alguns exemplares engobados. Perante tal selecção, é-se levado a supor que o emprego do engobe tinha uma finalidade mais estética do que funcional, destinando-se a dar melhor acabamento e maior realce a louças de mesa.

<sup>(176)</sup> O prato F 5.1, também coberto de engobe vermelho, não foi incluído nestes cálculos. A forma e o engobe são tão diferentes das restantes peças que devemos considerá-la peça única.

<sup>(177)</sup> *À Propos des Céramiques de Conimbriga*, p. 15-16.

<sup>(178)</sup> *Fouilles de Conimbriga*, VI, n.ºs 47 e 48, p. 56 e 58, Est. XIII.

<sup>(179)</sup> Na Península Ibérica, esta tradição de engobe vermelho remonta longe no tempo, como o demonstram, entre outros, os vasos de tipo «tartesso-oriental», datados dos sécs. vm-vi a. C., encontrados por exemplo na sepultura 9 da necrópole de La Joya. (Cf. GARRIDO ROIZ, J. P., *Excavaciones en la necropolis de La Joya, Huelva*, Excavaciones Arqueológicas en España, n.º 71, Madrid 1970, sepultura n.º 9, p. 52-55, 75, fig. 38-39).

Pela sua própria constituição, à base de óxidos de ferro, os engobes que imitam o «vermelho pompeiano» oferecem uma grande diversidade de tons. Em Santo André, a cor é bastante consistente, tendendo para o acastanhado. Das 26 peças suficientemente bem conservadas para permitir comparação com a escala de Munsell, 11 apresentavam engobe de cor 2.5 YR 5/6 e 2.5 YR 4/6. Somente em D 2.3 a tonalidade (2.5 YR 4/8) é mais intensa e, em C 8./, aparece mais escura (2.5 YR 3/6). As bilhas D 11.8 e B 7.7 apresentam um engobe mais vermelho (10 R 4/6).

### *Bilhas, jarros e outros vasos afins*

De um total de 289 peças de cerâmica comum estudadas (aliás, nem todas aqui ilustradas) sobressaem 76 bilhas por oposição a três jarros<sup>(180)</sup>, o que traduz uma situação que parece ser perfeitamente inversa à que existe em Conimbriga. Uma rápida contagem dos vasos publicados por J. Alarcão revelou-nos 31 tipos (que na realidade representam muitas mais peças) de jarros de colo largo e aberto e apenas 7 tipos de bilhas de colo estreito no período alto-imperial<sup>(181)</sup>. Esta preferência pelas bilhas de gargalo estreito parece única. Aos 25,6% (do total da cerâmica comum) registados em Santo André, contrapõem-se 8% em Valdoca e 14% em Farrobo, constituindo a percentagem de jarros nestes dois sítios, 5,2 e 10,4 respectivamente (quadro II).

A predominância de bilhas em Santo André poderá explicar-se pela existência nas redondezas de uma oficina especialmente dedicada ao seu fabrico (ver supra p. 70). Que tal se deva ao gosto do oleiro ou a uma exigência da clientela deveria poder decidir-se em função da frequência de bilhas noutros tipos de pastas (ou seja as pastas IV-VI). Certo é que estas poderiam ter sido fabricadas noutras oficinas, mas isso não altera a constatação de que há um predomínio das bilhas sobre os jarros, o que revela que se fabricaram para responder a um gosto nítido pela forma.

Deve ainda assinalar-se que os vasos com gargalo afundado (tipo 1) eram mais populares que os de gargalo cilíndrico (tipo 2),

<sup>(180)</sup> Trata-se dos números G 9.3, D 15/16.6 e E 5.7.

<sup>(181)</sup> ALARCÃO, *Comum*, n.ºs 320-608, p. 77-100, Est. XV-XXVIII.

como se depreende da proporção de 25 para 14 peças, sendo 14 exemplares do grupo 1 integráveis na pasta I.

Atendendo a todas estas verificações, pode avançar-se a hipótese de uma oficina local especializada no fabrico de bilhas de colo afundado, às vezes com corpo em foi ma de cabaça, e então cobertas de engobe vermelho.

Os vasos de colo estreito de Santo André podem dividir-se em quatro grupos principais:

1. Bilhas de gargalo relativamente curto e afundado
2. Bilhas com gargalo alto cilíndrico
3. Bilhas em forma de cabaça
4. Garrafas cilíndricas

A estes tipos devem juntar-se diversas peças únicas, entre as quais um cantil e uma infusa com bico e coador.

A maioria, se não a totalidade, destas peças era feita em três partes: o corpo, ao qual se uniam, primeiro, o gargalo e, depois, a asa. As peças intactas nem sempre permitem determinar se o colo foi formado à parte, mas as reduzidas dimensões da abertura tornariam muito improvável o contrário.

Os grupos 1 e 2 podem ter o gargalo moldurado. Nesse caso, a maior parte das vasilhas apresenta o arranque da asa ao nível da moldura e não bastante abaixo dessa articulação, como sucede em bilhas de colo idêntico provenientes do norte da Europa. Outra diferença a assinalar está em que não encontramos bilhas com duas asas, o que é frequente naquelas paragens e até em Conimbriga.

As bilhas do grupo 1 apresentam sempre um bordo largo e evasado, as do grupo 2 exibem uma constrição do gargalo logo abaixo do bordo, quando ele é evasado.

1. *Bilhas de gargalo relativamente curto e afunilado:*

Este grupo permite ainda o estabelecimento de quatro sub-grupos, atendendo às variações do colo e da boca:

- a) bilhas com gargalo afunilado pouco alto <sup>(182)</sup>.
- b) bilhas com gargalo afunilado baixo <sup>(183)</sup>.
- c) bilhas com bordo evasado e gargalo moldurado <sup>(184)</sup>.
- d) bilhas com gargalo afunilado e bordo espesso <sup>(185)</sup>.

Embora as peças a que falta o colo ou o bordo <sup>(186)</sup> não possam classificar-se com segurança, parecem, pelas dimensões, ter tido gargalo simples com bordo evasado.

Consideradas no seu aspecto geral, as formas a) e b) podem aproximar-se igualmente do n.º 1 da sepultura 206 de Valdoca <sup>(187)</sup>. A acidez do terreno alterou em muitos exemplares, por forma significativa, o perfil dos vasos, especialmente nas zonas mais delgadas e expostas. Por isso não valorizámos a forma do bojo, considerando apenas o gargalo e o bordo para efeitos tipológicos e comparativos. Assim, o tipo 1 a encontra paralelos nos n.ºs 76 de Serrones e 85 de Horta das Pinas <sup>(188)</sup>, duas necrópoles datadas dos sécs. i e n d.C. <sup>(189)</sup>, e no n.º 1 da sepultura 34 de Farrobo, atribuído ao séc. n d.C. com base num paralelo de Valdoca <sup>(190)</sup>.

<sup>(182)</sup> Incluindo os n.ºs B 5.4, C 8.1, C 10.2, D 15/16.8, D 17.1, D 19.1, E 1.5.2, E 4.3, G 3.14 e, possivelmente, I 2.2.

<sup>(183)</sup> Compreendem os números C 7.2, D 2.1.5, E 5.16, E 7.10, J 5.3; cremos que o n.º G.3.12 pertencia também a este tipo.

<sup>(184)</sup> Têm colo moldurado as bilhas C 6.1, D 11.4 e E 2.2.

<sup>(185)</sup> Este tipo é representado somente pelo vaso E 7.11.

<sup>(186j)</sup> Isto é, n.ºs C 3.6, C 5.1, C 8.9, E 4.1 e G 4.2.

<sup>(187)</sup> ALARCÃO, *Valdoca*, n.º 1 da sep. 206, p. 60, Est. XV.

<sup>(188)</sup> VIANA e DIAS DE DEUS, *Nuevas Necropolis*, Serrones, n.º 76 da sep. 7, p. 24, fig. 19; ID., *Campos de Urnas*, Horta das Pinas, n.º 85, p. 50, Est. VIII.

<sup>(189)</sup> ALARCÃO, *Vila Viçosa*, p. 2-3; VIANA e DIAS DE DEUS, *Campos de Urnas*, p. 33.

<sup>(190)</sup> ALARCÃO, *Farrobo*, n.º 1 da sep. 34, p. 15 e 24, Est. VIII; o n.º 1 da sep. 128 de Valdoca (cf. ID., *Valdoca*, p. 41, 43, Est. X), com o bojo deco-

Paralelos para o tipo 1 b podem considerar-se Farrobo 3-3 e 36-1 ambos datados dos sécs. i ou n d.G. <sup>(191)</sup>; Valdoca 206-1 encontrado juntamente com uma bilha de «terra sigillata» (último quartel do séc. i d.C. ou séc. n) <sup>(192)</sup> e Farrobo 15-1, que apareceu associado a um pote da segunda metade do séc. i mas também pode datar dos inícios do século seguinte <sup>(193)</sup>.

O tipo 1 c está representado por três exemplares somente, um dos quais não tinha asa <sup>(194)</sup>. Encontramos de novo paralelos nas necrópoles do Alto Alentejo <sup>(195)</sup>, embora alguns exemplares pareçam ter, pelas fotografias publicadas, um bordo espesso. Os cemitérios de Serrones, Padrão e Padrãozinho situam-se cronologicamente na segunda metade do séc. i e por todo o séc. n <sup>(196)</sup>. Uma bilha muito semelhante, com o gargalo ligeiramente mais curto, provém de Mérida, onde foi enterrada com um unguentário de tipo Isings 82 b (fins do séc. i d.C., —séc. m) <sup>(197)</sup>. Este tipo de gargalo encontra certa aproximação na bilha de duas asas encontrada em Richborough, datada de 60-68 d.C. <sup>(198)</sup>; a forma do colo, as suas molduras e o bordo são semelhantes. Em Aramenha, há três bilhas com gargalo moldurado, uma das quais, muito

rado com caneluras, diverge dos nossos exemplares. Tem bordo largo, horizontal, e a asa nasce muito baixo, quase no ombro. Está datado por associação com o tipo Isings 28b (unguentário) no «séc. II d.G., «provavelmente».

<sup>(191)</sup> ID., *Farrobo*, n.º 3 da sep. 3, p. 7 e 23, Est. I; n.º 1 da sep. 36, p. 15 e 23, Est. VIII.

<sup>(192)</sup> ID., *Valdoca*, n.º 1 da sep. 206, p. 60, Est. XV.

<sup>(193)</sup> ID., *Farrobo*, n.º 1 da sep. 15, p. 10 e 23, Est. II.

<sup>(194)</sup> A bilha D 11.4, embora restaurada, conservava-se na totalidade, sem evidência de asa.

<sup>(195)</sup> VIANA e DIAS DE DEUS, *Campos de Urnas*, Horta das Pinas, n.º 86, p. 50, Est. VIII; Herdade de Padrão, n.ºs 201 e 211, p. 58-59, Est. VIII (a última peça conserva vestígios de decoração pintada); ID., *Nuevas Necropolis*, Serrones, n.º 176 da sep. 18, p. 27, fig. 11; Padrãozinho, n.º 90, da sep. 105, p. 20, fig. 9.

<sup>(196)</sup> Veja *supra* n.º 189.

<sup>(197)</sup> GARCÍA Y BELLIDO (A.), *Mérida, La Gran Necropolis Romana de la Salida del Puente*. Excavaciones Arqueológicas en España, Madrid, n.º 11, 1962, p. 10, fig. 7-2.

<sup>(198)</sup> BUSHE-FOX (J. P.), *Fourth Report on the Excavations of the Roman fort at Richborough, Kent* (Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London, 16), Londres, 1949, n.º 371, p. 258, Est. LXXXV.

semelhante ao nosso n.º E 2.2. (199). Pelo contrário, não se conhecem bilhas com tal gargalo no Farrobo e só uma, de resto muito diferente das nossas, provém de Yaldoca (200). Dir-se-ia que esta forma conheceu menor popularidade na zona sul do Alentejo.

Não conseguimos encontrar um bom paralelo para o vaso E 7.11, que representa o nosso grupo 1 d.

## 2. *Bilhas com gargalo alto e cilíndrico*

Este grupo pode também dividir-se em subtipos:

- a) Bilhas com gargalo alto, moldurado e bordo espesso (201).
- b) Bilhas com gargalo alto, cilíndrico ou cónico e bordo evasado (202).
- c) Bilhas com gargalo alto, cilíndrico, e bordo arredondado, ligeiramente curvo para fora (203).

Peças semelhantes ao tipo 2 a encontram-se também na região de Eivas; o colo alto e cilíndrico, moldurado logo abaixo do bordo, é idêntico, mas o perfil do bordo apenas se adivinha através das fotografias de má qualidade publicadas (204). No forte romano de Usk encontrou-se uma bilha com gargalo semelhante, embora a asa esteja implantada — como sucede na maioria das vasilhas provenientes de lugares norte-europeus — bastante abaixo do bordo; esta peça provém da primeira fase (pré-flaviana) de construção do forte, datando de c. 50-55 d.C. (205). Outro para-

(199) NEVES, *Aramenha*, n.os 32, 33 e 38, p. 24-25, Est. V e VI.

(200) ALARCÃO, *Yaldoca*, n.º 1 da sep. 274, p. 69, Est. XIX.

(201) Este grupo inclui as peças D 11.3, E 5.18, J 5.12 e possivelmente E 6.6, G 3.13, I 2.1, e G 9.1.

(202) <sup>2</sup>por exemplo D 3.3, E 6.5 e sem dúvida, os n.os G 7.4 e E 2.1 pertencem igualmente a este grupo.

(203) Trata-se do n.º G 9.4; contudo, pensamos que tanto o n.º G 10.3 como o n.º D 13.6 poderiam ter tido forma semelhante.

(204) VIANA e DIAS DE DEUS, *Campos de Urnas*, Padrãozinho, 211, p. 59, Est. VIII; ID., *Nuevas Necropolis*, Padrãozinho, n.º 91 da sep. 12, p. 8, fig. 9.

(205) GREENE (K. T.), *The Pottery from Usk*, in «Current Research in Romano-British Coarse Pottery», Londres, 1973, p. 25 e 35, fig. 1-1.

leio, também com asa ligeiramente descida, foi encontrado em Heidelberg e a sua cronologia compreende o reinado de Adriano e o terceiro quartel do séc. n (206).

Os n.ºs G 9.1, E 6.6, G 3.13, I 2.1 podem bem ter tido um bordo semelhante a Yaldoca 274-1 (207) ou um bordo simples, ligeiramente engrossado como o da forma 379 de Conimbriga (208).

O tipo 2 b apresenta um bojo ovoide nem sempre bem definido por causa do mau estado de conservação das peças. Encontra paralelo em Conimbriga, com um bordo ligeiramente melhor articulado, num depósito flávio-trajânico (209). Outros paralelos vêm das necrópoles de Serrones e Horta das Pinas (210), parecendo o último especialmente semelhante ao nosso n.º E 6.5.

Só uma bilha completa (G 9.4) de tipo 2 c. chegou até nós. Tem comparação com um vaso semelhante ainda que de bordo mais aberto e espesso, encontrado em Medellin, num túmulo datado da primeira metade do séc. n d.C., embora o autor admita que outras peças do mesmo espólio possam recuar até finais do século anterior (2n).

### 3. *Bilhas em forma de cabaça*

As bilhas em forma de cabaça (212) podem definir-se como aquelas em que as partes inferior e superior do corpo são formadas por uma curvatura descontínua e/ou diferente. Há casos em que este efeito é produzido pela divisão do corpo por uma ou mais caneluras e alguns casos foram incluídos neste grupo porque os

(206) HEUKEMES (B.), *Römische Keramik aus Heidelberg*, Bona, 1964, n.º 88, p. 61, Est. 16.

(207) ALARCÃO, *Yaldoca*, n.º 1 da sep. 274, p. 69, Est. XIX.

(208) ID., *Comum*, n.º 379, p. 81, Est. XVIII, encontrada num contexto flaviano; deve notar-se que esta peça tem duas asas.

(209) ID., *Ibid.*, n.º 581, p. 98, Est. XXVII.

(210) VIANA e DIAS DE DEUS, *Nuevas Necropolis*, Serrones, n.º 77 da sep. 27, p. 28, fig. 19; ID., *Campos de Urnas*, Horta das Pinas, n.º 82, p. 50, Est. VIII.

(211) DEL AMO, *Medellin*, n.º 7 da sep. 3, p. 72-73, fig. 9.

(212) Incluem-se aqui os n.ºs G 8.2, G 8.3, G 10.1, D 11.8, E 1.5.3, E 5.10, F 4.10, G 3.7, G 3.15, I 3.10; e as bilhas em forma de falsa cabaça D 13.7, E 6.10, E 10.4, E 10.5, I 1.1, I 3.1 e J 1.7.

próprios objectos mostram melhor do que os perfis desenhados que apenas com tais caneluras se procurou obter o efeito de uma cabaça. Chamamos-lhes por isso «falsas cabaças».

É de notar que pelo menos treze (ou talvez quinze) das dezassete bilhas <sup>(213)</sup> pertencentes a este grupo receberam o engobe que lembra o «vermelho pompeiano» discutido a propósito dos tipos de fabricação das cerâmicas comuns (supra p. 72). Pelo contrário, dos vinte e cinco exemplares do tipo 1, apenas oito, e, entre os quatorze de tipo 2, apenas um, receberam esse engobe.

Entre as bilhas que preservam o gargalo, só há uma (C 10.1) e possivelmente outra (G 3.15) em que ele é alto e cilíndrico, apresentando as restantes o colo baixo e afunilado do nosso tipo 1.

Parece ter existido tradição muito forte para combinar a forma de cabaça com o colo baixo e evasado e a utilização do engobe vermelho. Isto aliado ao facto de quatorze destes vasos pertencerem à pasta I, conduz naturalmente à conclusão de que saíram todas da mesma oficina ou até das mãos do mesmo oleiro. Sendo assim, é muito para admirar que não se encontrem duas peças idênticas; cada uma tem as suas peculiares caneluras e mudança de curvatura.

A ausência de paralelos contemporâneos, fora de Portugal <sup>(214)</sup>, parece confirmar que estas bilhas tiveram uma produção bem localizada. No nosso território, embora seja difícil ou mesmo impossível encontrar paralelos exactos por causa das diferenças individuais já apontadas, o tipo genérico está representado na área de Eivas, em Constância, Aramenha e Farrobo. Uma peça isolada, no Museu de Évora, provém igualmente do Alentejo mas de sítio

<sup>(213)</sup> Os n.ºs F 4.10, G 3.7, G 3.15 e I 3.10 não apresentam sinais evidentes de engobe. As superfícies exteriores de G 3.7 e G 3.15 são bem polidas, o que parece contradizer a prévia existência de um revestimento; contudo, algumas áreas mostram um depósito avermelhado realmente semelhante ao engobe vermelho das outras bilhas. A superfície do n.º F 4.10 está tão completamente destruída que a possibilidade de ter existido um engobe não deve ser excluída. O n.º I 3.10 também apresenta a parede exterior polida.

<sup>(214)</sup> Uma forma semelhante, embora com colo alto, foi produzida no norte de África em «sigillata clara» durante o período Antonino-Severo. Mas será legítimo pensar que dois produtos tão distantes tenham possuído um protótipo comum?

desconhecido, por isso sem possibilidade de datação. Conserva vestígios de um engobe vermelho <sup>(215)</sup>.

Uma outra bilha, encontrada em Montargil <sup>(216)</sup>, não é comparável com a forma de qualquer das nossas, mas tem o mesmo tipo de engobe e a cor deste engobe e da pasta é muito semelhante.

O vaso do concelho de Constância, encontrado numa sepultura de fins do séc. i d.C. — inícios do séc. n, pode ser outra produção, pois diz-se que tem pasta cinzenta muito micácea <sup>(217)</sup>. A esse propósito, convém notar que a pasta pode ter sido contaminada pelo engobe que é às vezes muito micáceo. Muitos dos vasos de Santo André apresentam partículas de mica em áreas onde o engobe desapareceu, dando a impressão nítida de que também a pasta é micácea. Aramenha produziu dois exemplares, um em forma autêntica e outro em «falsa» cabaça, ambos de pasta «amarelada» com areia que pode ou não corresponder ao nosso tipo III <sup>(218)</sup>. Estas bilhas, mais a de Constância e o nosso n.º C 10.1, diferem da maioria dos exemplares de Santo André pelo facto de possuírem uma moldura no gargalo e bordo só muito ligeiramente evasado. Da região de Eivas apenas se conhece um exemplar publicado por A. Viana, encontrado na necrópole de Serrones <sup>(219)</sup>, com engobe vermelho e forma de «falsa» cabaça.

Temos assim um total de vinte e três bilhas em forma de cabaça, dezassete das quais provenientes da necrópole de Santo André e outra da mesma zona, o que abona a existência de uma oficina na área de Montargil; as restantes cinco foram encontradas nas proximidades <sup>(219a)</sup>.

<sup>(215)</sup> Agradecemos à directora do Museu Regional de Évora, Dr.<sup>a</sup> Alice Chicó, ter-nos chamado a atenção para esta peça e autorizado a examiná-la.

<sup>(216)</sup> *À Propos des Céramiques de Conimbriga*, n.º 18, p. 139, Est. III.

<sup>(217)</sup> ALARCÃO (J. de), *Sepultura luso-romana, descoberta no concelho de Constância*, em «Museu», 2.<sup>a</sup> série, n.º 10, 1966; n.º 11, p. 7, fig. 6.

<sup>(218)</sup> NEVES, *Aramenha*, n.ºs 32 e 33, p. 24, Est. V.

<sup>(219)</sup> VIANA e DIAS DE DEUS, *Nuevas Necropolis*, Serrones, n.º 45 da sep. 21, p. 27, fig. 18.

<sup>(219a)</sup> Depois de completado este estudo, tendo iniciado o da cerâmica comum romana do Museu de Vila Viçosa, proveniente de necrópoles do Alto-Alentejo, verificámos que existem ali pelo menos oito bilhas-cabaças. Na publicação da cerâmica de Vila Viçosa que faremos proximamente, voltaremos a ocupar-nos da origem deste tipo.

A cronologia destes vasos só pode, nas actuais condições, estabelecer-se com base nas peças de Constância e Serrones, que sugerem uma datação na segunda metade do séc. i e inícios do séc. ii d.C.

#### 4. *Garrafas cilíndricas*

Este grupo compreende três garrafas cilíndricas: o n.º I 3.11, da pasta III e os n.ºs D 15/16.9 e F 3.14, da pasta I. Possuem gargalos baixos e bordos evasados, afastando-se a primeira das outras duas por ser mais larga e ter a base carenada; encontram paralelos em Aramenha<sup>(220)</sup>, Valdoca<sup>(221)</sup>, Horta das Pinas<sup>(222)</sup>, e Farrobo<sup>(223)</sup>, cuja sepultura n.º 11, datada da primeira metade do séc. II d.C., continha um exemplar de ombro mais arredondado. Em Vindonissa apareceu um vaso inteiro e diversas bases do mesmo tipo, geralmente datados do séc. i, provavelmente de Cláudio aos Flávios, podendo talvez continuar no séc. II (224). Os perfis são mais cuidadosamente modelados com bases nitidamente carenadas ou arredondadas e apresentam muitas vezes caneluras ou ranhuras a acentuar a forma ou a decorar o bojo e o bordo. Contudo, as garrafas de Santo André pertencem basicamente ao mesmo tipo e deverão ter a mesma cronologia.

Esta forma pode ainda relacionar-se com a garrafa de vidro Isings tipo 51 b<sup>(225)</sup>, cuja datação flaviana coincide com a cronologia sugerida. O vaso de Valdoca foi, porém, encontrado conjuntamente com um prato de «sigillata clara» da segunda metade do séc. II d.C., o que sugere que este tipo teve longa duração, pois não é de crer que uma garrafa de cerâmica comum tenha sido conservada como herança durante dois séculos.

<sup>(220)</sup> NEVES, *Aramenha*, n.º 27, p. 23, Est. IY para o n.º D 15/16.9 e F 3.14; n.º 30 e 31, p. 23-24, Est. IV para o n.º I 3.11.

<sup>(221)</sup> ALARCÃO, *Valdoca*, n.º 4 da sep. 244, p. 65-66, Est. XVII para o n.º I 3.11.

<sup>(222)</sup> VIAN A e DIAS DE DEUS, *Campos de Urnas*, Horta das Pinas, n.º 87, p. 50, Est. VIII; n.º 159, p. 55, Est. XVIII para o n.º I 3.11; n.º 88, p. 50, Est. VIII para os n.ºs D 15/16.9 e F 3.14.

<sup>(223)</sup> ALARCÃO, *Farrobo*, n.º 2 da sep. 11, p. 9, Est. IV.

<sup>(224)</sup> ETTLINGER E SIMONETT, *Vindonissa*, n.ºs 530-535, p. 83-84, Est. 23.

<sup>(225)</sup> ISINGS, *Dated Finds*, tipo 51 b, p. 68-69.

5. *Formas afins* (226)

O cantil (n.º D 17.7) não é uma forma comum. Existe, no entanto, um paralelo muito próximo no museu de Sevilha, proveniente da necrópole de Alcalá de Guadaira (próximo daquela cidade) datado nos finais do séc. i e inícios do séc. n d.C. (227). Trata-se de um cantil ligeiramente mais pequeno que o de Santo André, de cor menos amarelada e pasta mais fina, mas cuja forma é exactamente a mesma. Mais dois vasos semelhantes foram encontrados nos fornos de Cartuja e consequentemente datados dos finais do séc. i d.C. a meados do séc. n (228).

Uma forma bastante semelhante foi produzida em «terra sigillata» sudgálica, em La Graufesenque, e em «terra sigillata» hispânica, apresentando exemplares lisos e outros decorados (229). Déchellette registou um cantil deste tipo em cerâmica de vidro amarelo (230). Ainda dentro da cerâmica comum, fabricou-se a mesma forma mas com um dos lados achatados como se fosse para ser pousada em vez de suspensa a partir de duas pequenas asas. Conhecem-se um exemplar de Richborough datado de fins do séc. i — inícios do séc. n d.C. (231), outro de proveniência desconhecida e conservado no museu de Ontário (232) e um terceiro, proveniente de um depósito selado em Córdoba, datado provavelmente de *circa* meados do séc. i d.C. (233). Estes dados permitem

(226) Trata-se dos n.ºs C 1.2, G 9.3, D 15/16.6, D 17.7, E 5.7, G 3.34.

(227) Agradecemos à directora do Museu Arqueológico de Sevilha, Dr.ª C. Fernandez-Chicarro, as informações prestadas sobre este vaso.

(228) SERRANO RAMOS, *Cartuja*, n.ºs 115 e 117, p. 256, fig. 13.

(229) HERMET (F.), *La Graufesenque*, Paris, 1934, publica diversos cantis (cf. p. 155-157) datados dos últimos três períodos de la Graufesenque, ou seja, Cláudio-Nero, Vespasiano e Domiciano-Trajano; MEZQUIRIZ, *Hispanica*, p. 102-103, Est. 20, 31, 254, 260, 308, refere que a forma 13 foi produzida primeiro na Gália mas continuou na Península Ibérica durante o séc. m.

(230) DÉCHELETTE (J.), *Les Vases Céramiques Ornés de la Gaule Romaine*, Paris, 1904, I, p. 63.

(231) PEARCE (R. W.), *Roman Coarse Ware*, em CUNLIFFE, *Richborough V*, n.º 526, p. 118, Est. LXXI.

(232) HAYES, *Ontario*, n.º 153, p. 33, fig. 10, Est. 19.

(233) GARCÍA Y BELLIDO (A.), *Los Hallazgos Cerámicos del Area del Templo Romano de Córdoba*, (Anejos de Archivo Español de Arqueología), n.º I C 1, p. 8, fig. 8.

situar a nossa peça no séc. i (mais provavelmente na 2.<sup>a</sup> metade) ou inícios do século seguinte.

O cantil lentóide é, evidentemente, uma forma muito antiga que remonta, pelo menos, ao estilo Marinho do Minóico tardio (234). Nos períodos seguintes foi sobretudo popular no Médio Oriente, onde devemos procurar a sua origem.

Jarros com bico tubular e coador feitos de cerâmica comum como o nosso n.º G 3.34 foram encontrados na Bética (235), nas necrópoles da Horta das Pinas (236) e El Padrillo (237) (área de Elvas-Badajoz).

A primeira necrópole data dos sécs. I-II d.C., enquanto o vaso encontrado na última provém de uma sepultura circunscrita aos finais do séc. i. A forma executou-se igualmente em «paredes finas» na região de Mérida e por isso encontra-se mais em sítios próximos daquela cidade (238). A infusa encontrada em Medellin apresentava, como a nossa, uma aguada branca, sendo a pasta de cor laranja e contendo muitos pequenos grãos de areia. É possível que se trate de uma produção semelhante ao vaso de Santo André, diferindo apenas na decoração de guilhoché. Uma cronologia de finais do séc. i — inícios do séc. n d.C. seria conveniente para o nosso exemplar.

(234) MARINATOS (S.) e HIRMER (M.), *Crete and Mycenae*, New York, 1960, fig. 87, p. 76 e 145.

(235) *Fouilles de Belo II*, Est. XXVIII; MAYET, *Parois Fines*, n.º 613, p. 114, Est. LXXIII.

(236) VIANA e DIAS DE DEUS, *Campos de Urnas*, n.º 126, p. 53, Est. XVII.

(237) DEL AMO, *Medellin*, n.º 5 da sep. 2, p. 67-68, fig. 5. A descrição da pasta, dada pelo Autor, deixa crer que se trata de cerâmica comum. Contudo, F. MAYET publica um vaso de El Padrillo com bico, de «paredes finas», que parece ser a mesma peça. É certo que o pé e o bordo parecem aqui mais cuidadosamente acabados e a pasta é fina, ocre claro (cf. MAYET, *Parois Fines*, n.º 609, p. 113) e não «laranja e grosseira» como diz DEL AMO ; as medidas diferem ligeiramente nas duas publicações. Embora duvidemos de que se trata de dois vasos diferentes, aceitamos a classificação que DEL AMO fez desta bilha como cerâmica comum.

(238) MAYET, *Parois Fines*, Forma LII, p. 112-114, Est. LXXIII.

(239) ID., *Ibid.*, p. 112-113.

Pensamos com Mayet (239) que este tipo de vaso não era com certeza um biberão, pois a sua capacidade seria grande de mais até para um adulto, e muitos dos bicos são tão largos que uma criancinha se engasgaria. O facto desta forma apresentar uma longa sobrevivência (até à época bizantina (240) mostra que ela correspondia a uma necessidade quotidiana. Poderá ter servido para preparar infusões de ervas como sugere Mayet ou talvez para coar natas do leite?

Não conseguimos encontrar termo de comparação para a decoração triangular do n.º G 1.2. A hipótese de que se trate de vestígios do arranque de duas asas é de ter em mente, embora a julgemos muito pouco provável visto as zonas superiores dos triângulos estarem muito bem acabadas e macias.

O jarro n.º D 15/16.6 é uma forma bastante específica por causa do colo muito baixo e largo. Não se encontram paralelos em Gonimbriga nem em Valdoca. No Padrãozinho (241) apareceu um jarro com boca trilobada cujo colo é um pouco mais alto e, no Farrobo (242), a parte superior de um jarro que parece ter tido uma forma muito semelhante à nossa. O espólio da sepultura de Farrobo data-a dos finais do séc. i ou do séc. n.

Hesitamos em sugerir um paralelo para o vaso n.º E 5.7, dado o seu perfil ser bastante conjectural devido à grande fragmentação da peça. Aparentemente, o seu perfil corresponde ao tipo genérico de pote representado pelo pote n.º 2 da sepultura 441 de Valdoca (243), datado da segunda metade do séc. i d.C. Contrariamente, pode admitir-se a possibilidade de lhe faltar uma asa, devendo nesse caso relacionar-se este vaso com o n.º G 9.3 e comparar ambos com o tipo Alarcão 380, de Gonimbriga (244), encon-

(240) HAYES, *Ontario*, n.º 329, p. 61, fig. 12, Est. 36.

(241) VIANA e DIAS DE DEUS, *Nuevas Necrópolis*, Padrãozinho, n.º 61 da sep. 15, p. 8, fig. 9, em «barro rojo».

(242) ALARCÃO, *Farrobo*, n.º 6 da sep. 32, p. 14 e 24, Est. VIII.

(243) ID., *Valdoca*, n.º 2 da sep. 441, p. 93, Est. XXXI.

(244) ID., *Comum*, n.º 380, p. 81, Est. XVIII.

trado num estrato flaviano, ou com uma peça similar do Padrãozinho (245). Nenhum destes paralelos tem, contudo, o ombro carenado do n.º E 5.7, suficientemente documentado pelos fragmentos existentes.

O n.º G 9.3 pode comparar-se aos dois vasos atrás referidos e ainda a outro proveniente de uma sepultura de Monte Mozinho (246) que uma moeda não permite situar antes de 351-354 d.G. A forma tão utilitária deste tipo de jarro ou pote com uma asa e boca muito larga deve ter-se usado tanto através dos tempos antigos como dos modernos; não se lhe pode atribuir uma cronologia definida.

### *Púcaros e copas*

Os púcaros de bojo ovalado, providos de duas asas, que se encontram em grande abundância na necrópoie de Santo André, são um tipo muito comum na cerâmica romana. Encontram-se abundantemente em regiões da Itália, onde o tipo aparece, nomeadamente, em Cosa (forma LXVIII), num fabrico que M. T. Marabini relaciona com a cerâmica de paredes finas do período Cláudio-Nero (247), pelo menos na sua fase inicial. Segundo Marabini, o ressalto que apresentam na junção bojo-bordo teria origem na cerâmica comum do período final de La Tène. Efectivamente, a forma já se encontrava em uso na Idade do Ferro, como o prova o achado da sepultura XXII da necrópoie de «Las Madrigueras». Aí, um púcaro semelhante aos de Santo André aparece associado a um prato de cerâmica pré-campaniense da forma 21 de Lamboglia, que Gorbea atribui à 1.ª metade do séc. iv a.C. a julgar pelo tipo das palmetas que o decoram (248). Em Pompado,

(245) VIANA e DIAS DE DEUS, *Nuevas Necrópolis*, Padrãozinho, n.º 62 da sep. 25, p. 11, fig. 9.

(246) ALMEIDA, *Monte Mozinho* (1974), sep. 1-74, p. 39, Est. VI-4.

(247) MARABINI, *Cosa*, n.ºs 431 a 433, p. 237, Est. 46 e 85.

(248) GORBEA (M. A.), *La Necropolis de «Las Madrigueras»*, *Carrascosa del Campo* (Cuenca), Biblioteca Praehistorica Hispanica, X, Madrid, 1969, n.º 6, sep. XXII, p. 55, fig. 27.

o tipo é comum e encontra-se em todos os níveis de ocupação <sup>(249)</sup>. O mesmo acontece nas necrópoles alentejanas escavadas por Abel Viana e outros, mas a sua apresentação fotográfica deficiente não nos permitiu uma busca de paralelos <sup>(250)</sup>.

Quanto à utilização, para Marabini trata-se de louça de cozinha, sem que, no entanto, se especifique o tipo de utilização que teriam <sup>(251)</sup>. Fouet, citando Golumela, atribui-lhes a função de guardar e/ou conservar provisões <sup>(252)</sup>. Segundo J. Alarcão, serviriam para dar de beber água ou vinho, trasvasar líquidos ou servir como jarros <sup>(253)</sup>.

Distinguimos dois grupos em função do perfil do bordo:

### 1. *Púcaros com bordo em quarto de círculo* <sup>(254)</sup>

São púcaros de base discoide ou plana, bojo ovoide provido de duas asas de rolo e bordo em quarto de círculo. Têm dimensões que oscilam entre 80 e 159 mm de altura.

Oito possuem uma canelura, mais ou menos larga, acima da raiz das asas. Quatro têm pastas do tipo I e levam engobe vermelho, o que lhes dava certamente um aspecto de louça mais requintada. Sete têm pastas do tipo III. Destes, três levam engobe vermelho. Quatro têm pastas dos tipos IV, V e VI.

Tanto em Hofheim, como na necrópole de Ventimiglia, encontraram-se formas semelhantes em cerâmica comum, que levam

<sup>(299)</sup> MEZQUIRIZ, *Pompado*, n.º 1, p. 289, fig. 135.

<sup>(250)</sup> Q<sub>YIANA</sub> (y #); DIAS DE DEUS (A.), *Necrópolis de la Torre das Arcas*, «Archivo Español de Arqueologia», Madrid, 1955, n.os 71, 75 e 88, Fig. 7; n.os 90, 91, 93, 95, 97, Fig. 8; **Id.**, *Campos de Urnas*, n.os 55(1), 55(7), Est. IV; n.º 54, Est. V; n.º 208, Est. VI; n.º 54, Est. VII; n.º 55, Est. IX; n.º 140, Est. XXI; n.º 151, Est. XXII; n.º 230 a 232 e 234, Est. XXIV; **Id.**, *Nuevas Necropolis*, n.º 23 a 25, 35 a 39, 44 a 48, 52 a 55, Fig. 8, n.º 89, Fig. 19 e n.º 113, Fig. 20.

<sup>(251)</sup> MARABINI, *Cosa*, p. 237.

<sup>(252)</sup> FOUET (G.), *La villa Gallo-Romaine de Montmaurin*, XX suplemento de «Gallia», Paris, 1969, p. 244.

<sup>(253)</sup> ALARCÃO, *Comum*, p. 34.

<sup>(254)</sup> Integram este grupo as seguintes peças: G 3.2, C 3.3, D 2.3, D 7(4), D 13.5, D 17.8; E 2.11, E 2.18, E 7.12, E 10.6, F 3.4, F 3.13, G 3.10, I 1.8, J 5.6.

um engobe vermelho. O exemplar de Hofheim está datado do período claudiano e o de Ventimiglia, da 2.<sup>a</sup> metade do séc. i d.C. (255).

Têm paralelo, quanto à forma, no n.º 16 da necrópole de Carmona (256), que Galan data da 1.<sup>a</sup> metade do séc. i d.C., por comparação com outros dois encontrados numa outra sepultura da mesma necrópole e publicados por Fernandez-Chicarro (257), e no n.º 3 da sepultura 7 da necrópole do Reguengo (Vaiamonte), que se encontrou associado a formas de «terra sigillata» hispânica atribuídas por Caeiro aos finais do séc. i e 1.º quartel do séc. n d.C. (258); no tipo 510 de Conimbriga, encontrado em estratos do séc. i e inícios do séc. n d.C. (259); num exemplar da colecção de Aramenha(260), decorado com linhas brunidas sobre o ombro, e na sepultura 28 da necrópole do Monte Farrobo (Aljustrel) (261), estes últimos sem indicação de cronologia.

Assemelham-se ainda ao n.º 1 da sepultura 247 e ao n.º 6 da sepultura 477 (este último decorado a rolete) da necrópole de Valdoca (262), onde o tipo aparece associado a lucernas do séc. i d.C., uma delas possivelmente atribuível ao período Cláudio-Flávios.

## 2. *Púcaros com bordo rectilíneo* (263)

São púcaros que apenas diferem dos anteriores pelo bordo que se apresenta rectilíneo e levemente inclinado para fora; no I 3.8 é muito inclinado e forma como que uma pequena aba.

(255) Citado por MARABINI, *Cosa*, p. 251.

(256) BENDALA GÁLAN (M.), *La necropolis romana de Carmona (Sevilla)*, I e II, Sevilla, 1976, n.º 16, p. 110, Est. XLV.

(257) Citado por GÁLAN, *op. cit.*, n.º 29 e 30, p. 119.

(258) CAEIRO, *Vaiamonte*, n.º 3, da sep. 7, p. 237, Est. LI 11.

(259) ALARCÃO, *Comum*, n.º 510, p. 92, Est. XXIV.

(260) NEVES, *Aramenha*, n.º 24, p. 21 e 22, Est. IV.

(261) ALARCÃO, *Farrobo*, sep. 28, p. 14 e Est. VIII.

(262) ALARCÃO, *Valdoca*, n.º 1 da sep. 247, p. 66, Est. XVIII e n.º 6 da sep. 477, p. 92, Est. XXXIV.

(263) Fazem parte deste grupo as seguintes peças: B 7.2, B 7.5, C 1.3, C 7.3, C 9.5, D 2.1 (3), D 13.3, E 3.1, E 6.7, E 7.3, E 7.17, F 1.2, G 3.5, G 3.6, I 1.5, I 1.6, I 3.8.

Oscilam entre 86 e 115 mm de altura. Quatro exemplares apresentam uma canelura acima da raiz das asas. Dois têm pasta do tipo I e levam engobe vermelho. Cinco, dos quais um leva engobe vermelho, têm pasta do tipo III; quatro, pastas do tipo V e dois, pastas do tipo VI.

A forma encontra-se em Mérida em cerâmica clara associada a uma lucerna do tipo Deneauve V, cuja datação não ultrapassa os fins do séc. i d.C. (264).

Têm paralelo nos n.º 1 da sepultura 1, n.º 1 da sepultura 101 e n.º 1 da sepultura 465 da necrópole de Valdoca (265). O primeiro encontrou-se associado a um prato de «sigillata clara» A da forma 3 de Lamboglia, que começou a fabricar-se na época de Trajano. Têm ainda paralelo no n.º 1 da sepultura 11, nos n.ºs 1 e 2 da sepultura 17 e na sepultura 25 da necrópole do Monte Farrobo (Aljustrel) (266). Os púcaros da sepultura 17 estavam associados a um prato de vidro incolor cujo início de fabrico se deve datar da época flaviana.

Assemelham-se aos púcaros n.ºs 23 e 25 da colecção de Aramenha (267). Têm ainda paralelo, quanto à forma, na variante A do tipo 510 de J. Alarcão (268), cuja datação cabe, como para o tipo 510, dentro do séc. i—inícios do séc. n d.C. Ainda em Conimbriga, encontra-se outra forma semelhante, o tipo 553 (decorado com uma faixa de estrias brunidas verticais) em cerâmica alaranjada fina (269) que aparece em canalizações flavianas e trajânicas e em estratos do séc. v d.C.

O n.º D 13.3 é um púcaro idêntico aos anteriores, de bordo revirado para fora e levemente engrossado. Possuía apenas uma \* 11

(264) GARCIA Y BELLIDO (A.), *Mérida, La Gran Necropolis Romana de la Salida del Puente. «Excavaciones Arqueológicas en España», Madrid*, 11, 1962, n.º 1, p. 11, fig. 8.

(265) ALARCÃO, *Valdoca*, n.º 1 da sep. 1, p. 8, Est. I; n.º 1 da sep. 101, p. 33, Est. VII e n.º 1 da sep. 465, p. 95, Est. XXXIII.

(266) ALARCÃO, *Farrobo*, n.º 1 da sep. 11, p. 9, Est. IV e n.º 1 e 2 da sep. 17, p. 10, Est. Y e sep. 25, p. 13, Est. VI.

(267) NEVES, *Aramenha*, n.º 23 e 25, p. 21 e 22, Est. IV.

(268) ALARCÃO, *Comum*, n.º 510 A, p. 92, Est. XXIV.

(269) *Id.*, *Ibid.*, n.º 553, p. 96, Est. XXVI.

asa, de que só se conserva o arranque. Apresenta pasta cinzenta fina integrável no tipo VI.

Cabe no tipo 47 de Mercedes Vegas, que a autora data desde a 2.<sup>a</sup> metade do séc. i até ao séc. m d.C. (270).

Assemble)ha-se ao n.º 1 da sepultura 493 da necrópole de Valdoca (271), que se encontrava associado a um prato de «sigillata clara» cuja ausência de engobe não permitiu uma classificação segura e ao n.º 1 da sepultura 470, sem indicação de cronologia.

A forma existe em Conimbriga em cerâmica cinzenta fina polida — tipo 468 com decoração brunida (272), encontrado em estratos remexidos do séc. i d.C.; e em cerâmica fina alaranjada — tipo 569, encontrado em níveis do séc. iv e v d.C. (273).

### *Copas (274)*

São taças asadas cuja forma se assemelha bastante à dos púcaros, dos quais diferem por serem proporcionalmente mais baixas e possuírem uma boca mais larga. Têm bojo bitroncocónico assente num pequeno pé. Do bordo, inclinado para fora, saem duas asas de fita larga com um sulco longitudinal. Os n.ºs C 8.4 e E 10.3 (com pastas do tipo III) foram encontrados muito fragmentados, conservando apenas a parte superior do bojo, o bordo e as asas, mas julgamos poder inseri-los neste grupo. Ambos têm o bordo engrossado formando um pequeno lábio em forma de pérola. O mesmo acontece com o n.º E 7.9; este, tal como o C 8.4, leva um ressalto na zona que liga o bojo ao bordo. O n.º D 17.4 leva dois ressaltos numa zona do bojo abaixo da raiz das asas. Excepto o n.º I 1.2 (pasta tipo II), possuem todas pastas de tipo III.

Têm semelhanças, quanto à forma, no n.º 113 de Vindonissa (275), que E. Ettlenger associa aos púcaros de duas asas a que

(270) VEGAS, *Común*, tipo 47, p. III e 112, fig. 40.

(271) ALARCÃO, *Valdoca*, n.º 1 da sep. 439, p. 92, Est. XXXII e n.º 1 da sep. 470, p. 96, Est. XXXIII.

(272) ALARCÃO, *Comum*, n.º 468, p. 89, Est. XXII.

(273) ID., *Ibid.*, n.º 569, p. 97, Est. XXVI.

(274) Trata-se das seguintes peças: G 8.4, D 17.4, D 19.7, E 7.9, E 10.3, F 4.5 e I 1.2.

(275) ETTLENGER, SIMONETT, *Vindonissa*, n.º 113, p. 23, Est. VII.

atribui uma datação flaviana, apontando-lhes um protótipo grego <sup>(276)</sup>.

Assemelham-se também ao púcaro n.º 1 da sepultura 24 da necrópole de Farrobo, este sem indicação de cronologia <sup>(277)</sup>. Talvez possam ainda aproximar-se da copa tipo 554 de Alarcão, em cerâmica alaranjada fina<sup>(278)</sup>.

Além das mencionadas, há quatro pequenas copas de parede carenada que teriam certamente como função dar de beber. As pastas pertencem aos tipos I, III, V e VI. Duas (n.º G 8.5 a e F 3.8) têm um pequeno bordo inclinado para fora e largas asas de fita; e o n.º C 4.1 (4) tem um bordo alto, vertical, que termina num pequeno lábio em forma de pérola. O n.º D 3.2 (4) assemelha-se a uma forma de «paredes finas» encontrada em Cosa na época de Cláudio <sup>(279)</sup>. Tem paralelo, quanto à forma, numa outra de cerâmica cinzenta (engobada a branco?) encontrada na necrópole do Monte Sardinha (Santiago do Cacém)<sup>(280)</sup> e datada, por comparação com a primeira, do período claudiano. Os n.ºs C 8.5a e F 3.8 lembram algumas copas de «paredes finas». O n.º C 8.5a possui mesmo as caneluras na raiz da asa, típicas dessas formas <sup>(281)</sup>. Em Conimbriga encontrou-se um tipo que nos parece semelhante — 497 —, em cerâmica siltosa, em estratos da época de Trajano <sup>(282)</sup> e para o qual J. Alarcão dá como paralelo a copa da sepultura 267 de Valdoca, esta sem materiais datáveis <sup>(283)</sup>. O n.º C 4.1 (4), em cerâmica cinzenta (tipo I), parece-nos constituir uma variante mais elaborada das copas carenadas cujos paralelos se apontaram acima. \* 27

<sup>(276)</sup> ID. *Ibid.*, p. 22.

<sup>(277)</sup> ALARCÃO, *Farrobo*, n.º 1 da sep. 24, p. 13, Est. VI.

<sup>(278)</sup> cf ALARCÃO, *Comum*, n.º 554, p. 96, Est. XXVI.

<sup>(279)</sup> MARABINI, *Cosa*, forma XLII, p. 180.

<sup>(280)</sup> FERRER DIAS (L.) e VIEGAS (J. R.), *Necrópole lusitano-romana de Monte Sardinha (S. Francisco da Serra)*, «Setúbal Arqueológica», II/III, 1976-1977, n.º 2, p. 355, Est. I.

<sup>(281)</sup> Cf. MAY ET, *Paroís Fines*, Est. LXXIX e LXXX.

<sup>(282)</sup> ALARCÃO, *Comum*, n.º 497, p. 91, Est. XXIII.

<sup>(288)</sup> ALARCÃO, *Valdoca*, sep. 267, p. 69, Est. XVIII.

*Pratos*

A necrópole de Santo André apresenta uma grande diversidade de perfis de pratos que agrupamos de seguinte modo:

1. Pratos feitos à mão.
2. Pratos de parede recta, bordo biselado e descaído para o interior.
3. Pratos de parede recta, bordo engrossado e revirado para o interior.
4. Pratos de parede arqueada e evasada e bordo arredondado.
5. Pratos de parede ligeiramente arqueada e bordo arredondado ou biselado.
6. Pratos de parede arqueada, bordo arredondado e ligeiramente revirado para o interior.
7. Pratos de parede contracurvada e bordo arredondado.

1. *Pratos feitos à mão* <sup>(284)</sup>

Trata-se de peças cuja modelação é demasiado rude e fortuita para que possam enquadrar-se numa tipologia de formas. Representam, certamente, a continuação de uma tradição cerâmica local originada na Idade do Ferro. De Conimbriga <sup>(285)</sup>, apenas se conhecem dois pratos feitos à mão, encontrados num contexto mal definido mas que se crê datarem da Idade do Ferro.

Só o n.º F 3.11, com a sua parede muito arredondada e curvada para o interior, tem forma bem definida. Encontra paralelo num prato de Aramenha <sup>(286)</sup>, o qual não pode, infelizmente, datar-se. Outro paralelo possível é o n.º 16 da série de vasos com engobe vermelho de Conimbriga <sup>(287)</sup> datado de post-Cláudio — fins do séc. i d.C.

<sup>(284)</sup> Este grupo compreende as peças: D 17.3, D 17.11, D 19.6, F 3.11, G 2.4, J 5.4.

<sup>(285)</sup> ALARCÃO, *Comum*, n.º 29, p. 46, Est. II.

<sup>(286)</sup> NEVES, *Aramenha*, n.º 2, p. 14, Est. III.

<sup>(287)</sup> *Fouilles de Conimbriga VI*, Céramique à engobe rouge non grésé, n.º 16, p. 52-53 e 55, Est. XII.

Pelo tipo de modelação poderia aproximar-se destes pratos a tacita n.º C 11.2. Todas as peças apresentam o mesmo tipo de pasta (III na nossa classificação) o que pode indicar uma mesma origem. Poderá perguntar-se se não foi a própria menina em cujo túmulo se encontrou (vide *supra*, p. 44) que produziu esta tacinha para brincar; e a ser assim, talvez se trate da filha de um oleiio local que cozeu a peça no seu forno.

## 2. *Pratos de parede recta, bordo biselado e descaído para o interior* <sup>(288)</sup>

Podem comparar-se aos pratos 102 e 103 da tipologia de J. Alarcão <sup>(289)</sup>, os quais são atribuídos a produção indígena. Foram encontrados em estratos datados de Cláudio e dos Flávios. A forma 384 da mesma tipologia, encontrada em depósitos flavianos e trajânicos, serve também de paralelo <sup>(290)</sup>. Os pratos n.ºs 6 e 7 da sepultura 6 e o n.º 4 da sepultura 7 de Vaiamonte <sup>(291)</sup> pertencem ao mesmo tipo geral, mas provavelmente a uma manufactura diferente: a orla superior é horizontal e não biselada como nos nossos exemplares.

Relacionado com este grupo está o n.º G 4.1 (2), que apresenta o bordo canelado e uma transição mais arredondada entre a parede e a base. Nos fornos de Cartuja (Granada) <sup>(292)</sup> encontrou-se um prato muito semelhante a este, datado entre os finais do séc. i d.C. e os meados do século seguinte.

Um termo de comparação tanto para o n.º E 7.7 como para o n.º G 4.1 (2) é o prato encontrado há alguns anos em S. Sebastião do Freixo <sup>(293)</sup>.

<sup>(288)</sup> Fazem parte deste grupo os seguintes números: E 5.8, E 5.15, E 7.7, I 3.2.

<sup>(289)</sup> ALARCÃO, *Comum*, n.ºs 102 e 103, p. 55, Est. VI.

<sup>(290)</sup> ID. *Ibid.*, n.º 384, p. 82, Est. XVIII.

<sup>(291)</sup> CAEIRO, *Vaiamonte*, p. 236-237, Est. LIII.

<sup>(292)</sup> SERRANO RAMOS, *Cartuja*, n.º 36, p. 247, fig. 5.

<sup>(293)</sup> BAIRRÃO OLEIRO (J. M.) e ALARCÃO (J. de), *Escavações em S. Sebastião do Freixo*, «Conimbriga», VIII, 1969, n.º 1 ou 2, p. 7, Est. I.

3. *Pratos de parede recta, bordo engrossado e reo irado para o interior* <sup>(294)</sup>

O tipo Gose 467 <sup>(295)</sup>, datado dos meados do séc. n d.C., é semelhante aos pratos aqui agrupados, especialmente ao n.º G 3.29. O bordo engrossado e voltado para dentro tem paralelo nos pratos n.os 1 e 6 de Aramenha <sup>(296)</sup> mas não encontrámos nada de semelhante entre os achados datados de Gonimbriga.

4. *Pratos de parede arqueada e evasada e bordo arredondado* <sup>(297)</sup>

Este grupo pode comparar-se aos tipos Alarcão 483 <sup>(298)</sup> ou Gose 465 <sup>(299)</sup>, o primeiro achado num estrato augustano e o segundo datado do reinado de Vespasiano.

5. *Pratos de parede ligeiramente arqueada e bordo arredondado ou biselado* <sup>(300)</sup>

Este grupo está provavelmente relacionado com o anterior, diferindo apenas no tamanho, que é maior, na parede mais espessa e no bordo, que é mais redondo ou facetado. Deve por isso aproximar-se do tipo Gose 465 <sup>(301)</sup>. Em Conimbriga, o tipo 635 <sup>(302)</sup>, datado dos sécs. iv-v d.C., é o paralelo mais aproximado. Conceição Neves publicou um prato semelhante proveniente de Aramenha <sup>(303)</sup> e na escavação dos fornos de Cartuja <sup>(304)</sup> (fins do séc. i — I.<sup>a</sup> metade do séc. ii d.C.) encontrou-se outra peça comparável.

<sup>(294)</sup> São os pratos: G 3.29, I 3.12, Dis. A.14.

<sup>(295)</sup> GOSE, *Gefäßstypen*, n.º 467, p. 40, Est. 45.

<sup>(296)</sup> NEVES, *Aramenha*, n.os 1 e 6, p. 16-17, Est. III.

<sup>(297)</sup> A este grupo pertencem as peças: C 8.7, E 7.8, F 4.6, J 5.7.

<sup>(298)</sup> ALARCÃO, *Comum*, n.º 483, p. 91, Est. XXIII.

<sup>(299)</sup> GOSE, *Gefäßstypen*, n.º 465, p. 40, Est. 45.

<sup>(300)</sup> Incluindo os n.os D 15/16.11, E 2.8, E 6.3, J 1.4; o prato I 2.13 com engobe vermelho aproxima-se deste grupo.

<sup>(301)</sup> GOSE, *Gefäßstypen*, n.º 465, p. 40, Est. 45.

<sup>(302)</sup> ALARCÃO, *Comum*, n.º 635, p. 107, Est. XXIX.

<sup>(303)</sup> NEVES, *Aramenha*, n.º 10, p. 17, Est. III.

<sup>(304)</sup> SERRANO RAMOS, *Cartuja*, n.º 28, p. 246, fig. 3.

6. *Pratos de parede arqueada, bordo arredondado e ligeiramente revirado para o interior* <sup>(305)</sup>

Este grupo liga-se também aos dois precedentes. O bordo é semelhante ao do tipo 5, embora um pouco curvado para o interior.

O paralelo mais próximo para a maior parte dos exemplares deste grupo é o tipo Gose 467 <sup>(306)</sup>, datado do séc. n d.G. Os n.ºs I 3.3, G 5.9 e E 2.14 são semelhantes ao tipo Alarcão 720 <sup>(307)</sup> situado no séc. v d.G. Em Monte Mozinho <sup>(308)</sup> encontrou-se uma forma muito parecida, com engobe a imitar o vermelho pompeiano, o que tem interesse especial para nós, visto os n.ºs C 5.9 e E 2.14 apresentarem o mesmo tipo de engobe. É pena que não se forneça uma informação precisa sobre o fabrico daquele prato. De Valdoca <sup>(309)</sup> conhecem-se dois pratos não datados, de tipo comparável; especialmente o n.º 1 da sepultura 18, está muito próximo do n.º C 7.6 pela base bastante arredondada. O n.º 1 da sepultura 22 e o nosso C 5.9 são igualmente bastante baixos. Finalmente, todo este grupo tem comparação com os n.ºs 8 e 9 de Aramenha <sup>(310)</sup> os quais, infelizmente, não pertencem a contextos datáveis.

O perfil do n.º E 2.14 encontra paralelo noutros pratos do séc. i d.C., igualmente cobertos com engobe de imitação de vermelho pompeiano: o n.º 12 de Gonimbriga <sup>(3n)</sup> e o n.º 35 de Cartuja <sup>(312)</sup>; contudo, os fabricos dos dois primeiros são muito diferentes é desconhecemos o do último.

<sup>(305)</sup> Integram este grupo as seguintes peças: G 5.9, G 7.6, E 2.14, E 5.5, I 3.3.

<sup>(306)</sup> GOSE, *Gefäßstypen*, n.º 467, p. 40, Est. 45.

<sup>(307)</sup> ALARCÃO, *Comum*, n.º 720, p. 113, Est. XXXV.

<sup>(308)</sup> ALMEIDA, *Monte Mozinho*, 1974, vala III, n.º 5, p. 46-47, Est. X.

<sup>(309)</sup> ALARCÃO, *Valdoca*, n.º 1 da sep. 18, p. 16, Est. III; n.º 1 da sep. 22, p. 16, Est. III.

<sup>(310)</sup> NEVES, *Aramenha*, n.ºs 8 e 9, p. 17, Est. III.

<sup>(3n)</sup> *Fouilles de Conimbriga*, VI, Céramique à engobe non grésé, n.º 12, p. 54-55, Est. XII.

<sup>(312)</sup> SERRANO RAMOS, *Cartuja*, n.º 35, p. 246, fig. 4.

7. *Pratos de parede contracurvada e bordo arredondado* <sup>(313)</sup>

Não pudemos encontrar paralelo seguramente datado para este grupo. Talvez deva integrar-se no tipo Alarcão 668 <sup>(314)</sup> imprecisamente datado «tardo-romano», uma vez que não se encontrou nenhum exemplar em depósitos estratificados. Julgamos, no entanto, que também pode relacionar-se com o tipo Gose 467, (séc. ii d.C.) já referido a propósito do grupo anterior. A parede interna do prato C 5.6 não é tão curvilínea como a das outras peças deste grupo, mas entendemos que cabe nele por causa da curva exterior e do formato do bordo.

O n.º F 3.3 apresenta certa afinidade com o n.º 1 da sepultura n.º 18 de Valdoca <sup>(315)</sup>.

Um bom paralelo para os dois pratos engobados deste grupo (n.ºs C 7.8 e C 5.6) é outra peça de Monte Mozinho <sup>(316)</sup>, classificada como «imitação fruste de vermelho pompeiano».

O n.º F 4.12 é difícil de classificar, pois seria uma malga ou um prato? Como a pasta (tipo VI) está mais próxima da da maioria dos pratos que da das malgas, optámos por incluí-lo aqui, embora não possa integrar-se em nenhum paralelo exacto, a menos que o prato n.º 115 da Horta das Pinas <sup>(317)</sup> possua a base arredondada que a fotografia sugere. O tipo Alarcão 163 <sup>(318)</sup>, que não conserva inteiramente a base, foi reconstituído em desenho com uma ligeira concavidade, mas pode ter sido convexo como o nosso; é classificado como de tradição indígena e provavelmente usou-se até fins do séc. i d.C.

A peça E 2.5 apresenta também dificuldades de classificação; pode ser tratada como malga ou talvez melhor como prato covo

<sup>(313)</sup> Fazem parte deste grupo os pratos: C 7.8, E 5.14, F 3.3, G 3.28, e possivelmente G 5.6.

<sup>(314)</sup> ALARCÃO, *Comum*, n.º 668, p. 109, Est. XXXII.

<sup>(315)</sup> *Id.*, *Valdoca*, n.º 1 da sep. 18, p. 16, Est. III.

<sup>(316)</sup> ALMEIDA, *Monte Mozinho*, 1974, sepultura 4-75, p. 45, Est. XT4.

<sup>(317)</sup> VIANA e DIAS DE DEUS, *Campos de Urnas*, Horta das Pinas, n.º 115, p. 55, Est. XIX.

<sup>(318)</sup> ALARCÃO, *Comum*, n.º 163, p. 63 e 511, Est. \ III. Esta forma encontrou-se em estratos pré-augustanos até ao século v d. C.

por causa da base simplesmente achatada. Tem certa afinidade com o tipo 176 de Conimbriga, e ainda mais semelhança com o tipo 625 <sup>(319)</sup>. Pode concluir-se que a forma conheceu um longo período de utilização visto o tipo 176 ser de cerâmica fina, cinzenta e polida encontrada em níveis augustanos e flavianos, e o tipo 625 ser de cerâmica fina alaranjada do Baixo Império.

O prato F 5.1, de que só resta a base, imitava provavelmente uma forma de «terra sigillata» como se depreende do pé alto circular, da ranhura interna e do espesso engobe vermelho. Poderá ter sido uma peça semelhante à forma 4 de Mezquiriz mas de fabrico regional enquanto a pasta é de tipo V.

Numa última tentativa para datar estes pratos, gostaríamos de lembrar as palavras de E. Ettlinger a propósito da cerâmica de Augster Thermen: «Die sorglos gebildeten, immer wieder variierenden Profilen machen vielfach einen recht zufälligen Eindruck, so das gewisse Eigenarten kaum etwas für die Zeitbestimmung aussagen können» <sup>(320)</sup>. A semelhança dos nossos grupos 5, 6 e 7 e do prato E 2.5 com alguns pratos tardo-imperiais de Conimbriga não obriga a colocá-los necessariamente nos sécs. iv ou v. A maior parte dos paralelos não contradiz a cronologia que a generalidade dos achados permite atribuir à necrópole de Santo André, ou seja, à 2.<sup>a</sup> metade do séc. i d.C. — inícios do séc. II, mas também não ajuda a datar com mais precisão qualquer das sepulturas.

### *Tigelas*

Este grupo compreende apenas sete exemplares de pequena dimensão <sup>(321)</sup>, na maior parte cobertos de engobe vermelho, que são evidentes imitações de formas de «terra sigillata», provavelmente resultantes de uma tentativa para abastecer o mercado da região com um produto local, mais barato. À excepção do n.º C 6.9,

<sup>(319)</sup> ID., *ibid.*, n.º 176, p. 64,152, Est. IX;n.º 625, p. 106,162, Est. XXIX.

<sup>(320)</sup> ETTLINGER, *Augster Thermen*, p. 99.

<sup>(321)</sup> São as seguintes peças: G 6.2, G 6.4, C 6.5, G 6.6 que conservam ao menos vestígios de engobe vermelho, e G 6.7, G 6.8 e C 6.9 sem qualquer engobe embora o péssimo estado de conservação da superfície nos leve a supor que poderiam ter tido esse acabamento.

que não pode classificar-se, todos os outros pertencem ao tipo da pasta III.

Curiosamente, este conjunto de tigelas provém de uma única sepultura. Algumas possuem forma aparentada com a Drag. 27 tardia <sup>(322)</sup>, enquanto uma — o n.º C 6.2 — imita a forma Drag. 36 e é reminescente das taças pré-romanas de tipo «tartesso-oriental», também cobertas de engobe vermelho <sup>(323)</sup>. Peças semelhantes à primeira forma encontraram-se em Valdoca <sup>(324)</sup> e Conimbriga <sup>(325)</sup>; a primeira, juntamente com um copo de vidro difícil de datar e a segunda, anterior ao séc. iv d.C. sem que se possa definir-lhe melhor a cronologia.

O n.º C 6.2 encontra paralelo em Conimbriga e Monte Mozinho. Este último tem engobe pouco espesso cor de ocre <sup>(326)</sup>; dos três exemplares de Conimbriga, um tem pasta fina, cinzenta, e foi encontrado num nível ílaviano, enquanto os outros dois, com engobe vermelho, não pertencem a contextos cronológicos definidos <sup>(327)</sup>.

Infelizmente nenhuma destas taças relacionadas pela forma com as de Santo André se lhe aparenta quanto à pasta.

### *Malgas*

Incluem-se sob esta designação <sup>(328)</sup> tigelas de grande dimensões <sup>(329)</sup>, completas ou quase completas, idênticas entre si quanto

<sup>(322)</sup> Le. n.ºs C 6.4, G 6.5, G 6.6, G 6.8 e provavelmente G 6.9.

<sup>(323)</sup> *Fouilles de Conimbriga*, VI, Céramiques préromaines, n.ºs 1-11, p. 3-5, Est. I.

<sup>(324)</sup> ALARCÃO, *Valdoca*, n.º 1 da sep. 16, p. 15, Est. II.

<sup>(325)</sup> ALARCÃO, *Comum*, n.º 619, p. 106, Est. XXIX.

<sup>(326)</sup> ALMEIDA, *Monte Mozinho* 1974, p. 50, Est. XI n.º 2.

<sup>(327)</sup> ALARCÃO, *Comum*, n.º 183, p. 65, Est. IX; *Fouilles de Conimbriga* VI, Céramique à engobe rouge non grésé, n.ºs 34 e 39, p. 56-57, Est. XIII.

<sup>(328)</sup> Para comodidade de expressão, decidimos chamar, convencionalmente, «malgas» às tigelas de grande dimensão e fabrico grosseiro, independentemente da sua forma.

<sup>(329)</sup> Fazem parte deste grupo as peças: B 2.(2), B 7.1 (1a), G 3.1, G 3.4, C 4.1 (2), G 8.14, C 9.2, D 1 (2), D 2.1 (2), D 2.2 (2), D 3.1 (3), D 3.2 (1), D 4.1 (1), D 6.1, D 7.(2), D 15/16.7, D 17.2, D 19.3, E 1.1 (2), E 1.2 (2), E 1.3.1 (2), E 2.3, E 5.9, E 5.17, E 6.1, E 6.2, E 6.9, E 10.1 (2), G 3.1, G 3.16, G 3.22, I 1.4, I 1.17, I 3.7, J 3 (2), J 5.1, e ainda G 2.1 e G 2.2.

à forma e dimensões, excepto os n.<sup>os</sup> G 2.1 e G 2.2. O diâmetro máximo varia entre 151 e 209 mm, enquanto a altura total vai de 59 até 91 mm.

Em muitos casos, estas malgas cobriam urnas funerárias, constituindo um tipo de cerâmica comum muito frequente em todas as necrópoles alentejanas até agora escavadas, ou seja, Farrobo, Valdoca, Chaminé, Padrãozinho, Padrão, e Serrones <sup>(330)</sup>. Pelo contrário, nenhuma malga idêntica foi encontrada em Conimbriga, onde parece não ter existido tal fabrico; apenas a forma encontra semelhança nos tipos Alarcão 166 e 166 A, uma produção antiga em cerâmica cinzenta fina e polida <sup>(331)</sup>.

Os n.<sup>os</sup> G 2.1 e G 2.2, sem o fundo exterior côncavo, observável em todas as restantes peças deste grupo, estão relacionados com os testos n.<sup>os</sup> C 1.1 (2) e D 12. (2), e não encontram paralelo em Valdoca nem em Farrobo. A qualidade da publicação das necrópoles de Alto Alentejo não permite uma comparação de pormenores, tais como saber se a base é plana ou côncava.

Esta forma tão utilitária deve ter sido produzida durante um longo período; por essa razão não sugerimos uma cronologia específica.

Três exemplares (n.<sup>os</sup> E 6.9, G 3.16, I 1.17) pertencem ao grupo da cerâmica de engobe vermelho. São do tipo mais comum, embora o seu tamanho seja marcadamente mais pequeno do que a média — variando o diâmetro máximo entre 115 e 139 mm. Podem comparar-se com uma tigela de Conimbriga classificada como imitação de «vermelho pompeiano» <sup>(332)</sup>, embora o fabrico seja

(33<sup>o</sup>) ALARCÃO, *Farrobo*, n.<sup>o</sup> 2 da sep. 8, p. 8, Est. I, n.<sup>o</sup> 2 da sep. 4, p. 7, Est. II, e n.<sup>o</sup> 1 da sep. 18, p. 11, Est. V. ALARCÃO, *Valdoca*, *passim*; VIANA E DIAS DE DEUS, *Campos de urnas*, exemplares das necrópoles de Horta das Pinas, Herdade do Padrão, Herdade da Chaminé, Est. IX, XVIII, XXI; **ID.**, *Nuevas Necropolis*, paralelos das necrópoles de Padrãozinho e Serrones, figs. 10, 11, 19, 20.

<sup>(331)</sup> ALARCÃO, *Comum*, n.<sup>os</sup> 166 e 166 A, p. 64, Est. VIII.

<sup>(332)</sup> *Fouilles de Conimbriga VI*, Céramiques à engobe rouge non grésé n.<sup>o</sup> 32, p. 56-57, Est. XIII.

bastante diferente, micáceo neste caso, enquanto as tigelas de Santo André apresentam pastas de tipo I ou IV.

O n.º I 1.4 cabe ainda neste grupo quanto à forma, mas tem pasta mais fina (tipo VI) e manufactura mais delicada.

### *Testos*

Os testos <sup>(333)</sup> encontrados em Santo André são todos cónicos, divergindo apenas desta forma tão básica e intuitiva o n.º B 3 (2), simples disco recortado, e o n.º C 8.5; à excepção deste último e do n.º F 4.8, apareceram todos os exemplares colocados sobre a urna nas respectivas sepulturas. As duas excepções pertenciam ao espólio de sepultura sem urnas, pelo que devem considerar-se oferendas funerárias.

Em Ampúrias <sup>(334)</sup> e Colchester <sup>(335)</sup> verifica-se um desenvolvimento da forma destes testos. Os mais antigos tendem a desenhar uma cúpula alta, se bem que já durante o reinado de Cláudio se tornem gradualmente mais baixos, aproximando-se da forma de um prato. Ao mesmo tempo, a pega deixa de ser um simples cilindro para constituir um elemento de prensão mais eficiente com os lados recortados. Torna-se difícil integrar os testos de Santo André neste esquema evolutivo, pois são quase todos de factura bastante grosseira e descuidada. Parece que a sua altura e a forma da asa são mais acidentais do que resultantes de um modelo preconcebido; não mostram o bordo engrossado que caracteriza testos que conhecemos da área renana e de Colchester. De um modo geral, eremos que têm bastante semelhança com os tipos Gose 556 e 557, ambos do tempo de Calígula <sup>(336)</sup>. O testo forma 187 de Fishbourne, com bordo simples indiferenciado, existia entre 43-270 d.C. <sup>(337)</sup> (períodos 1 e 2-3) e mostra que não se deve sugerir qualquer datação mais precisa para os exemplares tão semelhantes de Santo André. <sup>1</sup>

<sup>(333)</sup> São os seguintes n.ºs: B 3 (2), G 1.1 (2), C 8.5, D 3.1 (2), D 12 (2) D 13.1, E 1.4 (2), E 1.5.1 (2), F 4.8, J 4.1 (2).

<sup>(334)</sup> ALMAGRO, *Ampúrias* II, p. 140.

<sup>(335)</sup> HAWKES E HULL, *Camulodunum*, p. 273.

<sup>(336)</sup> GOSE, *Gefäßstypen*, n.ºs 556 e 557, p. 47, fig. 57.

<sup>(337)</sup> CUNLIFFE, *Fishbourne*, n.º 187, p. 214, fig. 104.

O tipo 422 de Conimbriga <sup>(338)</sup>, encontrado num nível flaviano, poderá ser citado como paralelo para os testos n.ºs D 12 (2), D 13.1, e E 1.4 (2). O último apresenta ainda alguma afinidade com um testo de Munigua <sup>(339)</sup>, datado do terceiro quartel do séc. i d.C. O mesmo número e o D 13.1 podem comparar-se com os testos provenientes dos fornos de Cartuja <sup>(340)</sup>, datados dos finais do séc. i e primeira metade do séc. n.

O n.º E 1.5.1 (2) é ligeiramente diferente das peças citadas pelo facto de possuir bordo moldurado e uma concavidade no topo exterior da asa. Além disso, pertence claramente a um fabrico mais cuidadoso e acabado e pode comparar-se com um testo de Colchester <sup>(341)</sup>, datado do período Cláudio-Nero, ou ainda um outro encontrado numa sepultura augustana de Ampúrias <sup>(U2)</sup>.

O disco B 3 (2) não é propriamente um testo, mas sim a adaptação de uma base de urna ou prato, cortada para tal fim. M. Vegas publicou uma tampa de ânfora quase em forma de disco (diâm. c. 102 mm.) <sup>(343)</sup>, datada do séc. i d.C., a qual pode ter sido igualmente uma base recortada, a avaliar pelo desenho. A frugalidade foi sempre uma virtude.

O testo C 8.5 tem forma mais detalhada, incluindo uma ranhura para encaixe na boca do vaso que cobria. Peças semelhantes foram encontradas em Iruña <sup>(344)</sup> e Augst <sup>(345)</sup>; o primeiro exemplar tem apenas 96 mm de diâmetro, pelo que é bastante mais pequeno; o de Augst está datado do séc. n d.C.

<sup>(338)</sup> ALARCÃO, *Comum*, n.º 422, p. 84, Est. XX.

<sup>(339)</sup> VEGAS, *Común*, tipo 17, n.º 5, p. 53, fig. 18.

<sup>(340)</sup> SERRANO RAMOS, *Cartuja*, n.ºs 7 e 10, p. 243, fig. 1.

<sup>(341)</sup> HAWKES E HULL, *Camulodunum*, n.º 10, p. 273, Est. LXXXV.

<sup>(342)</sup> ALMAGRO, *Ampurias II*, Inc. Ballesta 35-4, p. 36 e 68, fig. 34.

<sup>(343)</sup> VEGAS, *Comum*, tipo 62, n.º 5, p. 151, fig. 57.

<sup>(344)</sup> GALLO, *Iruña*, Sector K, p. 91, fig. 21-2.

<sup>(345)</sup> ETTLINGER, *Augster Thermen*, n.º 11, p. 99, Est. 18.

Os n.<sup>os</sup> C 8.5 e E 1.5.1 (2) têm. pasta de tipo I. Comparando-os com os n.<sup>os</sup> J 4.1 (2) ou D 13.1, por exemplo, confirmamos que a oficina regional cuja existência sugerimos, era igualmente capaz de uma produção cuidada e bem definida e de produtos mal concebidos e imperfeitos, embora não tão rudes como o fabrico da pasta III ilustrado pelo n.<sup>o</sup> C 1.1.

### *Potes e vasos afins*

Encontraram-se em Santo André vários potes e potinhos, sendo alguns, formas muito comuns, outros, tipos para os quais não conhecemos, por enquanto, paralelo na cerâmica comum encontrada em Portugal. Distribuimo-los por cinco grupos:

- 1) Potinhos
- 2) Potes de bojo ovoide
- 3) Potes de perfil sinuoso
- 4) Potes de perfil anguloso
- 5) Potes de bojo piriforme

#### 1. *Potinhos* <sup>(m)</sup>

São pequenos vasos de bojo ovóide, ombros marcados por um ressalto e pequeno bordo revirado para fora e ligeiramente envasado. O fundo exterior é percorrido por uma canelura. Apresentam a zona média do bojo decorada com uma rede de pequenos losangos impressos. O fabrico é uniformemente de tipo III. A decoração de pequenos losangos impressos é muito comum na época romana e parece uma cópia em negativo da decoração que M. T. Marabini chama «diamond shaped rouletting» <sup>(M7)</sup>, e F. Mayet «réticulé de losanges» <sup>(348)</sup>. Segundo Marabini <sup>(349)</sup>,

<sup>(36)</sup> Trata-se dos n.<sup>os</sup> D 1(4), J 3(3) e B 2(3).

<sup>f347)</sup> MARABINI, *Cosa*, p. 201, 202.

<sup>f348)</sup> MAYET, *Parois Fines*, p. 8 e 85.

<sup>(349)</sup> MARABINI, *Cosa*, p. 201, 202.

no final da época de La Tène, em Itália, teria havido uma preferência por este tipo de decoração que continuou em voga durante o período romano e se encontra em Hofheim na época de Cláudio. Em Basileia, aparece a mesma decoração em potes de forma idêntica aos de Santo André, que Fellman<sup>(350)</sup> atribui à época de Augusto. Também se encontra em Augst<sup>(351)</sup>, a decorar cerâmica cinzenta atribuída por E. Ettlinger ao séc. i d.C. Os potinhos deste tipo têm paralelo exacto nos que aparecem com relativa abundância nas necrópoles da região de Eivas<sup>(352)</sup>. Em Conimbriga, encontramos o mesmo tipo de decoração numa cerâmica fina de tom laranja pálido atribuída por J. Alarcão<sup>(353)</sup> a estratos do séc. i — inícios do séc. n d.C., e em cerâmica fina cinzenta<sup>(354)</sup> que o mesmo autor admite como «fabrico peninsular, talvez da própria Lusitânia», e se encontrou também na necrópole de Valdoca, no Monte Farrobo e em Aramenha<sup>(355)</sup>. Os achados de Santo André, em cerâmica fabricada na região, parecem confirmar esta afirmação. Quanto à forma, estes potinhos têm ainda paralelo num exemplar, não datado, de Aramenha, de cor negra «com ligeiro brilho (talvez um engobe)»<sup>(356)</sup>, sem decoração.

O n.º B 2 (3) designa um simples conjunto de fragmentos, incluindo o fundo e alguns fragmentos do bojo com decoração semelhante à dos potinhos incluídos neste tipo. Não se ilustra por não se poder reconstituir a forma.

(350) FELLMAN (R.), *Basel in Römischer Zeit*, X, Basileia, 1955, n.º 8, p. 96, Est. 6.

(351) ETLINGER, *Augster Thermen*, n.os 11 e 13, p. 94, Est. 14.

(352) VIANA e DIAS DE DEUS, *Campos de Urnas*, n.os 46, 48, 49 e 50, Est. VII e Est. X e n.os 137) 138j) 138a) Est. XX.

(353) ALARCÃO, *Comum*, n.os 514 a 518, p. 92 e 93, Est. XXIV.

(354) ID., *Ibid.*, n.os 606 a 608, p. 99 e 100, Est. XXVIII.

(355) ALARCÃO, *Valdoca*, p. 11 e ID., *Monte Farrobo*, p. 28.

(356) NEVES, *Aramenha*, n.os 19, p. 20, Est. III.

2. *Este grupo de potes de bojo ovoide apresenta três variantes:*

a) *Bordo simples voltado para*

São potes de bojo ovoide bastante largo (excepto os n.<sup>os</sup> I 2.4 e C 1.4, mais esguios) e bordo simplesmente voltado para fora. Quanto às pastas, os n.<sup>os</sup> D 15/16.4 e I 3.4 pertencem ao tipo I, o n.<sup>o</sup> G 1.4 ao tipo II e os restantes ao tipo III. Constituem uma forma muito comum nos cemitérios pré-flavianos e flavianos de Colónia, onde formam um tipo local muito importante vindo da tradição de La Tène. A forma do bojo, bem larga, é considerada por Hawkes e Hull (358) como tipicamente romana e universal no período dos Flávios. Têm paralelo muito próximo em Pollentia (Maiorca) (359), datado do séc. I d.C. e assemelham-se ao pote n.<sup>o</sup> 2 da sepultura 236 de Valdoca, sem datação (360). O n.<sup>o</sup> I 3.4 apresenta no bojo uma faixa decorada com uma rede de pequenos quadrados impressos. Trata-se de uma decoração muito semelhante à dos potinhos do grupo 1; em Camulodunum, uma decoração constituída por pequenas depressões aparece normalmente em duas faixas separadas por caneluras (361) em potes datados da época flaviana. É semelhante na forma e na decoração (aqui, pequenos losangos) ao tipo 514 de Conimbriga (36a), em cerâmica laranja pálido, encontrado em estratos do séc. I e inícios do séc. II d.C. Do pote n.<sup>o</sup> J 5.2 possuímos só o bordo e parte do bojo, junto ao fundo, o que é insuficiente para reconstituir o perfil em desenho; mesmo assim, julgamos poder inseri-lo neste grupo. O mesmo acontece com o n.<sup>o</sup> F 3.12, de que se conservam fragmentos do bordo, do bojo e do fundo; o bojo não termina directamente no bordo, como em todos os exemplares deste grupo, mas liga-se a

(357) Fazem parte deste grupo as seguintes peças: C 1.4, C 5.5, D 15/16.4, E 5.3, F 3.12 (?), F 4.7, G 3.9, G 3.11 (?), I 3.4, J 5.2 (?).

(358) HAWKES, HULL, *Camulodunum*, p. 237.

(359) VEGAS, *Pollentia*, n.<sup>o</sup> 4, p. 295, fig. 6.

(360) ALARCÃO, *Valdoca*, n.<sup>o</sup> 2, sep. 236, p. 64, Est. XVII.

(361) HAWKES, HULL, *Camulodunum*, n.<sup>o</sup> 108 b, p. 237, Est. LYI.

(362) ALARCÃO, *Comum*, n.<sup>o</sup> 514, p. 64, Est. XXIV.

um pequeno colo. Assemelha-se ao n.º 175 de Brixworth <sup>(363)</sup>, em cerâmica comum bege, datado dos Flávios a Trajano.

Inserimos ainda neste grupo, embora com reservas, o n.º G 3.12, cujo bordo não se encontrou, pelo que pode pertencer tanto a este grupo, como a qualquer das outras variantes. O n.º C 1.4 que é, como atrás dissemos, mais esguio do que a maior parte dos vasos deste tipo, tem o fundo exterior percorrido por uma canelura, o que constitui exceção dentro do grupo.

b) *Bordo semelhante ao anterior, mas engrossado* <sup>(364)</sup>

São potes de maiores dimensões mas perfil idêntico aos do grupo anterior e bordo nitidamente engrossado. Têm pastas dos tipos I, II e III. O n.º G 3.8 tem paralelo, quanto à forma, no n.º 2 da sepultura 11 da necrópole de Yaldoca, que continha materiais datáveis da 2.<sup>a</sup> metade do séc. n ou mesmo dos inícios do séc. ui d.C. <sup>(365)</sup>. O n.º C 8.6 assemelha-se ao tipo 539 de Gose em cerâmica preta com muitas areias, datado da 2.<sup>a</sup> metade do séc. ui d.C. <sup>(366)</sup>. Embora os paralelos encontrados tenham datações dos sécs. n e m, não julgamos dever atribuir-lhes datação diferente dos que integram o grupo 2.

c) *Bordo envasado* <sup>(367)</sup>

São potes de forma idêntica aos anteriores, mas de bordo envasado como para receber um testó, com pastas dos tipos I, II e III. À exceção do n.º D 19.4, cabem no tipo C de Brixworth, em cerâmica calcítica <sup>(368)</sup> que, segundo Woods, se tornou mais comum a partir da época flaviana. O n.º D 19.4, cujo bordo demasiado envasado não nos parece permitir o uso do testó, pertence ao tipo A de Brixworth e é semelhante ao n.º 180, em cerâmica

<sup>(363)</sup> WOODS, *Brixworth*, n.º 175, p. 25, fig. 24.

<sup>(364)</sup> Integram este grupo as seguintes peças: C 8.6, F 3.7, G 3.8.

<sup>(365)</sup> ALARCÃO, *Yaldoca*, n.º 2, sep. 11, p. 11 a 13, Est. II.

<sup>j366</sup> GOSE, *Gefäßstypen*, tipo 539, p. 45, Est. 54.

<sup>(367)</sup> Este grupo é constituído pelas seguintes peças: D 19.4, E 6.11, F 4.5, I 1.3.

<sup>(368)</sup> WOODS, *Brixworth*, n.os 192 a 195, p. 26 e 28, Est. 26.

cinzenta, datado do período flaviano ou anterior <sup>(369)</sup>. Potes de bordo envasado são muito comuns e aparecem nomeadamente em Pollentia (Maiorca), no séc. i a.C. <sup>(370)</sup> e em Tarragona, com materiais do séc. i d.G. <sup>(377)</sup>. Na necrópole de Valdoca, encontraram-se vários exemplares <sup>(372)</sup>, quase todos em sepulturas sem indicação de cronologia; o n.º 1 da sepultura 111, em cerâmica alaranjada, está associado a um jarro de vidro do tipo Isings 57 que se encontrou em Pompeia, o que lhe confere uma data de início de fabrico anterior a 79 d.C. <sup>(373)</sup>. Os tipos 337 e 338 de Conimbriga são potes de cerâmica alaranjada grosseira para uso de cozinha, que apresentam bordos semelhantes, provindo o último de um nível flaviano <sup>(374)</sup>.

3. *Este grupo de potes de perfil sinuoso admite duas subdivisões:*

a) *Colo alto* <sup>(375)</sup>

São vasos de perfil em S, pouco bojudos, possuindo um colo alto, ligeiramente inclinado para o exterior e terminando num pequeno lábio engrossado. O n.º C 6.3 tem os ombros marcados por uma canelura larga e pasta do tipo III; o n.º E 5.11, cujos ombros se apresentam lisos, tem pasta considerada incaracterística. Assemelham-se a formas de «paredes finas», caracterizadas por possuírem um colo bastante alto, e que por vezes apresentam uma pança mais bojuda, como sucede com a forma XXI de F. Mâyet, encontrada em Ibiza e atribuída à época de Augusto <sup>(376)</sup>.

<sup>(369)</sup> ID., *ibid.*, tipo A, n.º 180, p. 27, Est. 25.

<sup>(370)</sup> VEGAS, *Pollentia*, n.º 8, p. 278, fig. 2.

<sup>(371)</sup> RUGER (C. B.), *Römische Keramik aus dem Kreuzgang der Kathedrale von Tarragona* (Sonderdruck aus den Madrider Mitteilungen, 9) Heidelberg, 1968, n.º 8, p. 247, Est. 2.

<sup>(372)</sup> Cf. ALARCAO, *Valdoca*, n.º 2, sep. 99, p. 31, Est. VII; n.º 1, sep. III, p. 34, Est. VIII; sep. 245, p. 66, Est. XVIII.

<sup>(373)</sup> ID., *ibid.*, n.º 1, sep. III, p. 34, 35, Est. VIII.

<sup>(374)</sup> ALARCÃO, *Comum*, n.os 337 e 338, p. 78, Est. XVI.

<sup>(375)</sup> São apenas duas as peças deste grupo: G 6.3, E 5.11.

<sup>(376)</sup> MAYET, *Parois Fines*, n.º 195, p. 56, Est. XXVI, onde cita MARABINI, *Cosa*, n.º 161, forma XXXI, p. 100, 101, que seria urna forma muito semelhante datada da época de Augusto.

A forma tem paralelo no tipo 460 de Conimbriga, em cerâmica cinzenta fina polida, com exemplares encontrados em níveis Claudianos, flavianos e trajânicos <sup>(377)</sup> e no tipo 512 de Conimbriga em cerâmica siltosa. Ainda nesta cidade encontrou-se um exemplar aproximável, incluído nas cerâmicas comuns de importação e atribuído por J. Alarcão à «época de Cláudio (?), em todo o caso ao séc. i d.C.»<sup>(378 379)</sup>. O n.º E 5.11, cujos ombros não são marcados, tem paralelo quanto à forma em Thuin (Bélgica) na sepultura 22 b.C., infelizmente sem materiais datáveis, enquanto a necrópole está datada de fins do séc. n até ao 2.º terço do séc. m <sup>(378)</sup>.

b) *Colo baixo* <sup>(380)</sup>

Estes vasos constituem uma variante do grupo anterior, e caracterizam-se por terem um colo baixo e os ombros marcados por um ressalto largo (n.º D 3.2 (3) e G 4.3) ou uma canelura (n.º E 10.11). As pastas são dos tipos I, III e VI. O n.º G 4.3, em cerâmica cinzenta fina, leva uma decoração de pequenos losangos impressos numa larga faixa do bojo, tal como os potinhos do grupo 1 e o n.º I 3.4 do grupo 2a. Têm formas semelhantes os potinhos n.º 6 da sepultura 2, n.º 1 da sepultura 4 e n.º 4 da sepultura 6 da necrópole de El Padrillo, Medellín <sup>(381)</sup>. Na necrópole de Valdoca também se encontraram alguns potinhos de forma semelhante: o n.º 2 da sepultura 441 em cerâmica castanho clara, assemelha-se ao n.º E 10.11, e estava associado a uma taça de «paredes finas» que se pode datar a partir de Cláudio-Nero <sup>(382)</sup>.

<sup>(377)</sup> ALARCÃO, *Comum*, n.º 460, p. 87, 88, Est. XXII e n.º 512, p. 92, Est. XXIV.

<sup>(378)</sup> *Fouilles de Conimbriga*, VI, n.º 42, p. 76, Est. XVIII.

<sup>(379)</sup> FAIDER-FEYTMANS (G.), *La nécropole Gallo-Romaine de Thuin*, Fouilles du Musée de Mariemont, II, Bruxelles, 1965, sep. 22 b. C., p. 36 e p. 38.

<sup>(380)</sup> Integram este grupo as seguintes peças: D 3.2 (3), E 2.10, E 10.11 e G 4.3.

<sup>(381)</sup> DEL AMO, *Medellin*, n.º 6, sep. 2, p. 68, fig. 4; n.º 1, sep. 4, p. 73, fig. 10; n.º 4, sep. 6, p. 79, fig. 13.

<sup>(382)</sup> ALARCÃO, *Valdoca*, n.º 2, sep. 441, p. 93, Est. XXXI.

#### 4. *Pote de perfil anguloso*

É um potinho isolado (n.º D 1 (6)) cujo bojo forma um ângulo muito vivo com os ombros, que terminam directamente num pequeno lábio biselado; assenta num pé baixo. Tem pasta do tipo III e leva engobe preto. Assemelha-se ao tipo 320 de Gose (em cerâmica cinzenta cuja superfície apresenta um polimento negro), datado do último terço do séc. i d.G. <sup>(383)</sup>. Em Augst, aparecem urnas de forma parecida, em cerâmica cinzenta, atribuídas ao período claudiano, a que E. Ettlenger chama «Schultertopf» <sup>(384)</sup>. O mesmo perfil existe em Haltern, em cerâmica comum grosseira (tipo 94) e em Hofheim (tipos 112 a 115), sendo todos estes exemplares datáveis de meados do séc. i d.C. <sup>(385)</sup>. Um tipo de pote comparável, em «terra nigra», existe em Vindonissa <sup>(386)</sup>; segundo E. Ettlenger, tratar-se-ia de uma forma muito típica do período claudiano, inspirada em vasos metálicos. Também em Heidelberg aparece uma forma semelhante num estrato datado de Domiciano-Trajano <sup>(387)</sup>. Curioso é, porém, notar que todas as peças cuja forma é semelhante ao nosso exemplar são de dimensões muito maiores. Por enquanto, não lhe encontramos paralelo em Portugal.

#### 5. *Pote de bojo piriforme*

Este grupo conta com um só exemplar (n.º J 4.2) de pequeno pote com bojo piriforme e bordo revirado para fora e engrossado. Tem o fundo exterior percorrido por uma canelura formando um pequeno pé. A pasta é do tipo III. Assemelha-se, quanto à forma, ao tipo ill de Vindonissa em cerâmica esbranquiçada,

<sup>(383)</sup> GOSE, *Gefäßstypen*, tipo 320, p. 28, Est. 24.

<sup>(384)</sup> ETTLINGER, *Augster Thermen*, p. 95, Est. 15.

<sup>(385)</sup> Citado por ETTLINGER, *ibid.*, p. 95.

(3se) ETTLINGER, SIMONNETT, *Vindonissa*, n.º 73, p. 16 e 20, Est.5.

<sup>(387)</sup> HEUKEMES (B.), *Römische Keramik aus Heidelberg*, (Römisch-Germanische Kommission des Deutschen Archäologischen Instituts zu Frankfurt A. M., 8) Bona, 1964, n.º 62, Est. 14.

datado de meados do séc. i d.G. <sup>(388)</sup> e ao tipo 193 de Gose em cerâmica castanho avermelhada com engobe negro metalizado proveniente de Trier e datado do último terço do séc. n d.G. <sup>(389)</sup>. Tal como para o anterior, desconhecemos-lhe paralelo em Portugal.

### *Tachos* <sup>(390)</sup>

Este grupo é constituído por peças de bojo ovoide, baixas e largas, de ombros arredondados e bordo revirado para fora em forma de rim, que poderão classificar-se talvez com mais propriedade como tachos. Os n.ºs I 2.11 e I 3.9 têm, respectivamente, pastas dos tipos I e III, sendo o primeiro revestido de engobe preto; o n.º J 4.1 (1), que foi utilizado como urna funerária, tem pasta de tipo I. Bordos semelhantes aos dos exemplares de Santo André são comuns na cerâmica de tradição indígena encontrada em Córdoba, à qual é atribuída uma datação de Tibério a Cláudio; são cerâmicas de pasta negra e grosseira num dos casos <sup>(391)</sup> e em barro negro mate noutra caso <sup>(392)</sup>. Em Conimbriga, encontra-se uma cerâmica alaranjada, a que J. Alarcão atribui fabrico provavelmente local, com formas semelhantes às de Santo André. Trata-se dos tipos 352 e 353, o primeiro dos quais foi encontrado num nível flaviano <sup>(393)</sup>. Também na cerâmica calcítica daquela cidade, a forma é frequente e utilizada como louça de cozinha, sendo aquela que nos parece mais próxima, o tipo 420, datado da época de Trajano <sup>(394)</sup>. Algumas peças de forma idêntica surgem ainda em Conimbriga em níveis do séc. v d.C. <sup>(395)</sup>.

Forma de classificação difícil, o n.º G 5.4 é menos um pote do que uma taça cuja originalidade consiste no bordo que é

<sup>(388)</sup> ETTLINGER, SIMONNET, *Vindonissa*, n.º 111, p. 23, Est. 7.

<sup>(389)</sup> GOSE, *Gefässtypen*, tipo 193, p. 17, Est. 13.

<sup>(390)</sup> Integram este grupo as peças: I 3.9, I 2.11, J 4.1 (1).

<sup>(391)</sup> GARCIA Y BELLIDO (A.), *Los Hallazgos Cerámicos del Area del Templo Romano de Córdoba* «Anejos del Archivo Español de Arqueología, V», Madrid, 1970, n.º 18, p. 40, fig. 40.

<sup>(392)</sup> ID., *ibid.*, n.º 2, p. 64, 65, fig. 67.

<sup>(393)</sup> ALARCÃO, *Comum*, n.ºs 352 e 353, p. 79, Est. XVII.

<sup>(394)</sup> ID., *ibid.*, n.º 420, p. 84, Est. XX.

<sup>(395)</sup> ID., *ibid.*, n.º 694, p. III, Est. XXXIII.

reentrante, e possui como que urna aba puxada para baixo e agarada à parede do vaso hemisférico. É feita de cerâmica castanho amarelada com engobe cinzento escuro, e pasta sem paralelo. Trata-se de uma forma rara, para a qual não encontramos paralelo na bibliografia ao uosso alcance. O vaso que nos pareceu mais semelhante, quanto ao perfil, é a forma Drag. 24/25 em «terra sigillata», embora a taça de Santo André tenha dimensões muito maiores. Gose apresenta-nos, provenientes de Trier, dois potes cujos bordos se assemelham ao nosso; trata-se dos tipos 494 e 495 em cerâmica ocre e cuja datação é, respectivamente, o último terço do séc. i e o primeiro terço do séc. n d.G. <sup>(396)</sup>. Pode talvez aproximar-se também de uma terrina em cerâmica amarelo-rosada encontrada na sepultura 67 da necrópole de Valdoca <sup>(397)</sup>.

### *Urnas*

Dos 55 enterramentos com espólio arqueológico, apenas 25 continham urna funerária, sendo possível reconstituir 23 delas de modo a permitir um desenho digno de crédito.

Pela sua forma e dimensões, o n.º J 4.1 poderia classificar-se como tacho ou panela, incluindo-o no grupo 6 (dos potes) atrás descrito. Os restantes 22 possuem bojo igualmente ovoide mas mais alto e fechado; o diâmetro máximo ocorre na parte superior. Os bordos são todos curvados para fora ou oblíquos, apresentando alguns (como sucede no grupo n.º 4 abaixo descrito) uma reentrância para apoio da tampa. A maior parte das urnas estava na realidade coberta com uma malga (para o n.º G 4 (1) usou-se uma frigideira); como vimos anteriormente, encontraram-se poucos testos relativamente ao número de urnas. Por outro lado, os n.ºs F 2 (1) e F 3.1 apareceram sem qualquer objecto que pudesse servir para cobri-los.

Todas estas urnas pertencem ao grupo 1 da tipologia estabelecida por Mercedes Végas <sup>(398)</sup>. São urnas de bordo voltado para

<sup>(396)</sup> GOSE, *Gefäßstypen*, tipo 494 e 495, p. 42, Est. 47.

<sup>(397)</sup> ALARCÃO, *Valdoca*, n.º 1, sep. 67, p. 28, Est. VI.

<sup>(398)</sup> VEGAS, *Común*, p. 11-14, fig. 1-2.

fora e que apareceram em todas as suas variações onde quer e sempre que existiu uma ocupação romana <sup>(399)</sup>. É aparentemente difícil ou mesmo impossível separá-las em grupos melhor definidos e que se mostrem significativos.

Encontrámos a maior dificuldade na busca de paralelos; embora o tipo básico tenha tido grande difusão, as inúmeras produções locais acarretavam pequenas diferenças de pormenor que fazem com que as urnas sejam diferentes de estação para estação. Assim sucede com as necrópoles de Farrobo <sup>(400)</sup>, Aramenha <sup>(401)</sup> e Meddelin <sup>(402)</sup>, encontrando-se apenas um ou dois paralelos em Valdoca <sup>(403)</sup> e Gonimbriga <sup>(404)</sup>. Tal facto parece indicar que mesmo sítios tão próximos, como aqueles, de Santo André, eram fornecidos por diferentes oficinas de cerâmica comum, pelo menos relativamente a peças grandes, pouco maneáveis, o que refoiça a nossa hipótese de uma olaria «local». Em face disso, é especialmente lamentável que a publicação das necrópoles de zona de Eivas seja de tal qualidade que não permita a comparação das formas.

Para uma melhor caracterização das variantes registadas em Santo André, estabelecemos os seguintes grupos:

1. Urnas com duas asas de fita.
2. Urnas de bordo recto e oblíquo.
3. Urnas de bordo em amêndoa, revirado para o exterior.
4. Urnas de bordo arqueado e revirado para <sup>1</sup> o interior.
5. Urnas de bordo revirado para o exterior e cavado no dorso para receber testo.
6. Urnas de bordo evasado.

<sup>(399)</sup> ID., *ibid.*, p. 11.

<sup>(400)</sup> ALARCÃO, *Farrobo*.

<sup>(401)</sup> NEVES, *Aramenha*.

<sup>(402)</sup> DEL AMO, *Medellin*,

<sup>(403)</sup> ALARCÃO, *Valdoca*.

<sup>(404)</sup> ID., *Comum*.

### 1. *Urnas com duas asas*

São todas integráveis na pasta tipo I e apresentam diferenças de bordo:

#### a) *Bordo arredondado ou biselado*

Incluem-se os n.ºs B 7.1 (1), D 3.2 (2) e J 3.1, comparáveis a uma urna flaviana de Gonimbriga <sup>(405)</sup>.

#### b) *Bordo sulcado na parte superior*

Esta variante (n.ºs D 3.1 (1) e D 7 (1) não tem paralelo exacto.

### 2. *Urnas de bordo recto e oblíquo*

Este grupo compreende os n.ºs B 2 (1), C 1.1, E 1.2 (1) e F 2 (1), todos de pasta tipo I, com paralelo em Valdoca e Conimbriga, datando o último de Trajano <sup>(406)</sup>.

O n.º C 1.1 varia ligeiramente pelo facto de ter uma acentuada carena interior entre o corpo e o bordo, enquanto o n.º E 1.2 (1) apresenta uma estreita ranhura na curva interna. O bordo ligeiramente engrossado do n.º F 2.1 aparece também numa urna nero-vespasiânica de Monte Mozinho <sup>(407)</sup>.

<sup>(405)</sup> ID., *ibid.*, n.º 590, p. 98, Est. XXVIII.

<sup>(406)</sup> ID., *Valdoca*, n.º 2 da sep. 288, p. 71, Est. XXI; ID., *Comum*, n.º 403 B, p. 83, 158 Est. XIX.

<sup>(407)</sup> ALMEIDA (C. A. FERREIRA DE), *Escavações do Monte Mozinho*, II, 1975-1976, Pen afiei, 1977, p. 17, Est. X-2.

### 3. *Urnas de bordo em amêndoa, revirado para o exterior*

Este grupo inclui peças com pastas III, IV e VI, e nenhuma de tipo I. Apresenta duas variantes:

#### a) *Bordo engrossado dos dois lados*

Compreendendo os n.ºs B 3.1 e D 12 (1), este tipo pode comparar-se com uma urna encontrada em Ampúrias juntamente com um prato de «sigillata» Drag. 17 (408). Embora o bordo seja semelhante, o corpo é mais redondo, menos ovoide que o da peça de Santo André e tal paralelo não deve ser tido como válido para efeitos de datação.

#### b) *Bordo engrossado só na sobarba*

Os n.ºs C 4.1 (1), D 2.1 (1) e E 1.3.1 (1) pertencem a este tipo apesar da discrepância de tamanhos entre o segundo e os outros dois. Não têm paralelo.

### 4. *Urnas de bordo arqueado e revirado para o interior*

Apresentam duas variantes, sendo todos os exemplares de pasta tipo I:

#### a) *Bordo levemente arqueado*

Os n.ºs D 1 (1), E 10.1 (1) e F 3.1 podem comparar-se com a urna 245 de Valdoca (409).

#### b) *Bordo em forma de S*

Os n.ºs D 2.2 (1) e E 1.4 (1) apresentam o bordo contracurvado como a urna tipo C de Brixworth (410) datada do período antonino pelo mais tardar.

(408) ALMAGRO, *Ampúrias II, Inc. Patel* 11 n.º 5, p. 240, fig. 211.

(409) ALARCÃO, *Valdoca*, n.º 245, p. 66, Est. XVIII.

(410) WOODS (P. J.), *Brixworth excavations, Vol. I, The Romano-British Villa* (1965-70;), Londres, n.º 201, p. 28, fig. 27.

5. *Urnas de bordo revirado para o exterior e cavado no dorso para receber testos*

Registámos um só exemplar deste tipo (n.º D 4.1 (2)), coberto com uma malga e não um testos apropriado ao bordo. As urnas do tipo A de Brixworth <sup>(411)</sup> (pré-trajânico) apresentam o mesmo bordo vertical, provido de entalhe, mas não é possível apontar um paralelo específico.

6. *Urnas de bordo evasado*

Reunimos aqui duas urnas (E 1.1 (1) e G 4.1 (1)) que têm o bordo ligeiramente arredondado, curvado para fora, e que não cabem em qualquer dos grupos precedentes nem têm paralelo noutra estação. A primeira apresenta uma ranhura fina no lado inferior do bordo, enquanto a última tem uma canelura na orla do lábio como o grupo la.

O que foi dito mostia que não é possível propor uma datação válida para estas urnas. Apenas se pode reafirmar o que se disse para outras categorias aqui estudadas: os paralelos encontrados não contradizem uma cronologia da segunda metade do séc. i — inícios do séc. n.

Achados diversos

São poucos, ainda que diversificados, os pequenos objectos ligados à *toilette* e ao adorno pessoal, às distrações e à profissão.

*Marcas de jogo*

Na sepultura E 7 encontramos duas marcas de jogo.

E 7.13 é um pequeno disco plano, pouco espesso, de cor alaranjada, obtido a partir de um fragmento do bojo ou do fundo de

(411) ID., *ibid.*, Tipo A, p. 26 fig. 25.

uma vasilha de cerâmica comum. E 7.14 é um fundo, provavelmente de um púcaro, cortado de forma a imitar um hexágono.

Encontram-se marcas de jogo em osso com relativa frequência; no entanto, em cerâmica comum parecem ser bastante raras, ou então têm sido negligenciadas pelos arqueólogos, já que foram muito poucas as que encontrámos na bibliografia ao nosso alcance.

Wacher publica uma, encontrada em Bough-on-Humber <sup>(412)</sup>, num nível do séc. iv d.C. Têm igual cronologia aquelas que Brannigan encontrou na vila romana de Gatcombe <sup>(413)</sup>.

Em Conimbriga <sup>(414)</sup> encontraram-se várias em cerâmica fina cinzenta e alaranjada em níveis que vão desde o da construção do forum flaviano até ao séc. v. Também no Castelo de Alcácer do Sal surgiram algumas que ainda se conservam inéditas.

#### *Pedra de «oculista»*

O n.º D 15/16.13 é uma placa de xisto, rectangular, de lados talhados em bisel. Tem ainda preso à superfície um pedaço de ferro que deve ter pertencido a uma espátula com que sobre ela se preparariam os unguentos. É uma peça bastante comum, encontrando-se na necrópole de Ampúrias, associada a materiais datados a partir de Cláudio <sup>(415)</sup> e em Verulamium com uma cronologia de 115-130 d.C. <sup>(416)</sup>.

Em Portugal encontraram-se dois exemplares em Conimbriga <sup>(417)</sup>, sem indicação de cronologia; e outro na necrópole de Farrobo, na sepultura 32 <sup>(418)</sup>, com uma datação de fins do séc. i — inícios do séc. n d.C.

<sup>(412)</sup> WACHER (J. S.), *Excavations at Bough-on-Humber, 1958-1961*, Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London, XXV, Londres, 1969, n.º 326, p. 165, Est. 65.

<sup>(413)</sup> BRANNIGAN (K.), *Gatcombe Roman Villa*, «British Archaeological Reports», 44, Oxford, 1977, n.ºs 372 a 378, Est. 23.

<sup>(414)</sup> FOUILLES de Conimbriga VII, n.ºs 206 a 216, p. 180, Est. XLIX.

<sup>(415)</sup> ALMAGRO, *Ampúrias II*, Inc. Torres, Sep. n.º 7, n.ºs 13 e 14, p. 148, 149, fig. 116.

<sup>(416)</sup> FRERE, *Verulamium*, n.º 229, p. 156, Est. 58.

<sup>(417)</sup> FRANÇA (E. A.), *Objectos de toilette de Conimbriga*, «Conimbriga», X, 1971, n.º 28, p. 23, Est. II; *Fouilles de Conimbriga VII*, n.º 277, p. 150, Est. XXXVI.

<sup>(418)</sup> ALARCAO, *Farrobo*, n.º 3, sep. 32, p. 14, Est. IX.

*Brincos*

O par de brincos encontrado na urna G 4 tem uma forma muito simples. São constituídos por um fio delgado de ouro cujas extremidades se prendem num longo gancho em forma de S. O segmento mais fino deveria levar enfiadas contas de vidro ou pedras preciosas ou semi-preciosas de que não se acharam vestígios. Brincos como estes encontraram-se no Egipto (em retratos de múmias e em sarcófagos dos sécs. i e  $\pi$  d.C.) assim como em Zara e em Salónica (419).

Têm paralelo exacto num exemplar da colecção do Museu Britânico (420) datado do séc. i- $\pi$  d.C. e num outro da colecção do Museu de Mogúncia (421), sem indicação de proveniência ou de cronologia. Ambos possuem as contas que os exemplares de Santo André provavelmente perderam.

*Anéis*

Um dos anéis encontrados (n.º G 10.4a) é de ferro e leva uma pedra oval de calcedónia, cortada de modo a aproveitar uma face mais escura e outra mais clara, apresentando uma águia e uma cornucòpia gravadas de forma muito esquemática. A águia poderia ser considerada como a mensageira, e por vezes mesmo, como a personificação de Jupiter Optimus Maximus (422). A cornucòpia representaria o símbolo da abundância e da fortuna, sendo frequentemente associada a outros símbolos de bom agouro. Os anéis de sinete foram muito comuns na época imperial; segundo

(419) HIGGINS (R. A.), *Greek and Roman Jewellery*, Londres, 1961, p. 184.

(420) MARSHALL (F. H.), *Catalogue of the Jewellery Greek, Etruscan and Roman in the Department of Antiquities*, British Museum, Oxford, 1969, n.º 2680, p. 308, Est. LII.

(421) BÖHME (A.), *Schmuck der Römischen Frau* (Kleine Schriften zur Kenntnis der Römischen Besetzungsgeschichte Südwestdeutschlands, 11) Estugarda, 1974, p. 8, Est. 9.

(422) TODD (M.), *The Roman fort at Great Casterton*, Rutland, Nottingham, 1968, p. 53.

Richmond <sup>(423)</sup>, um anel de ferro deste tipo teria pertencido a alguém com um lugar não inferior ao de um «*equus Romanus*».

A gema de Santo André tem paralelo exacto noutra existente no Museu de Aquileia <sup>(424)</sup>, que Sena Chiesa atribui à oficina dos Dioscuros. A mais importante, do ponto de vista quantitativo, entre as que esta autora identificou, teve muitos artesãos, o que explicaria os diferentes níveis estilísticos que os entalhes apresentam; estaria organizada para trabalhar em série repetindo os mesmos motivos com pequenas variantes de desenho, por vezes muito sumário. Uma pedra com todas as possibilidades, segundo Sena Chiesa, de pertencer à mesma oficina, e representando Castor e o Cavalo, foi encontrada numa sepultura de Tessina, com moedas de Augusto e Cláudio <sup>(425)</sup>.

Encontrou-se ainda um anel de prata de aro filiforme (n.º E 10.12a), muito provavelmente uma simples aliança, e outro de vidro (n.º C 11.4) analisado no capítulo sobre vidros.

### *Fibulas*

Em Santo André apareceram sete fibulas e um fragmento de aro de uma fibula anular <sup>(426)</sup>. Cinco dos exemplares são anulares <sup>(427)</sup> e cabem no tipo B 1 de E. Fowler; os outros dois cabem no tipo C de Aucissa <sup>(428)</sup>, assim chamado por aparecer frequentemente assinado com o nome do fabricante.

As fibulas anulares são constituídas por um aro de forma e secção circulares, cujos extremos dobram para fora e terminam em botões. Têm fusilhão recto. O tipo B 1 é datado por E. Fowler

<sup>(423)</sup> RICHMOND (I. A.), *The Roman Fort at South Shields: A Guide* p. 13, 14; citado por TODD, *op. cit.*, p. 53.

<sup>(424)</sup> SENA CHIESA (G.), *Gemme del Museo Nazionale di Aquileia*, Pádua, 1966, n.º 1275, p. 382, Est. LXIV.

<sup>(425)</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 62, cita SIMONETT, *Tessiner Graberfelder*, p. 130.

<sup>(426)</sup> Agradecemos à Dr.<sup>a</sup> Sálete da Ponte, do Museu Monográfico de Conimbriga, as indicações que nos deu sobre as fibulas.

<sup>(427)</sup> Trata-se dos seguintes n.ºs: B 5.9, C 1.5, D 3.1 (6), D 17.9 e E 10.14.

<sup>(428)</sup> São os n.ºs C 10.4 e F 2 (3).

do séc. I d. G. <sup>(429)</sup>. Derivam das fíbulas anulares de aro interrompido, cujo exemplar mais antigo foi encontrado num cemitério de Pernant (Aisne), região do Marne (França), associado a um torques e dois braceletes do séc. iv a.C. <sup>(430)</sup>. Ainda, segundo Fowler, teriam aparecido na Península Ibérica a partir do séc. i a.C. nos castros ibéricos e em Numância <sup>(431)</sup>. Continuaram em uso durante os séculos II e III d.C. <sup>(432)</sup>. Fíbulas anulares como as de Santo André encontram-se em Hod Hill <sup>(433)</sup> sem indicação de cronologia, no castelo de Straubing-Sorviodorum <sup>(434)</sup> datado a partir de 76 d.C. e no castelo de Rheingonheim <sup>(435)</sup>, cuja ocupação não teria ultrapassado o período de Vespasiano. Em Portugal, existem paralelos em Conimbriga <sup>(436)</sup>, em Briteiros, no castro de Sabroso <sup>(437)</sup> que Hawkes afirma ter sido abandonado cerca de 30 a.C. <sup>(438)</sup>, no Monte Mozinho <sup>(439)</sup> e nas necrópoles escavadas por Abel Viana e outros <sup>(440)</sup>. A fibula B 5.9, embora pertencendo ao tipo B 1 de E. Fowler, tal como as anteriores, apresenta características que a singularizam. O aro, cuja secção é a de uma roda

<sup>(429)</sup> FOWLER, *Penannular Brooch*, p. 151.

<sup>(430)</sup> STEWART (F.), *Marnian Light on Iberian Penannular Brooches*, «Antiquity», XLVI, S. 1972, p. 216 a 218.

<sup>(431)</sup> FOWLER, *Penannular Brooch*, p. 149.

<sup>(432)</sup> ID., *ibid.*, p. 172.

<sup>(433)</sup> BRAILSFORD, *Hod Hill*, n.º E 5 e E 7, p. 12, fig. 11.

<sup>(434)</sup> WALKE (N.), *Das Bömische Donaukastell Straubing-Sorviodorum* (Limesforschungen-Studien zur Organisation der Romischen Reichsgrenze an Rhein und Donau), 3, Berlim, 1965, n.ºs 1 e 2, p. 148, Est. 97.

<sup>(435)</sup> ULBERT (G.), *Das Fruhrömische Kastell Rheingonheim, Die Funde aus den Jahren 1912 und 1913*, (Limesforschungen Studien zur Organisation der Romischen Reichsgrenze an Rhein und Donau), 9, Berlim, 1969, n.º 21, p. 38, Est. 25.

<sup>(436)</sup> PONTE (S.), *Fíbulas Pré-romanas e Romanas de Conimbriga*, «Conimbriga», XII, 1973, n.ºs 56 a 72, p. 189, 190, Est. XI a XIII, e *Fouilles de Conimbriga VII*, n.ºs 68, 69, p. 120, 126, Est. XXVIII.

<sup>(437)</sup> Fortes (J.), *Fíbulas e Fivelas*, «O Arqueólogo Português», IX, 1904, p. 6 a 9, Est. 7a, 8a, 10a, b, c, 11a, b, c.

<sup>(438)</sup> Citado por STEWARD (F.), *op. cit.*, p. 216.

<sup>(439)</sup> ALMEIDA, *Monte Mozinho*, 1974, n.º 9, Est. XXX, e ID., *Escavações no Monte Mozinho*, II, 1975-1976, Penafiel, 1977, n.º 4 e 5, Est. I.

<sup>(440)</sup> VIANA e DIAS DE DEUS, *Campos de Urnas*, n.º 97 (2), Est. XII e n.º 194, Est. XXIII; ID., *Nuevas Necropolis*, n.º 143, fig. 11 e n.º 93 e 94 e 139, fig. 20.

dentada, tem a parte central decorada com estreitas faixas em espiral, sendo algumas destas, por sua vez, decoradas com pequenas incisões paralelas. O anel do fusilhão é em forma de fita, decorado com incisões paralelas, assim como a linha média dos botões bicónicos. Esta forma ocorre com frequência nos castros celtibéricos, nomeadamente em Numância, no séc. n a.G. <sup>(441)</sup>; porém, a sua presença é ainda assinalada nos primeiros anos do império romano <sup>(442)</sup>. Para esta fibula não encontrámos paralelo na bibliografia ao nosso alcance.

A fibula F 2 (3) pertence ao tipo G de Aucissa, caracterizado por ter o arco em fita de secção semi-circular, e cujas origens remontam aos últimos anos do séc. i a.G., tal como o provam achados diversos na Gália, em Oberaden e Haltern <sup>(443)</sup>.

Trata-se de um exemplar muito simples e quase sem decoração; somente a parte superior do arco parece ter sido decorada com linhas incisivas que estão agora quase totalmente desaparecidas; o pé termina num botão cónico e o eixo à volta do qual se prende o fusilhão é de ferro. Tem paralelo em dois exemplares não decorados de Besançon <sup>(444)</sup>, e noutro de Fishbourne <sup>(445)</sup>, igualmente sem decoração, encontrado no primeiro período de ocupação, anterior a 75 d.G.; é considerado por M. R. Hull como pouco comum na Inglaterra, embora tenha surgido em Hod Hill <sup>(446)</sup>, no período Cláudio-Nero. Em Portugal, encontrou-se uma destas fibulas sem decoração na necrópole do Monte Farrobo (Aljustrel) <sup>(447)</sup>, na sepultura 2, associada a uma taça de paredes finas cuja deco- \* 1

<sup>(441)</sup> Cf. FOWLER, *Penannular Brooch*, p. 158; BRAILSFORD, *Hod Hill*, I, p. 12; SCHULE (W.), *Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel*, Berlim, 1969, n.ºs 24-28, Est. 169.

<sup>(442)</sup> Cf. FOWLER, *Penannular Brooch*, p. 158; MARTÍNS YALLS (R.) e CASTRO (G. R.) *Hallazgos arqueológicos en la Provincia de Zamora* (IV), «Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología», XLIII, Valladolid, 1977, p. 298.

<sup>(443)</sup> Citado por LERAT (L.), *Les Fibules Gallo-Bomaines de Besançon*, 2.ª série, Vol. III, Fase. I, Paris, 1956, p. 23.

<sup>(444)</sup> ID., *ibid.*, n.ºs 131, 132, p. 20.

<sup>(445)</sup> CUNLIFFE, *Fishbourne II*, n.º 37, p. 104, fig. 39.

<sup>(446)</sup> BRAILSFORD, *Hod Hill*, I, n.º C45, p. 8, fig. 8.

<sup>(447)</sup> ALARCÃO, *Farrobo*, n.º 3 da sep. 2, p. 30, Est. II.

ração mamilonar é característica da segunda metade do séc. i, inícios do séc. n d.C.

A fíbula G 10.4, que não cabe exactamente em nenhuma das variantes do tipo de Aucissa, aproxima-se da variante C, possuindo, no entanto, características que de certo modo a individualizam. A placa é larga, rectangular e decorada com cinco pequenas rosetas incisas. O eixo é rematado por botões bicónicos, como em alguns exemplares do tipo C de Aucissa encontrados em Gonimbriga <sup>(448)</sup>. Possui também, como o tipo G, o arco de secção semi-circular, decorado longitudinalmente e terminando num botão bicónico. Mas, tal como em alguns dos exemplares conhecidos como o tipo «Hod Hill» <sup>(449)</sup> — que possuem protuberâncias laterais ao longo do arco — esta fíbula leva na parte inferior do arco uma placa larga, decorada com pequenas incisões e rematada por botões iguais aos do eixo e do pé. Esta fíbula caberia pois num tipo misto do tipo C de Aucissa e do tipo dito de «Hod Hill». Este último está datado em Camulodunum por Hawkes e Hull dentro do período Cláudio-Nero <sup>(459)</sup>. Os paralelos mais próximos foram encontrados em Andion <sup>(451)</sup>, num estrato datado do séc. i d.C.: em Lugdunum<sup>(452)</sup>, numa camada datada do séc. n d.C.; e em Pompaelo <sup>(453)</sup>, numa camada de destruição que Mezquiriz atribui aos fins do séc. m d.C.

(448) PONTE, *op. cit.*, n.º 45, p. 188, Est. IX; *Fouilles de Conimbriga VII*, n.ºs 60, 61, 63 e 66, p. 120, Est. XXVIII.

(449) HAWKES e HULL, *Camulodunum*, p. 323, 325, Est. XCVII e XCVIII; DOLLFUS (M. A.), *Catalogue des Fibules de Bronze de Haute Normandie*, Extrait des Mémoires Présentées par divers savants à l'Académie des Inscriptions et Belles Lettres, XVI, Paris, 1973, p. 166; e LERAT, *op. cit.*, n.ºs 222 a 255.

(450) HAWKES e HULL, *Camulodunum*, p. 323.

(451) FARINA (J.), *Fibules en el pais Vasco-navarro*, «Estudios de Arqueologia Alavesa», II, 1967, p. 214, Est. XI.

(452) GAVELLE (R.), *Notes sur les Fibules gallo-romaines recueillies en Lugdunum-Convenarum (Saint-Bertrand de Comminges)*, «Ogam», XVI, 1962, n.º 4046, p. 218, Est. 53.

(453) MEZQUIRIZ, *Pompaelo*, n.º 5, p. 294, fig. 136; a autora afirma ter encontrado outra idêntica em Liédena (Navarra).

### *Fivela*

A pequena fivela de bronze (n.º E 10.16), que serviria para cingir uma correia, é também um objecto muito comum em estações romanas, frequentemente ligada a couraças militares e datável da primeira metade do séc. I até à segunda metade do séc. II, pelo menos (454). O exemplar de Santo André, de dimensões especialmente reduzidas, é constituído por um aro de forma e secção circulares, cujas extremidades arredondadas e achatadas estão perfuradas; mantém parte do espigão igualmente de secção circular e extremidade achatada. Com dimensões aproximadas, encontrou-se uma em Camulodunum (455), datada da 2.ª metade do séc. I d.C.; uma em Fishbourne (456), sem datação; e ainda outra em Hod Hill (457), no interior do forte romano cuja ocupação não deve ter ultrapassado o período claudiano. Também se encontrou um exemplar em Conimbriga, embora de maiores dimensões, num estrato datável da construção do foi um flaviano (458).

### *Pinça*

Objecto de *toilette* muito comum, são as pinças como esta (n.º E 10.15) que ilustramos, formada por uma haste simplesmente dobrada e com as extremidades ligeiramente curvadas para o interior. Tem paralelo em Ospringe, Kent (459), numa sepultura datada de 190-260 d.C. e em Conimbriga, onde se acharam dois exemplares, um ligado à construção do fórum flaviano, e outro num estrato contemporâneo da sua destuição no séc. V (460).

(454) *Fouilles de Conimbriga VII*, p. 96.

(455) HAWKES e HULL, *Camulodunum*, n.º 6 e 9, p. 335, Est. CII.

(456) CUNLIFFE, *Fishbourne*, n.º 89, p. 110, fig. 44.

(457) RICHMOND (J.), *Hod Hill, II (Excavations carried out between 1951 and 1958 for the Trustees of the British Museum)*, Londres, 1968, n.º 8, p. 113, 114, fig. 56.

(458) *Fouilles de Conimbriga VII*, n.º 62, p. 100, Est. XX.

(459) WHITING (W.), HAWLEY (W.), MAY (T.), *Report on the excavation of the Roman cemetery at Ospringe, Kent* (Reports on the Research Committee of the Society of Antiquaries of London, VIII, Oxford, 1931, p. 80, Est. LIX.

(460) *Fouilles de Conimbriga VII*, n.ºs 237 e 239, p. 145, 147, Est. XXXV.

### *Campainha*

Entre os objectos de bronze, encontrou-se ainda uma campainha (n.º D 1. (5)) de campánula rectangular, encimada por uma argola de aro hexagonal e orifício circular. Assenta em quatro pequenos pés semi-circulares. É um objecto muito comum nas estações romanas. Tem paralelo exacto em Fishbourne <sup>(461)</sup>, no primeiro período de ocupação que vai de 43 a 75 d.C.; em Risstissen, no séc. i e em Aislingen, onde está datada de Tibério-Cláudio <sup>(462)</sup> e ainda em Belo <sup>(463)</sup> e em Palencia <sup>(464)</sup>. Em Portugal, tem paralelo em Alcácer do Sal <sup>(465)</sup>, sem qualquer indicação de cronologia.

### *Chocalho*

O exemplar (n.º D 11.7) que encontrámos foi obtido por simples dobragem de uma folha de ferro, de modo a formar uma campánula rectangular de ângulos arredondados. Ao contrário do que se observa frequentemente noutros lugares <sup>(466)</sup>, o interior deste chocalho não apresentava vestígios de revestimento de cobre. Tem paralelo num outro encontrado no castelo de Rheingonheim<sup>(467)</sup>, onde a ocupação parece ter terminado à volta de 74 d.C., e em

<sup>(461)</sup> CUNLIFFE, *Fishbourne* II, n.º 107, p. 112, 115, fig. 46.

<sup>(462)</sup> Cf. ULBERT (G.), *Die Römischen Donau-Kas telle Aislingen und Bürghofe*, Limesforschungen Studien zur Organisation der Römischen Reichsgrenze an Rhein und Donau, 1, Berlim, 1959, n.º 6, p. 106, Est. 65; e n.ºs 14 e 15, p. 95, Est. 21.

<sup>(463)</sup> *Fouilles de Belo* II, n.º 28, p. 205, Est. XXXIII.

<sup>(464)</sup> PALOL (B.), CORTES (J.), *La villa Romana de la Olmeda, Pedrosa de la Vega* (Palencia), I, Acta Arqueológica Hispanica, 7, Madrid, 1974, n.º 12, p. 99, fig. 24.

<sup>(465)</sup> SCHULE (W.), *Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinseln*, Berlim, 1969, n.º 10, Est. 108.

<sup>(466)</sup> *Fouilles de Conimbriga* VII, p. 181.

<sup>(467)</sup> ULBERT (G.), *Das Frühromische Kastell Bheingonheim, Die Funde aus den Jahren 1912 und 1913* (Limesforschungen Studien zur Organisation der Römischen Reichsgrenze an Rhein und Donau), 9, Berlim, 1969, n.º 10, p. 52, 53, Est. 47.

Straubing <sup>(468)</sup>, sem indicação de cronologia. Em Conimbriga encontraram-se alguns exemplares semelhantes, sendo o que mais se aproxima do exemplar de Santo André, proveniente de uma camada remexida <sup>(469)</sup>.

### *Faca*

A única faca (n.º B 5.8) encontrada está bastante corroída e fragmentada. É de ferro e possuía, provavelmente, lâmina de dorso rectilíneo, ressaltada, e terminando numa placa de secção plana <sup>(470)</sup>.

### *Moedas*

São apenas duas as moedas encontradas, uma em C 1 e a outra em D 1; estão bastante gastas menos por efeito de corrosão do que pela circulação que sofreram antes de serem enterradas. Trata-se de dois *asses* de Cláudio I, imitações da oficina de Roma <sup>(471)</sup>.

### *Pregos*

À excepção de I 2.14, 15 e 16, os pregos e cavilhas encontrados nesta necrópole estavam todos associados a enterramentos com manchas de cinza. A conclusão óbvia seria a de que tinham sido utilizados na construção da padiola que era queimada juntamente com o corpo. No acto do enterramento sepultavam-se conjuntamente as cinzas do corpo, os restos da padiola, incluindo os pregos, e possivelmente parte da pira funerária.

<sup>(468)</sup> WALKE (N.), *Das Römische DonauKastell Straubing-Sorviodurum* (Limesforschungen Studien zur Organisation der Römischen Reichsgrenze an Rhein und Donau), 3, Berlim, 1965, n.º 7, p. 155, Est. 113.

<sup>(469)</sup> *Fouilles de Conimbriga VII*, n.º 221, p. 181, 182, Est. L.

<sup>(470)</sup> Cf. MANNING, *Newcastle upon Tyne*, p. 37, fig. 21, 22; e *Fouilles de Conimbriga VII*, p. 161-166, Est. XLI-XLIV.

<sup>(471)</sup> Agradecemos à Dr.ª ISABEL PEREIRA, do Museu Municipal «Dr. Santos Rocha», Figueira da Foz, a classificação das moedas.

Contudo, nem todas as manchas de cinza apresentavam pregos ou cavilhas, o que não significa necessariamente que não tivessem existido. Em Santo André, é tal o estado de conservação dos objectos de ferro que poucos pregos puderam ser reconstituídos no seu tamanho e secção exactos e praticamente em nenhum caso estivemos seguros do tipo ou do tamanho da cabeça. Alguns estavam tão corroídos que só puderam reconhecer-se pela mancha de ferrugem deixada no terreno, enquanto muitos sem dúvida desapareceram sem deixar qualquer vestígio. Por isso, não é possível dizer quantos pregos e de que tamanho houve em cada enterramento, o que impede qualquer consideração relativamente à construção da padiola. Não se pode, inclusivamente, declarar o total dos pregos existentes, pois há um elevado número de fragmentos (não publicados) pertencentes a uma quantidade indeterminável de peças originais. Nalguns casos, a limpeza laboratorial mostrou que o que no campo fora tomado como um prego só, continha agregado pelos produtos da corrosão um ou mais fragmentos de outra peça.

Não se encontraram pregos de bronze; são todos de ferro e, embora devam ter-se em conta os efeitos da corrosão, exceptuando a possibilidade de o n.º E 6.14 ter tido secção circular, todos parecem de secção quadrada.

As cabeças parecem, na sua totalidade, redondas e achatadas, do tipo *clavi capitali* <sup>(472)</sup>; pertencem ao tipo I b da classificação de Manning, embora com diâmetros mais largos do que o protótipo apresentado <sup>(473)</sup>. As cabeças de algumas das cavilhas encontradas podem ter sido formadas martelando para o lado a extremidade superior da haste (p. ex. D 11.12, E 2.19, J 5.15); em seguida era achatada sem esforço até criar uma cabeça propriamente dita, centrada à volta da haste. O n.º E 2.19 tem as mesmas proporções que o n.º 90 de Conimbriga <sup>(474)</sup>; o n.º I 2.16 tinha

<sup>(472)</sup> *Fouilles de Conimbriga* VII, p. 31..

<sup>(473)</sup> MANNING (W. H.), *Catalogue of the Romano-British ironwork in the Museum of Antiquities, Newcastle upon Tyne, Newcastle upon Tyne, 1976, p. 41-42, fig. 11.*

<sup>(474)</sup> *Fouilles de Conimbriga* VII, n.º 90, p. 35 e 38, Est. VII.

possivelmente cabeça convexa, o que talvez se verificasse em mais exemplares se a deformação causada pela corrosão não o impedisse.

A espessura destes pregos e cavilhas varia, tanto quanto pudemos verificar, entre 5 e 13 mm, e o comprimento dos que se conservaram mais ou menos intactos (12 peças) varia entre 44 e 134 mm; com exceção dos n.<sup>os</sup> G 8.15 e D 11.12, são todos cavilhas, o que pode sugerir que eram usados de preferência (ou exclusivamente) aos pregos na construção da padiola. É pena que A. Viana não tenha registado as dimensões das cavilhas das necrópoles da região de Eivas (<sup>475</sup>) nem del Amo tenha feito o mesmo para Medellín (<sup>476</sup>), pois em qualquer dos sítios apareceram pregos e cavilhas em quantidade e com diversos tamanhos.

A sepultura I 1 continha cinco cavilhas cuja espessura pode ser razoavelmente medida; têm todas 11 mm de lado, embora comprimentos diferentes.

Tal espessura é obviamente demasiada para que as cavilhas pudessem ser usadas sem que as tábuas fossem previamente furadas de modo que, ao entrarem, as cavilhas não fizessem estalar a madeira (<sup>477</sup>). Algumas (por ex. os n.<sup>os</sup> D 9.1, G 3.35, I 1.14, I 1.15 e J 1.9) apresentam sinais de terem sido dobradas depois de atravessarem a espessura combinada das tábuas unidas e outras (por ex. os n.<sup>os</sup> C 3.7, C 11.3, I 1.12 e I 2.14) devem ter partido nesse ponto. Os dois pregos provenientes do enterramento I 1 que foram assim dobrados devem ter unido tábuas de espessuras diferentes ou um número diverso de tábuas. As distâncias entre a orla inferior da cabeça e a dobra da haste são de 72 e 84 mm. É de supor que ambos tenham sido utilizados na construção da mesma padiola; poderá isto indicar que o n.<sup>o</sup> I 1.14 uniu duas travessas de 36 mm cada e o n.<sup>o</sup> I 1.15 uniu ainda uma terceira tábua apenas com 12 mm? E quererá isto dizer, por seu turno, que a espessura das tábuas utilizadas se baseava num módulo de 12 mm?

(<sup>475</sup>) VIANA e DIAS DE DEUS, *Nuevas Necropolis*, fig. 20, n.<sup>o</sup> 140; ID., *Campos de Urnas*, Est. XIII, 1 e 2.

(<sup>476</sup>) DEL AMO, *Medellin*, figs. 7, 12, 13, 15 e 17.

(<sup>477</sup>) BROWN (P. D. C.), *The ironworks*, em BRODRIBB (A. C. G.), HANDS (A. R.) e WALKER (D. R.), *Excavations at Shakenoak Farm, near Wilcote, Oxfordshire*, III, Oxford, 1972, p. 114.

Os valores para estas distâncias entre a cabeça e a dobra são maiores do que os valores correspondentes encontrados em Conimbriga ou Shakenoak <sup>(478)</sup>. A distância máxima no primeiro sítio é de 70 mm<sup>(479)</sup>, um valor suficientemente próximo do nosso n.º I 1.14 para poder ser comparado.

Algumas destas cavilhas eram parcialmente ocas (por ex., E 7.15, G 3.2, I 2.16); não podemos saber se o facto se repete em muitas mais, pois teríamos de parti-las em vários pontos.

A medida da secção da haste indicada no catálogo foi tirada logo abaixo da cabeça, excepto quando diferentemente anotado; o comprimento é só o da haste, excluindo a cabeça usualmente toda corroída.

\*

<sup>(478)</sup> *Id* *ibid.*, p. 114-115.

<sup>(479)</sup> *Fouilles de Conimbriga* **VII**, n.º 89, p. 35 e 38, Est. **VII**.

## SECÇÃO II CRONOLOGIA

A necrópole de Santo André oferece uma cronologia muito homogénea; a maioria dos enterramentos parece caber dentro do período Flávios — Trajano ou, melhor dito, no último terço do séc. i d.C. e no primeiro quartel do século seguinte. Alguns objectos podem remontar a Nero ou até Cláudio, enquanto outros, especialmente certos vidros, pertencem a tipos que se prolongam por períodos mais tardios. Os últimos aparecem, contudo, pela primeira vez nos fins do séc. i d.C., o que faz com que nenhum dos enterramentos em que se encontraram tenha de ser posterior à cronologia da necrópole em geral.

Encontrou-se relativamente pouco material datável com segurança, entre o qual apenas duas moedas muito gastas pelo uso, uma só lucerna, escassas fíbulas de cronologia lata; estão ausentes a «terra sigillata» decorada e as marcas de oleiros sudgálicos que poderiam oferecer mais precisão e quase não há cerâmica comum comparável com achados provenientes de estratos datados de outros sítios. Sendo assim, a datação da necrópole baseou-se largamente nos vasos de vidro, nas formas e na qualidade da «terra sigillata» e na decoração de algumas «paredes finas».

Alguns poucos enterramentos continham apenas objectos de cronologia relativamente alta, enquanto outros os incluíam também, mas ao lado de peças mais tardias; se, no primeiro caso, tal presença exclusiva aponta para uma data que antecede a da maioria dos enterramentos, no segundo caso, a presença de tais objectos antigos poderá ainda limitar o «terminus ante quem» dos enterramentos em que se inseriam. Por outro lado, a datação mais antiga conhecida para qualquer objecto dito «tardio» deve ser encarada como o «terminus post quem» de todas as peças do contexto

ou, dito de outro modo, uma sepultura em que se encontrem simultaneamente peças do séc. n e uma ou mais peças flavianas não deverá ter uma cronologia avançada dentro deste século.

Tendo em conta as observações que acabámos de fazer veremos que a análise dos espólios permite agrupar os enterramentos em sete séries:

1. Enterramentos pré-flavianos: o F 2 aparece como o único que poderia ser assim classificado.
2. Enterramentos do período início do reino de Cláudio — primeiros imperadores flavianos: B 1, C 4, D 3 e F 5.
3. Enterramentos que datam do período flaviano ou de alguns anos mais tarde: B 7, Cl, C 10, Dl, D 2, D 12, E 1, E 3, J 1.
4. Enterramentos datados nos últimos anos do séc. i: B 5, C 5, C 7, D 1, E 4, E 10, F 1, F 4.
5. Enterramentos da segunda metade do séc. i e possivelmente inícios do séc. n: B 2, B 3, C 3, D 4, D 7, E 7, G 2, I 1, J 5.
6. Enterramentos dos fins do séc. i e inícios do séc. seguinte. Este grupo inclui o maior número de enterramentos: C 8, C 9, C 11, D 11, D 13, D 15/16, D 17, E 5, E 6, F 3, G 3, I 3.
7. Enterramentos mais tardios que devem datar dos primeiros anos do séc. n: D 19, E 2, 12.

Os enterramentos C 6, D 6, D 9, G 4, J 2, J 3, J 4 não aparecem, nesta enumeração porque lhes falta material indicativo duma cronologia mais delimitada que a da necrópole em geral, ou seja, a segunda metade do séc. i e, no máximo, o primeiro quartel do séc. ii.

Dentro de cada grupo tentámos enumerar os enterramentos por ordem cronológica relativa, tentativa que nem sempre resultou e que, nalguns casos, não deu um resultado absolutamente seguro.

1. *Enterramentos pré-flavianos.*

F 2 Duas peças, uma fíbula (n.º 3)) e um vaso de p. f. (480) (n.º 2)), ambas datadas no período Cláudio-Nei-o indicam uma cronologia pré-flaviana para o enterramento.

2. *Enterramentos do período inícios do reinado de Cláudio — primeiros imperadores flavianos.*

B 1 A taça de p.f. (n.º 1), do período Cláudio-Vespasiano, é uma peça isolada que constitui evidência precária para datar um enterramento com precisão, pois pode ter sido utilizada durante alguns poucos anos; de qualquer modo, não ultrapassará o período flaviano.

C 4 Um unguentário (n.º 3)) de tipo Isings 8 permite supor que o enterramento se fez no período Cláudio-Tito. A decoração de guilhocé do vaso de p.f. (n.º 2) não contradiz essa cronologia.

D 3 Duas peças de t.s.s. de forma Drag. 27 (n.os 1 (4) e 1 (5)) e uma taça de p.f. (n.º 1 (7)) são datadas a partir de Cláudio; um unguentário (n.º 1 (8)) situa-se na primeira metade do séc. i e outro (n.º 2 (5)) no período Cláudio-Tito. É legítimo supor que o enterramento se fez em qualquer momento a partir de Cláudio e antes de Domiciano.

F 5 Um unguentário (n.º 5) da primeira metade do séc. i, incluindo o reinado de Nero, uma taça de t.s. de forma Drag. 24/25 (n.º 4) que também pode ser pré-flaviana e um prato (n.º 3) da mesma categoria de cerâmica datável já da segunda metade do século, sugerem que o enterramento se tenha produzido no período Nero-Flávios.

3. *Enterramentos que datam do período flaviano ou de alguns anos mais tarde.*

D 12 Um unguentário (n.º 4) provavelmente de tipo Isings 28 b, e uma taça de p.f. (n.º 3)) datada do período Nero-Vespa-

(4so) p<sub>or</sub> comodidade abreviaram-se as designações de «paredes finas», «terra sigillata hispânica» e «terra sigillata sudgálica» para p.f., t.s.h. e t.s.s., respectivamente.

siano, não permitem uma cronologia mais precisa dentro da segunda metade do séc. i d.C.

D 2 Um prato de t.s.s. de forma Drag. 18 (n.º 1.4) datado no período Cláudio-Domiciano e a existência de peças que não tiveram o seu início necessariamente para além desse limite, tornam aceitável uma datação imprecisa na segunda metade do séc i d.C.

El A taça de t.s.s. de forma Drag. 24/25 (n.º 4 (3)) situa-se provavelmente nos inícios de período flaviano. O testo (n.º 4 (2)) pode mesmo ser anterior, mas as p.f. (n.ºs 3.1 (3) e 3.2) são pelo menos flavianas, o que nos obriga a datar o enterramento neste período.

E 3 A cronologia deste enterramento parece limitar-se também ao período flaviano. Continha uma taça de p.f. (n.º 3) dessa época, outra (r.º 4) datada de Cláudio-Vespasiano, e uma taça de t.s.h. (n.º 2) compatível com a sugestão que fazemos.

D 1 A taça de t.s.s. (n.º (7)) com marca de Patricius, e a moeda muito gasta (n.º (3)) são perfeitamente contemporâneas. O estado da moeda claudiana faz pensar que circulou bastantes anos antes de ser enterrada, ou seja na época nero-flaviana. As outras peças de enterramento concordam com tal datação.

B 7 O copo de vidro (n.º 1 (2)) data da segunda metade do séc. i e poderia facilmente ter sido transmitido como herança e sepultado mais tarde mas a taça de p.f. (n.º 1 (3)), também flaviana, leva-nos a admitir que o enterramento se tenha realizado antes do séc. ii d.C.

J 1 A presença de uma forma Drag. 36 de fabrico sudgálico (n.º 1) com perfil tipicamente flaviano, retira qualquer dúvida quanto à datação da peça da mesma forma (n.º 2) de fabrico hispânico cujo perfil nos parece, aliás, «antigo» dentro da evolução deste tipo. Tratar-se-á de um enterramento dos fins de período flaviano.

C 10 A datação da fíbula (n.º 4) e do anel (n.º 4a) deste enterramento é de meados do séc. i, ou pouco depois, o que faz crer que o enterramento se fez ainda nesse século.

CIA fíbula anular (n.º 5) embora comum no séc. i d.C., pode ser mais tardia, mas a moeda de Cláudio n.º 6, aliás muito gasta, ajuda a hipótese de um enterramento na segunda metade do século.

#### 4. *Enterramentos dos últimos anos do séc I. d.C.*

E 4 As t.s.s. n.ºs 4, 6, 8, e a peça de t.s.h. n.º 9 oferecem uma datação no último quartel do séc. i para esse enterramento. As bilhas (n.ºs 1 e 3) e a taça de p.f. (n.º 2, datada Cláudio-Vespasiano) não possuem características discordantes, enquanto o unguentário (n.º 7) pode ser algo mais tardio, embora não necessariamente.

G 7 A taça de t.s.h. (n.º 5) apresenta um perfil difícil de classificar entre o período flaviano e os primeiros anos do séc. n. Pelo contrário, o unguentário (n.º 1) está bem datado do período Cláudio-Tito e a presença da lucerna datável entre o segundo quartel e o fim do período flaviano indica por seu turno que a deposição não se terá feito depois do séc. i d.C.

E 10 As peças de t.s.h. (n.ºs 7, 8, 9 e 10) são da segunda metade do séc. i; o copo de p.f. (n.º 1 (3)) data do período Cláudio-Vespasiano; as restantes peças datáveis, embora pertençam a tipos que se prolongam pelo séc. n, não impedem uma datação do enterramento antes do fim do séc. i d.C.

F 4 Não há material que indique para este enterramento uma datação mais tardia que os finais do séc. i d.C.

F 1 A taça de t.s.s. Drag. 33 (n.º 3) não ultrapassa o período flaviano e o enterramento não será posterior aos finais do séc. i, ainda que a forma do púcaro (n.º 2) tenha persistido por mais alguns anos.

B 5 Dois pratos de t.s.h. de forma Drag. 15/17 (n.ºs 1 e 3) com forma e fabrico de boa qualidade, alguns fragmentos de p.f. (n.º 5) e uma fibula datável muito provavelmente da primeira metade do séc. i, são suficientes para que se julgue que o enterramento ocorreu antes do final do séc. i d.C.

C 5 Uma taça de t.s.h. Drag. 33 (n.º 3) datada da segunda metade do séc. i, um prato da mesma louça, Drag. 18 (n.º 7), com idêntica cronologia e uma fibula anular (n.º 8) formam um conjunto homogéneo e que suporta uma datação não posterior ao fim do séc. i para este enterramento que a taça de p. f. (n.º 2) não contradiz.

5. *Enterramentos da segunda metade do séc. I e possivelmente dos inícios do séc. II d.C.*

B 2 O copo de p.f. (n.º 4) tem uma cronologia lata que compreende a segunda metade do séc. i e os primeiros anos do séc. ii; as restantes peças nada adiantam à datação do enterramento.

B 3 Ocorre aqui o mesmo comentário que para o enterramento anterior.

D 4 Outra vez o mesmo comentário é válido.

D 7 A datação lata da peça de p.f. (n.º 3) é reforçada pelos perfis da urna (n.º 1) e de um púcaro (n.º 4) que são típicos do séc. i embora extensíveis aos primeiros anos do séc. n d.C.

J 5 A presença de dois copos de p.f. (n.ºs 9 e 10) e de um unguentário (n.º 11) da forma Isings 28 b podem indicar que se trata de um enterramento dos finais do séc. i ou inícios do século seguinte.

E 7 O péssimo estado de conservação de todas as peças desse enterramento torna muito difícil a atribuição de cronologia. Embora o prato de t.s.h. (n.º 5), os púcaros (n.ºs 12 e 17), e as bilhas (n.ºs 10 e 11) possam datar dos inícios do séc. n, são tipos característicos da segunda metade do séc. i d.C.

I 1 Todas as peças susceptíveis de apontar uma cronologia, incluindo a t.s.h. de forma Drag. 15/17 (n.º 7), indicam o período que compreende a segunda metade do séc. i e os inícios do séc. n.

G 3 O unguentário (n.º 5), de forma Isings 28b, apresenta uma cronologia da segunda metade do séc. i e inícios do séc. n d.C., que nenhuma das outras peças contradiz.

G 2 O perfil do prato de t.s.h. (n.º 6), da forma Drag. 18, está muito erodido pela acção do terreno; no entanto, as suas características dificilmente se encontrariam numa peça fabricada no séc. ii. Cautelosamente incluímos este enterramento no grupo 5.

6. *Enterramento dos fins do séc. I e inícios do séc. seguinte.*

E 6 As peças de t.s.s. (n.º 4) e t.s.h. (n.ºs 8 e 13) podem datar-se do último terço do séc. i. A fibula anular (n.º 12) e as peças de cerâmica comum (n.ºs 6, 7 e 10) susceptíveis de serem

datadas por comparação com exemplares de outras estações, podem ter a mesma cronologia ou datar dos inícios do séc. n d.G.

D 11 A taça de t.s.h. (n.º 2) e o copo de vidro (n.º 1) datam ambos da segunda metade do séc. i; as t.s.h. (n.ºs 9 a e 10), duas bilhas de colo moldado (n.ºs 3 e 4) e uma de bojo em forma de cabaça (n.º 8) poderiam prolongar-se nos primeiros anos do séc. n.

D 17 Um prato de t.s.h. (n.º 6) Drag. 16/17 de bom perfil, datável no último quartel do séc. i, um cantil (n.º 7) dos finais do séc. i ou inícios do séc. n, e um vaso de p.f. (n.º 12) do período Cláudio-Flávios, provam que este enterramento não pode ultrapassar o princípio do séc. n d.G.

F 3 A taça de t.s.h. (n.º 10) é uma peça da época flaviana; a t.s.h. da forma Drag. 27 (n.º 2) pode ser ainda um fabrico do séc. i ou já dos primeiros anos do seguinte. Os vasos em cerâmica comum (n.ºs 4, 8, 13 e 14) são todos geralmente aceites como formas do séc. i, mas podem ter-se continuado a fabricar por mais alguns anos; é legítimo concluir que o enterramento tem uma cronologia de finais do séc. i — inícios do séc. II d.G.

D 15/16 Uma taça de t.s.h. (n.º 1) da forma Drag. 27 de bordo evasado, alguns fragmentos de vidro incolor (n.º 3) e um unguentário (n.º 2) da forma Isings 28b, sugerem uma datação relativamente baixa, contrariada pela presença de uma taça de p.f. (n.º 10) da segunda metade do séc. i. É possível concluir que o enterramento não pode ser posterior aos primeiros anos de séc. n d.G.

C 9 Uma taça de t.s.h. Drag. 35 (n.º 6) aponta para uma data de enterramento nos últimos anos do séc. i ou mesmo inícios do séc. n, que o unguentário de forma Isings 28b (n.º 9), a taça de t.s.h. Drag. 27 (n.º 7) ou os fragmentos de p.f. (n.º 8) não contradizem.

13 As peças mais indicativas da cronologia deste enterramento são os vidros n.ºs 5, 6, 13 e 14, de fabrico típico dos fins do séc. i e princípio do século seguinte.

C 8 Mesmo que não se conheça a forma exacta, a qualidade do vidro da taça n.º 13 obriga-nos a limitar a cronologia deste enterramento à mesma época da sepultura anterior. O número de peças de t.s. de bom fabrico não permite uma datação posterior ao primeiro terço do séc. n d.G.

E 5 O guttus de vidro (n.º 4) e o jarro decorado com fio aplicado em espiral (n.º 19) foram ambos datados entre os finais

do séc. i e talvez meados do séc. n, mas a presença das p.f. (n.º 12), a t.s.s. forma Drag. 24/25 (n.º 13), e três peças de cerâmica comum com formas típicas do primeiro séc. d.C. (n.ºs 10, 11, 18) ou inícios do séc. ii, permite-nos limitar a datação do enterramento nos fins do séc. i ou inícios do séc. II d.C.

G 3 Todas as peças encontradas neste enterramento indicam uma cronologia a partir do último quartel do séc. i. Os pratos de t.s.h. (n.ºs 17, 19, 21, 23 e 26) dificilmente se poderiam colocar para além deste período, mas o copo de vidro incolor (n.º 18) e a bilha coador (n.º 34) obriga-nos a incluir os primeiros anos do séc. II na datação de G 3.

C 11 Alguns fragmentos de vidro muito fino, transparente e incolor (n.º 1) não ajudam mais do que um anel (n.º 4) também de vidro, e uma tigela de cerâmica (n.º 2) feita à mão, a precisar uma cronologia que por causa da qualidade do vidro deve limitar-se entre o último quartel do séc. i e o primeiro quartel do séc. II d.C.

D 13 Tanto o copo de vidro (n.º 4) como o testó (n.º 1) situam-se nos fins do séc. i ou primeira metade do séc. seguinte. A bilha n.º 6 tem paralelo também nesta época, o que nos obriga a indicar tal cronologia para o enterramento.

G 4 O par de brincos dá-nos uma datação dilatada de séc. i — séc. II, e as outias peças não oferecem cronologia.

### 7. *Enterramentos do princípio do séc. II d.C.*

I 2 As quatro peças de t.s.h. (n.ºs 5, 6, 7 e 10) formam quanto à forma e ao fabrico um conjunto muito homogéneo que não pode, em virtude da presença de uma forma Ludowici Tb (n.º 5), ser anterior ao reinado de Trajano.

E 2 As peças de vidro (n.ºs 7, 12 e 13) situam-se entre os finais do séc. i e os inícios do século seguinte, enquanto o jarro, também de vidro (n.º 15), é datado no princípio do séc. II. O enterramento, de que faz parte uma bilha de colo moldado (n.º 2) e uma peça de p.f. (n.º 9) teve provavelmente lugar no primeiro quartel do séc. II.

D 19 O copo ou taça de vidro (n.º 8), muito fragmentado e de perfil incerto, data possivelmente dos inícios do séc. n mas não basta para situar este enterramento com mais precisão.

SECÇÃO III  
CATÁLOGO

Ao utilizar o catálogo, o leitor deverá ter em conta as seguintes observações:

1. As peças cujo fabrico não é especificado (por exemplo, «paredes finas», «terra sigillata», etc.) são feitas de cerâmica comum.

2. As formas indicadas são as estabelecidas nos agrupamentos tipológicos sistematizados a partir dos materiais desta necrópole, salvo os casos em que se indica o nome do autor (por ex. Mayet, forma XXXIII, ou Isings, forma 28).

3. As cores atribuídas às cerâmicas são as das *Munsell Soil Color Charts* (Maryland, 1975), embora antecedidas dos nomes tradicionalmente usados, na esperança de habilitar o leitor que não possui o catálogo de Munsell a apreender as diferenças de tom e intensidade de cor. Para os vidros, seguimos a classificação de cores feita por Berger com a tradução portuguesa dos nomes já consagrada (*saft griln* — verde musgo; *dunkel gran* = verde sombrio; *oliv grän* = verde azeitona; *glas gran* = verde gelo; *smaragd gran* = verde esmeralda).

4. Excepto quando se especifica outra coisa, o diâmetro indicado é sempre a medida máxima.

5. Quando o estado de preservação não permitiu reconstruir o vaso, o perfil foi somente reconstituído em desenho, combinando o perfil de vários fragmentos que muitas vezes não uniam entre si, mas abrangiam a altura total do vaso e não deixavam dúvidas sobre os diâmetros; nos casos em que há zonas sem evidência, o traçado conjectural foi tracejado. Quando alguma peça estava demasiadamente fragmentada a incompleta para que fosse possível garantir a sua reconstituição, esta não foi ilustrada; nesse caso leva no catálogo a indicação n.i.

6. Convém recordar que muitas das peças não conservam a superfície original no todo ou em grande parte, podendo a

espessura estar diminuída de um milímetro ou mais. No caso da cerâmica comum, é impossível determinar com certeza quando é que houve desgaste significativo e, por isso, não o assinalámos. O mesmo se pode dizer de alguns vasos de «paredes finas». Pelo contrário, há um desgaste nítido nalgumas peças de «terra sigillata»; por isso tracejamos esses perfis.

7. A numeração das peças é fácil de seguir. A letra maiúscula indica o sector de escavação; o primeiro número, o enterramento segundo a ordem de descoberta dentro desse sector; o segundo número, o da peça individual encontrada nesse enterramento por ordem de exumação. Assim, C 5.4 representa a quarta peça descoberta no enterramento n.º 5 do sector C. Um número entre parêntesis indica que o objecto foi encontrado dentro de outra peça, ou que ele próprio a continha. A taça de «paredes finas» B 2 (4) foi, assim, descoberta no interior da urna B 2 (1). Nos sectores D e E encontraram-se diversos conjuntos dentro das mesmas covas; assim, ao algarismo indicativo do enterramento fez-se seguir outro para designar a urna ou conjunto por ordem de descoberta. Por outras palavras, E 1 designa o local de enterramento, E 1.1, E 1.2 e E 1.3 representam os diversos conjuntos ali sepultados.

8. Nalguns casos, não tivemos consciência imediata de que os fragmentos que recolhíamos pertenciam a duas peças distintas. De modo a permitir a localização de ambas por ordem de descoberta dentro do enterramento, decidimos assinalar uma das peças por um «a» minúsculo (por exemplo, D 11.9 e D 11.9a).

9. Por vezes, atribuiu-se um número de achado a objectos que estavam em tal estado de desintegração que não foi possível registar-lhe a forma, nem extrai-las do torrão de terra em que se inseriam; isto sucedeu lião só com os pregos, mas também com fabricos muito frágeis como alguns vidros e «paredes finas». Estas peças vão marcadas no catálogo com a indicação n.r. (não recuperável).

10. O material proveniente do sector A — área destruída pela escavadora e que corresponde à parte noroeste da necrópole — foi por nós considerado como achados superficiais e, consequentemente, recebeu a designação «Dis» (dispersos): isto é, Dis. A 1, Dis, A 2, etc.

## B 1. Enterramento do tipo 2.

- 1 Copo de p.f. Forma Mayet XLIII. Pasta la, densa e fina, ocre amarelado (7.5 YR 7/6). Engobe muito estragado, castanho claro (7.5 YR 5/6). Diâm. da base 34 mm. Incompleto e restaurado. Est. I.

## B 2. Enterramento do tipo 5.

- (1) Urna. Forma 2. Pasta I, castanho alaranjado (5 YR 5/4). Diâm. do bordo 170 mm.; alt. 270 mm. Completa, restaurada. Est. I.
- (2) Malga. Pasta I, cinzento amarelado (10 YR 5/2). Diâm. 188 mm.; alt. 67 mm. Fragmentada, incompleta. Est. I.
- (3) Potinho. Forma 1. Pasta III, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Bojo decorado com pequenas depressões de forma quadrangular. Diâm. do pé 40 mm. Muito fragmentado e incompleto. N.i.
- (4) Copo de p.f. Forma Mayet XLIII. Pasta 2d, pouco fina, beije (10 YR 8/3). Engobe muito estragado, laranja (5 YR 5/8). Diâm. da base 38 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. I.

## B 3. Enterramento do tipo 5.

- (1) Urna. Forma 3 a. Pasta III, castanho amarelado escuro (7.5 YR 6/4). Diâm. do bordo reconstituído 172 mm.; alt. 263 mm. Fragmentada e incompleta, parcialmente restaurada. Est. I.
- (2) Testo em forma de disco. Pasta I, cinzento amarelado escuro (10 YR 4/2). Diâm. 177 mm. Intacta. Est. I.
- (3) Copo de p.f. Forma Mayet XLIV. Pasta 2d, pouco fina, amarelo/beije (7.5 YR 7/8 — 10 YR 8/3). Engobe aguado, laranja (5 YR 5/6). Diâm. da base 33 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. I.

## B 5. Enterramento do tipo 2.

- 1 Prato de t.s.h. Forma Drag. 15/17. Pasta rosada, com bastante calcite. Engobe vermelho acastanhado, brilhante, quase totalmente desaparecido. Diâm. 163 mm.; alt. 38 mm. Completo. Est. II.
- 2 Potinho. Pasta IV, amarelo escuro alaranjado (7.5 YR 5/6). Diâm. do pé 31 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. II.
- 3 Prato de t.s.h. Forma Drag. 15/17. Pasta vermelho tijolo, com bastante calcite. Engobe vermelho vivo / vermelho acastanhado, brilhante, mal conservado. Diâm. 171 mm.; alt. 45 mm. Grafito no fundo interno. Restaurado, quase completo. Est. II.
- 4 Bilha. Forma 1 a. Pasta I, cinzento amarelado (10 YR 5/2). Diâm. 139 mm.; alt. 188 mm. Restaurada, completa. Est. II.
- 5 Fragmentos de p.f. N.i.
- 6 Púcaro. Pasta III, laranja (2.5 YR 5/8). Diâm. da base 38 mm. Muito fragmentado e incompleto. N.i.

- 7 Potinho. Pasta III, amarelo alaranjado escuro (7.5 YR 5/6). Diâm. da base 35 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. II.
- 8 Faca de ferro. Lâmina curva (?) ou recta (?). Largura máx. conservada 43 mm. Muito corroída e fragmentada. Est. II.
- 9 Fíbula anular de bronze. Diâm. 45 mm. Completa. O aro e a extremidade do fusilhão estão fragmentados. Est. II, LXXVIII-2.
- 10 Prego de ferro. A cabeça era achatada. Haste com 8 mm. de secção e 35 mm. de comprimento conservado. Incompleto. Est. II.

#### B 7. Enterramento do tipo 4.

- 1 (1) Urna. Forma 1a. Pasta I, cinzento escuro (10 YR 4.5/1). Diâm. do bordo 198 mm.; alt. 287 mm. Quase completa, restaurada. Est. III; esc. 1: 4.
- 1 (1a) Malga. Pasta I, beije escuro / castanho claro (10 YR 7/4 — 6/3) Diâm. 176 mm.; alt. 73 mm. Completa, restaurada. Est. III.
- 1 (2) Copo de vidro. Vidro transparente, verde sombrio diluído, com muitas bolhas de ar pequenas. Soprado em molde bivalve. Diâm. do bocal 72 mm.; alt. 63 mm.; espessura 1.5 mm. Intacto. Est. III, LXXVI-1.
- 1 (3) Copo de p.f. Forma Mayet XLIII. Pasta grosseira, ocre (7.5 YR 7.5/4). Engobe manchado, com brilho metálico ligeiro, laranja / castanho claro amarelado (2.5 YR 5/8 — 10 YR 6/4). Diâm. do bordo 82 mm.; alt. 61 mm. Completo. Est. III, LXXIV-2.
- 2 Púcaro. Forma 2. Pasta V, cinzento escuro amarelado (10 YR 4/2). Diâm. 84 mm.; alt. 90 mm. Fragmentado, quase completo. Est. III.
- 3 Púcaro. Pasta I, castanho amarelado claro (7.5 YR 5/4). Diâm. da base 28 mm. Muito fragmentado e incompleto. N.i.
- 4 Bilha. Pasta V, ocre amarelado (7.5 YR 8/6). Muito fragmentada e incompleta. N.i.
- 5 Púcaro. Forma 2. Pasta III, laranja (2.5 YR 6/8). Diâm. 115 mm.; alt. reconstituída 110 mm. Fragmentado e incompleto. Est. III.
- 6 Pratel. Bordo engrossado e envasado. Pasta II, ocre amarelado (7.5 YR 6/6). Diâm. reconstituído 141 mm. Muito fragmentado e incompleto. N.i.
- 7 Base de uma bilha. Pasta III, castanho avermelhado (3.75 YR 4/6). Engobe vermelho (10 YR 4/6), mal conservado. Diâm. da base 61 mm. N.i.
- 8 Fragmentos de um púcaro? Pasta III, castanho avermelhado (2.5 YR 4/6). N.i.

#### C 1. Enterramento do tipo 4.

- 1 (1) Urna. Forma 2. Pasta I, cinzento amarelado escuro (10 YR 4/2). Diâm. do bordo 170 mm.; alt. 220 mm. Fragmentada, parcialmente restaurada. Est. IV.

- 1 (2) Testo. Pasta III, laranja (5 YR 6/8). Diâm. 167 mm.; alt. 47 mm.  
Quase completa. Est. IV.
- 2 Bilha. Bojo barrilóide com decoração de dois triângulos salientes, de desigual tamanho e em níveis diferentes. Pasta III, laranja acastanhado (5 YR 6/6). Diâm. do bojo 117 mm. Incompleta, restaurada. Est. IV.
- 3 Púcaro. Forma 2. Pasta I, castanho claro amarelado (7.5 YR 5.5/4). Vestígios de engobe vermelho. Diâm. 104 mm.; alt. 103 mm. Quase completo, restaurado. Est. IV, LXXIV-1.
- 4 Potinho. Forma 2. Pasta II, cinzento amarelado (10 YR 5/3). Diâm. 83 mm.; alt. 79 mm. Restaurado, completo. Est. IV.
- 5 Fíbula anular de bronze. Diâm. 58 mm. Completa, com fusilhão. Est. IV.
- 6 Moeda de bronze. As. Anv.: Cabeça descoberta de Cláudio I à direita. Rev.: [CONSTANTIAE AVGVSTI] SC; Constantia com elmo, de pé, à esquerda, empunhando a lança. RIC, I, 130 / 68. Est. LXXIX-3.

## C 3. Enterramento do tipo 2.

- 1 Malga. Pasta I, laranja acastanhado (5 YR 5.5/6). Diâm. 156 mm.; alt. 59 mm. Quase completa. Est. V.
- 2 Púcaro. Forma 1. Pasta III, ocre amarelado (7.5 YR 6/6). Diâm. 94 mm.; alt. 94 mm. Restaurado, quase completo. Est. V.
- 3 Púcaro. Forma 1. Pasta IV, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Diâm. 99 mm.; alt. 105 mm. Restaurado, incompleto. Est. V.
- 4 Malga. Pasta III, beije escuro (10 YR 7/4). Diâm. da base 44 mm. Incompleta, restaurada. Est. V.
- 5 Unguentario de vidro. Forma Isings 28 b. Vidro leitoso tingido de verde musgo, com bolhas de ar e impurezas negras e castanhas. Diâm. 27 mm.; espessura no gargalo 1 mm. Fragmentado e incompleto. Est. V, LXXVI-2.
- 6 Bilha. Forma 1 a ou b. Pasta I, amarelo alaranjado escuro (7.5 YR 5/6). Engobe preservado em pequenas áreas, castanho avermelhado (2.5 YR 4/6). Diâm. 120 mm. Incompleta. Est. V.
- 7 Prego de ferro. A cabeça era possivelmente achatada e redonda. Secção da haste 9 mm.; comprimento total dos dois fragmentos 73 mm. Fragmentado e incompleto. Est. V.

## C 4. Enterramento do tipo 4.

- 1 (1) Urna. Forma 3 b. Pasta III, laranja (5 YR 6/8). Diâm. do bordo 161 mm.; alt. reconstituída 253 mm. Fragmentada e incompleta, parcialmente restaurada. Est. VI.
- 1 (2) Malga. Pasta I, cinzento escuro (10 YR 4/1). Diâm. 210 mm.; alt. 76 mm. Inteira. Est. VI.

- 1 (3) Unguentário de vidro. Forma Isings 8. Vidro transparente, verde esmeralda com bolhas de ar, estrias de soflagem e impurezas negras e castanhas. Diâm. 28 mm.; alt. 134 mm. Completo e intacto. Est. VI, LXXVI-2.
- 1 (4) Copa. Pasta I, cinzento (10 YR 5/1). Diâm. 80 mm.; alt. 63 mm. Restaurada, completa. Est. VI.
- 2 Fragmentos de p.f. Decoração de guilhocché. Pasta 2b, medianamente fina, com desengordurante escasso, beije (10 YR 7.5/3). Engobe quase totalmente desaparecido. N.i.

#### C 5. Enterramento do tipo 2.

- 1 Bilha. Forma 1 a ou b. Pasta V, castanho avermelhado (2.5 YR 4/6). Diâm. do bojo 92 mm. Incompleta, restaurada. Est. VII.
- 2 Copa de p.f. Forma Mayet XLIV. Pasta 2b, medianamente fina, branca (10 YR 8/2). Não conservou o engobe. Completamente fragmentada. N.i.
- 3 Taça de t.s.h. Forma Drag. 33. Marca ilegível. Grafito LA no fundo exterior. Pasta rosada com bastante calcite. Engobe vermelho acastanhado, granuloso, quase totalmente desaparecido. Diâm. 135 mm.; alt. 53 mm. Fragmentada e incompleta. Est. VII.
- 4 Tacho. Pasta VII, castanho amarelado (10 YR 6.5/6). Engobe mal conservado, cinzento escuro (10 YR 4/1). Diâm. do bordo 138 mm.; alt. 70 mm. Completo, restaurado. Est. VII.
- 5 Pequeno pote. Forma 2. Pasta III, castanho amarelado (10 YR 4/3). Diâm. do bordo 85 mm.; alt. reconstituída 83 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. VII.
- 6 Pratel. Aparentado com a forma 7. Pasta I, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Vestígios de engobe vermelho. Diâm. 140 mm.; alt. 19 mm. Quase completo. Est. VII.
- 7 Prato de t.s.h. Forma Drag. 18. Pasta rosada, com bastante calcite. Engobe totalmente desaparecido. Diâm. do bordo 159 mm.; alt. 33 mm. Fragmentado e incompleto. Est. VII.
- 8 Fibula anular de bronze. Diâm. 43 mm. Completa, sem fusilhão. Est. VII.
- 9 Pratel. Forma 6. Pasta II, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Engobe bem conservado, castanho avermelhado (2.5 YR 4/6). Diâm. 142 mm.; alt. 24 mm. Completo, restaurado. Est. VII.
- 10 Argola de bronze. Diâm. 10 mm.; espessura 2 mm. Fragmentada, incompleta. N.i.

#### C 6. Enterramento do tipo 3.

- 1 Bilha. Forma 1 c. Pasta I, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Diâm. 126 mm.; alt. preservada 168 mm. Quase completa, restaurada. Est. VIII.

- 2 Tigela. Pasta III, laranja acastanhado (5 YR 6/6). Engobe mal conservado, laranja acastanhado (2.5 YR 5/6). Diâm. do bordo 160 mm.; alt. 42 mm. Incompleta, restaurada. Est. VIII.
- 3 Potinho. Forma 3. Pasta III, cinzento rosado (2.5 YR 6/2). Diâm. 85 mm.; alt. 117 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. VIII.
- 4 Tigela. Pasta I, laranja acastanhado (5 YR 6/6). Engobe mal conservado, castanho avermelhado (2.5 YR 4/6). Diâm. 129 mm.; alt. 59 mm. Fragmentada e incompleta. Est. VIII.
- 5 Tigela. Pasta III, laranja acastanhado (5 YR 6/6). Engobe mal conservado, castanho avermelhado (2.5 YR 4/6). Diâm. 123 mm.; alt. 57 mm. Fragmentado e incompleto. Est. VIII.
- 6 Tigela. Pasta III, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Engobe castanho avermelhado (2.5 YR 4/6). Diâm. da base 47 mm.; alt. 45 mm. Fragmentada e incompleta, parcialmente restaurada. Est. VIII.
- 7 Tigela. Pasta III, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Não se conserva engobe. Diâm. do pé 40 mm.; alt. 30 mm. Fragmentada e incompleta. Est. VIII.
- 8 Tigela. Pasta III, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Superfície alisada. Diâm. 92 mm.; alt. 43 mm. Fragmentada e incompleta. Est. VIII.
- 9 Base de uma tigela. Pasta indeterminável. Não se conserva engobe. Incompleta. Est. VIII.

#### G 7. Enterramento do tipo 2.

- 1 Unguentário de vidro. Forma Isings 8. Vidro verde esmeralda, transparente, com uma certa leitosidade no gargalo. Algumas bolhas de ar e inclusões negras pequenas. Diâm. máx. preservado 24 mm.; espessura na base 4 mm. e no bordo 1.5 mm. Fragmentado e incompleto. Est. IX.
- 2 Bilha. Forma 1 b. Pasta I, laranja acastanhado (2.5 YR 4.5/6). Engobe do mesmo tom (2.5 YR 5/6). Diâm. 160 mm.; alt. reconstituída 187 mm. Quase completa; falta possivelmente uma asa. Restaurada. Est. IX.
- 3 Púcaro. Forma 2. Pasta IV, cinzento rosado (7.5 YR 7/2). Diâm 101 mm.; alt. 116 mm. Fragmentado, incompleto. Est. IX.
- 4 Bilha. Forma 2 b. Pasta IV, laranja (5 YR 6/8). Diâm. 151 mm. Quase completa, restaurada. Est. IX.
- 5 Taça de t.s.h. Forma Drag. 27. Pasta rosada, com bastante calcite. Engobe vermelho acastanhado, brilhante, quase totalmente desaparecido. Diâm. 84 mm.; alt. 35 mm. Restaurada, quase completa. Est. IX.
- 6 Prato. Forma 6. Pasta III, castanho amarelado claro (7.5 YR 5/4). Diâm. 164 mm.; alt. 47 mm. Quase completo, restaurado. Est. IX.

- 7 Lucerna. Tipo Deneauve Y A, Dressel-Lamboglia 11 B. Pasta densa com desengordurante abundante em grog branco, laranja (2.5 YR 5/8). Gomp. 93 mm.; larg. 61 mm.; alt. 22 mm. Restaurada, completa. Est. IX.
- 8 Prato. Forma 7. Pasta I, ocre amarelado (7.5 YR 6/6). Vestígios de engobe vermelho. Diâm. reconstituído 179 mm.; alt. reconstituída 30 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. IX.
- 9 Prego de ferro. Haste com 7 mm. de secção: comprimento conservado 76 mm. Quase completo. Est. IX.
- 10 Prego de ferro. Haste com 7 mm. de secção; comprimento preservado 71 mm. Quase completo. Est. IX.  
Nesta sepultura foi encontrado mais um fragmento de outro prego de ferro.
- C 8 Enterramento do tipo 2.
- 1 Bilha. Fómala. Pasta I, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Superfície alisada. Diâm. 184 mm.; alt. 230 mm. Fragmentada mas quase completa, a peça é de fabrico bastante tosco; restaurada. Est. X.
- 2 Bilha. Forma 3. Pasta I, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Engobe muito mal conservado, laranja acastanhado (2.5 YR 5/6). Diâm. 132 mm. Quase completa, restaurada. Est. XI.
- 3 Bilha. Forma 3. Grafito no bojo. Pasta I, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Diâm. da base 54 mm. Muito fragmentada e incompleta. Est. XI.
- 4 Copa. Pasta III, ocre amarelado (7.5 YR 7/6). Diâm. do bordo reconstituído 100 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. XI.
- 5 Testo. Pasta I, castanho amarelado claro (10 YR 6/4). Diâm. 189 mm.; alt. 51 mm. Quase completa, restaurada. Est. X.
- 5a Copa. Pasta V, ocre amarelado (7.5 YR 7/5). Diâm. 98 mm.; alt. 73 mm. Muito fragmentada e incompleta. Est. X.
- 6 Pote. Forma 2 a. Pasta I, castanho amarelado / laranja acastanhado (10 YR 4/3 — 5 YR 5/6). Superfície alisada. Diâm. 160 mm.; alt. 150 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. XI.
- 7 Prato. Forma 4. Pasta III, laranja acastanhado (5 YR 6/6). Engobe muito mal conservado, castanho avermelhado (2.5 YR 3/6). Diâm. 177 mm.; alt. 30 mm. Fragmentado e incompleto. Est. X.
- 8 Taça de t.s.h. Forma Drag. 24/25. Pasta rosa avermelhado com bastante calcite. Engobe vermelho acastanhado, brilhante, quase totalmente desaparecido. Diâm. do bordo 74 mm.; alt. 32 mm. Restaurada, completa. Est. XI.
- 9 Bilha. Forma 1 a ou b. Pasta III, castanho amarelado claro (10 YR 6/4). Diâm. 84 mm. Incompleta, restaurada. Est. X.
- 10 Taça de t.s.h. Forma Drag. 33. Pasta rosada com muita calcite. Engobe vermelho vivo, muito brilhante e granuloso; relativamente bem conservado. Diâm. 142 mm.; alt. 76 mm. Restaurada, quase completa. Est. X.

- 11 Taça de t.s.s. Forma Drag. 24/25. Marca ilegível. Pasta rosa avermelhado. Engobe vermelho rosado, quase totalmente desaparecido. Diâm. 82 mm.; alt. 34 mm. Completa, intacta. Est. XL
- 12 Taça de t.s.h. Forma Drag. 27. Marca ilegível. Pasta avermelhada, com muita calcite. Engobe vermelho, brilhante, quase totalmente desaparecido. Diâm. 120 mm.; alt. 66 mm. Quase completa. Est. XI.
- 13 Copo de vidro. Bojo de parede apumada e bordo virado para o exterior. Decoração de pelo menos quatro faixas de linhas incisas finas. Vidro quase incolor, ligeiramente tingido de verde azeitona; algumas bolhas de ar. Leitosidade muito breve. Espessura média 1 mm. Muito fragmentado e incompleto. N.i.
- 14 Malga. Pasta I, laranja / laranja escuro (5 YR 5/8 — 2.5 YR 4/8). Diâm. do pé 56 mm. Fragmentada e incompleta. Est. XI.
- 15 Prego de ferro. Haste com 6,5 mm. de secção, e 44 mm. de comprimento. Quase completo. Est. X.
- 16 Prego de ferro. Haste com c. 7 mm. de secção, e 74 mm. de comprimento. Quase completo. Est. XI.
- 17 Prego de ferro. Haste com 7 por 4 mm. de secção. Comprimento total 71 mm. Quase completo. Est. XI.  
Nesta sepultura encontram-se fragmentos de pelo menos mais quatro pregos de ferro: um de cabeça redonda e achatada e haste com 7 mm. de secção. Outro com haste de 5 mm. de secção. Um fragmento com 50 mm. de comprimento e 8 por 6 mm. de secção, e finalmente um fragmento de uma haste quase completa com 48 mm. de comprimento e 5 mm. de secção.

#### C 9. Enterramento do tipo 3.

- 1 Bilha. Possivelmente da forma 2 a. Pasta I, cinzento amarelado escuro (10 YR 4/2). Engobe medianamente preservado, laranja acastanhado (2.5 YR 5/6). Diâm. da base 72 mm. Fragmentada, quase completa, parcialmente restaurada. Est. XII.
- 2 Malga. Pasta I, castanho muito claro (10 YR 6/3). Diâm. 189 mm.; alt. 76 mm. Completa. Est. XII.
- 3 Jarro. Gargalo provavelmente largo e cilíndrico. O bocal podia ter sido trilobado. Pasta III, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Superfície alisada. Diâm. da base 79 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. XII.
- 4 Bilha. Forma 2 c. Pasta I, ocre amarelado (7.5 YR 6/6). Diâm. 142 mm.; alt. 188 mm. Quase completa, restaurada. Est. XII, LXXIII-1.
- 5 Púcaro. Forma 2. Pasta III, ocre amarelado (7.5 YR 6-7/6). Diâm. 104 mm.; alt. reconstituída 108 mm. Fragmentado e incompleto. Est. XII.
- 6 Taça de t.s.h. Forma Drag. 35. Pasta rosada, com muita calcite. Engobe quase totalmente desaparecido, deteriorado. Diâm. 126 mm.; alt. 53 mm. N. i.

- 1 Fundo de taça de t.s.h. Forma provavelmente Drag. 27. Pasta rosada, com muita calcite. Engobe castanho, brilhante e granuloso, quase totalmente desaparecido. N. i.
- 8 Copo de p.f. Forma Mayet XLIII (?). Pasta 2 b, medianamente fina, branca (10 YR 8/2). Engobe mal preservado de cor amarelada. Diâm. da base 36 mm. N.i.
- 9 Unguentário de vidro. Forma Isings 28 b. Vidro transparente, tingido de verde esmeralda com algumas bolhas de ar muito pequenas. Diâm. 28 mm.; espessura no bordo 1,5 mm. Intacto e quase completo. Est. XII, LXXVI-2.
- C 10. Enterramento do tipo 3.
- 1 Bilha. Forma 3. Pasta I, amarelo alaranjado escuro (7.5 YR 5/6). Engobe muito bem preservado, laranja acastanhado (2.5 YR 4.5/6). Diâm. da base 51 mm. Muito fragmentada e incompleta. Est. XIII.
- 2 Bilha. Forma 1 a. Pasta I, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Engobe mal conservado, laranja acastanhado (2.5 YR 5/6). Diâm. da base reconstituída 70 mm.; alt. reconstituída 238 mm. Muito fragmentada e incompleta, parcialmente restaurada. Est. XIII.
- 3 Bilha. Possivelmente forma 2 c. Pasta I, laranja acastanhado escuro (5 YR 4/6). Superfície alisada. Diâm. da base 45 mm. Muito fragmentada e incompleta. Parcialmente restaurada. Est. XIII.
- 4 Fíbula de bronze. Tipo misto C de Aucissa e «Hold-Hill». Comp. 75 mm. Fragmentada, completa. Est. XIII, LXXVIII-1.
- 4a Anel de ferro. Pedra de anel em calcedonia. O anel está fragmentado e incompleto; a pedra, intacta. Est. XIII, esc. 1:1; est. LXXIX-1.
- G 11. Enterramento do tipo 2.
- 1 Copo de vidro. Gonservam-se apenas diversos fragmentos de vidro incolor. Parece tratar-se de um copo tronco-cônico. Vestígios de decoração de linhas incisadas muito finas. Espessura 0,75-1,5 mm. N.i.
- 2 Copinho. Pasta III, amarelo alaranjado escuro (7.5 YR 5/6). Diâm. reconstituído 57 mm. Esta peça é de fabrico manual, muito tosca e irregular. Fragmentado e incompleto. Est. XIII.
- 3 Haste de prego de ferro. Secção 10 mm.; compr. conservado 60 mm. Incompleto. Est. XIII.
- 4 Anel de vidro. Vidro transparente, verde azeitona, com impurezas pretas. Diâm. interior 11 mm.; espessura 3 mm. Intacto. Est. XIII, esc. 1:1.
- D 1. Enterramento do tipo 5.
- (1) Urna. Forma 4 a. Pastai, cinzento (10 YR 5/1). Diâm. do bordo 180 mm.; alt. 304 mm. Fragmentada, completa e parcialmente restaurada. Est. XIV, esc. 1:4.
- (2) Malga. Pasta I, castanho amarelado (10 YR 5/4). Diâm. 193 mm.; alt. 83 mm. Completa, restaurada. Est. XIV.

- (3) Moeda de bronze. As. Anv.: ilegível. Cabeça descoberta de Cláudio I à esquerda. Rev.: ilegível. Est. LXXIX, 3.
- (4) Potinho. Forma 1. Pasta III, castanho acinzentado claro (2.5 Y 5/2) Diâm. 76 mm.; alt. 84 mm. Restaurado, quase completa. Est. XIV, LXXXV-I.
- (5) Campainha de bronze. Alt. 46 mm. Campánula completa e intacta; não tem badalo. Est. XIV, LXXXVII-2.
- (6) Potinho. Forma 4. Pasta III, cinzento rosado (2.5 Y 6/2). Engobe relativamente bem conservado, negro (2.5 YR 2.5/0). Diâm. 53 mm.; alt. 60 mm. Completo, intacto. Est. XIV, LXXXV-1.
- (7) Taça de t.s.s. Forma Drag. 27. Marca OF PATRI Pasta rosada, engobe vermelho, brilhante, mal conservado. Diâm. do bordo 125 mm.; alt. 67 mm. Completa e intacta. Est. XIV.

#### D 2. Enterramento do tipo 4.

- 1 (1) Urna. Forma 3 b. Pasta IV, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Diâm. do bordo reconstituído 176 mm. Muito fragmentada e incompleta. Est. XIV.
- 1 (2) Malga. Pasta I, cinzento rosado (2.5 YR 6/2). Diâm. 180 mm.; alt. 70 mm. Completa, restaurada. Est. XIV.
- 1 (3) Púcaro. Forma 2. Pasta V, cinzento amarelado (10 YR 5/3). Diâm. 88 mm.; alt. 89 mm. Restaurado, quase completo. Est. XIV.
- 1.4 Prato de t.s.s. Forma Drag. 18. Marca PAVL[LVS]. Grafito no fundo exterior. Pasta rosada. Engobe vermelho rosado, brilhante, mal conservado. Diâm. 176 mm.; alt. 39 mm. Quase completo. Est. XV.
- 1.5 Bilha. Forma 1 b. Pasta I, amarelo alaranjado escuro / castanho amarelado escuro (7.5 YR 5/6-4/4). Vestígios de engobe vermelho. Diâm. 145 mm. Quase completa, restaurada. Est. XV.
- 2 (1) Urna. Forma 4 b. Pasta I, cinzento acastanhado escuro / amarelo alaranjado escuro (10 YR 4/2-7.5 YR 5/5). Diâm. 309 mm. Muito fragmentada, incompleta, parcialmente restaurada. Est. XV, esc. 1:4.
- 2 (2) Malga. Pasta I, cinzento amarelado escuro / castanho amarelado claro (10 YR 4/2 — 7.5 YR 5/5). Diâm. 202 mm.; alt. 80 mm. Intacta. Est. XV.
- 3 Púcaro. Forma 1. Pasta I, amarelo alaranjado escuro (7.5 YR 5/6). Engobe laranja escuro (2.5 YR 4/8). Diâm. 172 mm.; alt. 159 mm. Restaurado, quase completo. Est. XV.

#### D 3. Enterramento do tipo 4.

- 1 (1) Urna. Forma 1 b. Pasta I, cinzento amarelado escuro (10 YR 4/2). Diâm. do bordo 199 mm. Fragmentada e incompleta. Est. XVI, esc. 1:4.

- 1 (2) Testo. Pasta I, castanho claro acinzentado (2.5 YR 5/2). Diâm. 249 mm. Incompleta, restaurada. Est. XVI.
- 1 (3) Malga. Pasta I, castanho amarelado (10 YR 5/4). Diâm. da base 59 mm. Incompleta. Est. XVI.
- 1 (4) Taça de t.s.s. Forma Drag. 27. Pasta vermelho alaranjada. Engobe vermelho acastanhado, brilhante, mal conservado. Diâm. 75 mm.; alt. 35 mm. Completa, intacta. Est. XVI.
- 1 (5) Taça de t.s.s. Forma Drag. 27. Pasta rosada. Engobe vermelho acastanhado, brilhante, mal conservado. Diâm. 113 mm.; alt. 50 mm. Restaurada, completa. Est. XVI.
- 1 (6) Fíbula anular de bronze. Diâm. 47 mm. Bem conservada e completa. Est. XVI.
- 1 (7) Copo de p.f. Forma Mayet XLIV. Pasta 2 c, grosseira, branca (7.5 YR 8/2). Engobe muito manchado, laranja amarelado / / castanho (5 YR 7/8 — 5 YR 5/4, 5 YR 4/1 na base). O engobe tem um brilho ligeiro. Diâm. 120 mm.; alt. 81 mm. Completo e restaurado. Est. XVI.
- 1 (8) Unguentário de vidro. Forma de gota. Vidro ligeiramente leitoso, tingido de verde gelo e com poucas bolhas de ar. Diâm. 21 mm.; espessura no gargalo 0,75 mm. Quase completo. Est. XVI, LXXVI-2.
- 2 (1) Malga. Pasta I, cinzento claro / cinzento de oliveira (5 Y 6/1 — 4/2). Diâm. 205 mm.; alt. 82 mm. Completa, restaurada. Est. XVI.
- 2 (2) Urna. Forma 1 a. Pasta I, cinzento / cinzento rosado (5 YR 4/1 — 2.5 YR 6/2). Diâm. 272 mm.; alt. 311 mm. Incompleta, parcialmente restaurada. Est. XVII; esc. 1:4.
- 2 (3) Potinho. Forma 3 a. Pasta I, castanho acinzentado claro (2.5 YR 4.5/2). Diâm. 84 mm.; alt. 83 mm. Completo. Est. XVII.
- 2 (4) Copa. Pasta III, laranja (5 YR 6/8). Superfície alisada. Diâm. da boca 88 mm.; alt. 53 mm. Muito fragmentada e incompleta. Est. XVI.
- 2 (5) Unguentário de vidro. Forma Isings 8. Vidro transparente verde gelo claro, com muitas bolhas de ar e estrias pequenas de soflagem. Diâm. 22 mm.; alt. 93 mm.; espessura no gargalo 1 mm. Completo e intacto. Est. XVI.
- 3 Bilha. Forma 2 b. Pasta I, castanho amarelado claro (10 YR 6/5). Diâm. da base 51 mm. Muito fragmentada e incompleta, a peça é de fabrico muito tosco. Est. XVII.

#### D 4. Enterramento do tipo 5.

- 1 (1) Malga. Pasta I, castanho amarelado (10 YR 4/3). Diâm. 180 mm. Incompleta. Est. XVII.
- 1 (2) Urna. Forma 5. Pasta I, castanho amarelado escuro / cinzento amarelado (7.5 YR 4/4 — 10 YR 5/3). Diâm. do bocal 134 mm.; alt. 201 mm. Completa, restaurada. Est. XVII.

- 1 (3) Copo de p.f. Forma Mayet XLIII. Pasta 2 a, pouco fina, mas densa, ocre amarelado (7.5 YR 7/6). Engobe muito gasto com brilho ligeiro, laranja claro (2.5 YR 6/8 — 5 YR 6/6). Diâm. 95 mm.; alt. 57 mm. Completo, restaurado. Est. XVII, LXXIV-2.

## D 6. Enterramento do tipo 2.

- 1 Malga. Pasta I, castanho amarelado claro / cinzento muito escuro (10 YR 6/4 — 4/3-3/1). Diâm. 192 mm.; alt. 80 mm. Completa, restaurada. Est. XVIII.
- 2 Prego de ferro. Haste com 8 mm. de secção. Incompleto. Est. XVIII.  
Nesta sepultura encontraram-se fragmentos de mais um prego de ferro.

## D 7. Enterramento do tipo 5.

- (1) Urna. Forma 1 b. Pasta I, castanho amarelado (10 YR 4/3). Diâm. do bocal 240 mm.; alt. 314 mm. Completa mas fragmentada. Est. XVIII, esc. 1:4.
- (2) Malga. Pasta I, cinzento claro (5 Y 6-7/1). Diâm. 180 mm.; alt. 73 mm. Inteira. Est. XVIII.
- (3) Copo de p.f. Forma Mayet XLIV. Pasta 2 b, medianamente / / pouco fina, branca (10 YR 8/2). Engobe muito gasto com um certo brilho na base, amarelo acastanhado / laranja (2.5 YR 6/6 — 5 YR 7/6). Diâm. do bordo 80 mm.; alt. 65 mm. Completo, restaurado. Est. XVIII.
- (4) Púcaro. Forma 1. Pasta III, amarelo alaranjado escuro (7.5 YR 5/6). Diâm. 92 mm.; alt. 90 mm. Restaurado, completo. Est. XVIII, LXXIV-1.

## D 9. Enterramento do tipo 1.

- 1 Prego de ferro. A cabeça era redonda e achatada. Haste com 8 mm. de secção e 72 mm. de comprimento. Quase completo. Est. XVIII.

## D 11. Enterramento do tipo 2.

- 1 Copo de vidro. Vidro transparente, tingido de verde azeitona, com bastante bolhas de ar. Bordo sem polimento. Decoração formada por um fio de vidro grosso da mesma cor da «paraison». Diâm. do bocal 92 mm.; alt. 113 mm.; espessura 1,5 mm. Fragmentado, quase completo, restaurado. Est. XIX, LXXVII-1.
- 2 Taça de t.s.h. Forma Drag. 27, Marca ilegível. Pasta rosada, com muita calcite. Engobe vermelho acastanhado, brilhante, granuloso quase totalmente desaparecido. Diâm. 125 mm.; alt. 73 mm. Restaurada, quase completa. Est. XIX.
- 3 Bilha. Forma 2 a. Pasta III, ocre amarelado (7.5 YR 7/6). Diâm. da base 49 mm. Muito fragmentada e incompleta. Est. XIX.

- 4 Bilha. Forma 1 c. Pasta I, castanho muito escuro (5 YR 2.5/2). Diâm. 136 mm.; alt. 179 mm. Completa, restaurada. Est. XIX. LXXIII-1.
- 5 Bilha. Base de parede recta e oblíqua, gargalo cilíndrico com bordo esvasado, asa de fita. Pasta Y, laranja acastanhado (5 YR 6/6). Diâm. da base 63 mm. Muito fragmentada e incompleta. N.i.
- 6 Copo de p.f. Forma Mayet XLIII. Pasta 2 a, pouco fina, branca (7.5 YR 8/2). Engobe muito desgastado, laranja (5 YR 5/6). Conservam-se somente alguns fragmentos pequenos da base e da carena. N.i.
- 7 Chocalho de ferro. Forma quadrangular. Muito corroído, fragmentado e incompleto. Alt. 77 mm. Est. XIX.
- 8 Bilha. Forma 3. Pasta I, laranja (2.5 YR 5/8). Engobe vermelho (10 R 4/6), bem preservado. Diâm. da base 48 mm. Muito fragmentada e incompleta. Est. XIX.
- 9 Púcaro. Pasta I, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Vestígios de engobe vermelho. Muito fragmentado e incompleto. N.i.
- 9a Taça de t.s.h. Forma Drag. 35. Pasta rosa avermelhado. Engobe vermelho alaranjado, muito mal conservado. Diâm. da base 38 mm.; alt. reconstituída 34 mm. Muito fragmentada e incompleta. N.i.
- 10 Taça de t.s.h. Forma Drag. 24/25. Bordo decorado a guilhocché. Pasta rosada, com muita calcite. Engobe vermelho alaranjado, muito brilhante e granuloso, mal conservado. Diâm. 118 mm.; alt. 53 mm. Restaurada, quase completa. Est. XIX.
- 11 Púcaro. Pasta IV, castanho amarelado claro (7.5 YR 5/4). Diâm. da base 35 mm. Muito fragmentado e incompleto. N.i.
- 12 Prego de ferro. A cabeça foi provavelmente formada dobrando e martelando o topo da haste para um dos lados. Haste com 5 mm. de secção e 45 mm. de comprimento. Quase completo. Est. XIX.

#### D 12. Enterramento do tipo 4.

- (1) Urna. Forma 3 a. Pasta III, laranja (5 YR 5.5/8). Diâm. do bocal 210 mm.; alt. reconstituída 238 mm. Fragmentada e incompleta. Est. XX.
- (2) Testo. Pasta I, cor muito variável, predominando o cinzento amarelado (10 YR 5/3). Diâm. 178 mm.; alt. 41 mm. Completo, restaurado. Est. XX.
- (3) Copo de p.f. Forma Mayet XLIII. Pasta I a, fina, ocre (7.5 YR 7.5/4). Engobe aguado, baço, laranja acastanhado (5 YR 5/6 — 6/6). Diâm. da base 39 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. XX.
- 4 Unguentário de vidro. Forma Isings 28 b. Vidro leitoso, verde sombrio diluído, com algumas bolhas de ar. Diâm. reconstituído c. 30 mm.; espessura no fundo 2,5 mm.; na base do gargalo 1 mm. Conserva-se apenas um fragmento do bojo. Est. XX.

## D 13. Enterramento do tipo 4.

- 1 Testo. Pasta I, laranja (5 YR 6/8). Diâm. 248 mm.; alt. 60-70 mm. Completo, restaurado. Est. XXI.
- 2 Urna. Pasta IV, castanho alaranjado escuro (5 YR 4/4). Superfície alisada. Diâm. reconstituído 256 mm. Fragmentada e incompleta, não conserva o bordo. N.i.
- 3 Púcaro. Forma 2. Pasta VI, cinzento claro (5 Y 7/1). Diâm. 88 mm.; alt. 92 mm. Quase completo, restaurado. Est. XXI.
- 4 Copo de vidro. Vidro transparente, com muitas bolhas de ar, de cor verde azeitona claro. Diâm. 98 mm.; alt. incompleta, espessura 0,5 mm. Muito fragmentado e incompleto, parcialmente restaurado. Est. XX.
- 5 Púcaro. Forma 1. Pasta III, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Superfície alisada. Diâm. da base 35 mm.; alt. reconstituída 90 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. XX.
- 6 Bilha. Forma 2 c? Decoração de ranhuras muito finas e regulares na parte superior do bojo, feitas com a ajuda de um pente. Pasta III, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Diâm. da base 61 mm. Muito fragmentada e incompleta. Est. XXI.
- 7 Bilha. Forma 3. Pasta I, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Engobe da mesma cor da pasta (2.5 YR 5/6). Diâm. 141 mm.; alt. 201 mm. Quase completa, restaurada. Est. XXI.

## D 15/16. Enterramento do tipo 2.

- 1 Taça de t.s.h. Forma Drag. 27. Pasta rosada, com muita calcite. Engobe avermelhado, brilhante, quase totalmente desaparecido. Diâm. 80 mm.; alt. 41 mm. Fragmentada e incompleta. Est. XXII.
- 2 Unguentário de vidro. Forma Isings 28 b. Vidro transparente, verde gelo, com muitas bolhas de ar grandes e pequenas, e impurezas negras. Diâm. 26 mm. Incompleto. Est. XXII, LXXVI-2.
- 3 Fragmentos de vidro. Possivelmente de um copo. Bojo de parede arqueada, decorada com sulcos paralelos. Vidro transparente e incolor de muita boa qualidade. Espessura 1 mm. N.i.
- 4 Pote. Forma 2. Pasta I, castanho amarelado / acinzentado (10 YR 5/4 — 10YR5/1). Superfície alisada. Diâm. 137 mm.; alt. 125 mm. Restaurado, completo. Est. XXIII.
- 5 Base de uma bilha? Pasta III, laranja (5 YR 6/8). Diâm. da base 48 mm. Muito fragmentada e incompleta. N.i.
- 6 Jarro. Pasta V, beije (10 YR 8/4). Diâm. da base 60 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. XXII.
- 7 Fragmentos de possível malga. Pasta III. N.r.
- 8 Bilha. Forma 1 a. Pasta I, castanho alaranjado (5 YR 5/4). Diâm. 194 mm. Quase completa, restaurada. Est. XXIII.
- 9 Garrafa. Forma 4. Pasta I, laranja (5 YR 6/8). Superfície alisada? Diâm. 97 mm.; alt. 206 mm. Completa, restaurada. Est. XXIII, LXXIII-1.

- 10 Copa de p.f. Forma Mayet XLIII. Pasta 2 a, pouco fina, branca (10 YR 8/2). Engobe manchado, laranja acastanhado / ocre amarelado (2.5 YR 5/6—7.5 YR 7/6). Diâm. da base 39 mm.; alt. reconstituída 68 mm. Fragmentada, quase completa, restaurada. Est. XXII
- 11 Prato. Forma 5. Pasta III, ocre amarelado (7.5 YR 7/6). Superfície alisada. Diâm. 194 mm.; alt. 44 mm. Completo, restaurado. Est. XXII.
- 12 Prato de t.s.h. Forma Drag. 18. Pasta rosada com bastante calcite. Engobe vermelho acastanhado, brilhante, granuloso, mal conservado. Diâm. 170 mm.; alt. 44. Quase completo, restaurado. Est. XXII.
- 13 Placa de «oculista» de xisto. Cinzento escuro (2.5 YR 4/0). Rectangular de lados talhados em bisel. Diâm.: 80 x 49 x 7 mm. Restaurada e incompleta. Est. XXII.

## D 17. Enterramento do tipo 2.

- 1 Bilha. Forma 1 a. Pasta I, amarelo alaranjado escuro (7.5 YR 5/6). Diâm. 150 mm. Quase completa, restaurada. Est. XXII.
- 2 Malga. Grafito na parede externa. Pasta III, cinzento escuro / castanho acinzentado claro (10 YR 4/1 — 2.5 YR 5/2). Superfície alisada. Diâm. 191 mm.; alt. 68 mm. Quase completa, restaurada. Est. XXIV.
- 3 Prato. Forma 1. Pasta III, castanho amarelado claro (7.5 YR 5/4). Diâm. 217 mm.; alt. 41 mm. Fabrico manual, irregular e descuidado. Completo, restaurado. Est. XXIV.
- 4 Copa. Pasta III, amarelo (10 YR 7/6). Diâm. da base 50 mm. Fragmentada e incompleta. Est. XXIV.
- 5 Taça de t.s.h. Forma provavelmente Drag. 24/25 ou 27. Pasta avermelhada, com bastante calcite. Engobe vermelho, muito brilhante e quase totalmente gasto. Diâm. da base 37 mm. Fragmentada e incompleta. N.i.
- 6 Prato de t.s.h. Forma Drag. 15/17. Marca ATT PATERNIO. Pasta rosada, com muita calcite. Engobe vermelho alaranjado, brilhante, mal conservado. Diâm. 162 mm.; alt. 43 mm. Restaurado, completo. Est. XXIV.
- 7 Cantil. Pasta III, castanho claro amarelo (10 YR 6/4). Diâm. 194 mm.; espessura 92 mm. Incompleto, restaurado. Est. XXIV, LXXV-2.
- 8 Púcaro. Forma 1. Pasta IV, castanho avermelhado (2.5 YR 4/6). Vestígios de engobe vermelho. Diâm. 112 mm.; alt. 113 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. XXIII.
- 9 Fíbula anular de bronze. Diâm. 43 mm. Fragmentada e incompleta. Est. XXIV.
- 10 Taça de t.s.h. Forma Drag. 27. Pasta rosada com bastante calcite. Engobe rosado, quase totalmente desaparecido. Diâm. do pé 51 mm. Muito fragmentada e incompleta. N.i.

- 11 Pratel. Forma 1. Pasta III, beije escuro (10 YR 7/3). Diâm. 110 mm.; alt. 30-37 mm. Fabrico manual, muito tosco e irregular. Completo, restaurado. Est. XXIV.
- 12 Copo de p.f. Forma Mayet XLIV. Pasta 2 c, grosseira, beije (10 YR 8/3). Engobe muito manchado e mal preservado, laranja acastanhado / laranja (2.5 YR 5/6 — 5 YR 6/8), com manchas castanho escuro na base. Diâm. da base 33 mm.; alt. reconstituída 58 mm. Fragmentado, incompleto, parcialmente restaurado. Est. XXIV.
- D 19. Enterramento do tipo 3.
- 1 Bilha. Forma 1 a. Pasta I, laranja acastanhado escuro (5 YR 4/6). Diâm. da base 49 mm. Muito fragmentada e incompleta. Est. XXV.
- 2 Púcaro. Pasta III, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Diâm. da base 38 mm. Muito fragmentado e incompleto. N.i.
- 3 Malga. Pasta I, castanho amarelado claro (7.5 YR 5/4). Diâm. 202 mm.; alt. 70 mm. Fragmentada, incompleta. Est. XXV.
- 4 Pequeno pote. Forma 2 b. Pasta III, cinzento amarelado (10 YR 5/3.5). Superfície alisada. Diâm. 125 mm.; alt. 107 mm. Restaurado, incompleto. Est. XXV.
- 5 Taça de t.s.h. Forma Drag. 33. Pasta vermelha, com muita calcite. Engobe vermelho alaranjado, brilhante, mal conservado. Diâm. 129 mm.; alt. 57 mm. Restaurada, quase completa. Est. XXV.
- 6 Frigideira. Forma 1, Pasta III, castanho amarelado (10 YR 4-5/4). Diâm. 185-190 mm.; alt. 51-57 mm. Fabrico manual; muito torta e irregular. Quase completa, restaurada. Est. XXV.
- 7 Copa. Pasta III, laranja escuro (2.5 YR 4.5/8). Diâm. da base 40 mm. Muito fragmentada e incompleta. Est. XXV.
- 8 Copo de vidro. Pé em forma de anel, bojo de parede arqueada, bordo contracurvado. Vidro incolor, transparente. Diâm. interior na curva do bordo c. 45 mm.; espessura 1 mm. Muito fragmentado e incompleto. N.i.
- 9 Fragmentos de um prato de t.s.h. Forma provavelmente Drag. 36. Pasta rosada. Engobe vermelho acastanhado, quase totalmente Desaparecido. N.i.
- E 1. Enterramento do tipo 4.
- 1 (1) Urna. Forma 6. Pasta III, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Diâm. da base 122 mm.; alt. 253 mm. Muito fragmentada, completa. Est. XXVII.
- 1 (2) Malga. Pasta I, castanho esverdeado (2.5 Y 4/2). Diâm. 199 mm.; alt. 80 mm. Fragmentada e incompleta, parcialmente restaurada. Est. XXVIII.
- 2 (1) Urna. Forma 2. Pasta I, cinzento amarelado escuro. (10 YR 4/2). Diâm. 242 mm.; alt. reconstituída 247 mm. Fragmentada e incompleta. Est. XXVII.

- 2 (2) Malga. Pasta I, castanho esverdeado escuro (2.5 Y 3/2). Diâm. 195 mm.; alt. 77 mm. Quase completa, restaurada. Est. XXVIII.
- 3.1 (1) Urna. Forma 3 b. Pasta III, laranja acastanhado escuro (5 YR 4/6). Superfície alisada. Diâm. do bordo 180 mm. Incompleta e muito fragmentada. Est. XXVIII.
- 3.1 (2) Malga. Pasta I, cinzento escuro (10 YR 4/1). Diâm. 200 mm.; alt. 79 mm. Fragmentada e incompleta. Est. XXVIII.
- 3.1 (3) Copo de p.f. Forma Mayet XLIII. Pasta 2 d, pouco fina, ocre claro (7.5 YR 8/4). Engobe aguado, manchado, laranja acastanhado / ocre amarelado (5 YR 5/6 — 7.5 YR 7/6). Diâm. da base 34 mm.; alt. reconstituída 63 mm. Fragmentado, quase completo, parcialmente restaurado. Est. XXVIII.
- 3.2 Copo de p.f. Forma Mayet XLIII. Pasta 2 b, pouco fina, branca (10 YR 8/2 — 8/3). Engobe muito gasto, laranja / laranja acastanhado (5 YR 5/8 — 5 YR 6/6). Diâm. da base 37 mm.; alt. reconstituída 79 mm. Muito fragmentado e incompleto, parcialmente restaurado. A peça é de fabrico muito tosco. Est. XXVIII\*
- 4 (1) Urna. Forma 4 b. Pasta I, laranja acastanhado (3.75 YR 5/6). Diâm. 220 mm.; alt. 213 mm. Muito fragmentada, completa e restaurada. Est. XXIX.
- 4 (2) Testo. Pasta III, castanho amarelado (10 YR 4/3). Diâm. 201 mm.; alt. 62 mm. Completa, restaurada. Est. XXIX.
- 4 (3) Taça de t.s.s. Forma Drag. 24/25. Pasta rosada. Engobe vermelho acastanhado, mal conservado. Diâm. 75 mm.; alt. 36 mm. Quase completa. Est. XXIX.
- 5.1 (1) Urna. Pasta V, laranja (5 YR 5/8). Diâm. da base c. 116 mm. Muito fragmentada e incompleta, falta-lhe o bordo por completo. N.i.
- 5.1 (2) Testo. Pasta I, cinzento acastanhado escuro (10 YR 4/2). Diâm. 294 mm.; alt. 65 mm. Inteira, quase completa. Est. XXIX.
- 5.2 Bilha. Forma 1 a. Pasta I, castanho amarelado (10 YR 4/3). Diâm. 138 mm.; alt. 210 mm. Quase completa, restaurada. Est. XXIX.
- 5.3 Bilha. Forma 3. Pasta I, ocre alaranjado escuro (6.25 YR 6/6). Engobe muito bem preservado, laranja acastanhado (2.5 YR 5/6). Diâm. 125 mm.; alt. restaurada 169 mm. Quase completa. Est. XXIX, LXXIII-2.
- E 2. Enterramento do tipo 2.
- 1 Bilha. Forma 2 b? Pasta V, laranja (5 YR 5/8). Diâm. da base 52 mm. Fragmentada e incompleta, parcialmente restaurada. Est. XXX.
- 2 Bilha. Forma 1 c. Pasta VI, ocre (7.5 YR 7/5). Diâm. da base 62 mm. Muito fragmentada e incompleta. Est. XXXI.
- 3 Maíga. Pasta I, castanho muito claro (10 YR 6/3). Diâm. 197 mm.; alt. 79 mm. Completa, restaurada. Est. XXX.

- 4      Bilha de t.s.h. Forma Mezguiriz 20. Pasta rosada, com bastante caícte. Engobe vermelho acastanhado, muito brilhante, granuloso muito mal conservado. Diâm. 97 mm.; alt. 151 mm. Fragmentada e incompleta. Est. XXX.
- 5      Prato covo. Pasta V, castanho amarelado (7.5 YR 6/4). Diâm. 168 mm.; alt. 44 mm. Quase completo. Est. XXX.
- 6      Unguentário de vidro. Forma Isings 8. Vidro transparente, verde sombrio, com muitas bolhas de ar e estrias de soflagem. Algumas pequenas impurezas negras. Diâm. 21 mm.; alt. 136 mm; espessura no bocal 1,5 mm. Intacto e quase completo. Est. XXXI, LXXXVI-2.
- 7      Copo de vidro. Vidro transparente, ligeiramente tingido de verde musgo, de muito boa qualidade. O bordo é isento de polimento. Diâm. 99 mm.; alt. 96 mm.; espessura 0,5 mm. Muito fragmentado e incompleto, parcialmente restaurado. Est. XXX.
- 8      Frigideira. Forma 5.                      Pasta III, laranja acastanhado (5 YR 5.5/6).  
Diâm. 219 mm.; alt.                      50 mm. Completa, restaurada. Est. XXXI.
- 9      Copa de p.f. Forma                      Mayet XLIII. Pasta 2 a, pouco fina, ocre muito claro (7.5 YR 8/2). Engobe estragado e queimado, laranja acastanhado (2.5 YR 5/6). Diâm. da base 32 mm.; alt. no centro da copa 65 mm. Muito fragmentada e incompleta, parcialmente restaurada. A peça apresenta-se tosca, possivelmente devido ao desgaste provocado pelo terreno ácido em que estava enterrada. Est. XXXI.
- 10     Potinho. Forma 3.                      Pasta VI, ocre amarelado (7.5 YR 7/6).  
Diâm. da base 40 mm.; alt. reconstituída 100 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. XXXI.
- 11     Púcaro. Forma 1. Pasta I, laranja amarelado (5 YR 7/6). Vestígios de engobe vermelho. Grafito no bojo. Diâm. 112 mm.; alt. 119 mm. Fragmentado e incompleto. Est. XXXI.
- 12     Jarro de vidro. Vidro transparente tingido de verde musgo, com muitas bolhas de ar. Parte inferior soprada em molde. Diâm. 73 mm.; alt. máx. 108 mm.; espessura c. 2 mm. Fragmentado, completo e restaurado. Est. XXXII.
- 13     Copo de vidro. Base carenada, bojo muito ligeiramente contracurvado, alto. Vidro transparente e incolor. Espessura 2.5 — 4 mm. Muito fragmentado e incompleto. N. i.
- 14     Pratel. Forma 6. Pasta II, laranja acastanhado (2.5 YR 5/6). Vestígios de engobe vermelho. Diâm. 140 mm.; alt. 27 mm. Est. XXXII.
- 15     Jarro de vidro. Vidro transparente, verde musgo claro, com muitas bolhas de ar. Espessura no bojo 0,5 mm.; diâm. máx. preservado c. 100 mm. Muito fragmentado, incompleto Est. XXXII.
- 16     Argola de vidro. Vidro transparente verde azeitona, decorado com um fio de vidro branco marmado em espiral. Espessura 4 mm. Muito fragmentada e incompleta. Est. XXXII.

- 17 Fusaiola de vidro. Vidro azul cobalto decorado com um fio de vidro branco marmado em espiral. Diâm. 26 mm.; alt. 9 mm. Intacta e completa. Est. XXXII.
- 18 Púcaro. Formal. Pasta III, laranja acastanhado escuro (5 YR 4/6). Vestígios de engobe vermelho. Diâm. da base 46 mm.; alt. reconstituída 107 mm. Muito fragmentado, incompleto. Est. XXXII.
- 19 Prego de ferro. Cabeça partida, possivelmente formada por matrelagem do topo da haste para um lado. Secção da haste 10 mm.; comprimento 60 mm. Quase completo. Est. XXXII.

## E 3. Enterramento do tipo 2.

- 1 Púcaro. Forma 2. Pasta VI, laranja acastanhado (5 YR 6/6). Diâm. da base 43 mm.; alt. reconstituída 94 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. XXXIII.
- 2 Taça de t.s.h. Forma Drag. 35. Pasta rosada, com muita calcite. Engobe acastanhado, brilhante, quase totalmente gasta. Diâm. 90 mm.; alt. 39 mm. Fragmentada e incompleta. Est. XXXIII.
- 3 Copadep.f. Forma Mayet XLIII. Pasta 2 a, grosseira / pouco fina, branca (10 YR 8/2). Engobe queimado, mas com certo brilho na base, apresentado aí cor brique (10 R 5/8), e castanha na parte superior (10 YR 4/2 — 7.5 YR 5/4). Diâm. da base 43 mm.; alt. reconstituída 84 mm. Muito fragmentada, incompleta. Est. XXXIII.
- 4 Copo de p.f. Forma Mayet XLIII. Pasta 2 d, medianamente fina, ocre claro (7.5 YR 8/2). Engobe aguado, manchado, predominantemente laranja acastanhado (5 YR 5/6). Diâm. da base 35 mm.; alt. 66 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. XXXIII.

## E 4. Enterramento do tipo 3.

- 1 Bilha. Forma 1 a ou b. Pasta I, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Vestígios de engobe vermelho. Diâm. 115 mm. Fragmentada e incompleta. Est. XXXIV.
- 2 Copo de p.f. Forma Mayet XLIII. Pasta 2 c, grosseira, branca (10 YR 8/2). Engobe aguado, muito manchado e queimado, ocre amarelado (7.5 YR 6/6) tendendo para castanho eêuro, quase preto. Diâm. do bordo 79 mm.; alt. 61 mm. Completo, réstaurado. Est. XXXIII.
- 3 Bilha. Forma 1 a. Pasta IV, ocre amarelado (7.5 YR 7/6). Diâm. 127 mm. Quase completa, restaurada. Est. XXXIV.
- 4 Taça de t.s.s. Forma Drag. 27. Pasta rosa avermelhado. Engobe vermelho, já sem brilho, quase totalmente desaparecido. Diâm. 80 mm.; alt. 40 mm. Restaurada, completa. Est. XXXIV.
- 5 Copadep.f. Forma Mayet XLIII. Pasta pouca fina, branca (10 YR 8/2). Engobe muito gasto, manchado, laranja / laranja amarelado (2.5 YR 5/8 — 5 YR 7/8). Diâm. 89 mm.; alt. 68 mm. Quase completa, fragmentada, restaurada. Est. XXXIII, LXXXIV-2.
- 6 Prata de t.s.s. Forma Drag. 18. Grafito no fundo exterior. Pasta rosa avermelhado. Engobe vermelho vivo, brilhante, quase total-

- mente desaparecido. Diâm. 163 mm.; alt. 37 mm. Restaurado, quase completo. Est. XXXIII.
- 7 Unguentário de vidro. Forma Isings 28 b. Vidro um pouco opaco, com bolhas de ar e estrias de soflagem no gargalo, verde musgo. Diâm. na base 23 mm.; alt. 96 mm.; espessura no bocal 1,5 mm. Quase completo. Est. XXXIII.
- 8 Taçadet.s.s. Forma Drag. 27. Pasta avermelhada. Engobe vermelho acastanhado, brilhante, quase totalmente desaparecido. Diâm. 122 mm.; alt. 57 mm. Restaurado, quase completa. Est. XXXIV.
- 9 Taça de t.s.h. Forma Drag. 35. Pasta rosada, com muita calcite. Engobe vermelho acastanhado, brilhante, quase totalmente desaparecido. Diâm. 89 mm.; alt. 39 mm. Fragmentada e incompleta. Est. XXXIV.

## E 5. Enterramento do tipo 2.

- 1 Taça de t.s.h. Forma Drag. 27. Grafito na parede exterior. Pasta rosada, com muita calcite. Engobe vermelho, brilhante, granuloso, quase totalmente gasto. Diâm. 124 mm.; alt. 68 mm. Completa. Est. XXXIV.
- 2 Taça de t.s.h. Forma Drag. 24/25. Pasta rosada com bastante calcite. Engobe vermelho alaranjado / vermelho acastanhado, brilhante, quase totalmente desaparecido. Diâm. 80 mm.; alt. 35 mm. Restaurada, quase completa. Est. XXXIV.
- 3 Pote. Forma 2. Pasta III, castanho (7.5 YR 4/2). Superfície alisada. Diâm. da base 50 mm.; alt. reconstituída 121 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. XXXIV.
- 4 Galheta de vidro. Vidro transparente, tingido de verde sombrio com muitas bolhas de ar e estrias da soflagem no gargalo. Diâm. 57 mm.; alt. 76 mm.; espessura no bojo 0,5 mm. Fragmentada e incompleta, parcialmente restaurada. Est. XXXV.
- 5 Prato. Forma 6. Pasta I, cinzento escuro (10 YR 4.5/1). Superfície alisada. Diâm. 171 mm.; alt. 31 mm. Quase completo, restaurado, Est. XXXV.
- 6 Taça de t.s.h. Forma Drag. 27. Pasta avermelhada, com bastante calcite. Engobe vermelho acastanhado, brilhante, quase totalmente desaparecido. Diâm. 129 mm. ; alt. 66 mm. Fragmentada e incompleta. Est. XXXV.
- 7 Jarro. Pasta III, laranja acastanhado, (5 YR 5/6). Diâm. da base 62 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. XXXV.
- 8 Frigideira. Forma 2. Pasta III, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Diâm. 194 mm; alt. 43 mm. Quase completa, restaurada. Est. XXXV.
- 9 Malga. Pasta I, amarelo alaranjado (7.5 YR 5.5/6). Diâm. 190 mm.; alt. 72 mm. Completa, restaurada. Est. XXXVI.

- 10 Bilha. Forma 3. Pasta I, laranja acastanhado (5 YR 5.5/6). Engobe muito mal preservado, castanho avermelhado (2.5 YR 4/6). Diâm. 151 mm. Quase completa, restaurada. Est. XXXV.
- 11 Potinho. Forma 3. Pasta VII, cinzento acastanhado claro (2.5 Y 6/2). Diâm. da base 42 mm.; alt. reconstituída 104 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. XXXVI.
- 12 Copo de p.f. Forma indeterminável. Decoração de guilhocé fino. Pasta 2 a, pouco fina, de cor branca (10 YR 8/2). Engobe mate, laranja (2.5 YR 5/8). Diâm. da base 40 mm. Conservam-se apenas alguns fragmentos pequenos. N.i.
- 13 Taça de t.s.s. Forma Drag. 24/25. Pasta avermelhada. Engobe vermelho rosado, brilhante, quase totalmente desaparecido. Diâm. 75 mm.; alt. 29 mm. Completa. Est. XXXVI.
- 14 Prato. Forma 7. Pasta I, castanho amarelado claro. (10 YR 6/4). Superfície alisada. Diâm. 175 mm.; alt. 32 mm. Quase completo, restaurado. Est. XXXV.
- 15 Prato. Forma 2. Pasta I, castanho (7.5 YR 4/2). Superfície alisada. Diâm. 178 mm.; alt. 33 mm. Completo, restaurado. Est. XXXVI.
- 16 Bilha. Forma 1 b. Pasta IV, ocre amarelado (7.5 YR 7/6). Diâm. da base 61 mm. Fragmentada e incompleta, parcialmente restaurada. Fabrico bastante tosco. Est. XXXVI.
- 17 Malga. Pasta I, castanho amarelado claro (10 YR 6/4). Diâm. 191 mm.; alt. 75 mm. Completa, inteira. Est. XXXVI.
- 18 Bilha. Forma 2a. Pasta V, amarelo alaranjado (7.5 YR 7/8). Diâm. da base 75 mm. Muito fragmentada e incompleta. Est. XXXVI.
- 19 Jarro de vidro. Vidro transparente, verde sombrio claro, com muitas bolhas de ar e estrias de soflagem no gargalo. Ligeira leitosidade no gargalo. Diâm. 72 mm.; alt. total 129 mm.; espessura no bojo 0,5 mm. Muito fragmentado, incompleto, parcialmente restaurado. Est. XXXVI.
- 20 Taça de t.s.h. Forma provavelmente Drag. 27 ou 24/25. Pasta rosada, com muita calcite. Engobe vermelho, brilhante, muito estragado. Diâm. da base 34 mm. N.i.
- 21 Taça de t.s.h. Forma Drag. 35. Pasta rosada, com muitas calcite. Engobe vermelho alaranjado, brilhante, quase totalmente desaparecido. Diâm. 121 mm.; alt. 44 mm. Muito fragmentada e incompleta. Est. XXXVI.
- 22 Pote. Pasta III, cinzento claro acastanhado (2.5 Y 6/2). Diâm. da base 45 mm. Muito fragmentado e incompleto. N.i.
- 23 Prego de ferro. Haste com 11 mm. de secção e 49 mm. de comprimento, incompleto. Est. XXXVI.
- 24 Prego de ferro. Secção da haste 6,5 mm. Fragmentado e incompleto. Est. XXXVI.

## E 6. Enterramento do tipo 2.

- 1 Malga. Pasta II, castanho amarelado escuro (7.5 YR 4/4). Existe um defeito de fabrico no fundo interior e um grafito na base exterior. Diâm. 174 mm.; alt. 67 mm. Completa, restaurada. Est. XXXVII.
- 2 Malga. Pasta I, castanho amarelado escuro (7.5 YR 4/4). Diâm. 202 mm.; alt. 79 mm. Completa, restaurada. Est. XXXVIII.  
2a Prego de ferro. Cabeça possivelmente achatada. Secção da haste 8 mm.; comprimento preservado 47 mm. Incompleta. Est. XXXVII.
- 3 Prato. Forma 5. Pasta IV, cinzento rosado (2.5 YR 6/2). Diâm. 217 mm.; alt. 46 mm. Quase completo, restaurado. Est. XXXVII.
- 4 Taça de t.s.s. Forma Drag. 35. Bordo decorado com quatro folhas de água. Pasta rosada, engobe rosado, mate, quase totalmente desaparecido. Diâm. 91 mm.; alt. 32 mm. Intacta. Est. XXXVIII.
- 5 Bilha. Forma 2 b. Pasta I, castanho avermelhado (2.5 YR 4.5/6). Superfície alisada. Diâm. da base 67 mm. Muito fragmentada, parcialmente restaurada. Est. XXXVIII.
- 6 Bilha. Forma 2 a? Pasta III, castanho amarelado escuro (7.5 YR 4/4). Diâm. da base 75 mm. Muito fragmentada e incompleta. Est. XXXVII.
- 7 Púcaro. Forma 2. Pasta III, laranja amarelado (5 YR 7/6). Diâm. da base 43 mm.; alt. reconstituída 97 mm. Muito fragmentado e incompleto. N.i.
- 8 Taça de t.s.h. Forma Drag. 27. Pasta rosada, com muita calcite. Engobe totalmente desaparecido. Diâm. 100 mm.; alt. 55 mm. Restaurada e incompleta. Est. XXXVII.
- 9 Malga. Pasta I, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Engobe mal preservado, castanho avermelhado (2.5 YR 4/6). Grafito «G E» no exterior da copa. Diâm. 137 mm.; alt. 53 mm. Quase completa. Est. XXXVIII.
- 10 Bilha. Forma 3. Pasta I, castanho avermelhado (2.5 YR 3/6). Engobe muito mal preservado, também castanho avermelhado (2.5 YR 4/6). Dois grafitos na base e outro no fundo exterior. Diâm. da base 49 mm. Est. XXXVII.
- 11 Pote. Forma 2 b. Pasta II, castanho amarelado claro (7.5 YR 5/4). Diâm. da base 60 mm.; alt. reconstituída 124 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. XXXVIII.
- 12 Fíbula anular de bronze. Fragmentada e incompleta, tem fusilhão. N.i.
- 13 Prato de t.s.h. Forma Drag. 36, Pasta rosada, com muita calcite. Engobe vermelho, brilhante, mal conservado. Diâm. 166 mm.; alt. 32 mm. Fragmentado e incompleto. Est. XXXVII.
- 14 Prego de ferro. Haste rectangular com 11 por 8 mm. de secção. Comprimento total dos dois fragmentos 47 mm. Incompleto. Est. XXXVII.
- 15 Prego de ferro muito incompleto. N.i.

## E 7. Enterramento do tipo 2.

- 1 Fundo de uma bilha? Pasta III, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Diâm. da base 48 mm. N.r.
- 2 Fundo de uma bilha? Pasta V, ocre amarelo (7.5 YR 7/6). Diâm. da base 47 mm. N.r.
- 3 Púcaro. Forma 2. Pasta III, amarelo alaranjado escuro (7.5 YR 5/6). Superfície alisada. Diâm. da base 49 mm. Muito fragmentado e incompleto. N.i.
- 4 Base de uma bilha? Pasta V, beije muito escuro (10 YR 6.5/4). Diâm. da base 48 mm. N.i.
- 5 Prato de t.s.h. Forma Drag. 36. Pasta rosada, com muita calcite. Engobe vermelho, brilhante, quase totalmente desaparecido. Diâm. do bordo reconstituído 140 mm.; alt. reconstituída 34 mm. Muito fragmentado e incompleto. N.i.
- 6 Haste de prego de ferro com 10 mm. de secção e 96 mm. de comprimento. Quase completa. N.i.
- 6a Haste de prego de ferro com 9 mm. de secção e 80 mm. de comprimento. O comprimento da haste está completo. N.i.
- 7 Prato. Forma 2. Pasta III, laranja escuro (2.5 YR 4/7). Diâm. reconstituído 180 mm.; alt. 41 mm. Fragmentado, completo, restaurado. Est. XXXIX.
- 8 Prato. Forma 4. Pasta V, ocre amarelado (7.5 YR 7/6). Diâm. reconstituído 140 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. XXXIX.
- 9 Copa. Pasta III, castanho amarelado / amarelo alaranjado escuro (7.5 YR 4/6 — 5/6). Superfície alisada. Diâm. da base 58 mm.; alt. reconstituído 112 mm. Muito fragmentada e incompleta. Est. XXXIX.
- 10 Bilha. Forma 1 b. Pasta III, preto (2.5 Y 2/0). Diâm. da base 44 mm. Muito fragmentada e incompleta. Est. XL.
- 11 Bilha. Forma 1 d. Pasta III, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Superfície alisada. Diâm. da base 60 mm. Muito fragmentada e incompleta. Est. XL.
- 12 Púcaro. Formal. Pasta VI, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Diâm. da base 39 mm.; alt. reconstituída 105 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. XXXIX.
- 13 Marca de jogo. Pasta III, laranja (2.5 YR 5/8). Diâm. 35 mm. Fragmentada. Est. XXXIX.
- 14 Marca de jogo. Pasta V, ocre amarelado (7.5 YR 7/6). Diâm. da base 50 mm. Intacta. Est. XXXIX.
- 15 Pregos de ferro. A haste com 8 mm. de secção é parcialmente oca. Comprimento conservado, quase completo, 74 mm. Est. XL.
- 16 Fragmentos de um prego de ferro. N.i.
- 17 Púcaro. Forma 2. Pasta V, laranja (5 YR 6/8). Diâm. da base 39 mm.; alt. reconstituída 85 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. XXXIX.

## E 10. Enterramento do tipo 4.

- 1 (1) Urna. Forma 4 a. Pasta I, cinzento acastanhado escuro (10 YR 3/2). Diâm. da base 92 mm.; alt. reconstituída 269 mm. Muito fragmentada e incompleta. Est. XL.
- 1 (2) Malga. Pasta I, cinzento escuro (10 YR 4/1). Diâm. 183 mm.; alt. 74 mm. Fragmentada e incompleta. Est. XL.
- 1 (3) Copo de p.f. Forma Mayet XLII. Pasta 2 c, pouco fina, ocre muito claro (7.5 YR 8/2). Engobe manchado, laranja acastanhado / ocre amarelado (2.5 YR 5/6—7.5 YR 7/6), com várias manchas de cor castanha escura. Diâm. do bordo 81 mm.; alt. 65 mm. Est. XL.
- 2 Bilha. Pasta VI, laranja (5 YR 5/8). Diâm. da base 75 mm. Muito fragmentada e detonada N.i.
- 3 Copa. Pasta III, laranja (5 YR 6/8). Diâm. do bocal 129 mm. Muito fragmentada e incompleta. Est. XL.
- 4 Bilha. Forma 3. Pasta I, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Engobe medianamente preservado, castanho avermelhado (2.5 YR 4/6). Diâm. reconstituído 131 mm. Fragmentada e incompleta. Est. XLI.
- 5 Bilha. Forma 3. Pasta I, laranja acastanhado (2.5 YR 4.5/6). Vestígios de engobe vermelho. Diâm. da base 52 mm. Muito fragmentada e incompleta. Est. XLI.
- 6 Púcaro. Forma 1. Pasta I, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Vestígios de engobe vermelho. Diâm. 110 mm.; alt. 105 mm. Fragmentado, incompleto. Est. XLII.
- 7 Prato de t.s.h. Forma Drag. 15/17. Marca ilegível. Grafito no exterior. Pasta rosada com muita calcite. Engobe vermelho / vermelho acastanhado, brilhante, quase totalmente desaparecido. Diâm. 164 mm.; alt. 42 mm. Quase completo. Est. XLII.
- 8 Prato de t.s.h. Forma Drag. 15/17. Marca ilegível. Pasta rosada, com muita calcite. Engobe vermelho alaranjado / vermelho acastanhado, brilhante, mal conservado. Diâm. 162 mm.; alt. 44 mm. Restaurado, quase completo. Est. XLII.
- 9 Taça de t.s.h. Forma Drag. 27. Grafito no fundo exterior. Pasta rosada, com muita calcite. Engobe vermelho alaranjado, brilhante, mal conservado. Diâm. 84 mm.; alt. 40 mm. Completa, intacta. Est. XLII.
- 10 Taça de t.s.h. Forma Drag. 27. Pasta rosada, com bastante calcite. Engobe acastanhado, quase totalmente desaparecido. Diâm. 83 mm.; alt. 40 mm. Fragmentada, quase completa. Est. XLII.
- 11 Potinho. Forma 3. Pasta III, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Diâm. da base 41 mm.; alt. reconstituída 111 mm. Fragmentado e incompleto. Est. XLII.
- 12 Anel de prata. Diâm. 16 mm.; espessura 1 mm. Fragmentado, quase completo. N.i.

- 12a Argola de ferro. Diâm. exterior 20 mm. Completa. Est. XLI.  
 13 Argola de bronze. Espessura 4 mm. Incompleta. Est. XLI.  
 13a Argola de ferro. Diâm. exterior 40 mm. Completa. Est. XLI.  
 14 Fíbula anular de bronze. Diâm. 62 mm. Completa e intacta com fusilhão. Est. XLI, LXXVIII-2.  
 15 Pinça de bronze. Comprimento 50 mm.; laigura 4 mm.; espessura 1 mm. Fragmentada, completa. Est. XLI.  
 16 Fivela de bronze. Diâm. 13 mm. Completa, intacta. Est. XLI, Esc. 1:1.

## F 1. Enterramento do tipo 3.

- 1 Fragmentos de um prego de ferro. N.r.  
 2 Púcaro. Forma 2. Pasta V, laranja amarelado (5 YR 7/8). Diâm. 80 mm.; alt. 88 mm. Quase completo, restaurado. Est. XLII.  
 3 Taça de t.s.s. Forma Drag. 33. Pasta avermelhada. Engobe vermelho acastanhado, brilhante, quase totalmente desaparecido. Diâm. 132 mm.; alt. 53 mm. Restaurada, completa. Est. XLII.

## F 2. Enterramento do tipo 5.

- (1) Urna. Forma 2. Pasta I, cinzento amarelado (10 YR 5/2). Diâm. da base 80 mm. Quase completa, muito fragmentada. Est. XLII.  
 (2) Copo de p.f. Forma Mayet XXXVII. Pasta 1 b, pouco fina, ocre claro (7 YR 8/5). Diâm. da base 35 mm.; alt. 67 mm. Completo mas fragmentado e muito desgastado na superfície, apenas conserva vestígios de engobe laranja acastanhado. Est. XLII.  
 (3) Fíbula de bronze. Tipo Aucissa. Comp. 65 mm. Completa e intacta, com fusilhão. Est. XLII.

## F 3. Enterramento do tipo 2.

- 1 Urna. Forma 4 a. Pasta I, cinzento acastanhado escuro (10 YR 3/2). Diâm. do bordo 75 mm.; alt. reconstituída 248 mm. Muito fragmentada, mas completa, restaurada. Est. XLIV.  
 2 Taça de t.s.h. Forma Drag. 27. Pasta rosada, com muita calcite. Engobe avermelhado, quase totalmente desaparecido. Diâm. 104 mm.; alt. reconstituída 50 mm. Muito fragmentada e incompleta. Est. XLIV.  
 3 Prato. Forma 7. Pasta VI, ocre amarelado (7.5 YR 6/6). Diâm. 187 mm.; alt. 40 mm. Quase completo, restaurado. Est. XLIV.  
 4 Púcaro. Forma 1. Pasta III, laranja acastanhado (2.5 YR 5/6). Engobe castanho avermelhado (2.5 YR 4/5) bem conservado. Diâm. 113 mm.; alt. reconstituída 114 mm. Muito fragmentado, incompleto. Est. XLIV.  
 5 Púcaro. Pasta VI, cinzento acastanhado claro (2.5 Y 6/2). Diâm. da base 37 mm. Muito fragmentado e incompleto. N.i.  
 6 Púcaro. Pasta VI, ocre claro (7.5 YR 8/4). Diâm. da base 39 mm. Muito fragmentado e incompleto. N.i.

- 7 Pote. Forma 2 a. Pasta III, cinzento escuro (10 YR 4/1). Diâm. da base 80 mm.; alt. reconstituída 185 mm. Fragmentado e incompleto. Est. XLIV.
- 8 Copa. Pasta YI, beije (10 YR 8/4). Diâm. 92 mm.; alt. 78 mm. Fragmentada e incompleta. Est. XLIY.
- 9 Fundo de um pote ou púcaro. Pasta III, laranja acastanhado (5 YR 5/6). N.r..
- 10 Taça de t.s.h. Forma Ritterling 8. Parede hemisférica, decorada com ranhuras junto ao pé e na zona média. Pasta rosa vivo, engobe vermelho acastanhado, brilhante, quase totalmente desaparecido. Diâm. 140 mm.; alt. reconstituída 64 mm. Muito fragmentada e incompleta. Est. XLIV.
- 11 Prato. Forma 1. Pasta V, ocre amarelado (7.5 YR 6/6). Esta peça é de fabrico manual, muito irregular e bastante tosca. Diâm. 157 mm.; alt. 33-40 mm. Intacto, quase completo. Est. XLIV.
- 12 Fragmentos de um pote. Pasta III, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Diâm. da base 75 mm. N.i.
- 13 Púcaro. Forma 1. Pasta III, amarelo alaranjado escuro (7.5 YR 5/6). Superfície alisada. Diâm. da base 45 mm.; alt. reconstituída 104 mm. Fragmentado e incompleto. Est. XLIV.
- 14 Garrafa. Forma 4. Pasta I, castanho amarelado claro (7.5 YR 5/5). Superfície alisada. Diâm. do bojo, ao nível do ombro 102 mm. Incompleta, parcialmente restaurada. Est. XLIV.
- 15 Fragmentos pertencentes à garrafa n.º 14.
- 16 Potinho. Pasta VI, ocre amarelado (7.5 YR 7/6). Bojo ovalado. Diâm. da base 33 mm. Muito fragmentado e incompleto. N.i.

## F 4. Enterramento do tipo 2.

- 1 Taça de t.s.h. Forma Drag. 27. Pasta rosada, com muita calcite. Engobe vermelho acastanhado, muito brilhante, granuloso. Quase totalmente desaparecido. Diâm. 122 mm.; alt. reconstituída 61 mm. Fragmentada e incompleta. Est. XLVI.
- 2 e 3 Prato de t.s.s. Forma Drag. 18. Pasta rosada, com bastante calcite. Engobe totalmente desaparecido. Diâm. 154 mm.; alt. 36 mm. Restaurado, incompleto. Est. XLVI.
- 4 Bilha. Gargalo estreito, asa de fita. Pasta III, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Muito fragmentada e incompleta. N.i.
- 5 Pequeno pote. Forma 2 b. Pasta III, castanho amarelado claro (7.5 YR 5/4). Superfície alisada. Diâm. 117 mm.; alt. 98 mm. Fragmentado, incompleto. Est. XLVI.
- 6 Prato. Forma 4. Pasta IV, amarelo alaranjado escuro (7.5 YR 5.5/6). Diâm. 154 mm.; alt. 30 mm. Inteiro. Est. XLVI.
- 7 Pequeno pote. Forma 2. Pasta III, castanho amarelado (10 YR 5/4). Diâm. da base 47 mm.; alt. reconstituída 105 mm. Fragmentado e incompleto. Est. XLVI.

- 8 Pegadeira de um testó. Pasta III, laranja (5 YR 6/8). Diâm. 34 mm. Incompleta. Est. XLVI.
- 9 Púcaro. Pasta III, castanho avermelhado / laranja escuro (2.5 YR 4/6-8). Diâm. da base 42 mm.; alt. reconstituída 120 mm. Muito fragmentado e incompleto. N.i.
- 10 Bilha. Forma 3. Pasta V, laranja (5 YR 6/8). Diâm. da base c. 58 mm. muito fragmentada e incompleta. Est. XLYI.
- 11 Copa. Pasta III, amarelo acastanhado (5 YR 5/7). Diâm. da base 68 mm.; alt. reconstituída 122 mm. Muito fragmentada e incompleta. Est. XLYI.
- 12 Prato covo. Pasta VI, amarelo alaranjado escuro (7.5 YR 5/6). Diâm. reconstituído 230 mm.; alt. reconstituída 64 mm. Fragmentado e incompleto, parcialmente restaurado. Est. XLVI.

## F 5. Enterramento do tipo 2.

- 1 Prato covo. Pasta V, laranja (2.5 YR 5/8). Engobe espesso, laranja escuro (2.5 YR 4/8). Diâm. da base reconstituído 75 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. XLVII.
- 2 Púcaro (?). Pasta IV, laranja (5 YR 6/8). Diâm. da base 43 mm. Muito fragmentado e incompleto. N.r.
- 3 Prato de t.s.h. Forma Drag. 18. Pasta rosada, com muita calcite. Engobe vermelho, brilhante, quase totalmente desaparecido. Diâm. 161 mm.; alt. 34 mm. Fragmentado e incompleto. Est. XLVII.
- 4 Taça de t.s.h. Forma Drag. 24/25. Pasta rosada, com muita calcite. Engobe vermelho, brilhante, quase totalmente desaparecido. Diâm. 72 mm.; alt. 32 mm. Restaurada, completa. Est. XLVII.
- 5 Unguentário de vidro. Forma Isings 8. Vidro transparente, verde gelo claro, de boa qualidade. Diâm. 20 mm.; espessura 1 mm. Fragmentado, incompleto, parcialmente restaurado. Est. XLVII.

## G 2. Enterramento do tipo 2.

- 1 Malga. Pasta I, castanho amarelado escuro (7.5 YR 4/4). Diâm. reconstituído 188 mm.; alt. 91 mm. Incompleta, restaurada. Est. XLVIII.
- 2 Malga. Pasta I, castanho amarelado escuro (7.5 YR 4/4). Diâm. 180 mm.; alt. 79 mm. Completa, restaurada. Est. XLVIII.
- 3 Fundo de púcaro. Pasta V, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Diâm. da base 50 mm. N.i.
- 4 Pratel. Forma 1. Pasta III, laranja acastanhado / castanho (5 YR 5/6 — 7.5 YR 4/2). Fabrico manual. Muito fragmentado e incompleto. N.i.

- 5 Púcaro. Pasta não identificável dado o mau estado de conservação, castanho amarelado (10 YR 5/4). Diâm. da base 44 mm. Muito fragmentado e incompleto. N.i.
- 6 Prato de t.s.h. Forma Drag. 18. Pasta rosada, com bastante calcite. Engobe vermelho / vermelho acastanhado, brilhante, quase totalmente gasto. Diâm. 162 mm.; alt. 37 mm. Restaurado, completo. Est. XLVIII.
- G 3. Enterramento do tipo 2.
- 1 Malga. Pasta III, cinzento muito escuro (10 YR 3/1). Diâm. 171 mm.; alt. 81 mm. Fragmentada e incompleta. Est. XLVIII
- 2 Prego de ferro. Dois fragmentos provavelmente pertencentes ao mesmo prego. Cabeça partida e de forma indeterminável. Haste parcialmente oca com 8 mm. de secção. Comprimento conservado c. 31 mm. Est. LII.
- 3 Fragmentos de vidro, provavelmente de um unguentário. Vidro verde musgo claro, muito destruído pelo fogo. Espessura c. 2 mm. N.r.
- 4 Prego de ferro. Quatro fragmentos da haste. Secção máx. 9 mm. N.i.
- 5 Púcaro. Forma 2. Pasta III, cinzento muito escuro (10 YR 3/1). Diâm. 100 mm. Fragmentado e incompleto. Est. XLVIII.
- 6 Púcaro. Forma 2. Pasta V, laranja (5 YR 6/8). Diâm. da base 40 mm.; alt. reconstituída 101 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. L.
- 7 Bilha. Forma 3. Pasta V, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Superfície alisada. Diâm. 156 mm. Fragmentada e incompleta, restaurada. Est. L.
- 8 Pote. Forma 2 a. Pasta II, castanho amarelado escuro (7.5 YR 4/4). Diâm. 151 mm.; alt. reconstituída 113 mm. Fragmentado, incompleto. Est. L.
- 9 Pequeno pote. Forma 2. Pasta III, castanho amarelado escuro (7.5 YR 4/6). Diâm. 114 mm.; alt. reconstituída 95 mm. Fragmentado, incompleto. Est. L.
- 10 Púcaro. Forma 1. Pasta I, castanho avermelhado (2.5 YR 4/6). Vestígios de engobe vermelho. Diâm. 84 mm.; alt. 80 mm. Fragmentado e incompleto. Est. L.
- 11 Pequeno pote. Forma 2? Pasta III, castanho amarelado escuro (7.5 YR 4/4). Diâm. 115 mm. Restaurado, incompleto. Est. L.
- 12 Bilha. Forma 1 b? Pasta I, laranja (5 YR 5/8). Engobe medianamente preservado, castanho avermelhado (2.5 YR 4/4). Grafito no fundo exterior. Diâm. 141 mm. Quase completa, restaurada. Est. L.
- 13 Bilha. Forma 2 a? Pasta VI, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Superfície alisada. Diâm. 159 mm. Muito fragmentada, incompleta. Parcialmente restaurada. Fabrico muito tosco. Est. LI.

- 14 Bilha. Forma 1 a. Pasta I, laranja acastanhado (2.5 YR 4.5/6). Vestígios de engobe vermelho. Diâm. da base 45 mm.; alt. reconstruída 139 mm. Quase completa, restaurada. Fabrico muito tosco. Est. LI.
- 15 Bilha. Forma 3. Pasta I, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Superfície alisada. Diâm. 112 mm. Fragmentada e incompleta, parcialmente restaurada. Est. LI.
- 16 Malga pequena. Pasta IV, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Vestígios de engobe vermelho. Diâm. 115 mm.; alt. 46 mm. Quase completa, restaurada. Est. LI.
- 17 Prato de t.s.h. Forma Drag. 15/17. Pasta rosada, com muita calcite. Engobe vermelho acastanhado, brilhante, quase totalmente desaparecido. Diâm. 172 mm.; alt. 43 mm. Restaurado, quase completo. Est. L.
- 18 Copo de vidro. Vidro quase incolor, ligeiramente tingido de verde azeitona. Diâm. da base 42 mm. Muito fragmentado e incompleto, faltando-lhe a parte superior do bordo. Est. LI.
- 19 Prato de t.s.h. Forma Drag. 15/17. Marca desaparecida. Pasta rosada, com muita calcite. Engobe vermelho, brilhante, granuloso, mal conservado. Diâm. 176 mm.; alt. 51 mm. Restaurado, quase completo. Est. LI.
- 20 Taça de t.s.h. Forma Drag. 27. Marca desaparecida. Pasta rosada com muita calcite. Engobe vermelho acastanhado, brilhante, quase totalmente desaparecido. Diâm. 131 mm.; alt. 62 mm. Restaurada, quase completa. Est. LI.
- 21 Prato de t.s.h. Forma Drag. 15/17. Marca desaparecida. Pasta rosada, com muita calcite. Engobe vermelho acastanhado, brilhante, quase totalmente gasto. Diâm. 169 mm.; alt. 41 mm. Completo, intacto. Est. LI.
- 22 Malga. Pasta I, castanho avermelhado (2.5 YR 4/6). Superfície alisada. Diâm. 151 mm.; alt. 64 mm. Fragmentada e incompleta. Est. LII.
- 23 Prato de t.s.h. Forma Mesquiriz 4. Pasta rosada, com bastante calcite. Engobe vermelho acastanhado, brilhante, granuloso, quase totalmente desaparecido. Diâm. 241 mm. Restaurado, quase completo. Est. LII.
- 24 Fragmentos pertencentes ao prato G 3.26.
- 25 Fragmentos de uma haste de prego de ferro. Secção máx. 8 mm. N.i.
- 26 Prato de t.s.h. Forma Drag. 15/17. Pasta rosada com muita calcite. Engobe vermelho acastanhado, brilhante, granuloso, muito mal conservado. Diâm. 233 mm.; alt. 57 mm. Restaurado, quase completo. Est. LII.
- 27 Pote. Pasta III, castanho amarelado escuro (7.5 YR 4/4). Diâm. da base 60 mm. Muito fragmentado e incompleto. N.i.

- 28 Prato ou frigideira. Forma 7. Pasta I, cinzento amarelado escuro (10 YR 4/2). Diâm. 169 mm.; alt. 35 mm. Completo, restaurado. Est. LII.
- 29 Prato. Forma 3. Pasta IV, castanho amarelado (10 YR 4.5/3). Diâm. 202 mm.; alt. 31 mm. Fragmentado e incompleto. Est. LII.
- 30 Fragmento de um prego de ferro. N.r.
- 31 Fragmentos de um prego de ferro. N.r.
- 32 Fragmento de um prego de ferro. N.r.
- 33 Pregos de ferro. Haste com 8 mm. de secção e 60 mm. de comprimento. Quase completo. Est. LII.
- 34 Bilha coador. Junto à peça foi encontrado um bico pequeno mas, infelizmente, a fragmentação da bilha não permite que se localize a posição exacta do mesmo. Pasta I, castanho avermelhado (2.5 YR 4/6). Vestígios de engobe aguado de cor beije (10 YR 8/4) no bojo, gargalo e bico. Diâm. da base 65 mm. Fragmentada e incompleta, parcialmente restaurada. Est. LII.
- 35 Pregos de ferro. Secção da haste 6 mm.; comprimento, quase completo, 55 mm. Est. LII.  
Nesta sepultura encontraram-se fragmentos de pelo menos mais três pregos de ferro. Num a haste tem 9 mm.; e noutro 7 mm. de secção. N.i.

## G 4. Enterramento do tipo 4.

- 1 (1) Urna. Forma 6. Pasta IV, laranja (5 YR 5/8). Diâm. do bordo 187 mm.; alt. 263 mm. Muito fragmentada, quase completa. Est. LIII.
- 1 (2) Frigideira. Aparentada à forma 2. Pasta I, cinzento muito escuro (10 YR 3/1). Diâm. 254 mm.; alt. 53 mm. Fragmentada, quase completa, parcialmente restaurada. Est. LIII.
- 1 (3a) e (3b) Dois brincos de ouro. Comprimento 34 mm. Intactos. Est. LIII; LXXII-2, LXXIX-2.
- 2 Bilha. Forma 1 a ou b. Pasta III, laranja (2.5 YR 5/8). Diâm. do bojo reconstituído 92 mm. Muito fragmentado e incompleto. Conserva-se um fragmento pequeno do gargalo com o arranque de uma asa de fita. Est. LIII.
- 3 Potinho. Forma 3 a. Pasta III, castanho escuro (5 YR 4/3-4). Diâm. 83 mm.; alt. reconstituída 93 mm. Fragmentado, quase completo. Est. LIII.

## H. 1.

- 1 Machado de anfibolito. Forma subcónica com parede convexa; gume em bisel, arqueado; secção oval. Apesar da erosão sofrida, vê-se que foi todo bem polido. Comp. máx. 97 mm.; larg. máx. 40 mm. Est. LXIII; LXIX, 2.

## I 1. Enterramento do tipo 2.

- 1 Bilha. Forma 3. Pasta I, amarelo alaranjado escuro (7.5 YR 5/6). Vestígios de engobe vermelho. Diâm. do pé 47 mm. Muito fragmentada e incompleta. Est. LV.
- 2 Copa. Pasta II, beije escuro (10 YR 7/4). Diâm. 146 mm.; alt. 122 mm. Restaurado, quase completo. Est. LV.
- 3 Pote. Forma 2. Pasta II, castanho escuro (10 YR 3/3). Diâm. 145 mm.; alt. reconstituída 122 mm. Fragmentado e incompleto. Est. LIV.
- 4 Malga. Pasta VI, amarelo alaranjado escuro (7.5 YR 5/6). Diâm. 171 mm.; alt. 64 mm. Completa, restaurada. Est. LIV.
- 5 Púcaro. Forma 2. Pasta V, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Diâm. 84 mm.; alt. 87 mm. Muito fragmentado, incompleto. Est. LIV.
- 6 Púcaro. Forma 2. Pasta V, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Diâm. da base 43 mm. Muito fragmentado e incompleto. N.i.
- 7 Prato de t.s.h. Forma Drag. 15/17. Pasta rosada, com muita calcite. Vestígios de engobe alaranjado. Diâm. 158 mm.; alt. 38 mm. Restaurado, incompleto. Est. LV.
- 8 Púcaro. Forma 1, Pasta III, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Vestígios de engobe vermelho. Diâm. 98 mm.; alt. reconstituída 101 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. LV.
- 8a Prego de ferro. Secção máx. 11 mm.; comprimento conservado 54 mm. Incompleto. Est. LIV.
- 9 Prego de ferro. Três fragmentos da haste de um prego dobrado na ponta. Secção junto da dobra 9 mm. Incompleto. N.i.
- 10 Prego de ferro. Haste com 11 mm. de secção e 58 mm. de comprimento. Incompleto. Est. LV.
- 11 Prego de ferro. Fragmentado. N.r.
- 12 Prego de ferro. Secção da haste 11 mm.; comprimento conservado 87 mm. Incompleto. Est. LV.
- 13 Prego de ferro. Secção 6,5 mm. a 64 mm. da cabeça; comprimento conservado 70 mm. Muito fragmentado e corroído. N.i.
- 14 Prego de ferro. Haste dobrada a 72 mm. da cabeça. Secção da haste 11 mm.; comprimento total 101 mm. Quase completo. Est. LV.
- 15 Prego de ferro. Haste dobrada a 84 mm. da cabeça. Secção da haste 11 mm.; comprimento total 134 mm. Quase completo. Est. LV.
- 16 Fragmento da ponta de um prego de ferro. Secção 8 mm. N.i.
- 17 Malga. Pasta I, amarelo alaranjado escuro (7.5 YR 5/5). Vestígios de engobe vermelho. Diâm. 139 mm.; alt. 53 mm. Completa, restaurada. Est. LV.

## I 2. Enterramento do tipo 3.

- 1 Bilha. Possivelmente da forma 2 a. Pasta V, laranja (5 YR 5/8). Diâm. 162 mm. Fragmentada, quase completa, restaurada. Est. LYI.
- 2 Bilha. Possivelmente da forma 1 a. Pasta I, castanho amarelado claro (7.7 YR 5/5). Vestígios de engobe vermelho. Diâm. 132 mm. Incompleta, restaurada. Est. LVI.
- 3 Bilha. Pasta IV, laranja (2.5 YR 5/8). Superfície alisada. Diâm. c. 70 mm. Muito incompleta e fragmentada. N.i.
- 4 Pote pequeno. Forma 2. Pasta III, castanho amarelado escuro (7.5 YR 4/4). Diâm. da base 39 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. LVI.
- 5 Prato de t.s.h. Forma Ludiwici tb. Marca ATTPA[. Pasta rosada, com muita calcite. Engobe vermelho vivo / castanho, brilhante, quase completamente desaparecido. Diâm. 180 mm.; alt. 45 mm. Restaurado, quase completo. Est. LVI.
- 6 Prato de t.s.h. Forma Drag. 15/17. Grafito no fundo exterior. Pasta rosada, com muita calcite. Engobe vermelho, alaranjado, brilhante, mal conservado. Diâm. 169 mm.; alt. 46 mm. Restaurado, completo. Est. LVII.
- 7 e 9 Dois fragmentos pertencentes a um prato de t.s.h. Forma Drag. 18. Pasta rosada, com muita calcite. Engobe vermelho acastanhado, brilhante, mal conservado. Diâm. 172 mm.; alt. conservada 40 mm. Incompleto. Est. LVII.
- 8 Púcaro. Pasta III, castanho alaranjado (5 YR 5/4). Diâm. da base 43 mm. Muito fragmentado e incompleto. N.i.
- 10 Taça de t.s.h. Forma Drag. 27. Marca F[LAVI]NI. Pasta rosada, com bastante calcite. Engobe vermelho acastanhado, brilhante, granuloso, mal conservado. Diâm. 91 mm.; alt. 46 mm. Restaurada, quase completa. Est. LVII.
- 11 Tacho. Pasta III, castanho alaranjado escuro (5 YR 4/4 — 2.5/1). Superfície alisada. Diâm. 140 mm.; alt. reconstituída 83 mm. Fragmentado, incompleto. Est. LVII.
- 12 Fragmentos de cerâmica comum de forma indeterminável. N.r.
- 13 Pratel. Aparentado à forma 5. Pasta I, laranja acastanhado escuro / castanho escuro (5 YR 4/6 — 2.5/2). Vestígios de engobe-vermelho. Diâm. reconstituído 139 mm.; alt. 24 mm. Fragmentado e incompleto. Est. LVII.
- 14 Prego de ferro. Haste com 10 mm. de secção e 71 mm. de comprimento. Quase completo. Est. LVI.
- 15 Prego de ferro. Largura máx. da haste 8 mm. Incompleto. Est. LVI.
- 16 Prego de ferro. A cabeça erapossivelmente convexa. Haste parcialmente oca, com 8,5 mm. de secção. Comprimento conservado 39 mm. Incompleto. Est. LVII.

## I 3. Enterramento do tipo 2.

- 1 Bilha. Forma 3. Pasta I, castanho amarelado claro (7.5 YR 5/4). Vestígios de engobe vermelho. Diâm. 158 mm.; alt. 205 mm. Fragmentada, completa e restaurada. Est. LVII.
- la Prego de ferro. Haste com 10 mm. de secção; comprimento reconstituído 75 mm. Fragmentado. Est. LVII.
- 2 Prato ou frigideira. Forma 2. Pasta VI, amarelo alaranjado escuro (7.5 YR 5/6). Diâm. 202 mm.; alt. 42 mm. Fragmentado, incompleto, parcialmente restaurado. Est. LVII.
- 3 Prato. Forma 6. Pasta I, amarelo alaranjado escuro (7.5 YR 5/6). Superfície alisada. Diâm. 243 mm.; alt. 43 mm. Completo, intacto. Est. LVIII.
- 4 Pote pequeno. Forma 2. Pasta I, cinzento amarelado escuro (10 YR 4/2). Diâm. 123 mm.; alt. 119 mm. Restaurado, completo. Est. LVII.
- 5 Copo de vidro. Forma Vessberg «deep bowl» B I p. Vidro transparente, ligeiramente tingido de verde musgo, com muitas bolhas de ar e impurezas. Diâm. do bordo reconstituído 98 mm.; alt. reconstituída 47 mm.; espessura 1 mm. Muito fragmentado, completo. Est. LIX.
- 6 Taça de vidro. Forma Isings 42 a. Vidro de boa qualidade, quase incolor, mas com muitas bolhas de ar e algumas impurezas. Picado e com certa irisão. Diâm. do bordo reconstituído 150 mm.; alt. reconstituída 53 mm.; espessura 1 mm. Muito fragmentado, quase completo. Est. LIX.
- 7 Malga. Pasta I, castanho amarelado (10 YR 4/3). Diâm. 192 mm.; alt. 65 mm. Completa, restaurada. Est. LVIII.
- 8 Púcaro. Forma 2. Pasta I, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Engobe do mesmo tom (2.5 YR 5/6), mal conservado. Diâm. 102 mm.; alt. 99 mm. Restaurado, quase completo. Est. LVII, LXXIV-1.
- 9 Tacho. Pasta I, castanho (7.5 YR 4.5/2). Superfície bem alisada, cinzento escuro (10 YR 4/1). Diâm. 164 mm.; alt. 111 mm. Restaurado, completo. Est. LVIII.
- 10 Bilha. Forma 3. Esta bilha conserva uma só asa, mas há indicação no bojo do arranque da segunda asa de fita. Pasta III, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Superfície alisada. Diâm. da base 47 mm.; alt. reconstituída 138 mm. Muito fragmentada e incompleta. Est. LIX.
- 11 Garrafa. Forma 4. Pasta III, laranja (2.5 YR 5.5/8). Diâm. da base 68 mm. Incompleta, parcialmente restaurada. Est. LXI.
- 12 Prato. Forma 3. Pasta III, castanho escuro (7.5 YR 3/2). Diâm. 195 mm.; alt. 34 mm. Completo, restaurado. Est. LIX.
- 13 Copo ou tigela de vidro. Forma Vessberg «Deep bowl» B I (L Vidro transparente, quase incolor, de boa qualidade, com algumas

bolhas de ar e poucas impurezas. Diâm. do bordo reconstituído 110 mm.; alt. reconstituída 35 mm.; espessura c. 1 mm. Muito fragmentado, completo. Est. LIX.

- 14 Prato de vidro. Vidro transparente, quase incolor, levemente tingido de verde azeitona. Muitas bolhas de ar e impurezas negras, picado e leve irisão. Diâm. 190 mm.; espessura c. 0.5-1 mm., no bojo. Muito fragmentado e incompleto. O perfil publicado pode apresentar um desvio ligeiro na altura total da peça. A largura da aba, excepcionalmente grande, não oferece dúvidas. Est. LIX.
- 15 Fragmentos de copo ou taça de vidro. Forma indeterminável. Vidro incolor e transparente, muito destruído pelo fogo. Espessura média 1.5 mm. N.r.

#### J 1. Enterramento do tipo 2.

- 1 Prato de t.s.s. Forma Drag. 36. Pasta avermelhada. Engobe acastanhado, brilhante, quase totalmente desaparecido. Diâm. 178 mm.; alt. reconstituída 38 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. LX.
- 2 Prato de t.s.h. Forma Drag. 36. Pasta rosada, com muita calcite. Engobe vermelho alaranjado, brilhante, quase totalmente desaparecido. Diâm. 161 mm.; alt. reconstituída 33 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. LX.
- 3 Prego de ferro. Haste com 8 mm. de secção e 80 mm. de comprimento, quase completa. Est. LX.
- 4 Prato. Forma 5. Pasta VII, laranja (2.5 YR 6/8). Superfície alisada? Diâm. 205 mm.; alt. 38 mm. Completo, restaurado. Est. LX.
- 5 Pote. Pasta V, cinzento escuro (5 YR 4/1). Diâm. da base 47 mm\*. Muito fragmentado e incompleto. N.i.
- 6 Bilha. Pasta V, laranja (5 YR 6/8). Diâm. da base c. 65 mm. Muito fragmentada e incompleta. N.i.
- 7 Bilha. Forma 3. Pasta I, castanho amarelado claro (7.5 YR 6/5-6). Engobe cor de tijolo (10 R 4/8). Diâm. da base 60 mm. Muito fragmentada e incompleta. Est. LX.
- 8 Malga. Pasta I, laranja acastanhado (2.5 YR 5/6). Superfície alisada. Diâm. da base 58 mm. Fragmentada e incompleta. Est. LX.
- 9 Prego de ferro. Secção da haste 13 mm.; comprimento conservado 51 mm. Incompleto. Est. LX.

#### J 2. Enterramento do tipo 2.

- 1 Prego de ferro. Haste parcialmente oca, com c. 8 mm. de secção, e 62 mm. de comprimento conservado. Incompleto. Est. LXI.

## J 3. Enterramento do tipo 5.

- (1) Urna. Forma 1 a. Pasta I, cinzento amarelado (10 YR 5/2). Diâm. do bocal 200 mm.; alt. 256 mm. Muito fragmentada e incompleta. Est. LXI, esc. 1:4.
- (2) Base de uma malga. Pasta I, cinzento amarelado escuro (10 YR 4/2). Diâm. da base 58 mm. Fragmentada e incompleta. Est. LXI.
- (3) Potinho. Forma 1. Pasta III, cinzento amarelado escuro (10 YR 4/2). Diâm. 81 mm.; alt. 91 mm. Quase completo. Est. LXI.

## ,1 4. Enterramento do tipo 4.

- 1 (1) Tacho (urna). Pasta I, castanho amarelado (7.5 YR 3.5/4). Diâm. do bordo 282 mm.; alt. 170 mm. Parcialmente restaurado, completo. Est. LXI.
- 1 (2) Testo. Pasta I, laranja acastanhado escuro (5 YR 4/6). Diâm. da pegadeira 67 mm.; alt. 78 mm. Incompleto, restaurado. Est. LXI.
- 2 Potinho. Forma 5. Pasta III, castanho amarelado (10 YR 4/4). Diâm. da base 40 mm.; alt. reconstituída 95 mm. Fragmentada e incompleta. Est. LXI.

## J 5. Enterramento do tipo 2.

- 1 Malga. Pasta I, muito manchado, laranja acastanhado escuro predominante (5 YR 4/6). Diâm. 179 mm.; alt. 81 mm. Fragmentada e incompleta. Est. LXII.
- 2 Pote pequeno. Pasta Y, laranja acastanhado escuro / castanho amarelado (5 YR 4/6 —10 YR 4/3). Apenas se conservam alguns fragmentos. N.i.
- 3 Bilha. Forma 1 b. Pasta III, laranja (2.5 YR 5/8). Diâm. da base 60 mm. Muito fragmentada e incompleta. Est. LXII.
- 3a Fragmentos de um prato. Forma não reconstituível. Pasta III, laranja (2.5 YR 6/8). N.r.
- 4 Pratel. Forma 1. Pasta III, laranja (2.5 YR 6/7). Diâm. 146 mm.; alt. 43 mm. Fabrico manual. Completo, restaurado. Est. LXI.
- 5 Fundo de um púcaro. Pasta V, castanho escuro (5 YR 2.5/2). Diâm. da base c. 40 mm. Muito fragmentado e incompleto. N.i.
- 6 Púcaro. Forma 1. Pasta Y, amarelo alaranjado escuro (7.5 YR 5/6). Diâm. da base 35 mm.; alt. reconstituída 94 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. LXIII.
- 7 Prato. Forma 4. Pasta YI, cinzento claro / castanho amarelado (5 Y 5/1 —10 YR 5/4). Diâm. da base 105 mm.; alt. reconstituída 24 mm. Muito fragmentado e incompleto. Est. LXIII.
- 8 Fundo de uma bilha. Pasta III, laranja acastanhado (5 YR 5/6). Diâm. da base 48 mm. N.i.

- 9 Copo de p.f. Forma Mayet XXXVII? Pasta 1 a, medianamente fina e densa, ocre claro (7.5 YR 8/5). O engobe, completamente gasto, deixou algumas manchas de cor laranja (5 YR 6/6). Muito fragmentado e incompleto. N.i.
- 10 Tigela vertedreira de p.f. Pasta 1 b, pouca fina, mas densa, ocre amarelado (7.5 YR 7/6). Engobe laranja (2.5 YR 5/8), mal conservado. Diâm. da base c. 40 mm. Muito fragmentada e incompleta. Est. LXIII.
- 11 Unguentário de vidro. Forma Isings 28 b. Vidro quase incolor, ligeiramente amarelado. Espessura 2 mm. Muito fragmentado e incompleto. N.i.
- 12 Bilha. Forma 2 a. Pasta IV, laranja (5 YR 5.5/8). Muito incompleta. Est. LXIII.
- 13 Fundo de cerâmica fina. Conservam-se apenas alguns fragmentos pequenos do fundo e da base de copo ou taça. Pasta V, amarelo alaranjado escuro (7.5 YR 5/6). Diâm. da base c. 35 mm. N.i.
- 14 Pregão de ferro. Secção da haste 9 por 8 mm.; comprimento preservado 81 mm., quase completa. Est. LXIII.
- 15 Pregão de ferro. A cabeça pode ter sido formado por martelagem do topo da haste para um lado. Secção da haste 10 por 8 mm.; comprimento conservado 55 mm. Incompleto. Est. LXIII.

## Dispersos

- 3 Taça de t.s.h. Forma Drag. 35. Grafito *R* no exterior. Pasta rosada, com muita calcite. Engobe vermelho acastanhado, granuloso, muito brilhante, mal conservado. Diâm. 91 mm.; alt. 34 mm. Completa, intacta. Est. LXIII.
- 5 Taça de t.s.h. Forma Drag. 24/25. Pasta rosada, com bastante calcite. Engobe totalmente desaparecido. Diâm. 76 mm.; alt. 34 mm. Fragmentada e incompleta. Est. LXIII.
- 6 Taça de t.s.h. Forma Drag. 35. Grafito *R* no exterior. Pasta rosada, com muita calcite. Engobe vermelho acastanhado, granuloso, muito brilhante, mal conservado. Diâm. 125 mm.; alt. 46 mm. Restaurada, incompleta. Est. LXIII.
- 9 Taça de t.s.s. Forma Drag. 27. Pasta rosada, com muita calcite. Engobe totalmente desaparecido. Diâm. 79 mm.; alt. 37 mm. Fragmentada, incompleta. Est. LXIII.
- 14 Prato. Forma 3. Pasta VI, castanho amarelado claro (10 YR 6/4). Diâm. 272 mm.; alt. 52 mm. Fragmentado, incompleto. Est. LXIII.
- 15 Jarro de vidro. Vidro leitoso, verde musgo, com muitas bolhas de ar e impurezas negras; o fundo e o pé conservam-se transparentes. Diâm. 60 mm.; espessura 1 mm. Incompleto. Est. LXIII, LXXVI-1.

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO (A. M.), *Algumas peças de «terra sigillata» na Secção Arqueológica do Paço Ducal de Vila Viçosa*, «Conimbriga», 11/111, 1960-1961, p. 181-201.
- , MARTINS (A. N.), *Uma cerâmica aparentada com as «Paredes Finas» de Mérida*, «Conimbriga» XV, 1976, p. 91-111.
- ALARCÃO (J. de), ÉTIENNE (R.), MOUTINHO ALARCÃO (A.) e PONTE (S. da), *Fouilles de Conimbriga VII, Trouvailles diverses — Conclusions générales*, Paris, 1979 (= *Fouilles de Conimbriga VII*).
- ALARCÃO (J. de) e (A. M.), *Vidros romanos do Museu de Martins Sarmento*, «Revista de Guimarães», LXXIII, 1963, p. 175-190 (= ALARCÃO, *Martins Sarmento*).
- , *Quatro pequenas colecções de vidros romanos*, «Revista de Guimarães», LXXIII, 1963, p. 367-390.
- , *Vidros Romanos do Museu Municipal da Figueira da Foz*, «Revista de Guimarães», LXXIV, 1964, p. 79-116 (= ALARCÃO, *Figueira da Foz*).
- , *Vidros romanos de Conimbriga*, Conimbriga, 1965.
- , *O espólio da necrópole de Valdoca (Aljustrel)*, «Conimbriga», V, 1966, p. 7-104 (= ALARCÃO, *Valdoca*).
- \*—, *Vidros romanos do Museu Arqueológico de Vila Viçosa*, «Conimbriga», VI, 1967, p. 1-45 (= ALARCÃO, *Vila Viçosa*).
- ALARCÃO (J. de), *Sepultura luso-romana descoberta no concelho de Constância*, «Museu», 2.<sup>a</sup> série, n.º 10, 1966, p. 5-12.
- , *Vidros romanos de museus do Alentejo e Algarve*, «Conimbriga», VII, 1968, p. 7-39. (= ALARCÃO, *Alentejo e Algarve*).
- , *Vidros romanos de Balsa*, «O Arqueólogo Português», Série III, vol. IV, 1970, p. 237-261. (= ALARCÃO, *Balsa*).
- , *Mais algumas pequenas colecções de vidros romanos*, «Conimbriga», X, 1971, p. 25-44.
- , *Vidros romanos de Aramenha e Mértola*, «O Arqueólogo Português», série III, vol. V, 1971, p. 191-200.
- ■, *Cerâmica comum local e regional de Conimbriga*, Coimbra, 1974 (= ALARCÃO, *Comum*).
- , *A necrópole de Monte Farrobo (Aljustrel)*, «Conimbriga», XIII, 1974, p. 5-32 (= ALARCÃO, *Farrobo*).
- , DELGADO (M.), MAYET (F.), MOUTINHO ALARCÃO (A.) e PONTE (S. da), *Fouilles de Conimbriga VI, Céramiques diverses et verres*, Paris, 1976, (= *Fouilles de Conimbriga VI*).

- ALMAGRO BASCH (M.), *Las Necrópolis de Ampurias*, Monografías Ampuritanas, III, vol. II, Barcelona, 1955 (= ALMAGRO, *Ampurias II*).
- À propos des céramiques de Conimbriga, (Table-ronde tenue à Conimbriga les 25-27 mars 1975), «Conimbriga», XIV, 1975, p. 5-224.
- ALMEIDA (C. A. FERREIRA DE), *Escavações no Monte Mozinho* (1974), Penafiel, 1974 (= ALMEIDA, *Monte Mozinho*).
- , *Escavações no Monte Mozinho*, II, 1975-1976, Penafiel, 1977.
- DEL AMO Y DE LA HERA (A.), *Estudio preliminar sobre la romanización en el termino de Medellin (Badajoz)*, *La Necrópolis de El Pradillo y otras villas romanas*, «Noticiário Arqueológico Hispânico», Arqueologia II, Madrid, 1974 (= DEL AMO, *Medellin*).
- AUTH (S. H.), *Ancient glass at the Newark Museum*, Newark, 1976 (= AUTH, *Newark*).
- BAIRRÃO OLEIRO (J. M.) e ALARCAO (J.), *Escavações em S. Sebastião do Freixo*, «Conimbriga», VIII, 1969, p. 1-11.
- BÉMONT (C.), *Vases à parois fines de Glanum: formes et décors*, «Gallia», 34, 1976, p. 237-278.
- BENDALA GALÁN (M.), *La necrópolis Romana de Carmona (Sevilla)*, I e II, Sevilha, 1976.
- BERGER (L.), *Römische Glaser aus Vindonissa*, (Veröffentlichungen der Gesellschaft pro Vindonissa, IV), Basileia, 1960 (= BERGER, *Vindonissa*, IV).
- BOHME (A.), *Schmuck der Römischen Frau*, (Kleine Schriften zur Kenntnis der römischen Besetzungsgeschichte Südwestdeutschlands, 11), Estuarda, 1974.
- BONSOR (G. E.), *An archaeological sketch-book of the Roman necropolis at Carmona*, (Hispanic Notes and Monographs), New York, 1931.
- BRAILSFORD (J. W.), *Hod Hill I, Antiquities from Hod Hill in the Durden Collection*, Londres, 1962.
- BRANIGAN (K.), *Gatcombe Roman Villa*, (British Archaeological Reports, 44), Oxford, 1977.
- BROWN (P.D.C.), *The ironwork*, em BRODRIBB (A.C.C.), HANDS (A.R.) e WALKER (D.R.), *Excavations at Shakenoak Farm, near Wilcote, Oxfordshire*, III, Oxford, 1972, p. 86-117.
- BUCOVALĂ (M.), *Vase antice di sticlă la Tomis*, Muzeul de arheologie Constanta, 1968.
- BUSHE-FOX (J.P.), *Fourth Report on the excavation of the Roman fort at Rich" borough, Kent*, (Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London, 16), Londres, 1949.
- CAEIRO (J. O. DA SILVA), *O espólio da herdade do Reguengo, Vaiamonte*, «O Arqueólogo Português», Série III, vols. VII-IX, 1974-1977, p. 227-241 (= CAEIRO, *Vaiamonte*).
- CALVI (M. C.), *I vetri romani del Museo di Aquileia*, Aquileia, 1968.
- CHARLESWORTH (D.), *The glass*, em FRERE (S. S.) e ST. JOSEPH (J. K.), *The Roman fortress at Longthorpe*, «Britannia», V, 1974, p. 88-9Q.

- CUNLIFFE (B. W.), *Fifth Report on the Excavation of the Roman fort at Richborough, Kent*, (Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London, 23), Oxford, 1968 (= CUNLIFFE, *Richborough V*).
- , *Excavations at Fishbourne, 1961-1969*, (Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London, 27), vol. II, Leeds, 1971 (= CUNLIFFE, *Fishbourne II*).
- DÉCHELETTE (J.), *Les vases céramiques ornés de la Gaule romaine*, I e II, Paris, 1904.
- DELGADO (M.), MAYET (F.), MOUTINHO ALARCÃO (A.), *Fouilles de Conimbriga IV, Les Sigillées*, Paris, 1975. (= *Fouilles de Conimbriga IV*).
- DENEAUVE (J.), *Lampes de Carthage*, Paris, 1969.
- DOLLFUS (M. A.), *Catalogue des Fibules de Bronze de Haute-Normandie*, (Extrait des Mémoires Présentées par divers savants à l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, XVI), Paris, 1973.
- ETTLINGER (E.), *Die Keramik der Augster Thermen*, Basileia, 1949 (= ETTLINGER, *Augster Thermen*).
- , SIMONETT (Ch.), *Römische Keramik aus dem Schutthugel von Vindonissa*, (Veröffentlichungen der Gesellschaft pro Vindonissa, III), Basileia, 1952 (= ETTLINGER E SIMONETT, *Vindonissa*).
- FAIDER-FEYTMANS (G.), *La nécropole gallo-romaine de Thuin*, Fouilles du Musée de Mariemont, II, Bruxelles, 1965.
- FARIÑA (J.), *Fibulas en el país Vasco-navarro*, «Estudios de Arqueologia Alavesa» II, 1967, p. 195-214.
- FELLMAN (R.), *Rasei in römischer Zeit*, X, Basileia, 1955.
- FERRER DIAS (L.), VIEGAS (J. R.), *Necrópole lusitano-romana de Monte Sardinha (S. Francisco da Serra)*, «Setúbal Arqueológica» II/III, 1976-1977, p. 353-359.
- FERRER DIAS (L.), «*Terra Sigillata*» de Miróbriga, «Setúbal Arqueológica» II/III, 1976-1977, p. 361-410.
- FOUET (G.), *La villa gallo-romaine de Montmaurin*, (XX suppl. de «Gallia»), Paris, 1969.
- FORTES (J.), *Fibulas e Fivelas*, «O Archeólogo Português», IX, 1904, p. 1-11.
- FOWLER (E.), *The Origins and Development of the Penannular Rrooch in Europe*, «Proceedings of the Prehistoric Society», XXVI, 1960, p. 149-177 (= FOWLER, *Penannular Rrooch*).
- FRANÇA (E. A.), *Anéis, braceletes e brincos de Conimbriga*, «Conimbriga», VIII, 1969, p. 17-64.
- , *Objectos de toilette de Conimbriga*, «Conimbriga», X., 1971, p. 5-23.
- FREMERSDORF (F.), *Das Naturfarbene sogenannte Rlaugriine Glas in Köln*, Colónia, 1958 (= FREMERSDORF, *Rlaugriine Glas*).
- , *Die Römischen Glaser mit Fadenauflage in Köln*, Colónia, 1959.
- , *Die Römischen Gldser mit Schlif, Bemahlung und Goldauflagen aus Köln*, Colónia, 1967.

- FRERE (S.), *Verulamium Excavations I*, (Report of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London, XXVIII), Londres, 1972. (= FRERE, *Verulamium*).
- GALLO (G. N.), *El oppidum de Iruña (Alava)*, Vitoria, 1958.
- GARCIA y BELLIDO (A.), *Mérida, La Gran Necrópolis Romana de la Salida del Puente*, (Excavaciones Arqueológicas en España, 11), Madrid, 1962.
- , *Los Hallazgos Cerámicos del Area del Templo Romano de Córdoba*, (Anejos de «Archivo Español de Arqueología» V), Madrid, 1970.
- GARRIDA ROIZ (J.P.), *Excavaciones en la necrópolis de la Joya, Huelva*, (Excavaciones Arqueológicas en España, 71), Madrid, 1970.
- GAVELLE (R.), *Notes sur les fibules gallo-romaines recueillies à Lugdunum Convenarum (Saint-Rertrand de Comminges)*, «Ogam», XIV, 1962, p. 201-236.
- GOETHERT-POLASCHEK (K.), *Katalog der römischen Gläser des Rheinischen Landesmuseums Trier*, (Trierer Grabungen und Forschungen), IX, Mainz am Rhein, 1977.
- GORBEA (M. A.), *La Necrópolis de «Las Madrigueras», Carrascosa del Campo, Cuenca*, Biblioteca Præhistorica Hispanica, X, Madrid, 1969.
- GOSE (E.), *Gefasstypen römischen Keramik in Rheinland* (Bonner Jahrbucher, 1), Kevelaer, 1950 (= GOSE, *Gefasstypen*).
- GREENE (K. T.), *The Pottery from Usk*, em «Current Research in Romano-British coarse Pottery», Londres, 1973.
- GUDIOL (J.), *Catàlech dels vidres que integren la col·lecció Amatller*, Barcelona, 1925.
- HAEVERNICK (T. E.), *Nadelkopfe vom Typ Kempten*, «Germania», 50, 1972, p. 136-148.
- HARDEN (D. B.), *Roman glass from Karanis, Michigan*, 1936 (== HARDEN, *K ar anis*).
- \*, *The Glass*, em HAWKES (C.F.C.), HULL (M.R.), *Camulodunum. First report on the excavations at Colchester, 1930-1939*, Oxford, 1947, p. 287-307 (= HAWKES e HULL, *Camulodunum*).
- , PRICE (J.), *The Glass*, em CUNLIFFE (B.), *Excavations at Fishbourne, 1961-1969*, vol. II Leeds, 1971, p. 317-370. (= CUNLIFFE, *Fishbourne II*).
- HAWKES (C.F.C.), HULL (M.R.), *Camulodunum. First report on the excavations at Colchester, 1930-1939*, Oxford, 1947 (= HAWKES e HULL, *Camulodunum*).
- HAYES (J.W.), *Roman Pottery in the Royal Ontario Museum*, Toronto, 1976 (= HAYES, *Ontario*).
- HERMET (F.), *La Graufesenque*, (Condatomago), Paris, 1934.
- HEUKEMES (B.), *Römische Keramik aus Heidelberg*, (Romisch-Germanisches Kommission des Deutschen Archaeologischen Instituts zu Frankfurt A. M., Materialien zur Römischen-Germanischen Keramik, 8), Bona, 1964.
- HIGGINS (R.A.), *Greek and Roman jewellery*, Londres, 1961.

- ISINGS (C.), *Roman glass from dated finds*, (Archaeologica Traiectina II) Groningen, 1957 (= ISINGS, *Dated finds*).
- KENYON (K.), *Excavations at the Jewery Wall site, Leicester*, (Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London, 15), Oxford, 1948.
- LEITE DE VASCONCELOS (J.), *Antigualhas da Beira-Baixa*, «O Arqueólogo Português», XXIII, 1918, p. 1-8.
- LERAT (L.), *Les fibules gallo-romaines de Besançon*, (Annales Littéraires de l'Université de Besançon, 2.<sup>a</sup> série, vol. III, fase. I). Paris, 1956.
- MANNING (W.H.), *Catalogue of Romano-British ironwork in the museum of Antiquities, Newcastle upon Tyne*, Newcastle upon Tyne, 1976 (= MANNING, *Newcastle upon Tyne*).
- MARABINI MOEVS (M.T.), *The Roman thin walled pottery from Cosa*, (1948-1954), *Memoirs of the American Academy in Rome*, XXXII, Roma, 1973 (= MARABINI, *Cosa*).
- MARINATOS (S.), HIRMER (M.), *Crete and Mycenae*, New York, 1960.
- MARSHALL (F.H.), *Catalogue of the Jewellery, Greek, Etruscan and Roman in the Department of Antiquities, British Museum*, Oxford, 1969.
- MARY (G.T.), *Novaesium I, Die Südgallische Terra-Sigillata aus Neuss*, (Limesforschungen Studien zur Organisation der Römischen Reichsgrenze an Rhein und Donau, 6), Berlin, 1967.
- MAYET (F.), *Marques de Potiers sur sigillée hispanique a Conimbriga*, «Conimbriga», XII, 1973, p. 5-65 (= MAYET, *Marques de Potiers*).
- , *Les céramiques à parois fines dans la Péninsule Ibérique*, Paris, 1975 (= MAYET, *Parois Fines*).
- MEZQUIRIZ DE CATALÁN (M.A.), *La Excavación Estratigrafica de Pompado I*, Pamplona, 1958 (= MEZQUIRIZ, *Pompado*).
- , *Terra Sigillata Hispanica*, I, II, Valencia, 1961 (= MEZQUIRIZ, *Hispanica*).
- MORIN-JEAN, *La verrerie en Gaule sous l'Empire romain*, Paris, 1922-1923.
- Munsell Soil Color Charts*, Baltimore, 1973.
- NEVES (J.C.), *Uma coleção particular de materiais romanos de Aramenha*, «Conimbriga», XI, 1972, p. 5-29 (= NEVES, *Aramenha*).
- NOLEN (J.U.S.), *Recensão sobre MAYET (F.), Parois Fines*, «Conimbriga», XV, 1976, p. 19-27 (= NOLEN, *Recensão*).
- , *Alguns fragmentos de «paredes-finas» de Miróbriga*, «Setúbal Arqueológica», II/III, 1976-1977, p. 423-452.
- NUNES RIBEIRO (F.), «*Terra sigillata*» encontrada nas Represas-Reja, I e II, *Marcas de oleiro*, «Arquivo de Beja», XV, 1959, p. 71-121.
- OSWALD (F.), *Index of PotteF's Stamps on Terra Sigillata*, Londres, 1964.
- PALOL (P.), CORTES (J.), *La Villa Romana de la Olmeda, Pedrosa de la Vega (Palenda) I*, Acta Arqueológica Hispanica, 7, Madrid, 1974.
- PARIS (P.), BONSOR (G.), LAUMONIER (A.), RICARD (R.), MERGELINA (C. de), *Fouilles de Bello (Bolonia, Province de Cadiz), II, La Nécropole*, Bordéus, 1926 (= *Fouilles de Bello II*).

- PIRLING (R.), *Das Römisch-Frankische Gräberfelder von Krefeld-Gellep*, I, Berlin, 1966.
- PONTE (S. da), *Fibulas Prê-romanas e Romanas de Conimbriga*, «Conimbriga», XII, 1973, p. 162-196.
- RICHMOND (J.), *Hod Hill, II, (Excavations carried out between 1951 and 1958 for the Trustees of the British Museum)*, Londres, 1968.
- ROBERTSON (A.S.), *Roman Imperial Coins in the Hunter Coin Cabinet*, I, Glasgow, 1962.
- ROUMENS (M.R.), *Sigillata Hispanica producida en Andujar*, Jaén, 1976 (= ROUMENS, *Andujar*).
- RUGER (C.B.), *Römische Keramik aus dem Kreuzgang der Kathedrale von Tarragona* (Sonderdruck aus den Madrider Mitteilungen, 9, Heidelberg, 1968).
- SALDERN (A. von), NOLTE (B.), LA BAUME (P.), HAEVERNICK (T.E.), *Glaser der Antike Sammlung Erwin Oppenlander*, Mainz am Rhein, 1974.
- SCHÜLE (W.), *Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel*, Berlin, 1969.
- SENA GHIESA (G.), *Gemme del Museo Nazionale di Aquileia*, Pádua, 1966.
- SERRANO RAMOS (E.), *Cerámica Común del alfar de Cartuja (Granada)*, «Baetica», Estudios de Arte, Geografía e Historia, 1, Málaga (= SERRANO RAMOS, *Cartuja*).
- SIMONETT (G.), *Tessiner Gräberfelder, Ausgrabungen des archäologischen Arbeitsdienstes in Solduno, Locarno-Muralto, Minusio und Stubio 1936 und 1937* (Monographien zur Ur- und Frühgeschichte der Schweiz, III), Basilea, 1941 (= SIMONETT, *Tessiner Gräberfelder*).
- SMITH (R.W.), *Glass from the ancient world, the Ray Winfield Smith collection*, Corning, 1957.
- STEWART (F.C.), *Marnian light on Iberian Penannular brooches*, «Antiquity», XLYI, Londres, 1972, p. 216-218.
- TODD (M.), *The Roman fort at Great Casterton, Rutland*, Nottingham, 1968.
- ULBERT (G.), *Die Römischen Donau-Kastelle Aislingen und Rurghöfe*, (Limesforschungen Studien zur Organisation der Römischen Reichsgrenze an Rhein und Donau), 1, Berlin, 1959.
- , *Das frühromische Kastell Rheingönheim. Die Funde aus den Jahren 1912 und 1913*, (Limesforschungen Studien zur Organisation der Römischen Reichsgrenze an Rhein und Donau), 9, Berlin, 1969.
- VALLS (R.M.), CASTRO (G.R.), *Hallazgos arqueológicos en la Provincia de Zamora (IV)* «Boletín del Seminario de Arte y Arqueología», XLIII, Valladolid, 1977, p. 291-319.
- VEGAS (M.), *Vorläufiger Bericht über romischer Gebrauchskeramik aus Pollentia (Mallorca)*, «Bonner Jahrbuch», 163, 1963, p. 274-304.
- , *Cerámica común del Mediterráneo occidental* (Publicaciones eventuales, 22), Barcelona, 1973 (= VEGAS, *Común*).
- VEIGA FERREIRA (S. da), *Marcas de oleiro em território português*, «O Arqueólogo Português», série III, III, 1969, p. 131-177 (= VEIGA FERREIRA, *Marcas*).

- VESSBERG (O.), WESTHOLM (A.), *The Swedish Cyprus Expedition, Vol. IV, 3, The Hellenistic and Roman Periods in Cyprus*, Lund, 1956. (= VESSBERG e WESTHOLM, *Cyprus*).
- VÍAN A (A.), DIAS DE DEUS (A.), *Nuevas necrópolis Celto-Romanas de la región de Eivas (Portugal)*, «*Archivo Español de Arqueología*», Madrid, 28, 1955 p. 33-68 (= VIANA e DIAS DE DEUS, *Nuevas Necrópolis*).
- , *Necrópolis de la Torre das Arcas*, «*Archivo Español de Arqueología*», Madrid, 28 (92), 1955, p. 244-265.
- , *Campos de urnas do concelho de Elvas*, «*O Instituto*», 118, 1956, p. 133-193 (= VÍAN A e DIAS DE DEUS, *Campos de urnas*).
- VÍAN A (A.), *Vidros romanos em Portugal, Preves notas*, «*Trabalhos de Antropologia e Etnologia*», 18 (1-2), 1960-61, p. 5-42 (= \* VIANA, *Vidros romanos*).
- WACHER (J.S.), *Excavations at Rough-on-Humber, 1958-1961* (Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London, XXV), Londres, 1969.
- WALKE (N.), *Das Romische Donaukastell Straubing-Sorviodurum* (Limesforschungen Studien zur Organisation der Römischen Reichsgrenze an Rhein und Donau), 3, Berlin, 1965.
- WHITING (W.), HAWLEY (W.), HAY (T.), *Report on the Excavation of the Roman Cemetery at Ospringe, Kent* (Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London, VIII), Oxford, 1931.
- WOODS (P.J.), *Brixworth Excavations, 1, The Romano-British villa, (1965-1970)*, *Journal*, 8, Northampton Museums and Art Gallery (= WOODS, *Brixworth*).

## ESTAMPAS

## CONVENÇÕES



Cinza



Carvões



Cinza com carvões



Ossos



Pedras

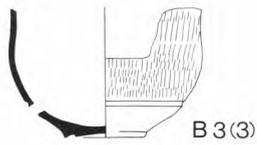
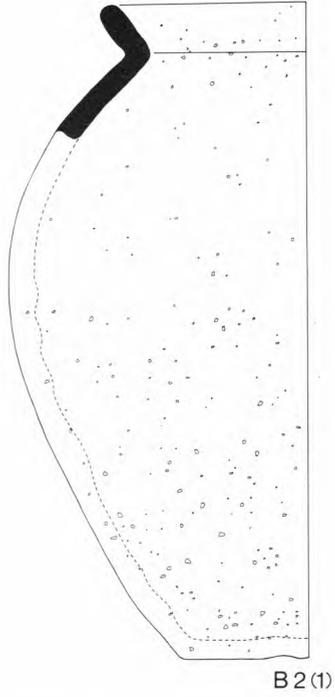
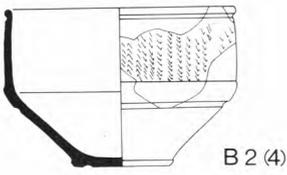
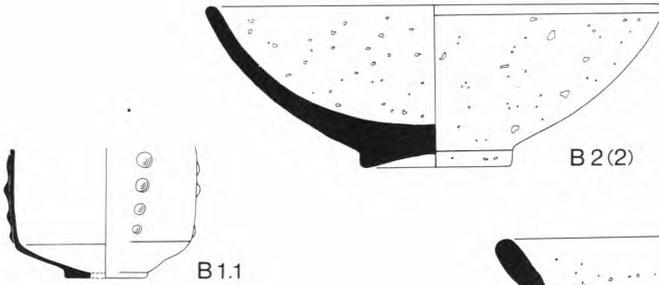


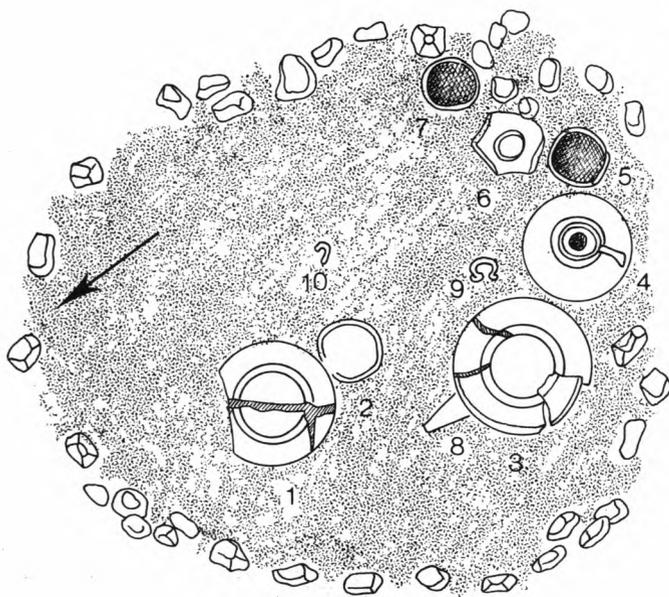
Parede oblíqua



Delimitação mal definida

As peças vão reproduzidas na escala 1:3, excepto quando no catálogo se faz menção expressa doutra escala.





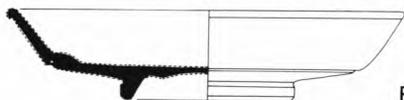
B 5.



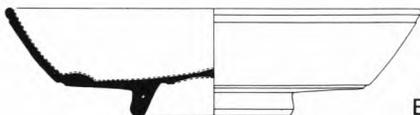
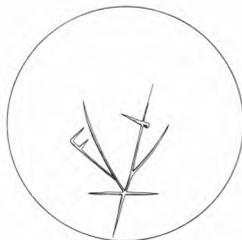
B 5.8



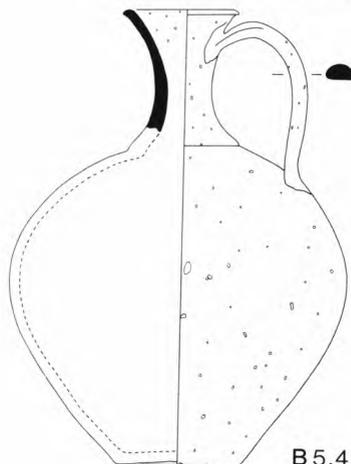
B 5.10



B 5.1



B 5.3



B 5.4



B 5.2

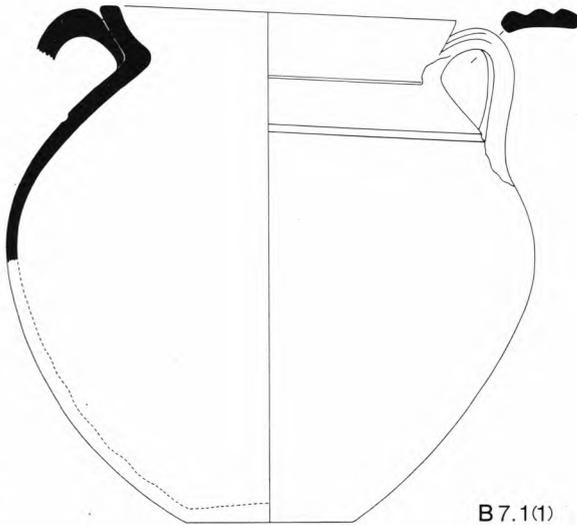
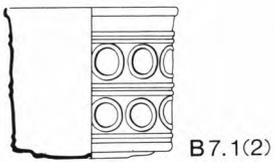
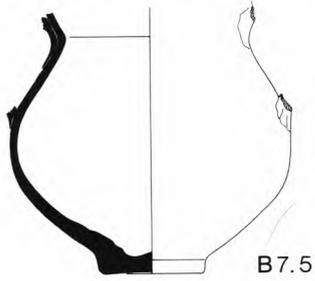
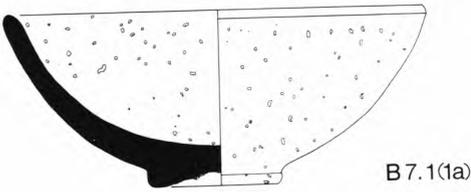
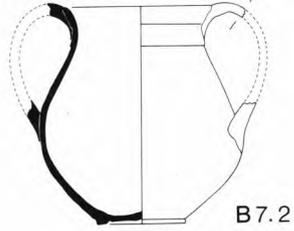
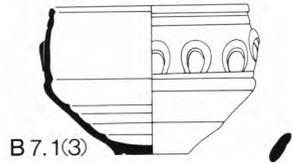
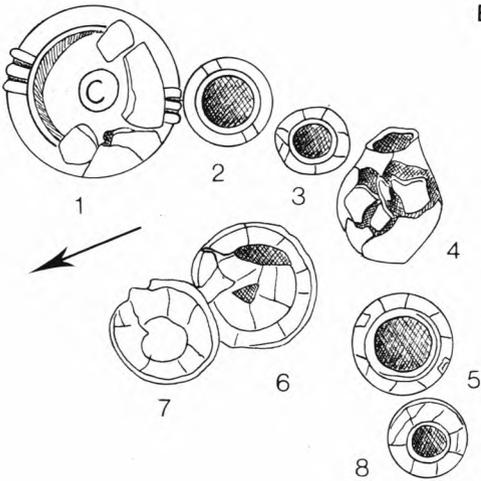


B 5.7

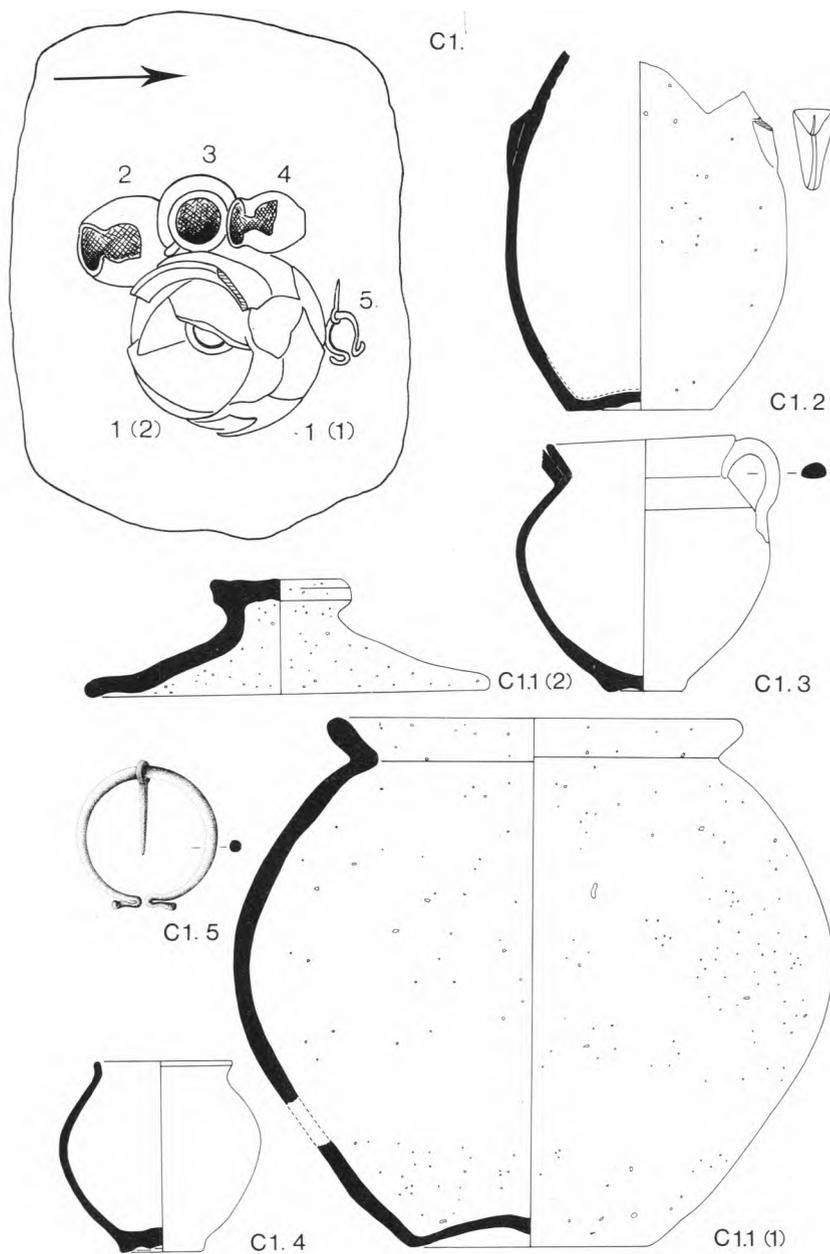


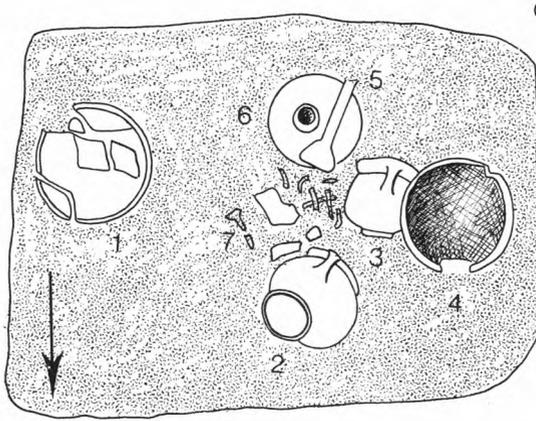
B 5.9

B7.

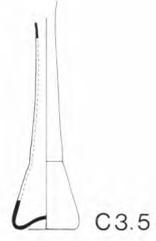


IV

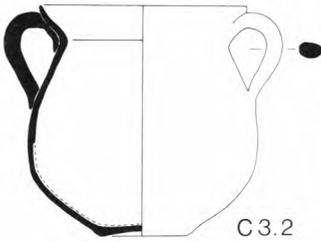




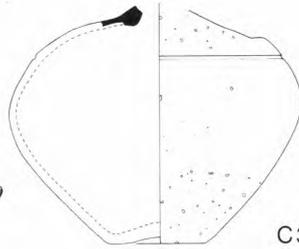
C3



C3.5



C3.2



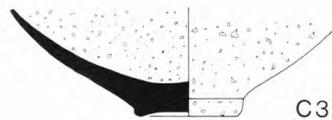
C3.6



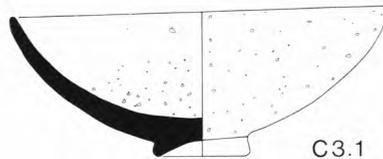
C3.7



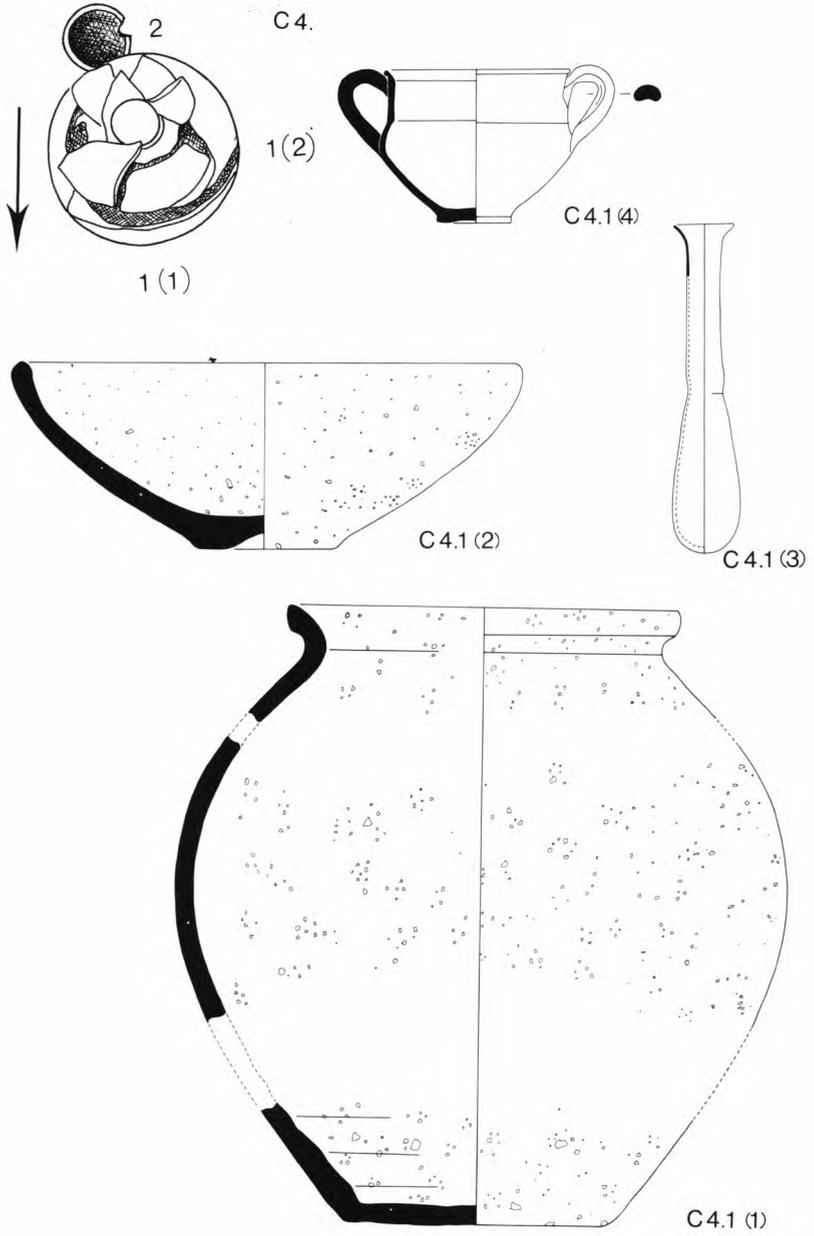
C3.3

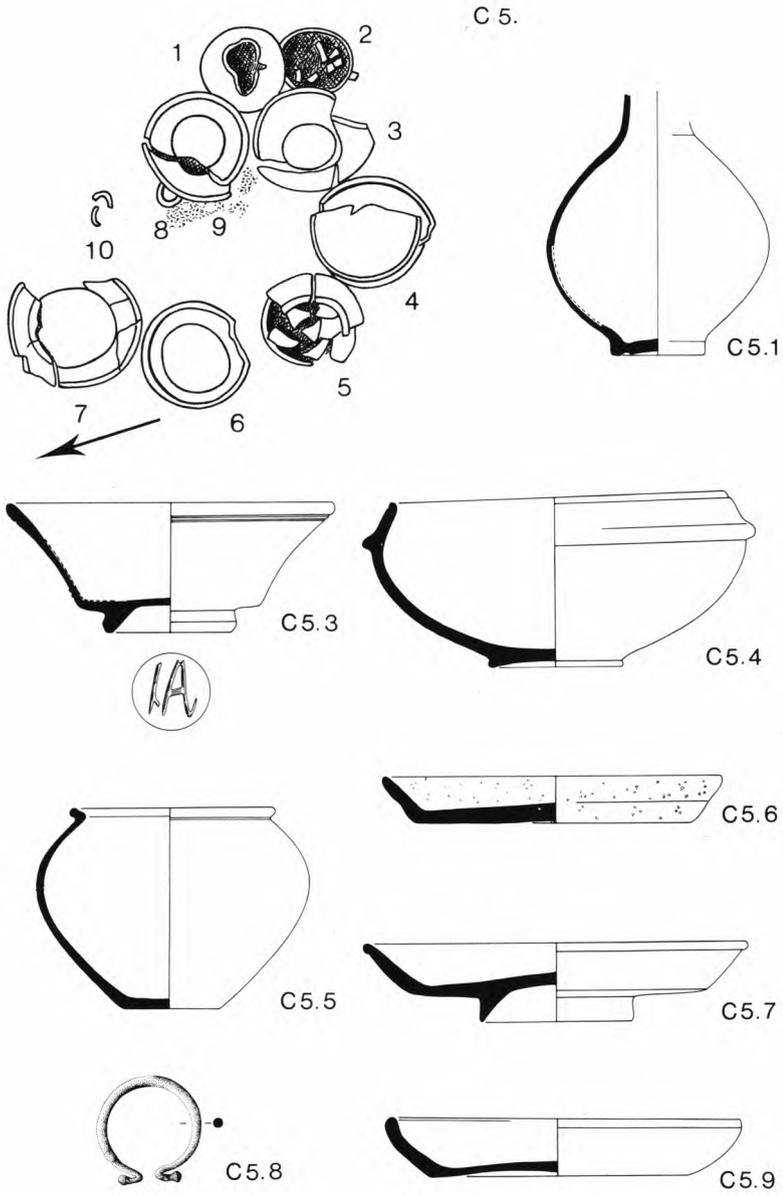


C3.4

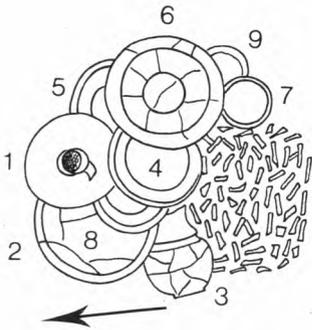


C3.1

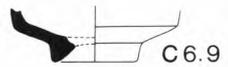
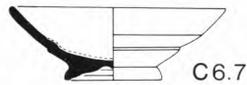
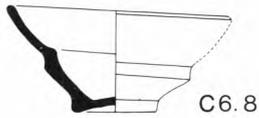
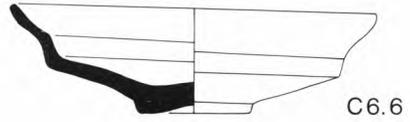
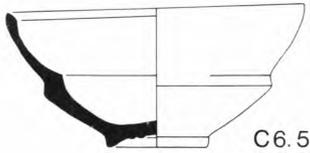
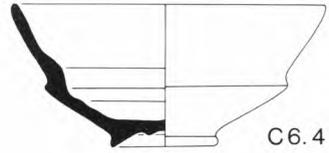
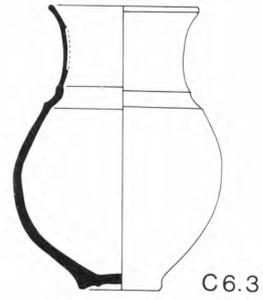
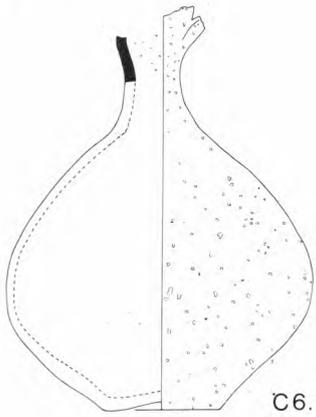
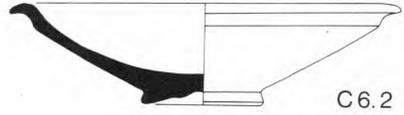


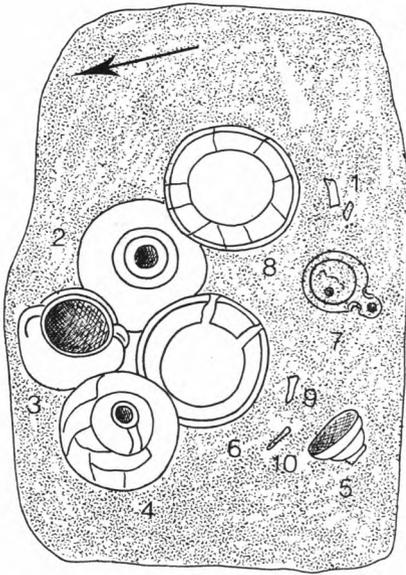


VIII

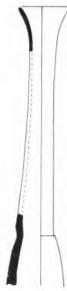


C6.





C7.



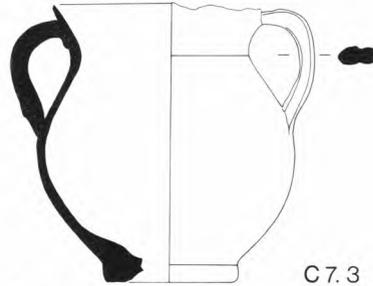
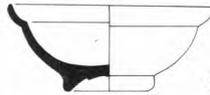
C7.1



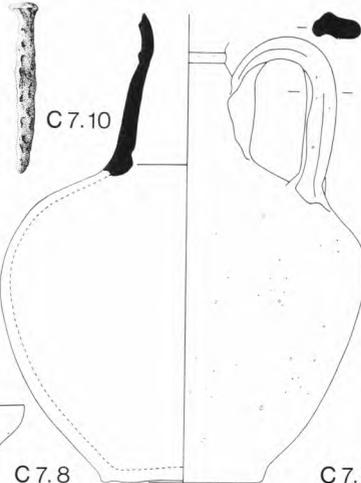
C7.7



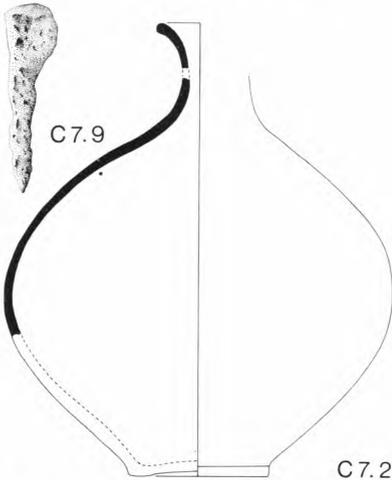
C7.5



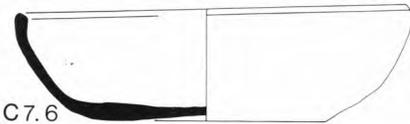
C7.3



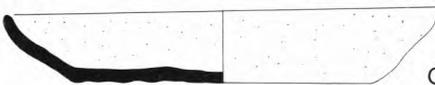
C7.4



C7.2



C7.6



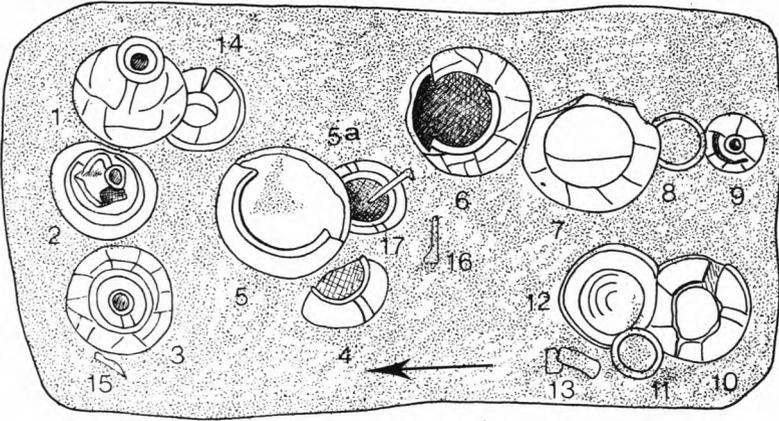
C7.8



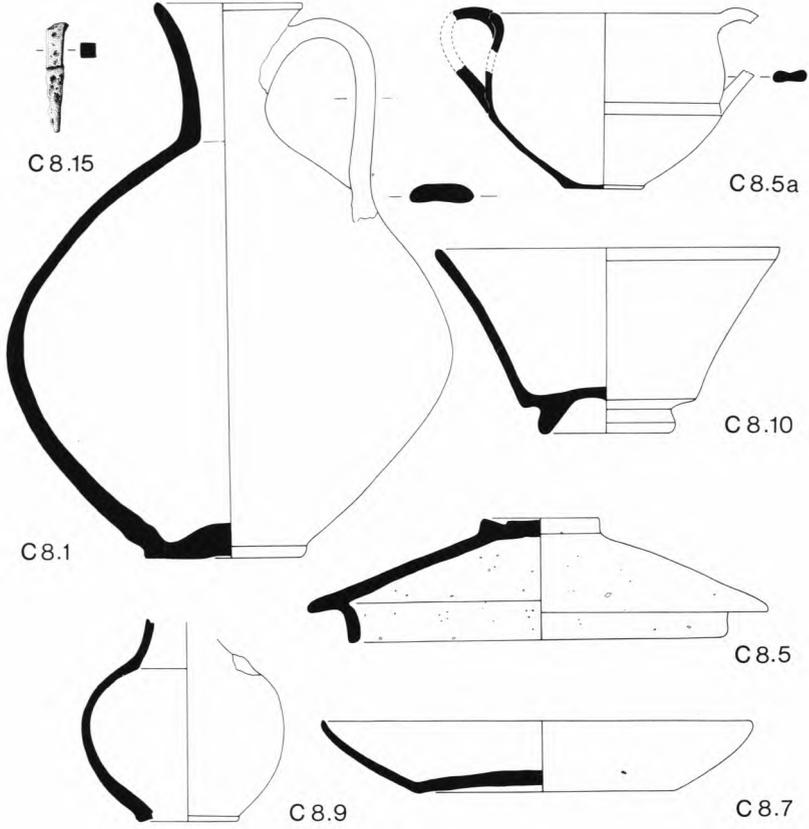
C7.10

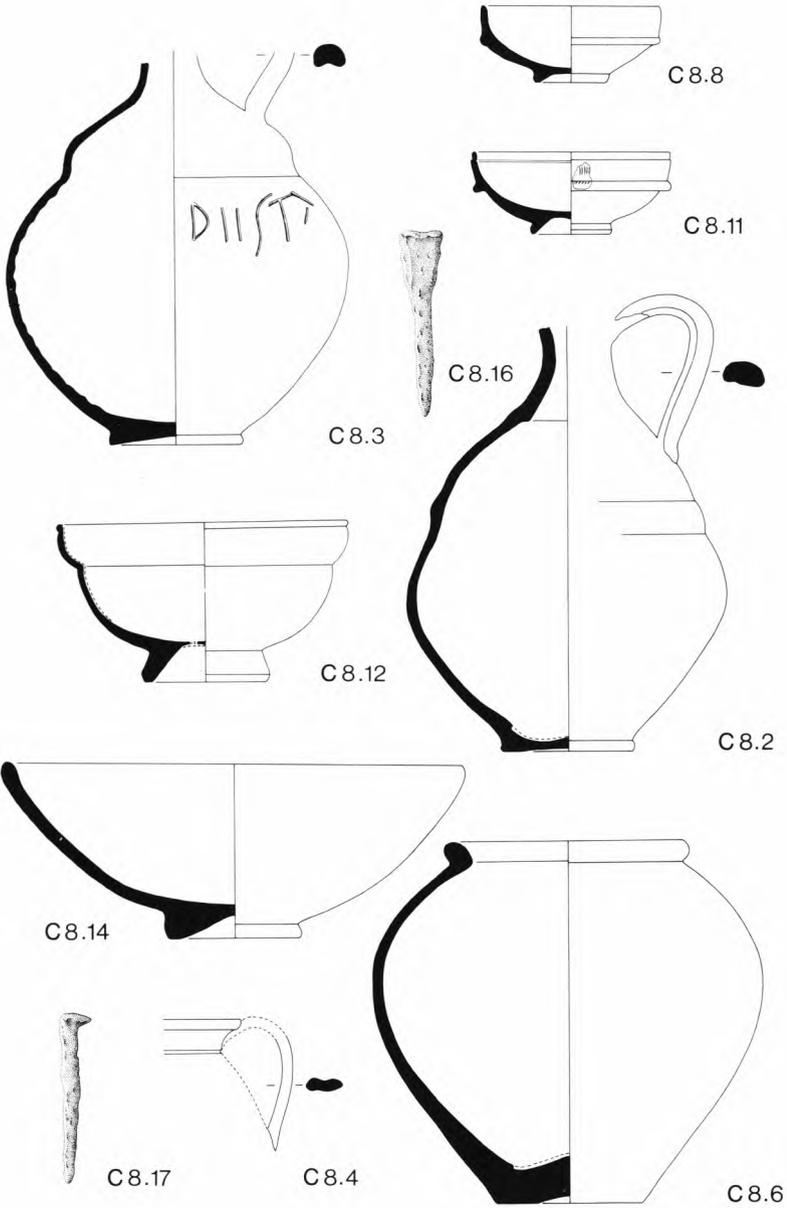


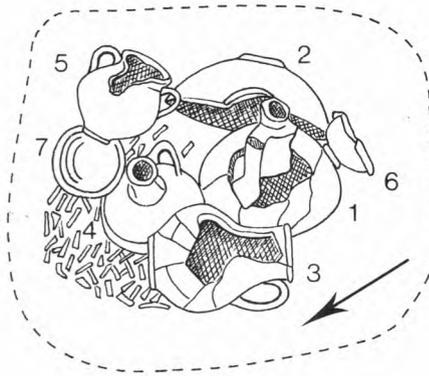
C7.9



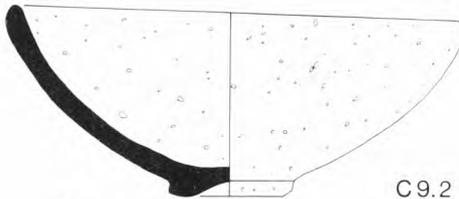
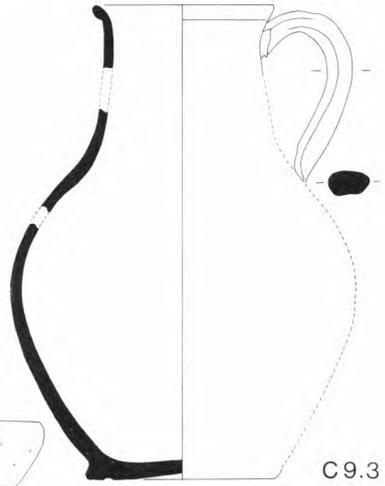
C8.







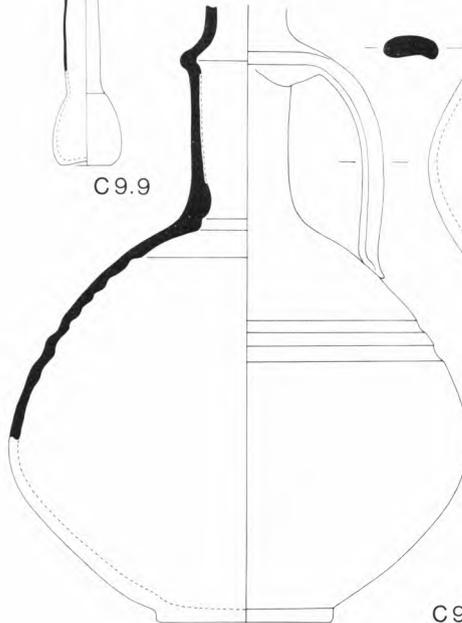
C9.



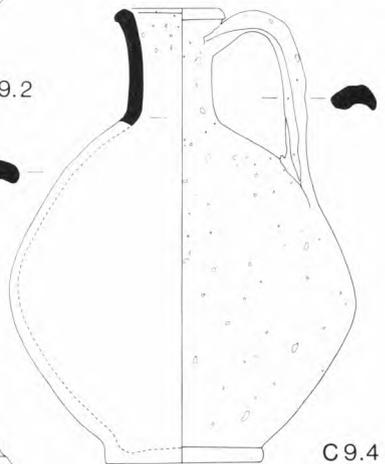
C9.2



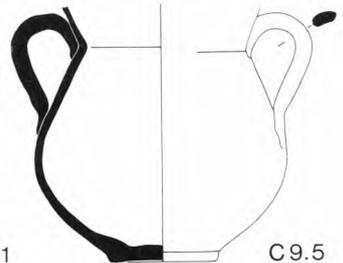
C9.9



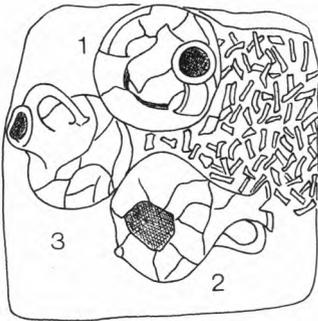
C9.1



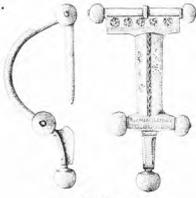
C9.4



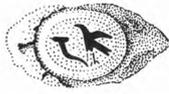
C9.5



C10.



C10.4



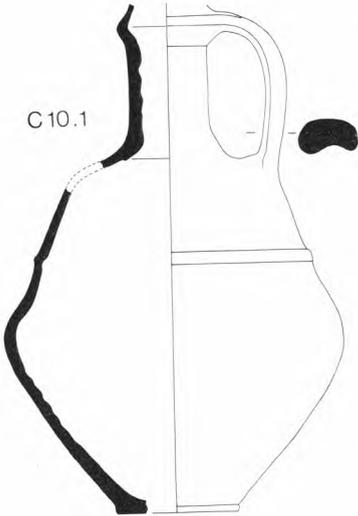
C10.4a



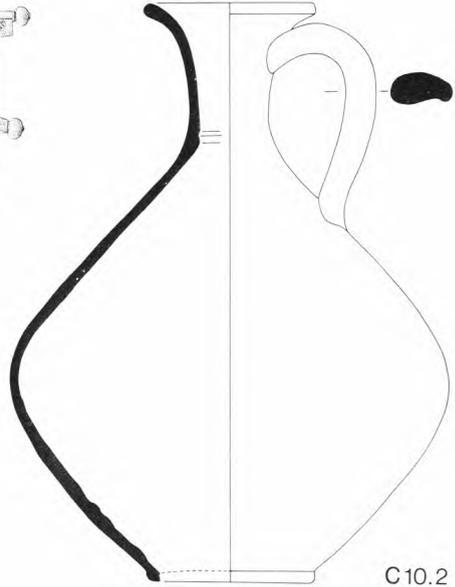
C11.3



C11.2

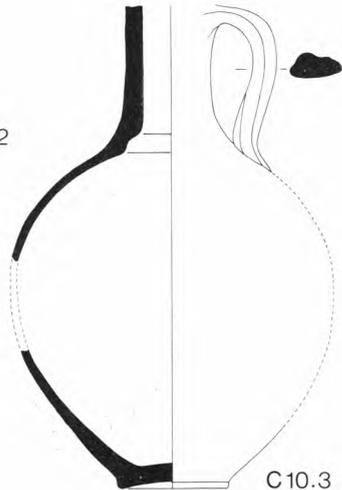


C10.1

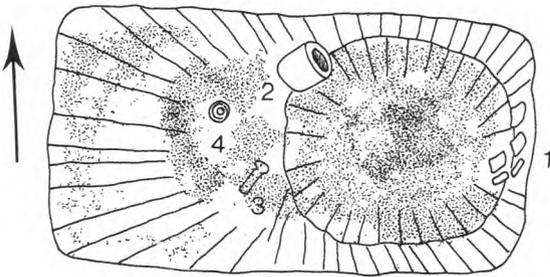


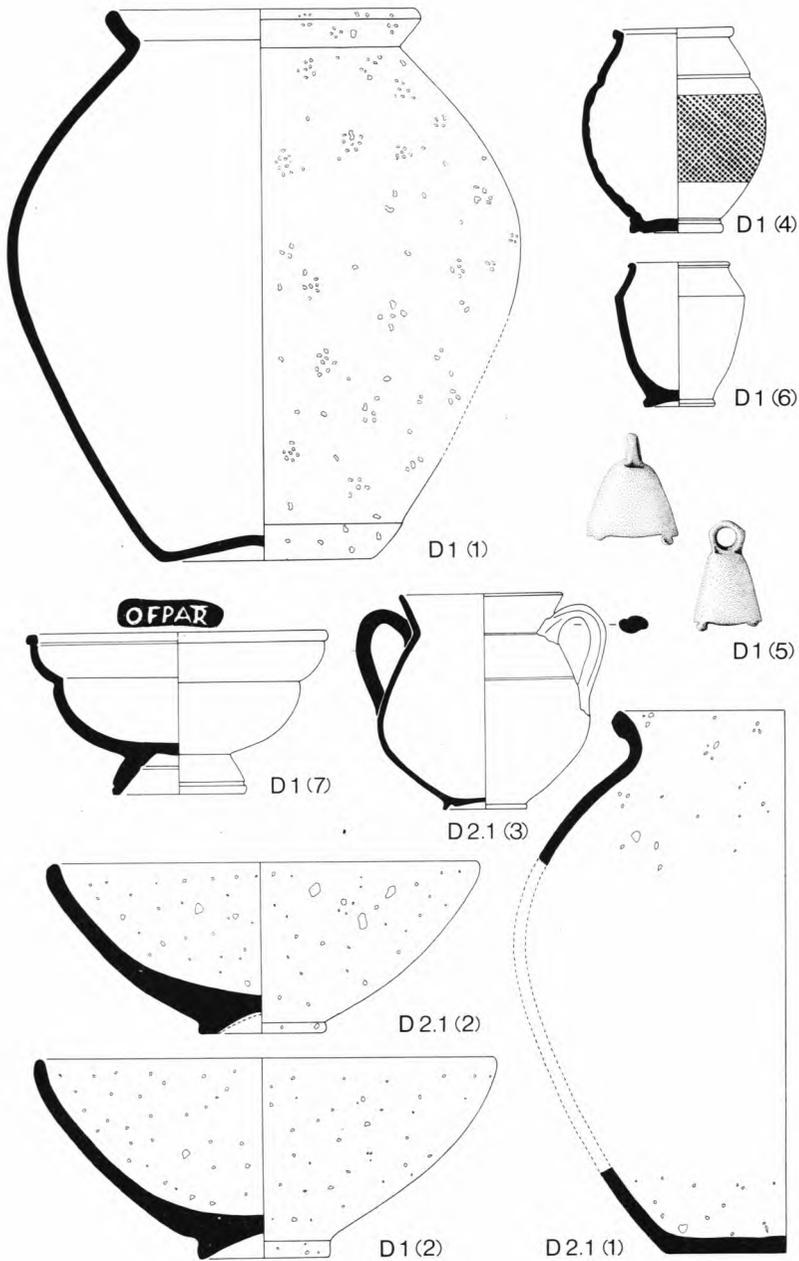
C10.2

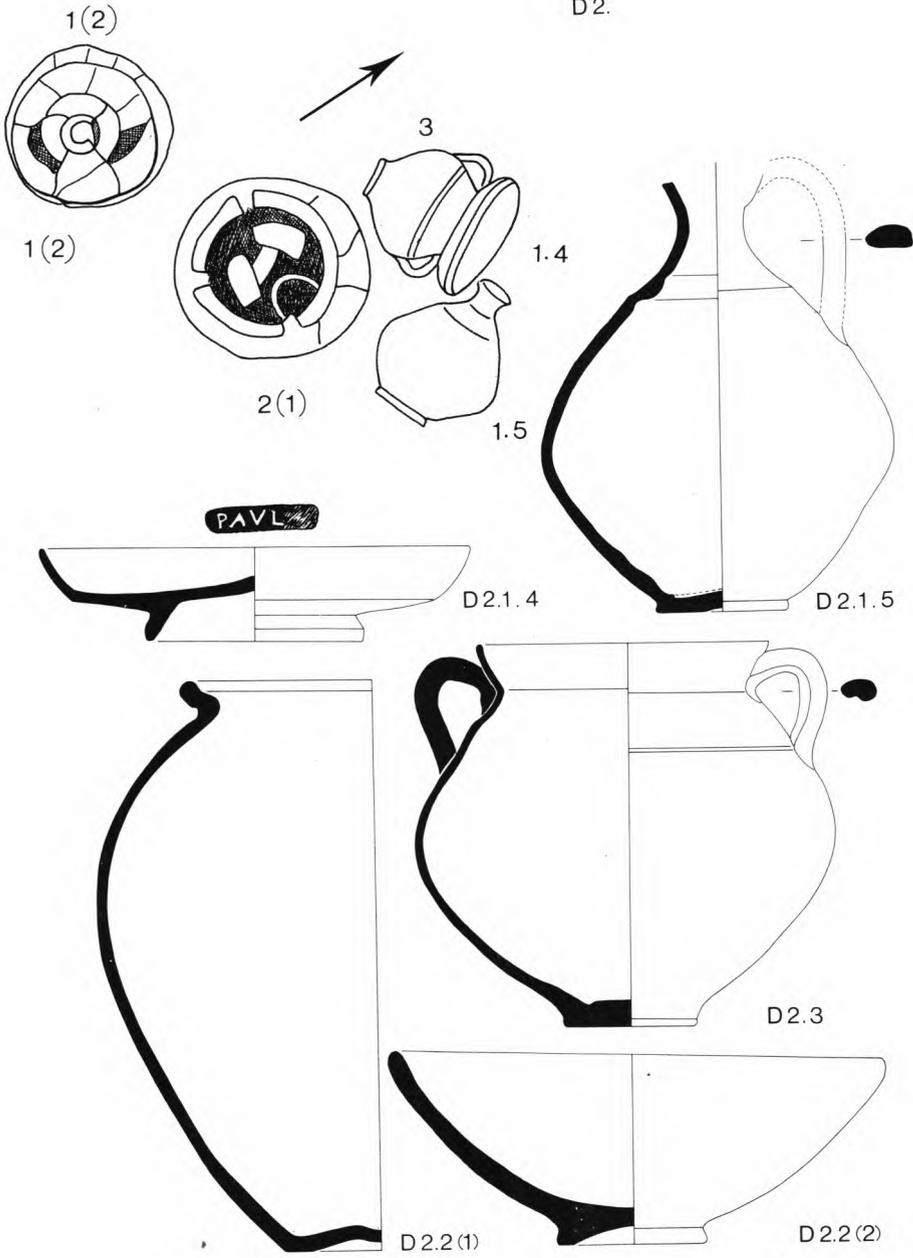
C11.4

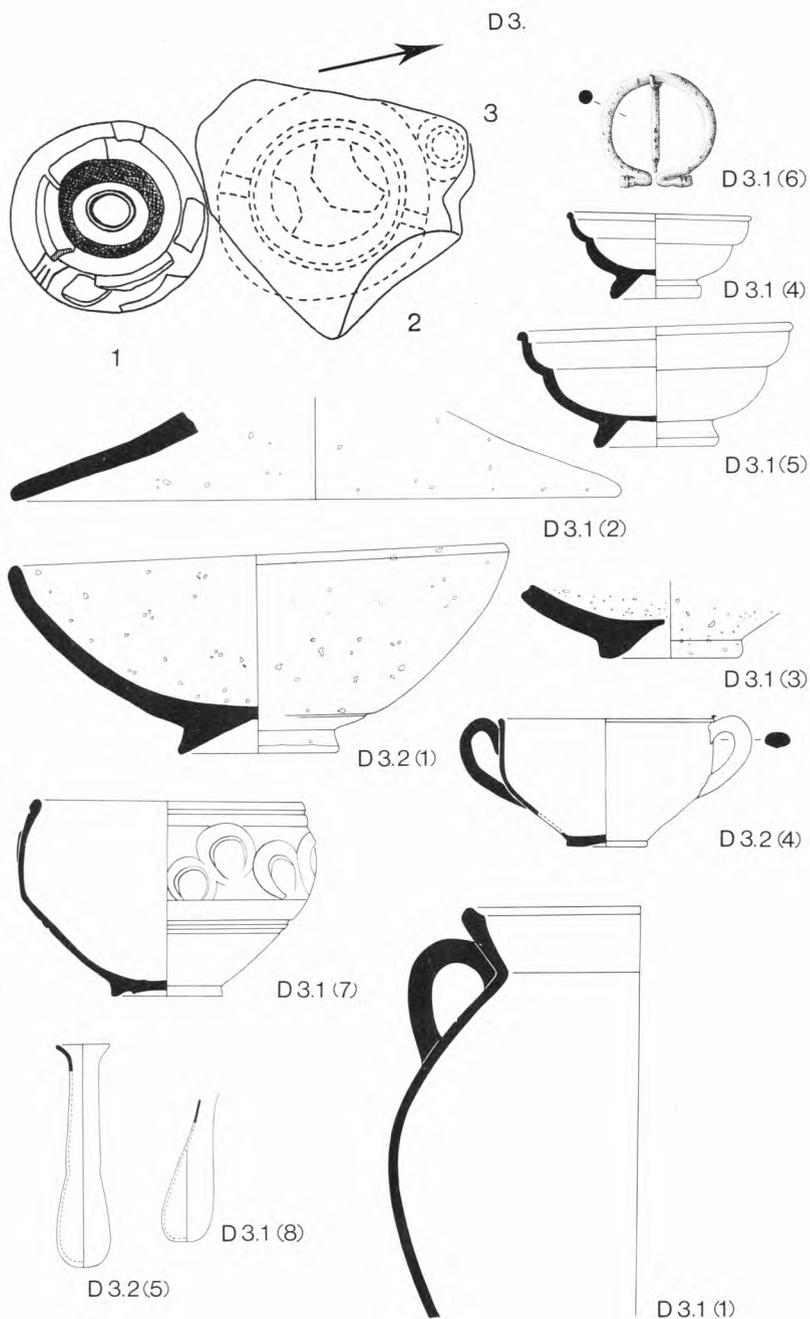


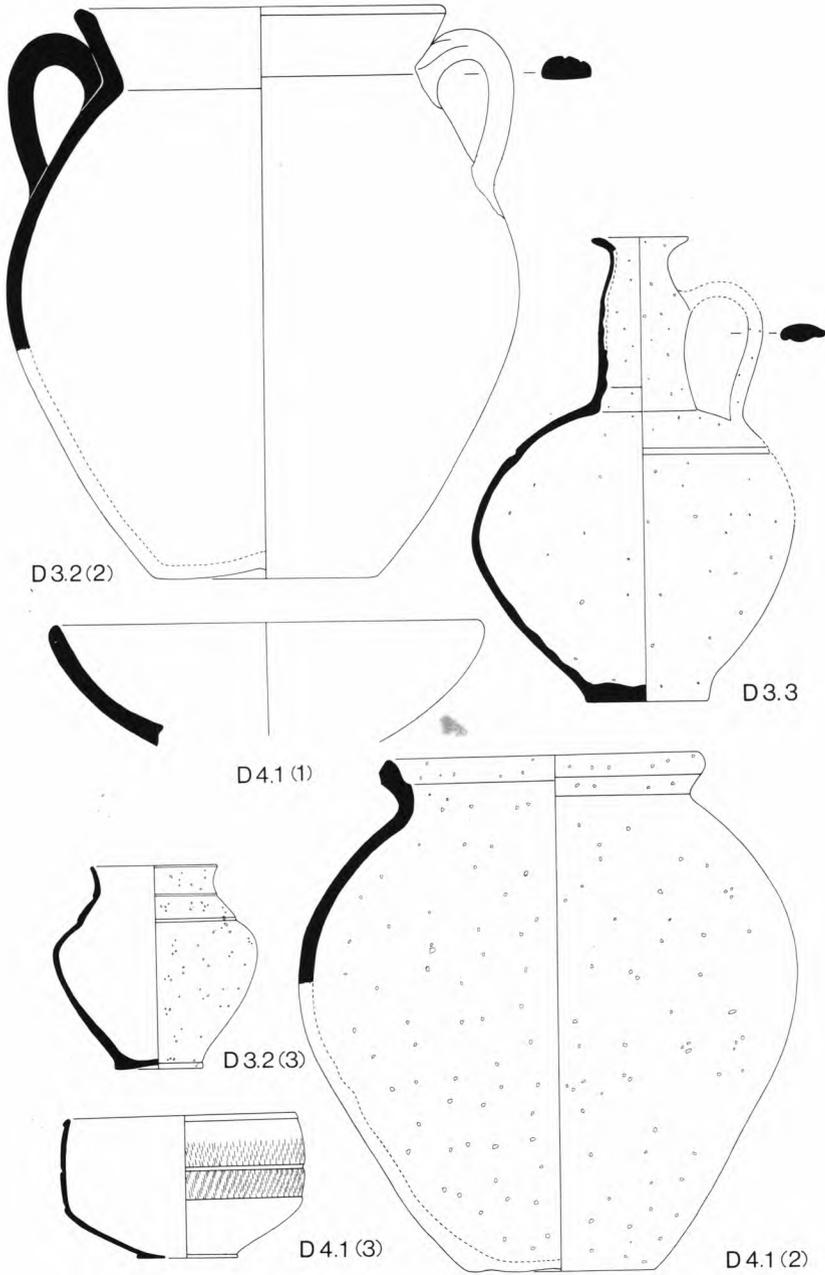
C10.3



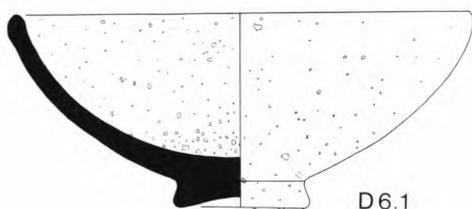




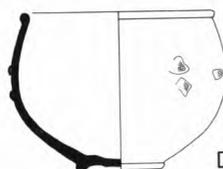




XVIII



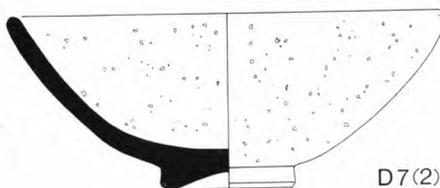
D6.1



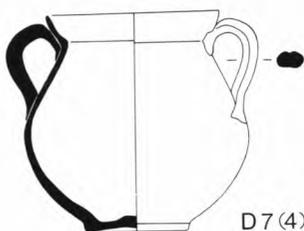
D7(3)



D6.2



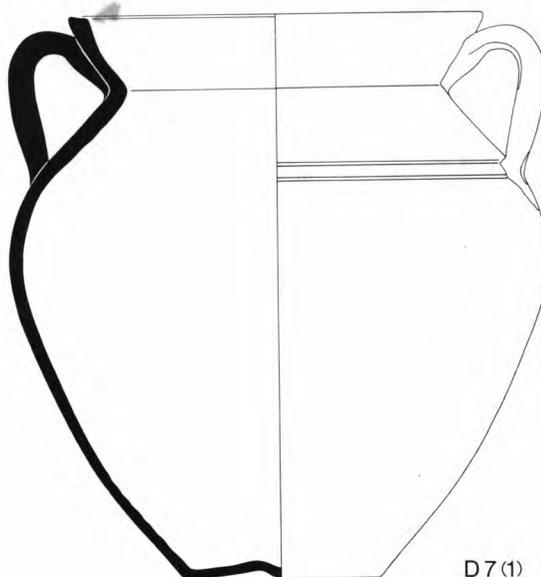
D7(2)



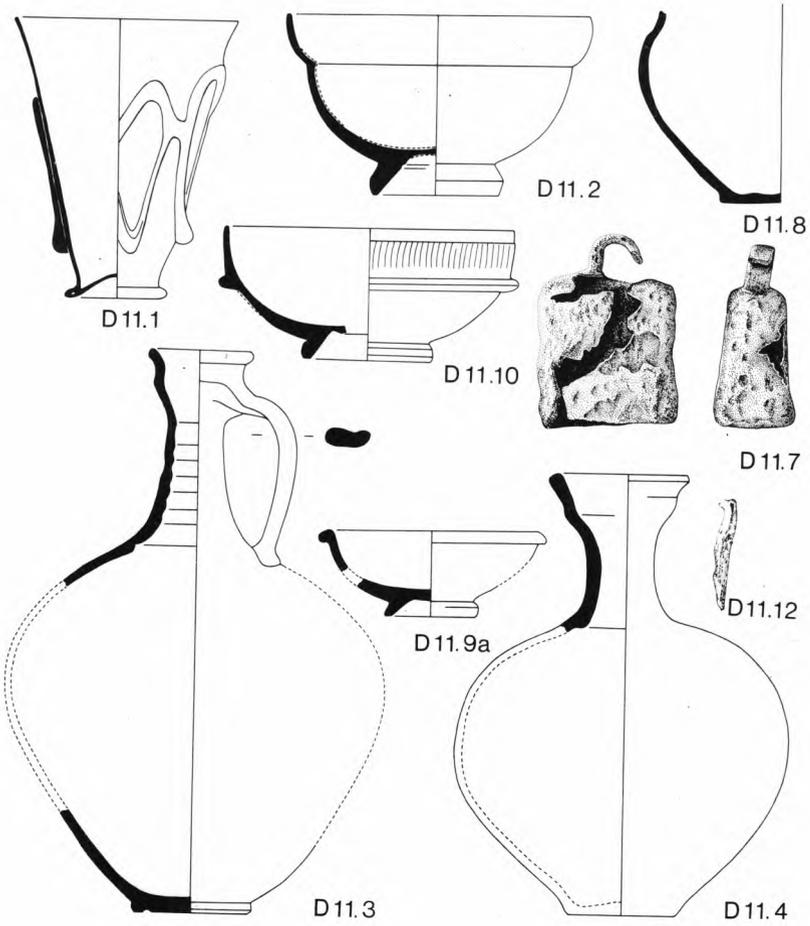
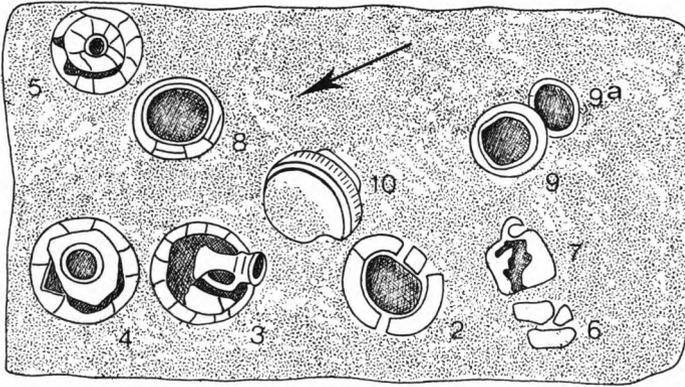
D7(4)

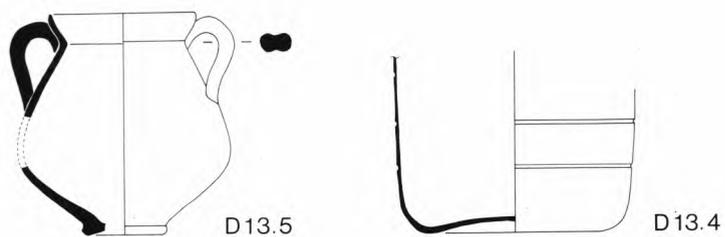
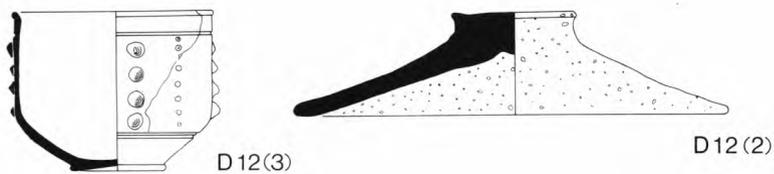
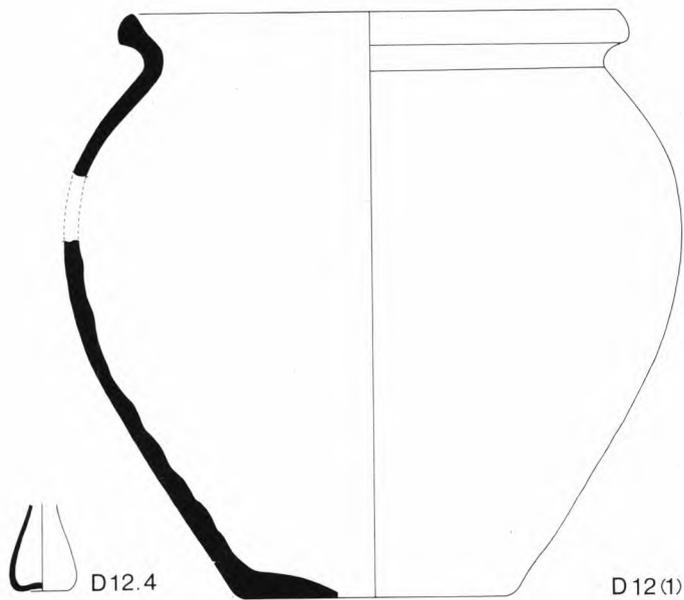


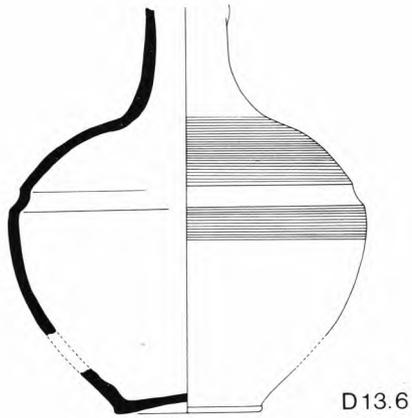
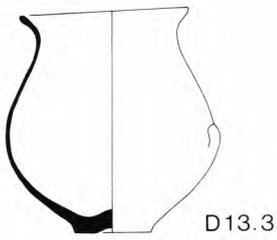
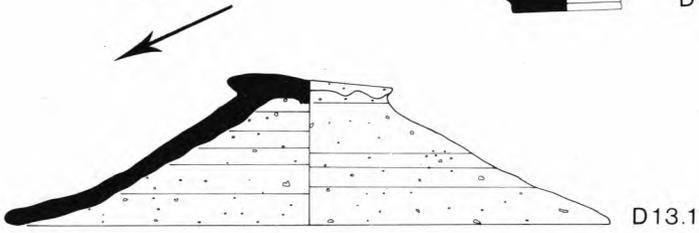
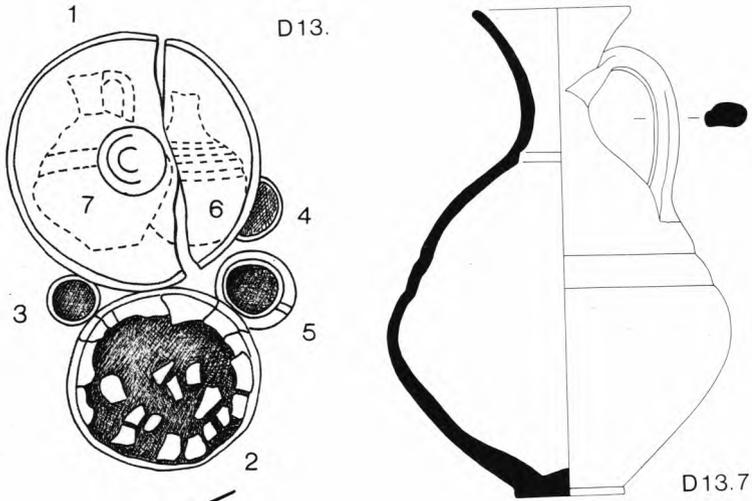
D9.1



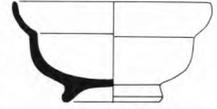
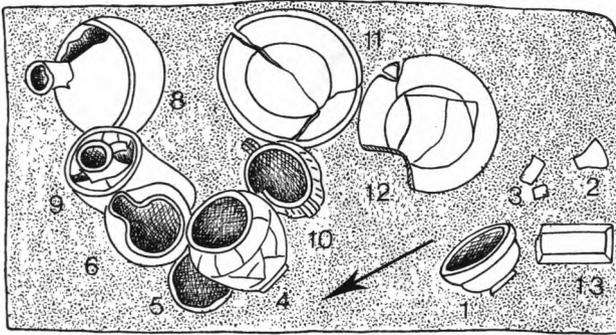
D7(1)



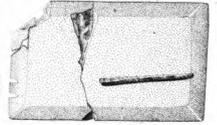




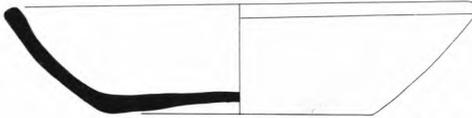
D15/16.



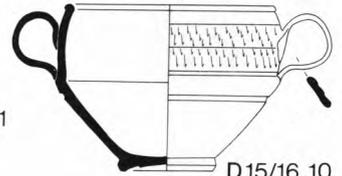
D15/16.1



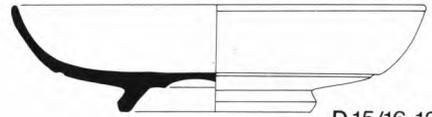
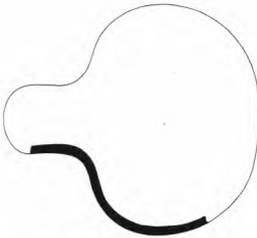
D15/16.13



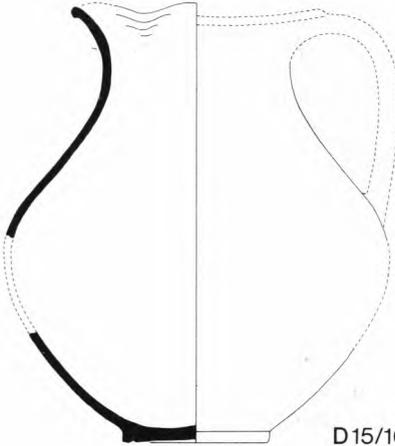
D15/16.11



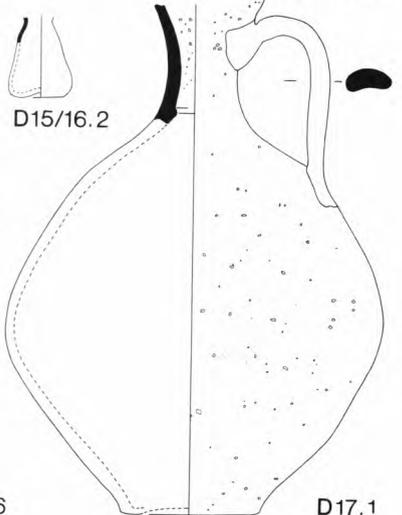
D15/16.10



D15/16.12

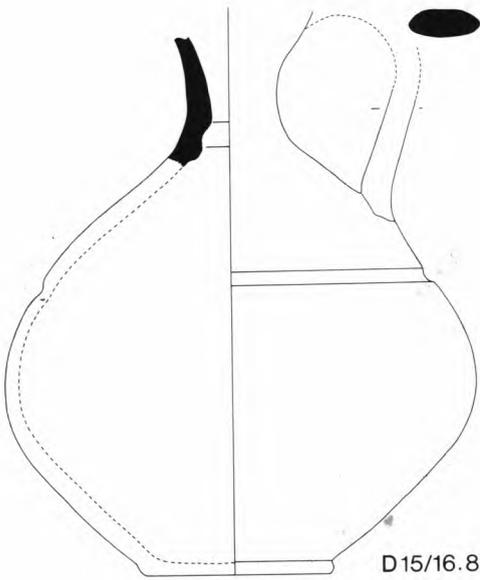


D15/16.6



D17.1

D15/16.2



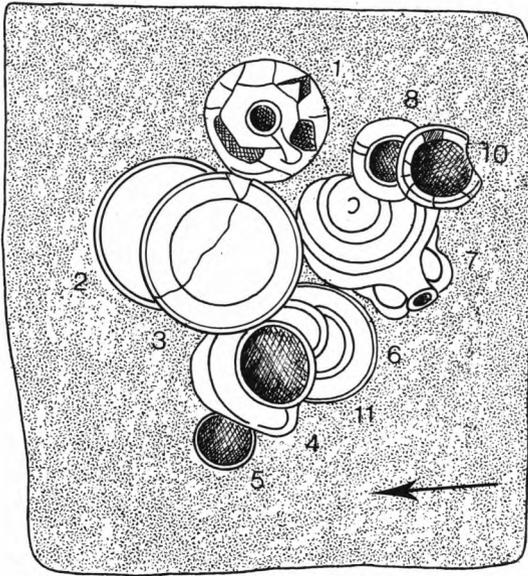
D15/16.8



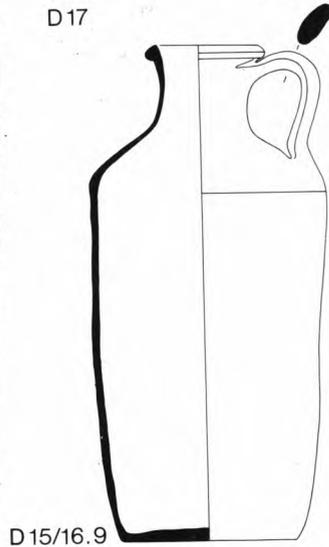
D15/16.4



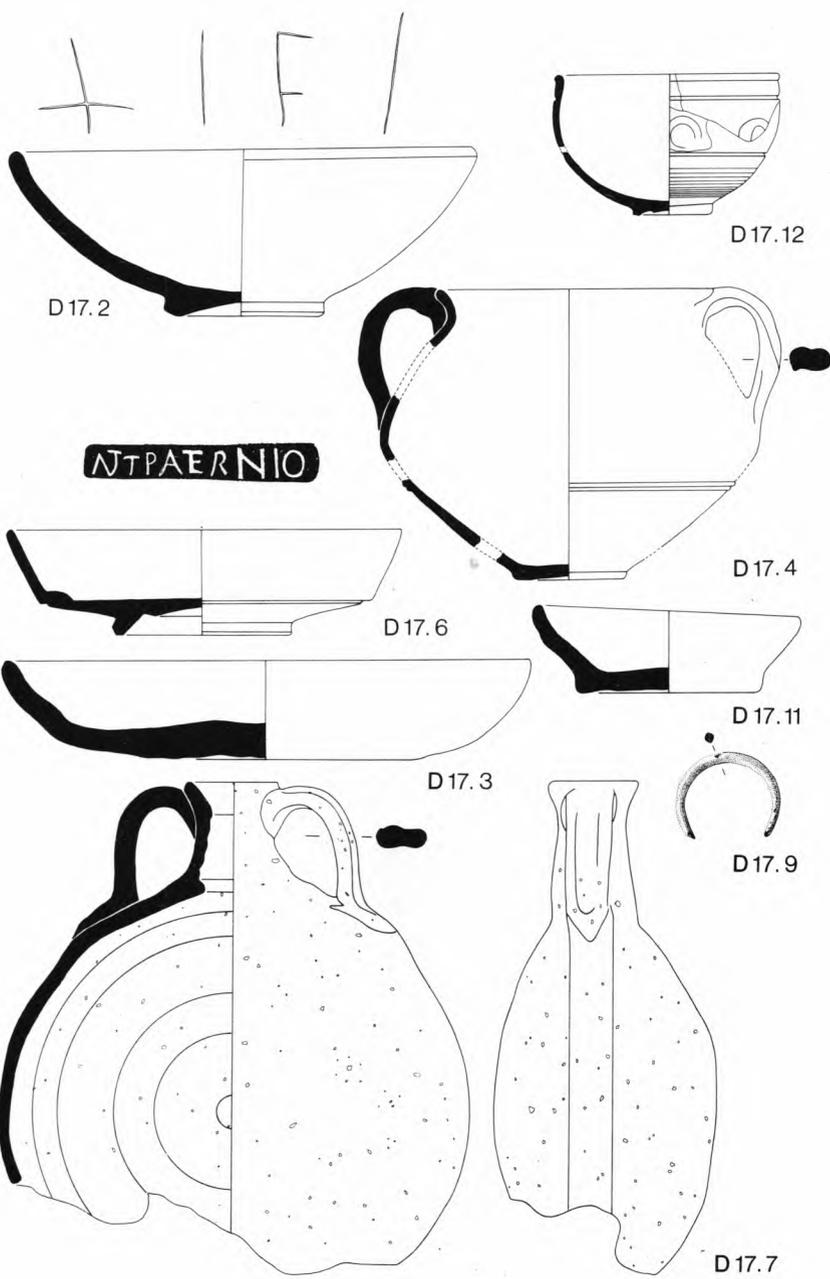
D17.8

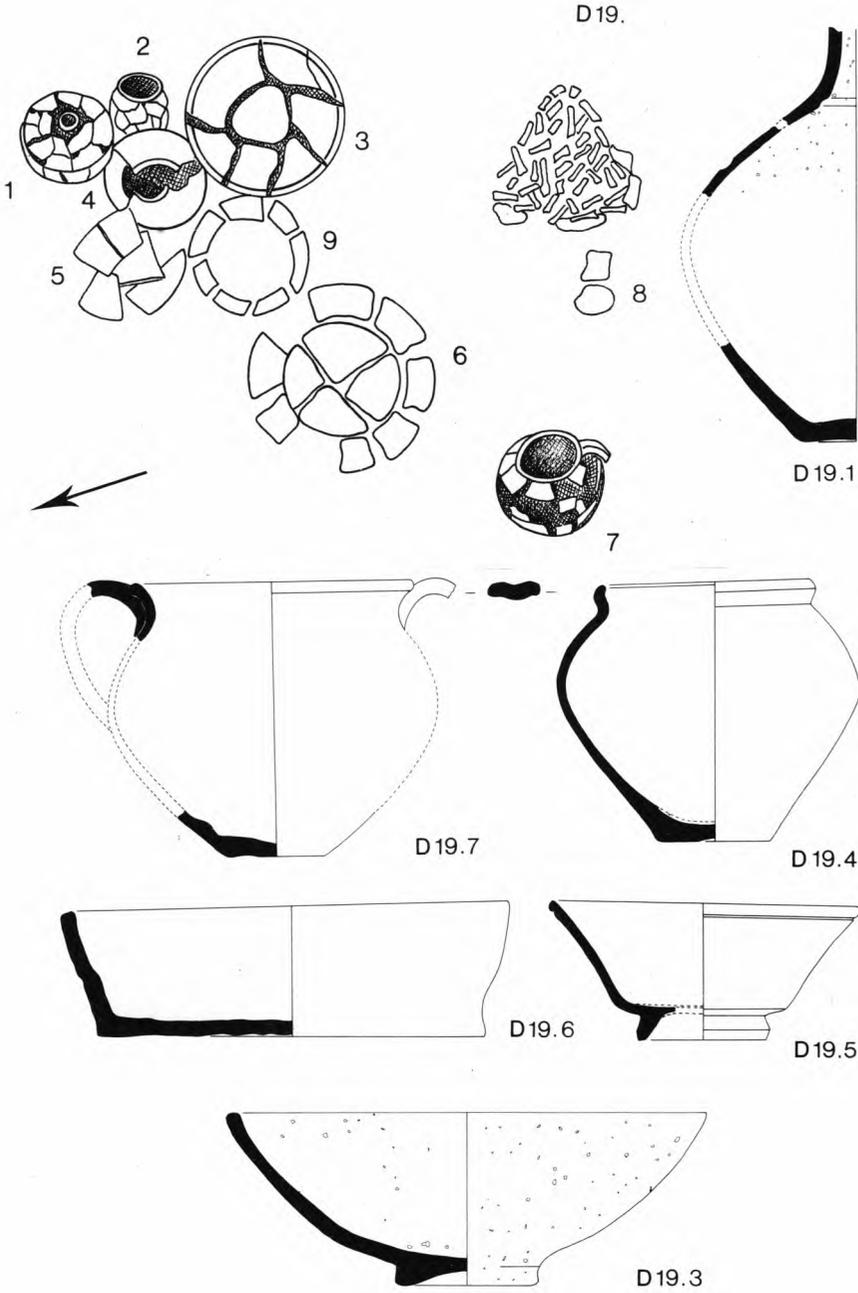


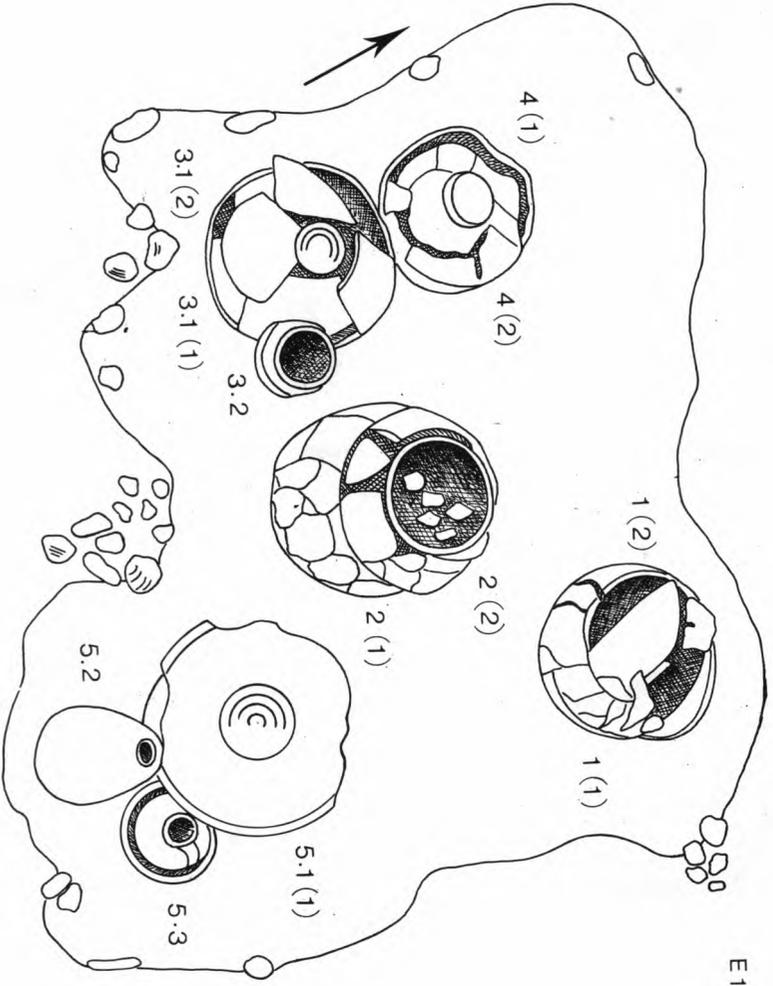
D17

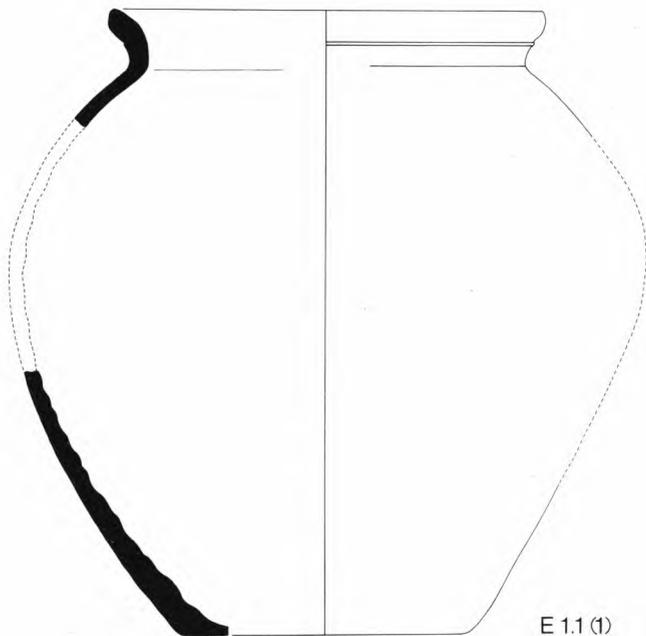


D15/16.9

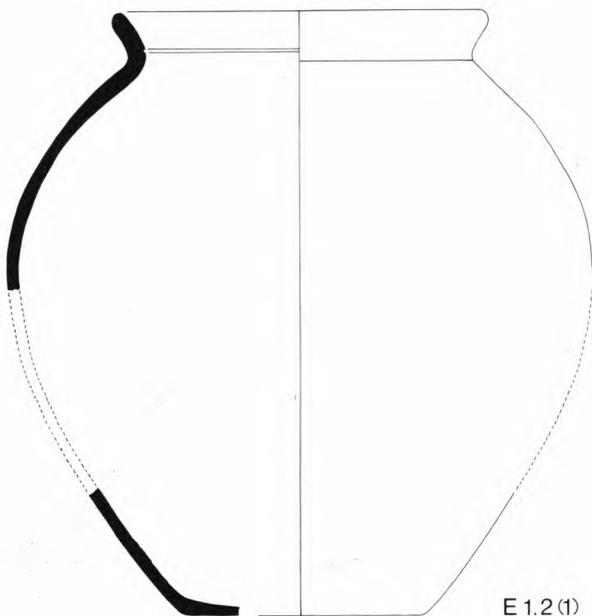




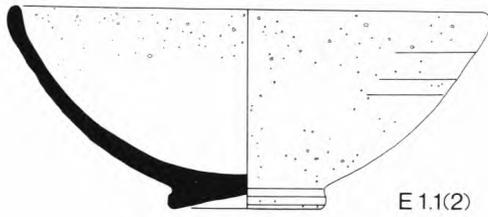




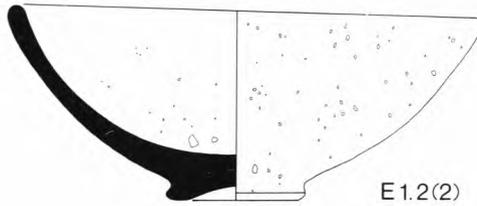
E 1.1 (1)



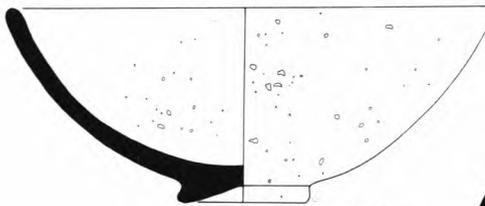
E 1.2 (1)



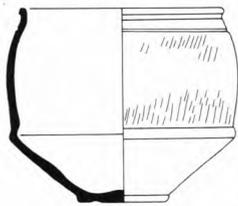
E1.1(2)



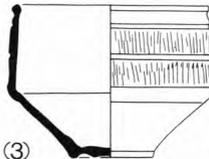
E1.2(2)



E1.3.1(2)



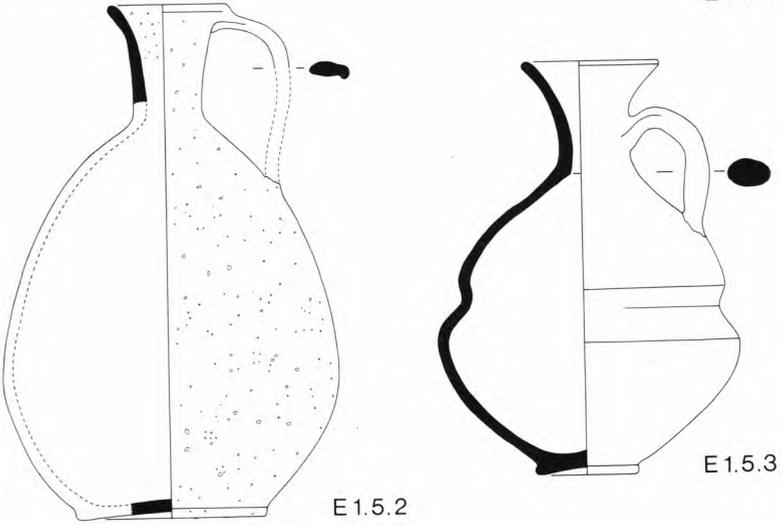
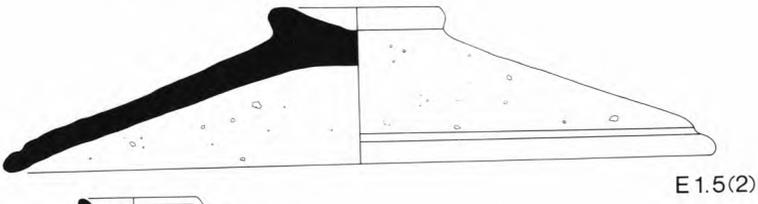
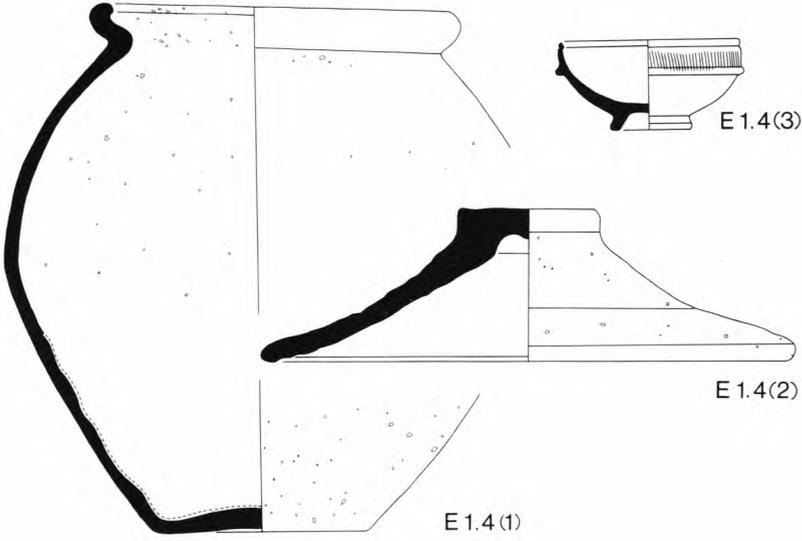
E1.3.2

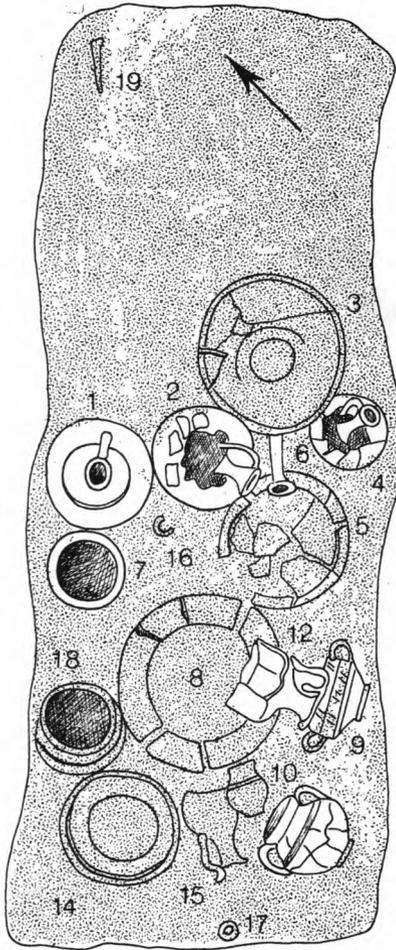


E1.3.1(3)

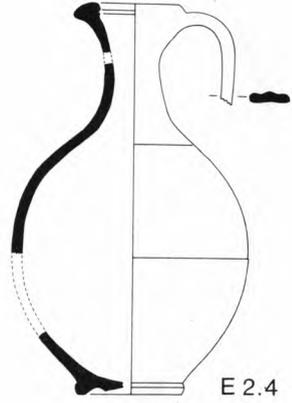
E1.3.1(1)



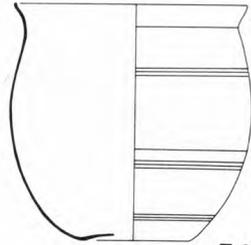




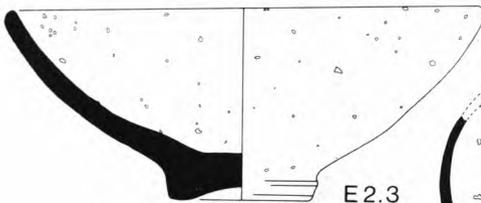
E2.



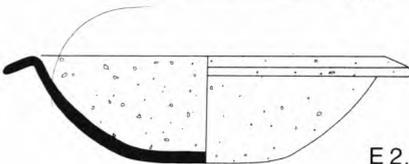
E2.4



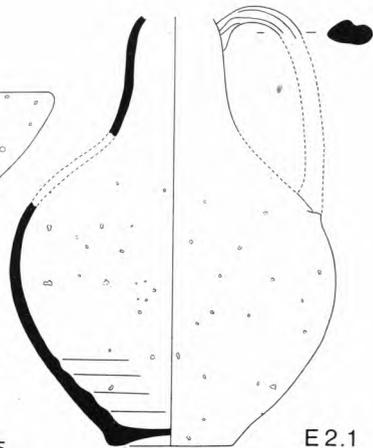
E2.7



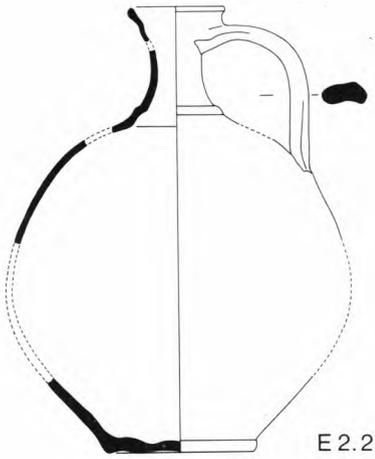
E2.3



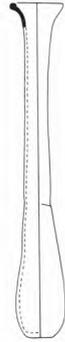
E2.5



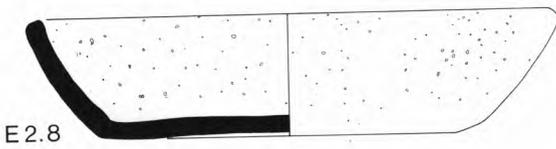
E2.1



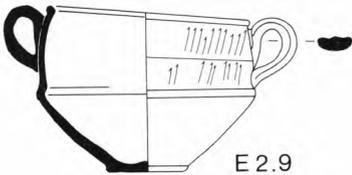
E 2.2



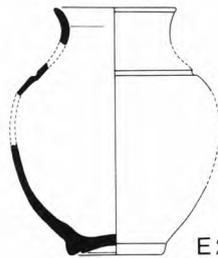
E 2.6



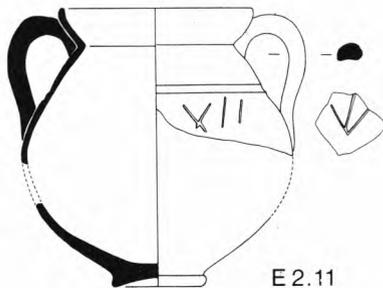
E 2.8



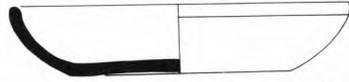
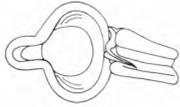
E 2.9



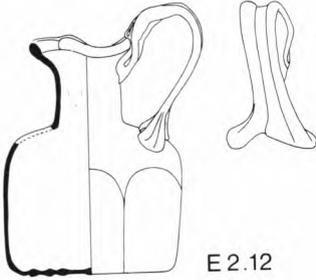
E 2.10



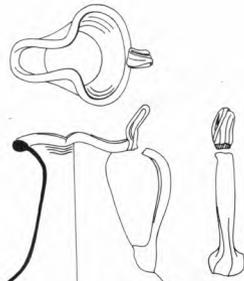
E 2.11



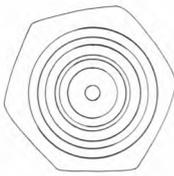
E 2.14



E 2.12



E 2.15



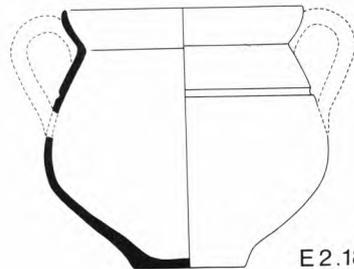
E 2.16



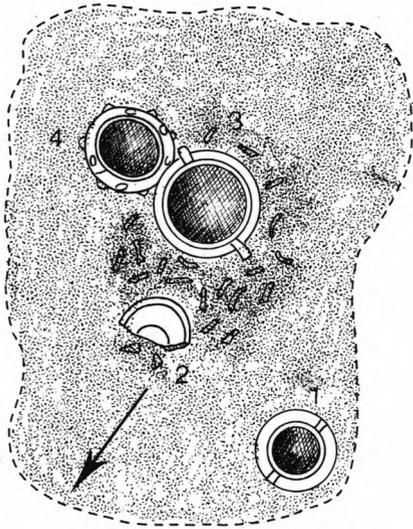
E 2.17



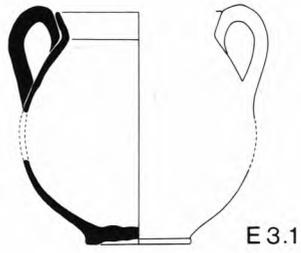
E 2.19



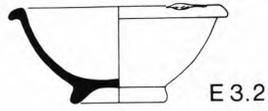
E 2.18



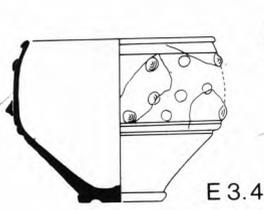
E3.



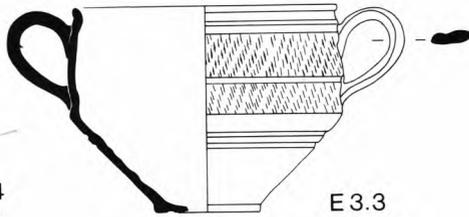
E3.1



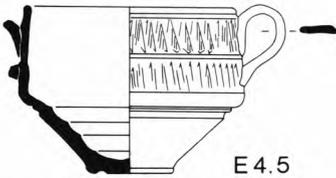
E3.2



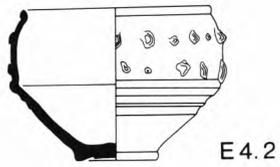
E3.4



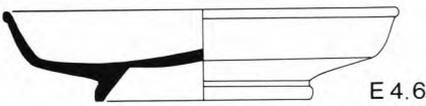
E3.3



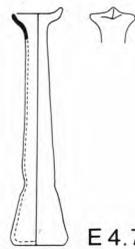
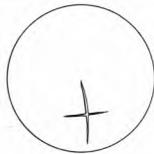
E4.5



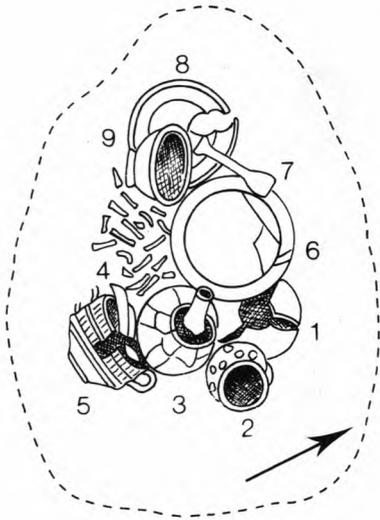
E4.2



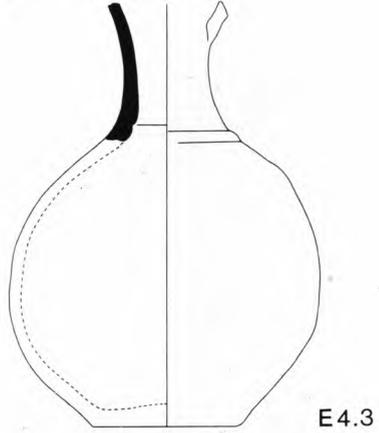
E4.6



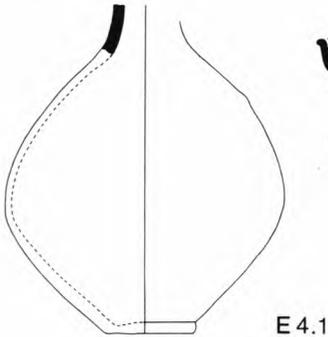
E4.7



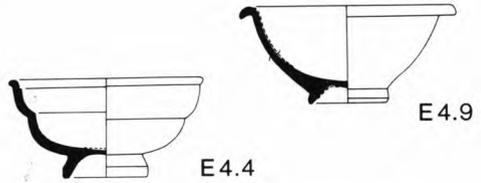
E4



E4.3

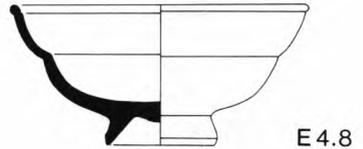


E4.1

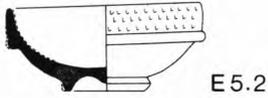


E4.4

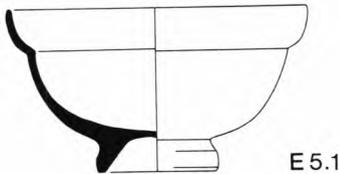
E4.9



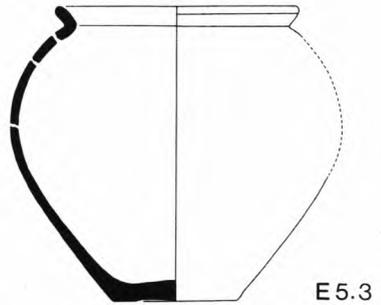
E4.8



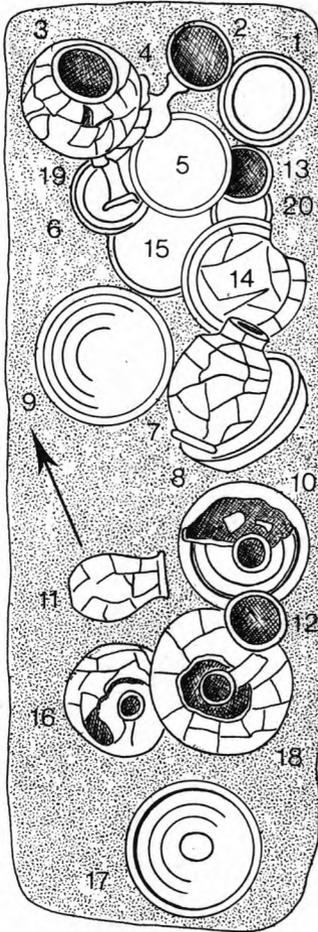
E5.2



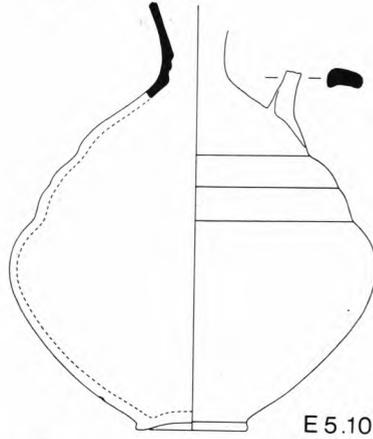
E5.1



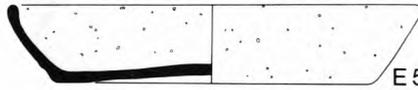
E5.3



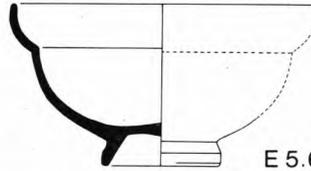
E 5



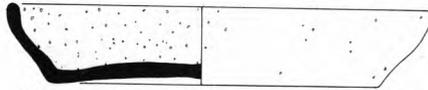
E 5.10



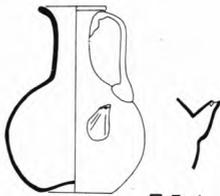
E 5.5



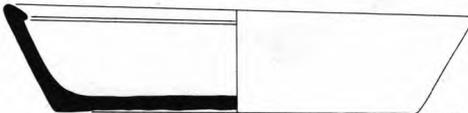
E 5.6



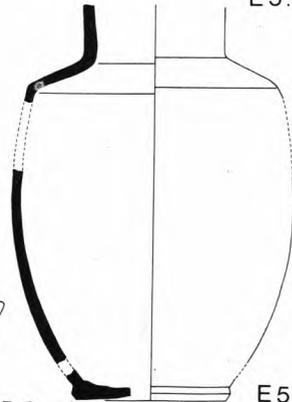
E 5.14



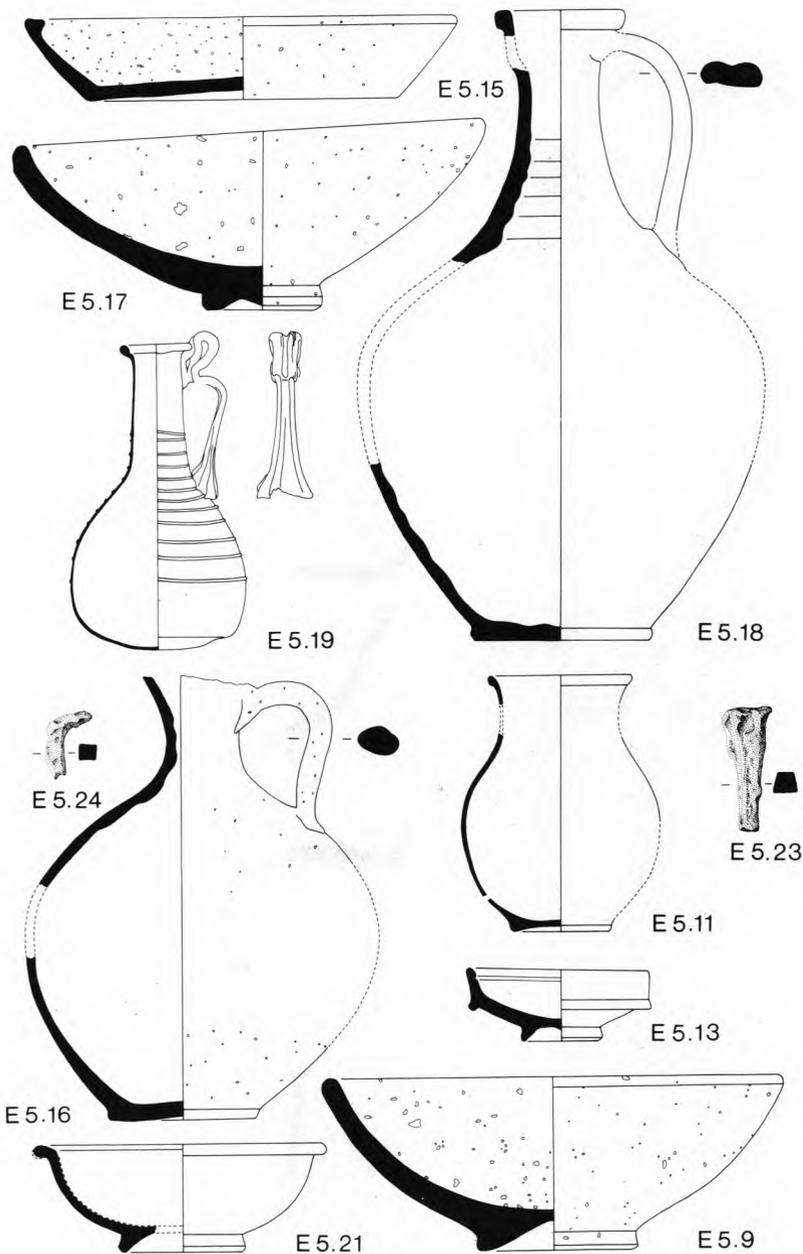
E 5.4

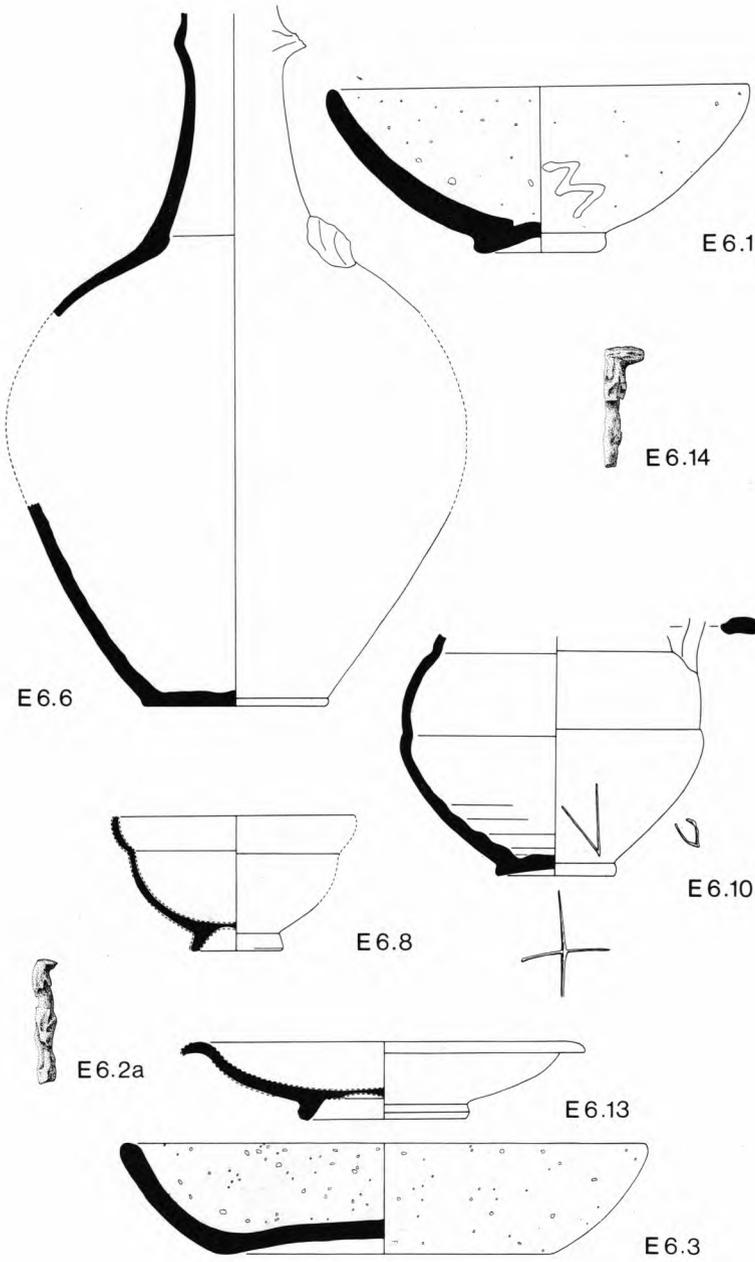


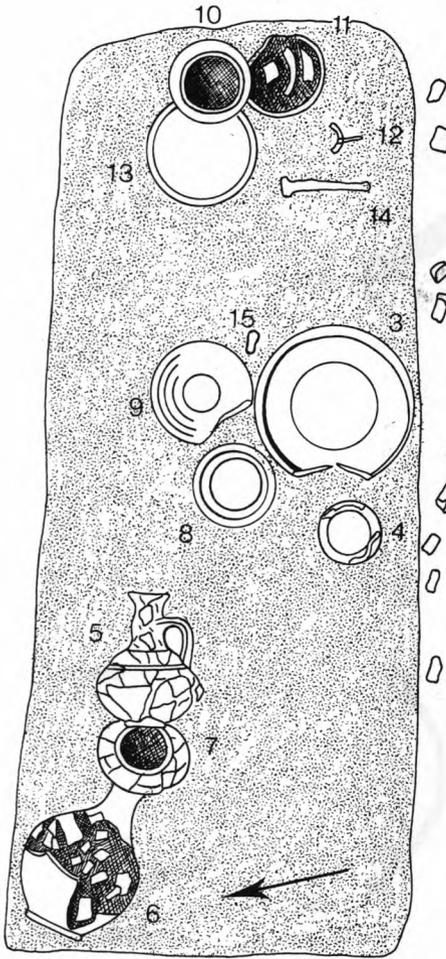
E 5.8



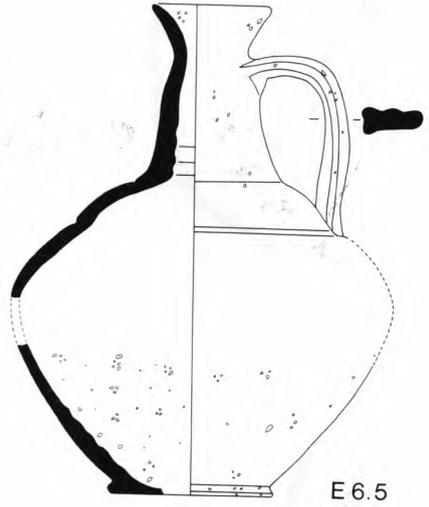
E 5.7



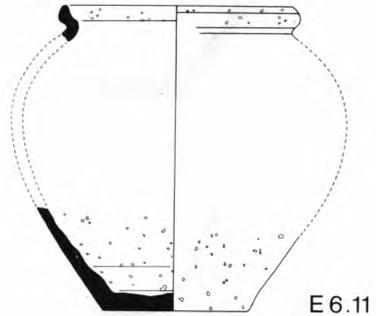




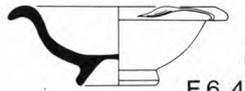
E 6.



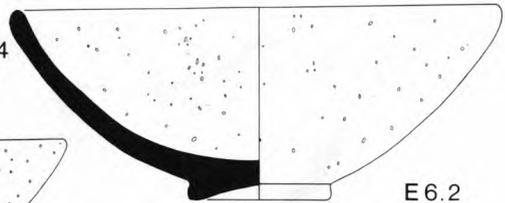
E 6.5



E 6.11



E 6.4

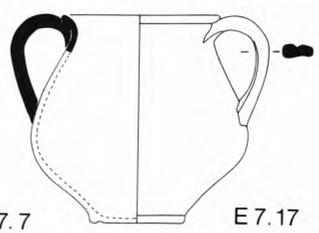
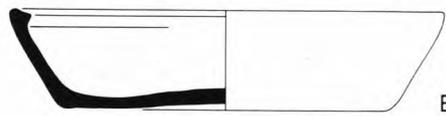
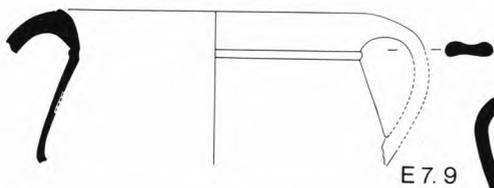
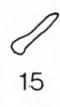
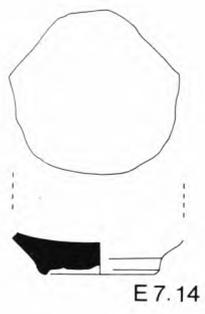
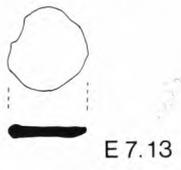
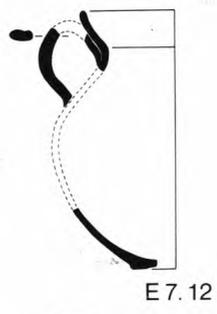
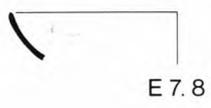
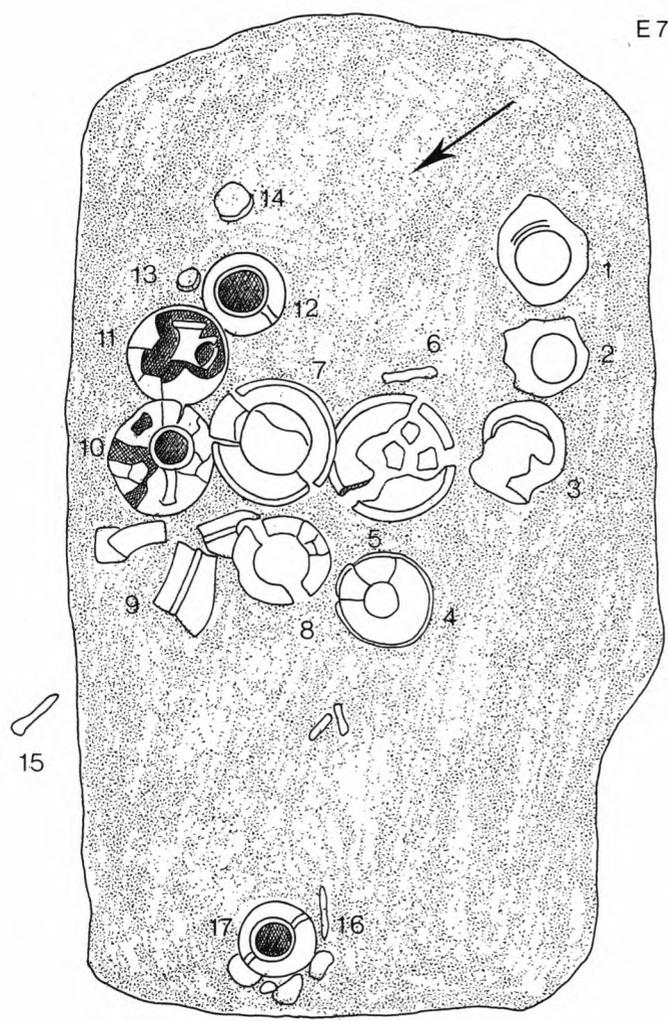


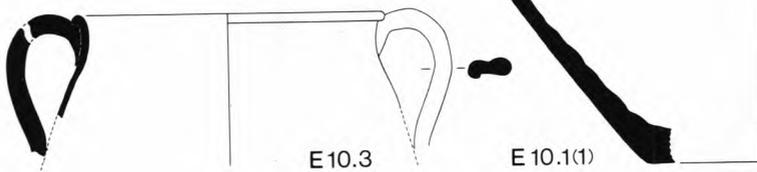
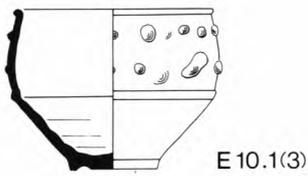
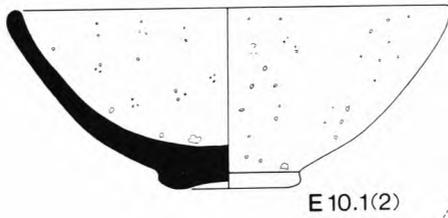
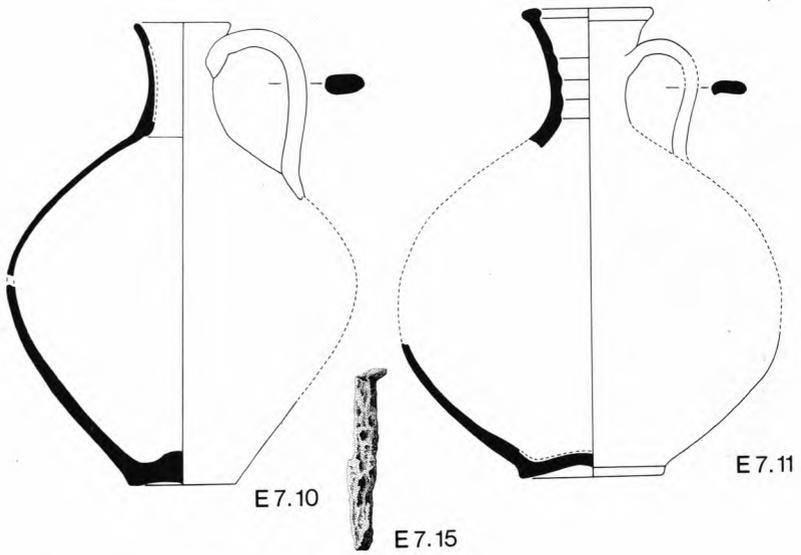
E 6.2



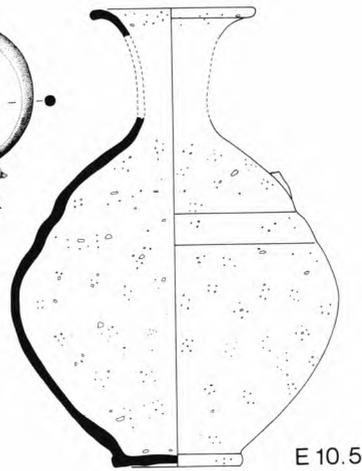
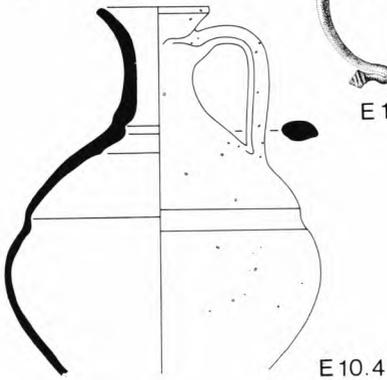
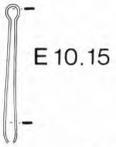
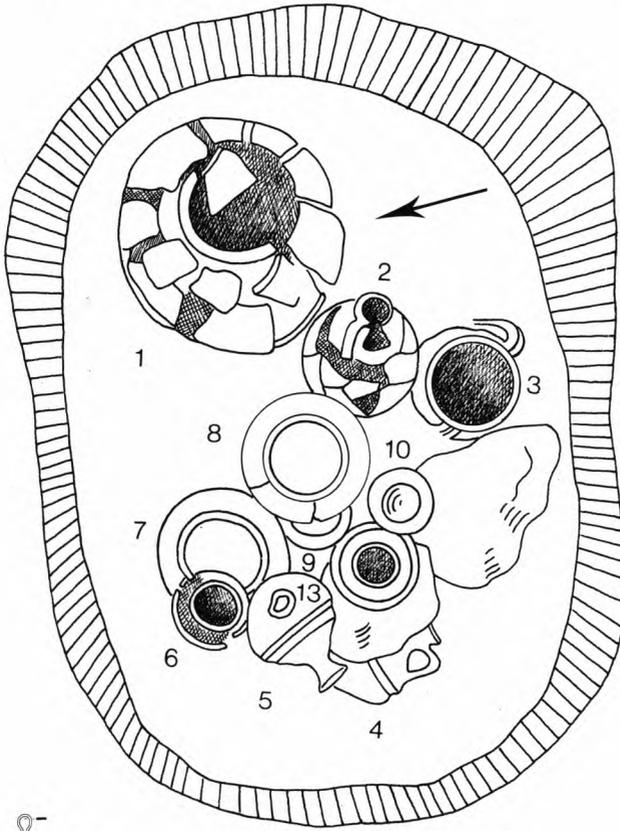
E 6.9

E7.

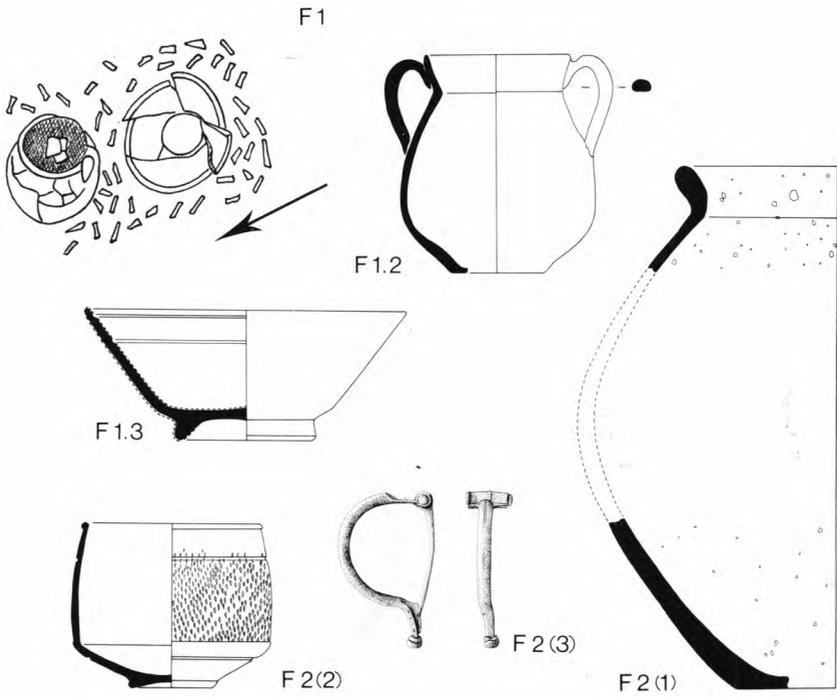
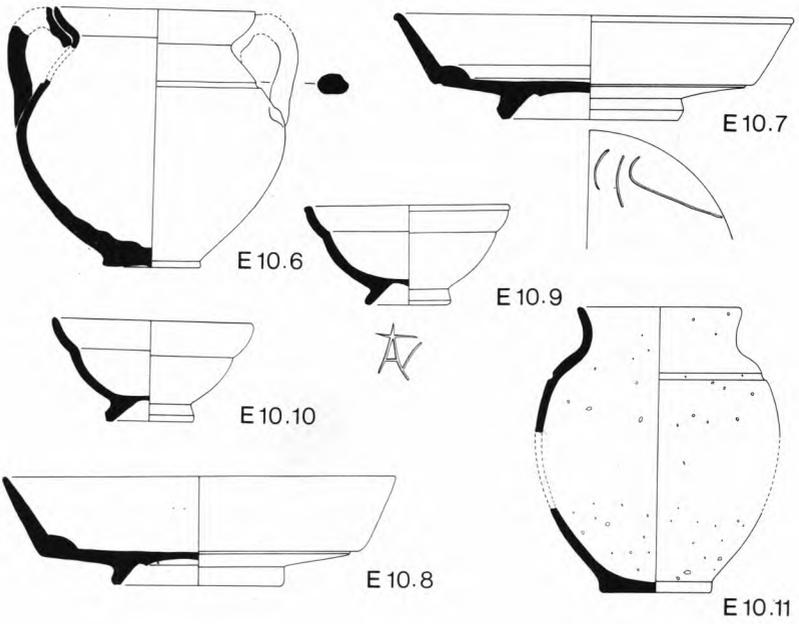




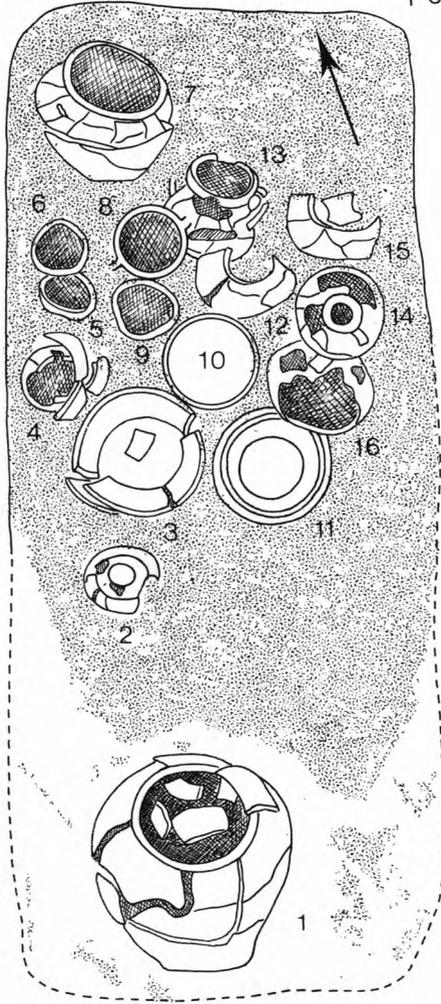
E 10.

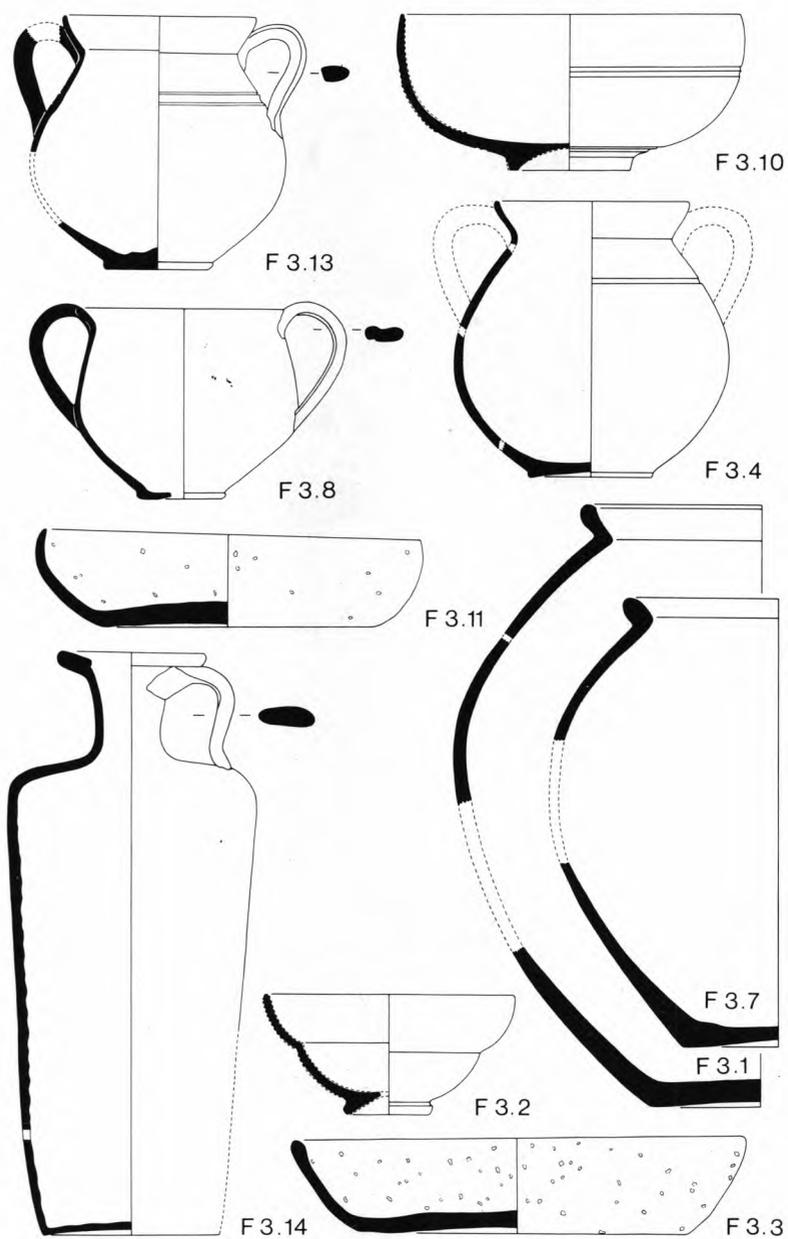


XLII

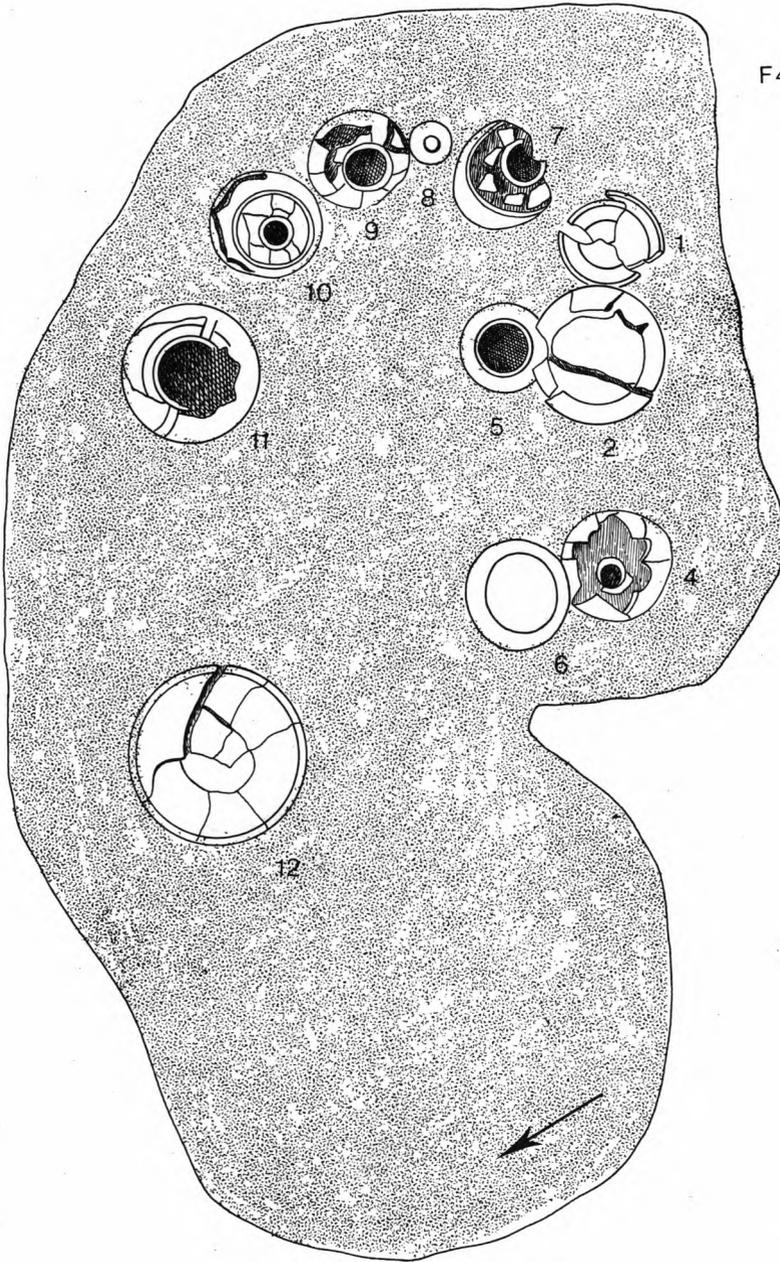


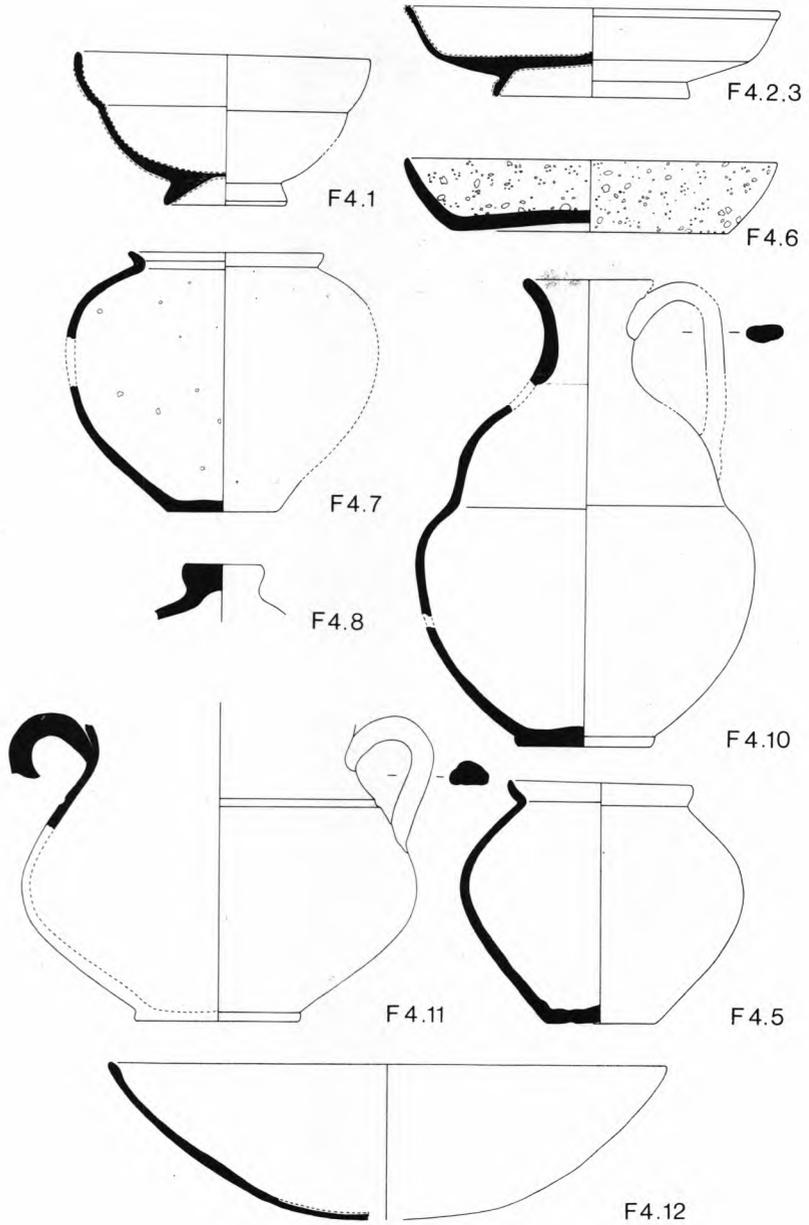
F 3



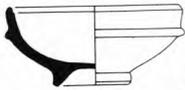
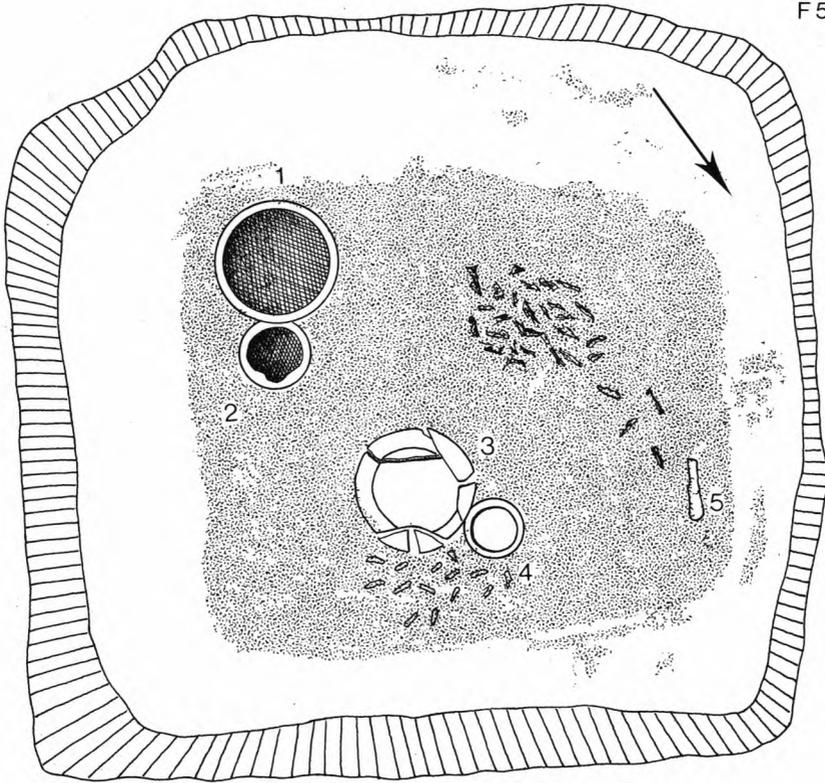


F4

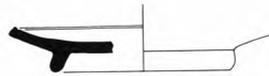




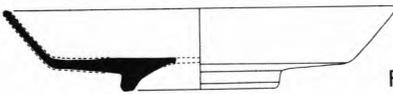
F5.



F5.4



F5.1

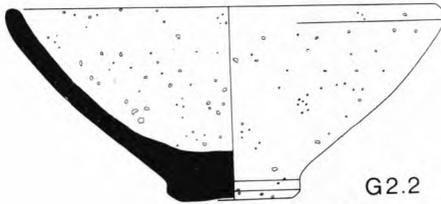
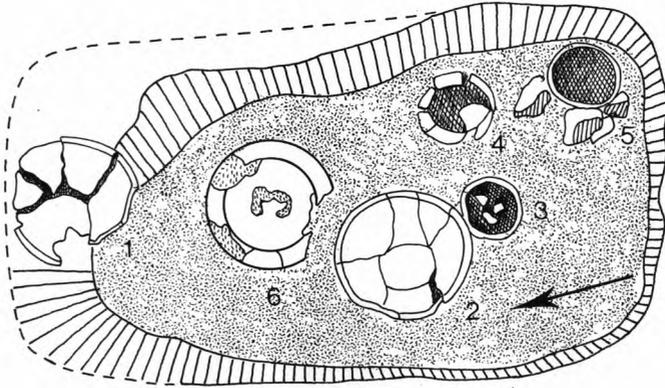


F5.3

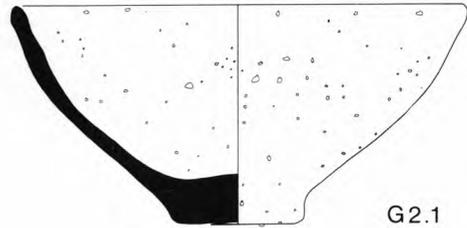


F5.5

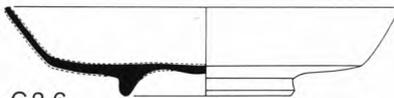
G2.



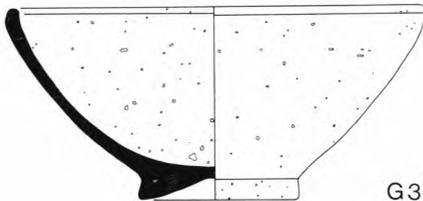
G2.2



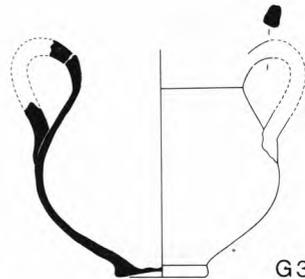
G2.1



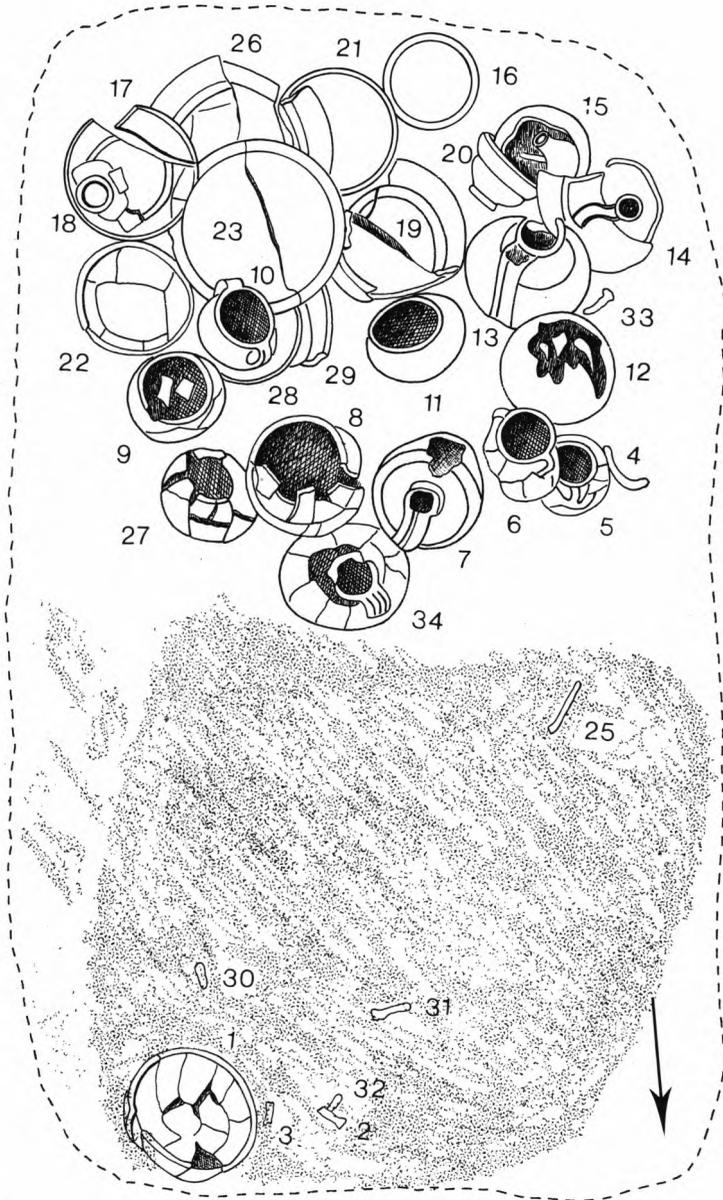
G2.6



G3.1



G3.5

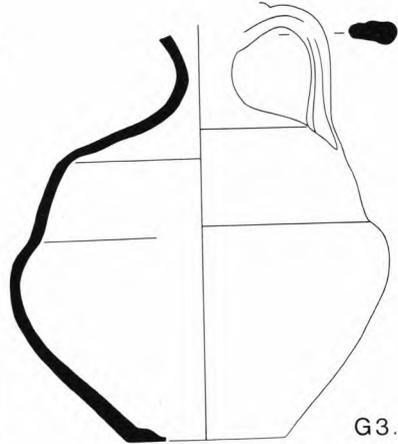


G3.

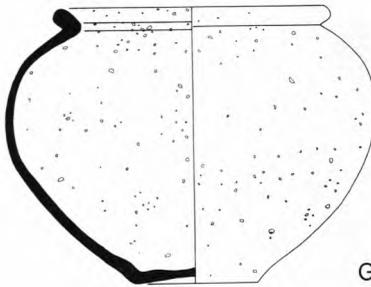
L



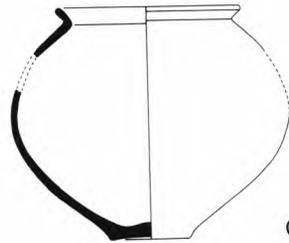
G3.6



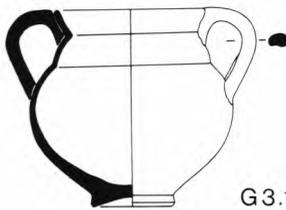
G3.7



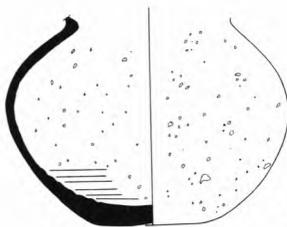
G3.8



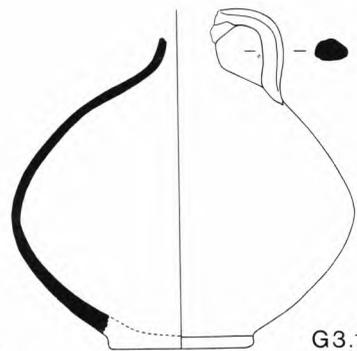
G3.9



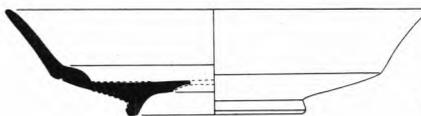
G3.10



G3.11

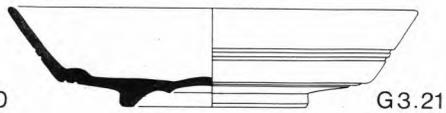
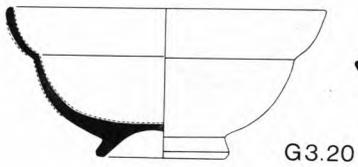
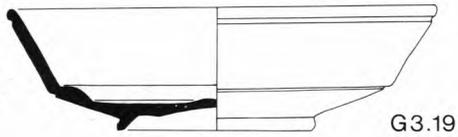
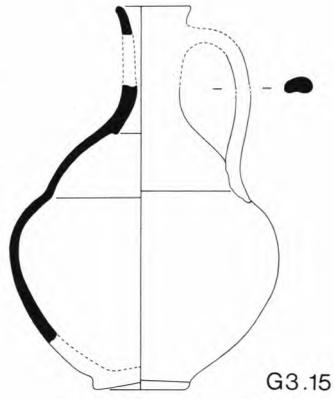
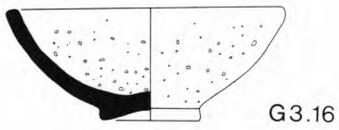
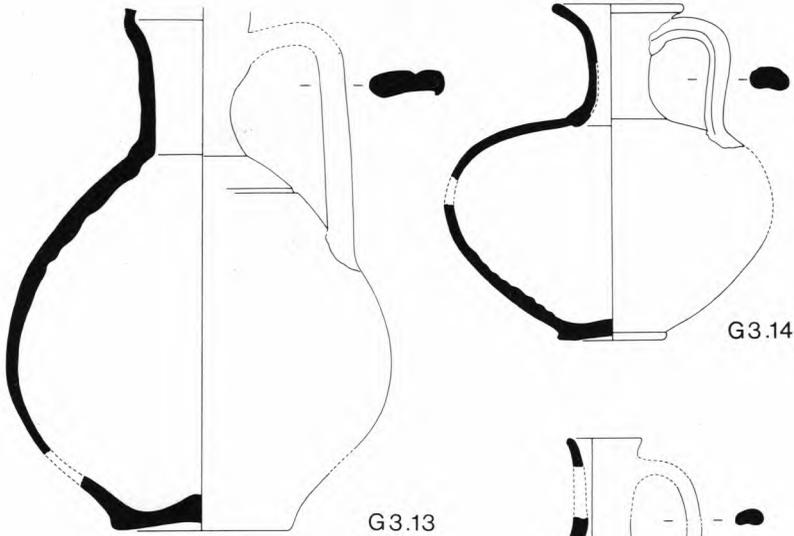


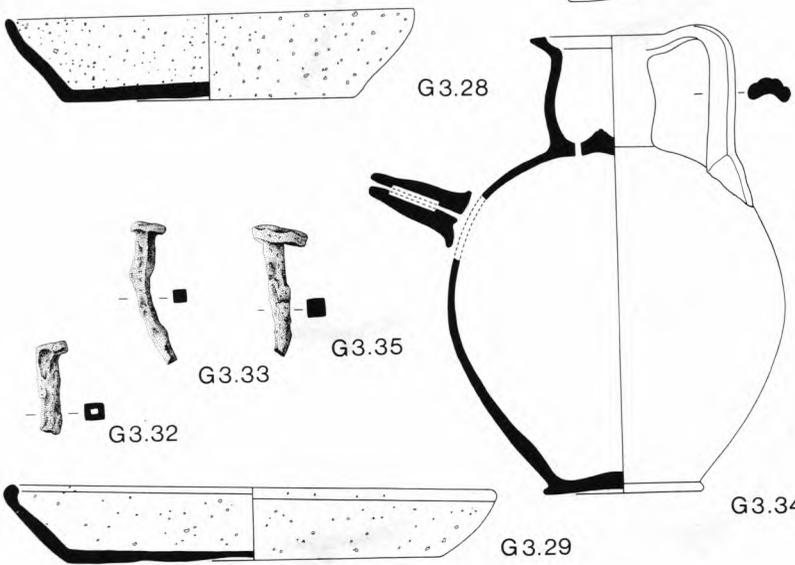
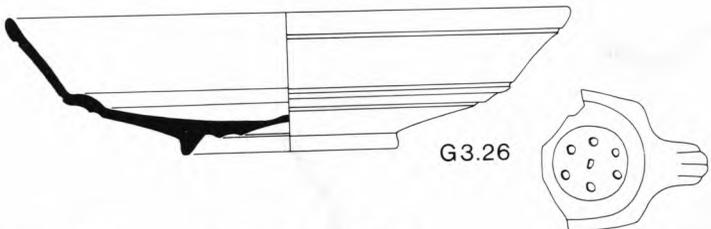
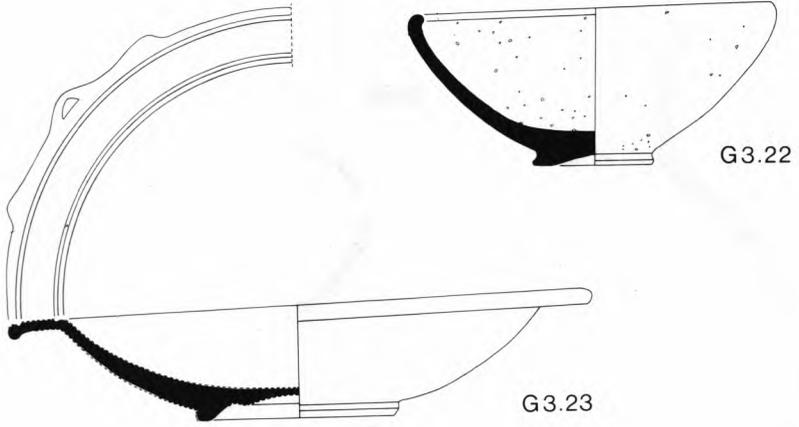
G3.12

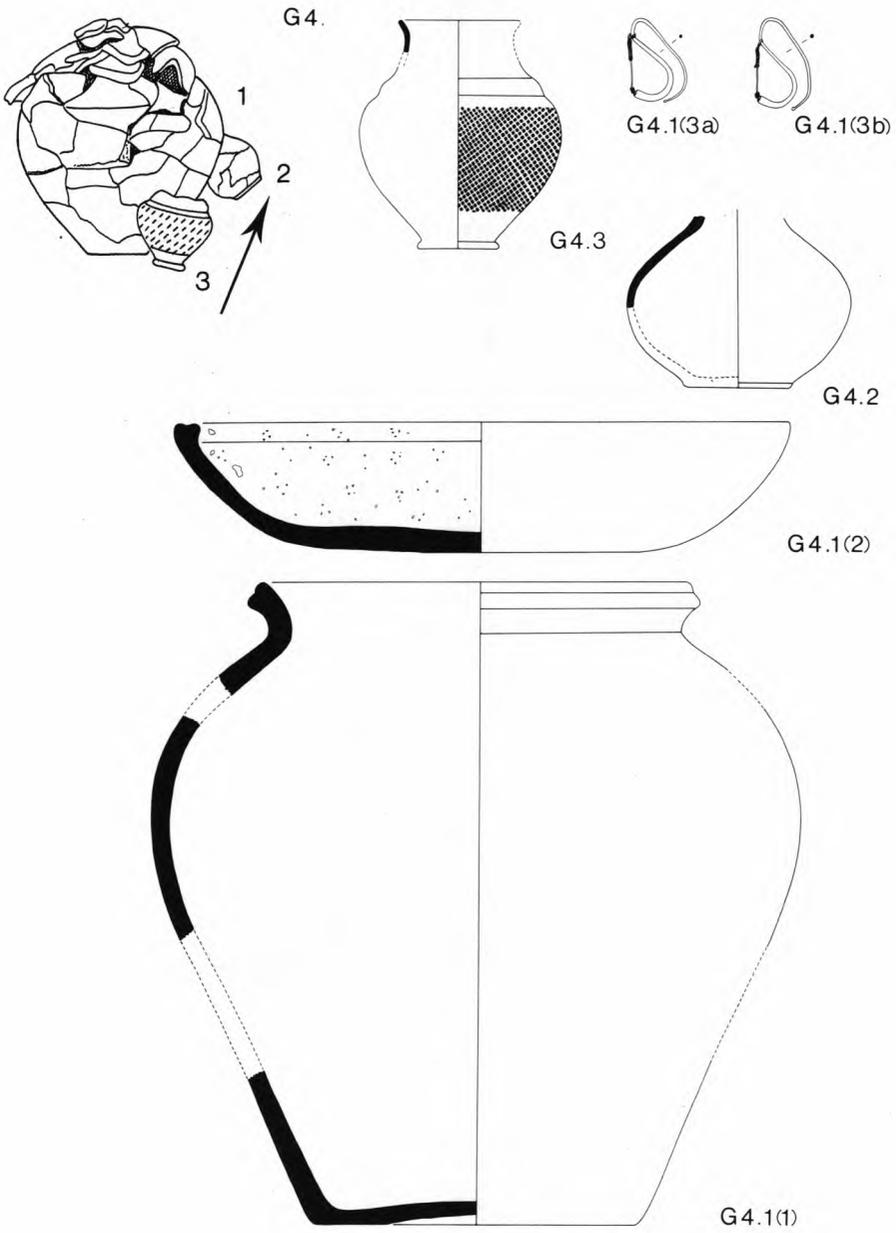


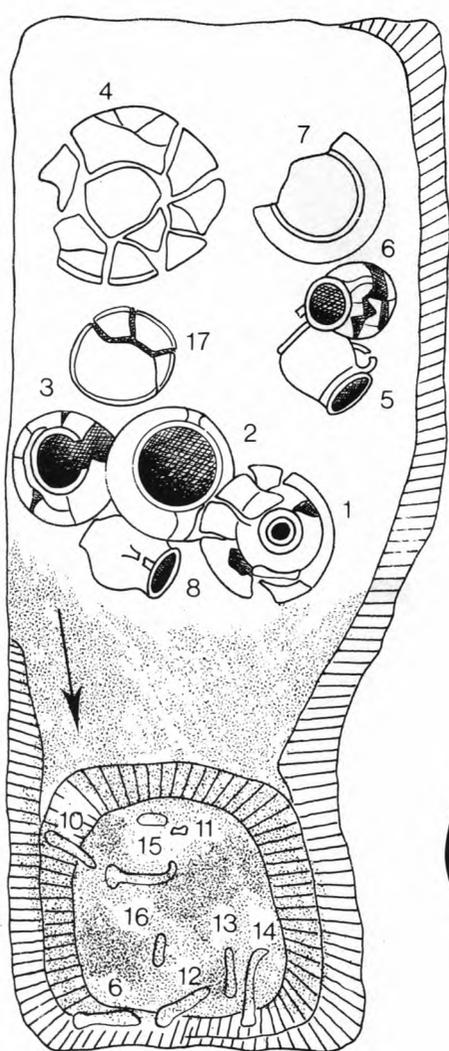
G3.17











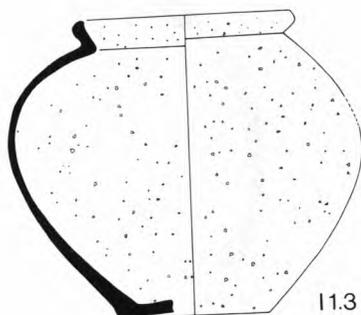
11



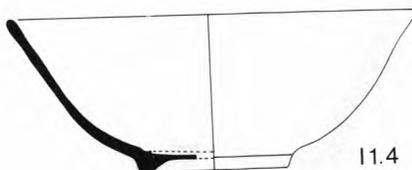
11.8a



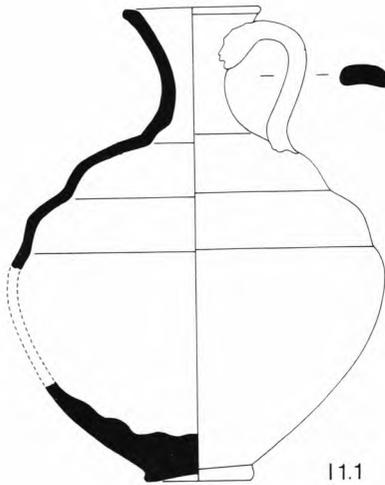
11.5



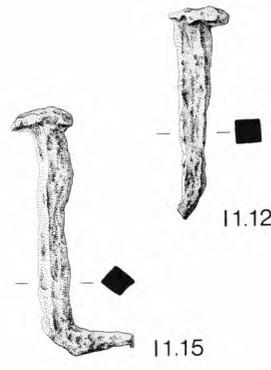
11.3



11.4



I1.1



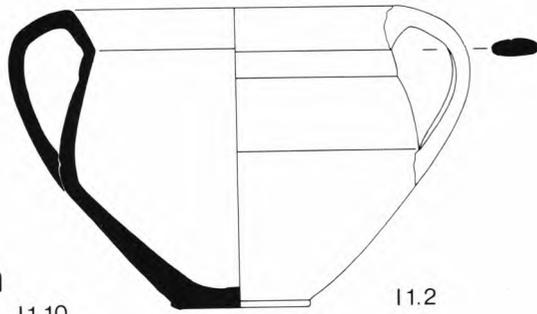
I1.12

I1.15



I1.14

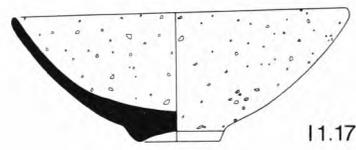
I1.10



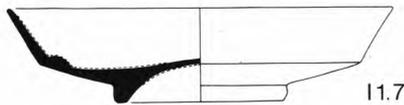
I1.2



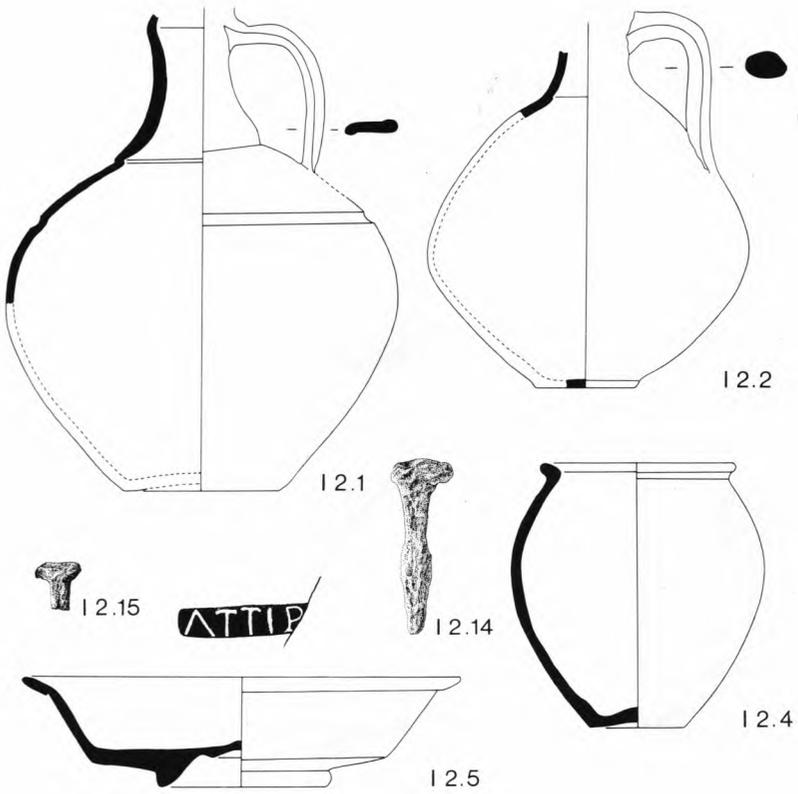
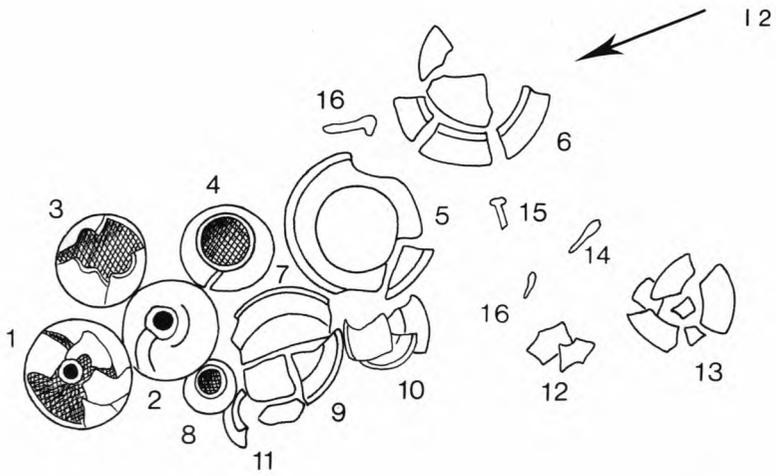
I1.8

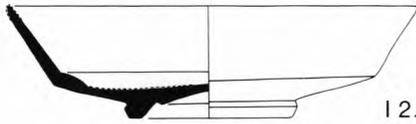


I1.17

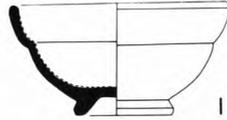


I1.7





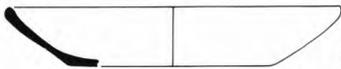
12.6



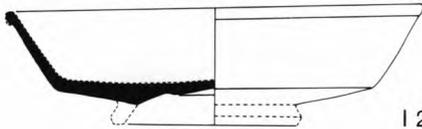
12.10



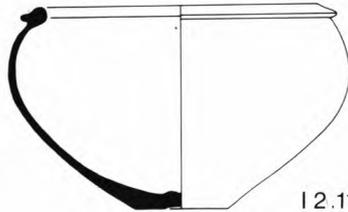
12.16



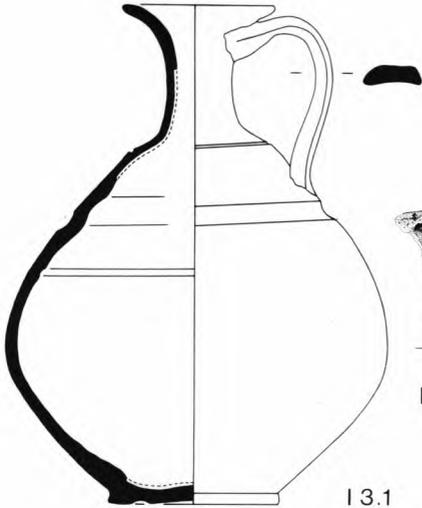
12.13



12.7;9



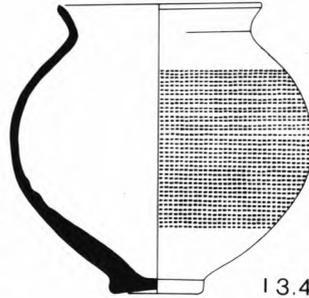
12.11



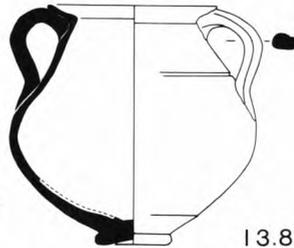
13.1



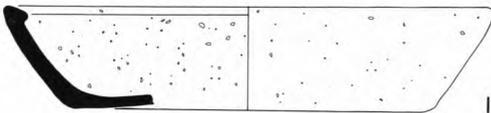
13.1a



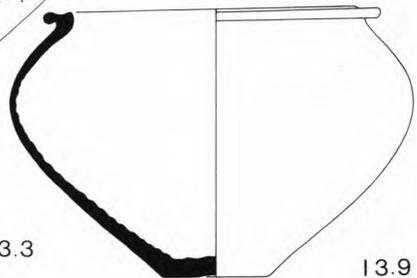
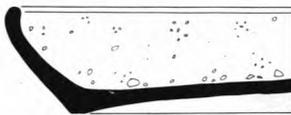
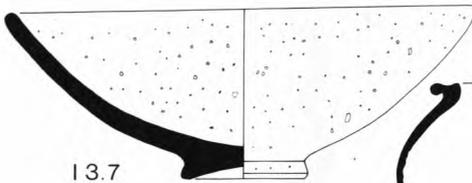
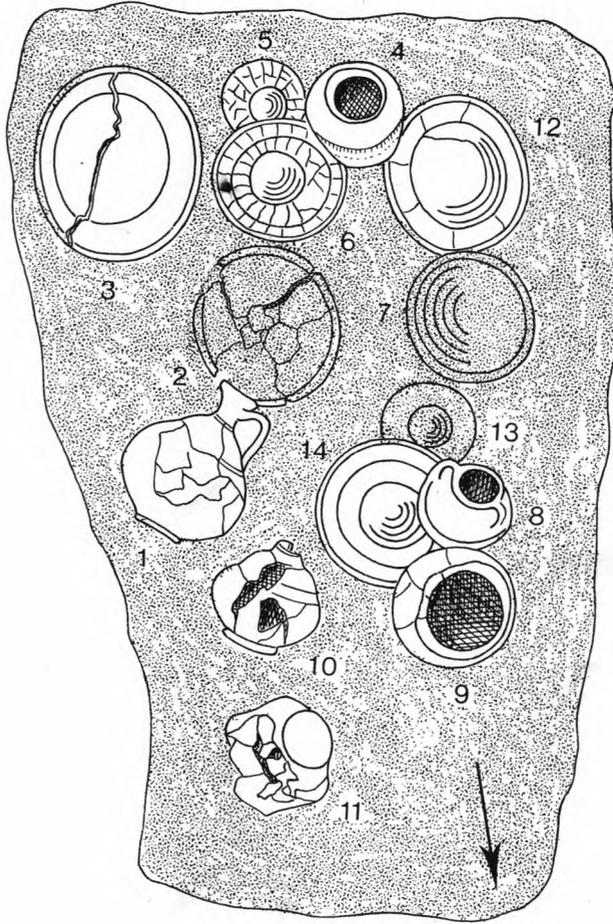
13.4

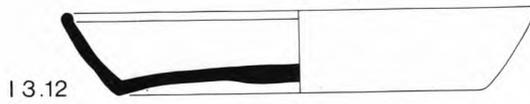
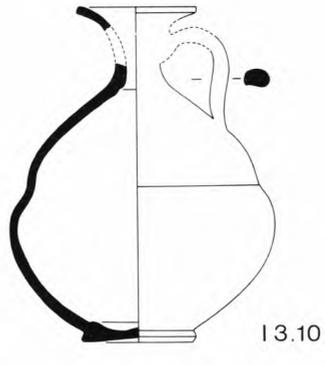
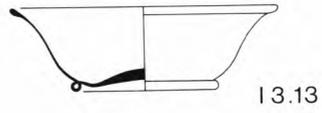
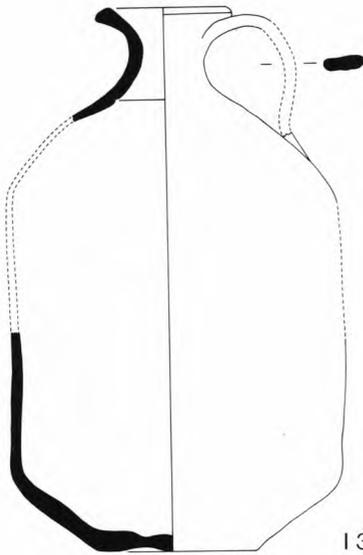
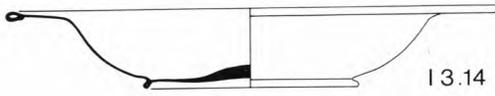
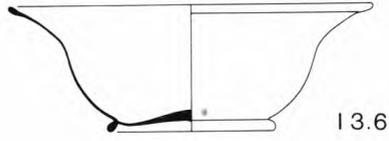
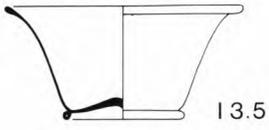


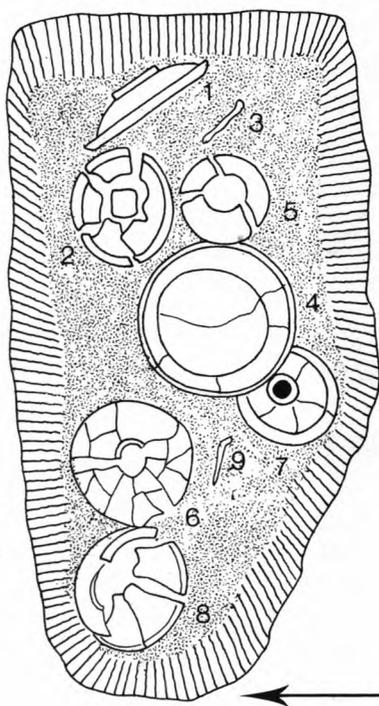
13.8



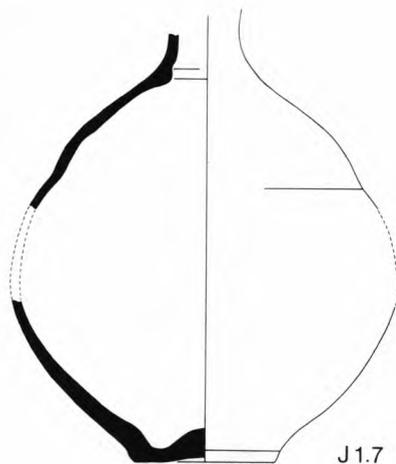
13.2



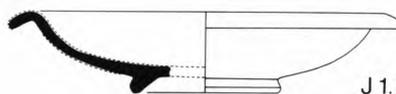




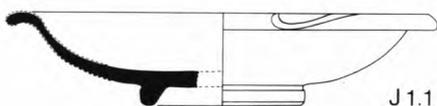
J1.



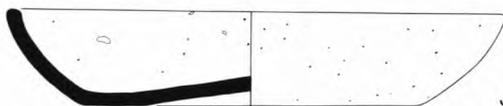
J1.7



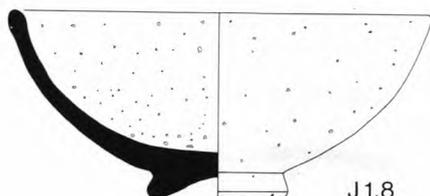
J1.2



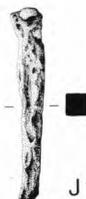
J1.1



J1.4



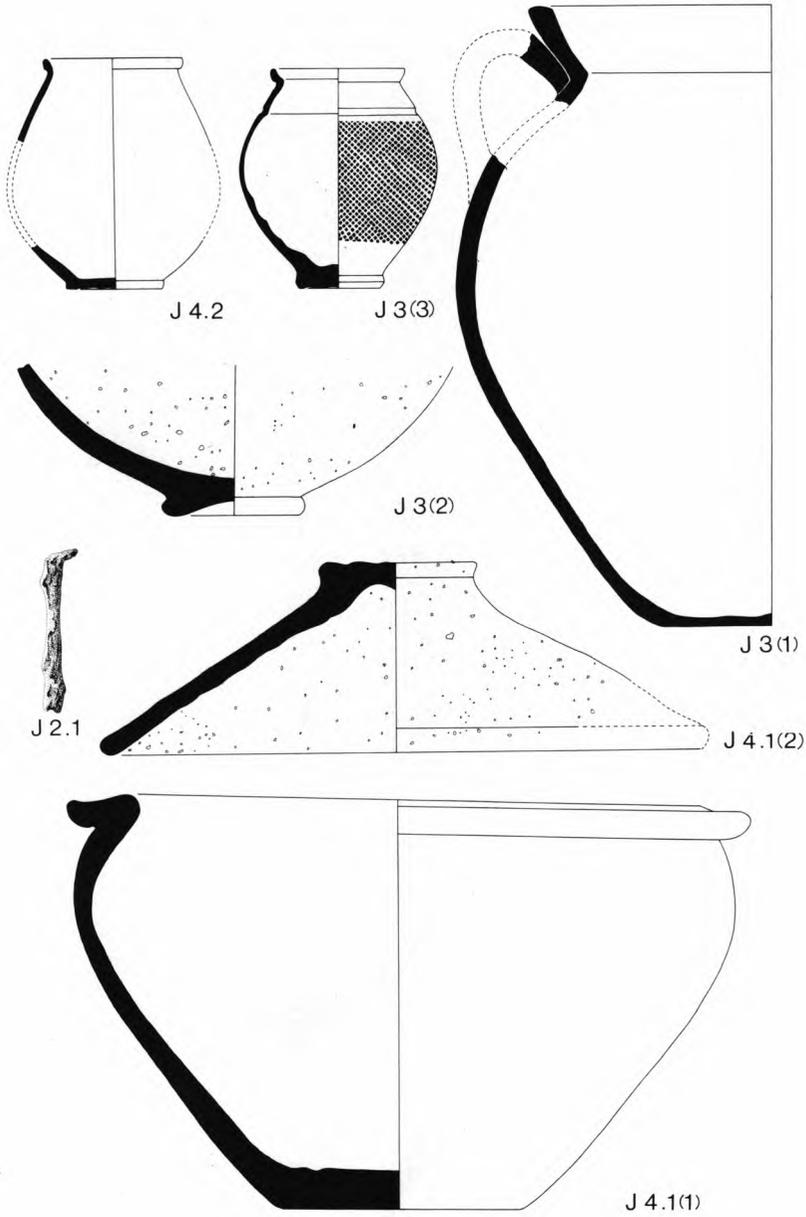
J1.8



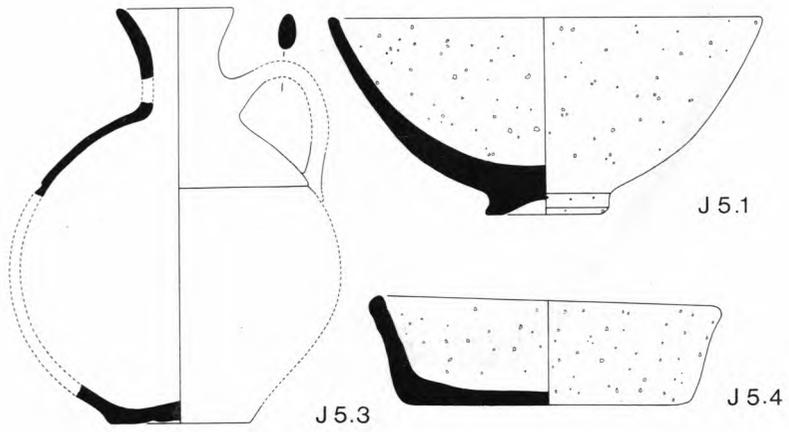
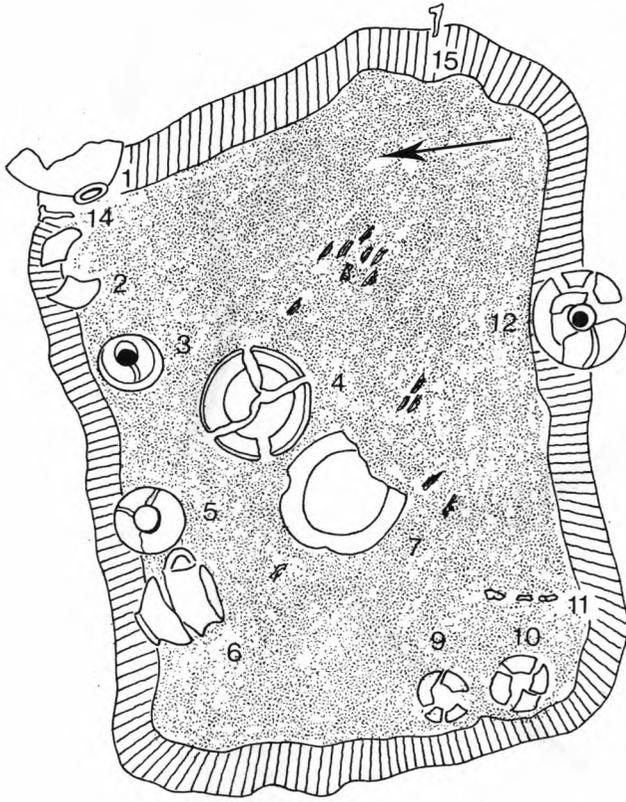
J1.3

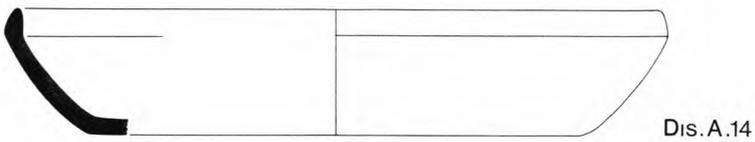
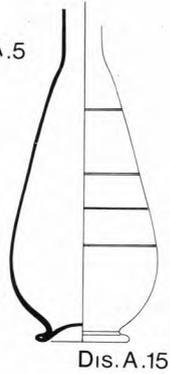
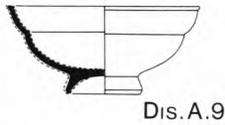
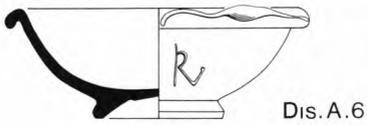
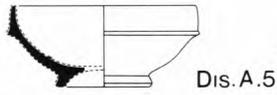
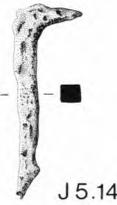
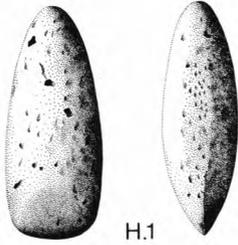
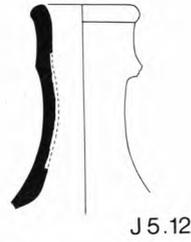
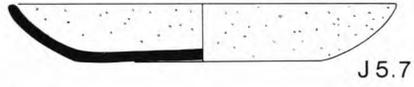
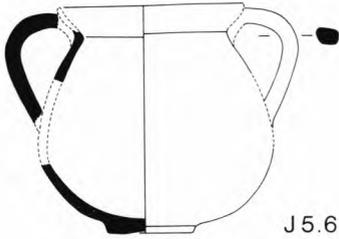


J1.9

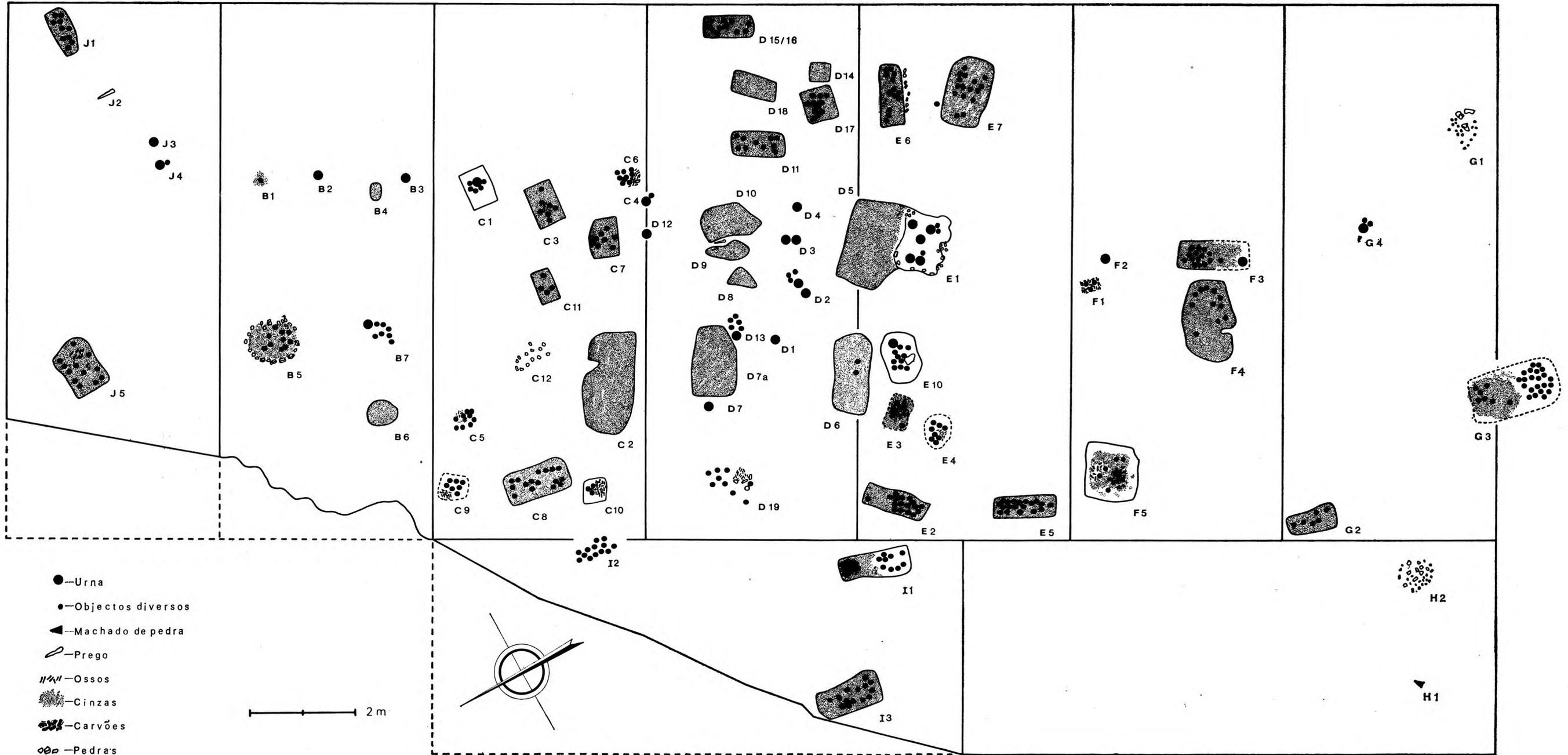


J5.



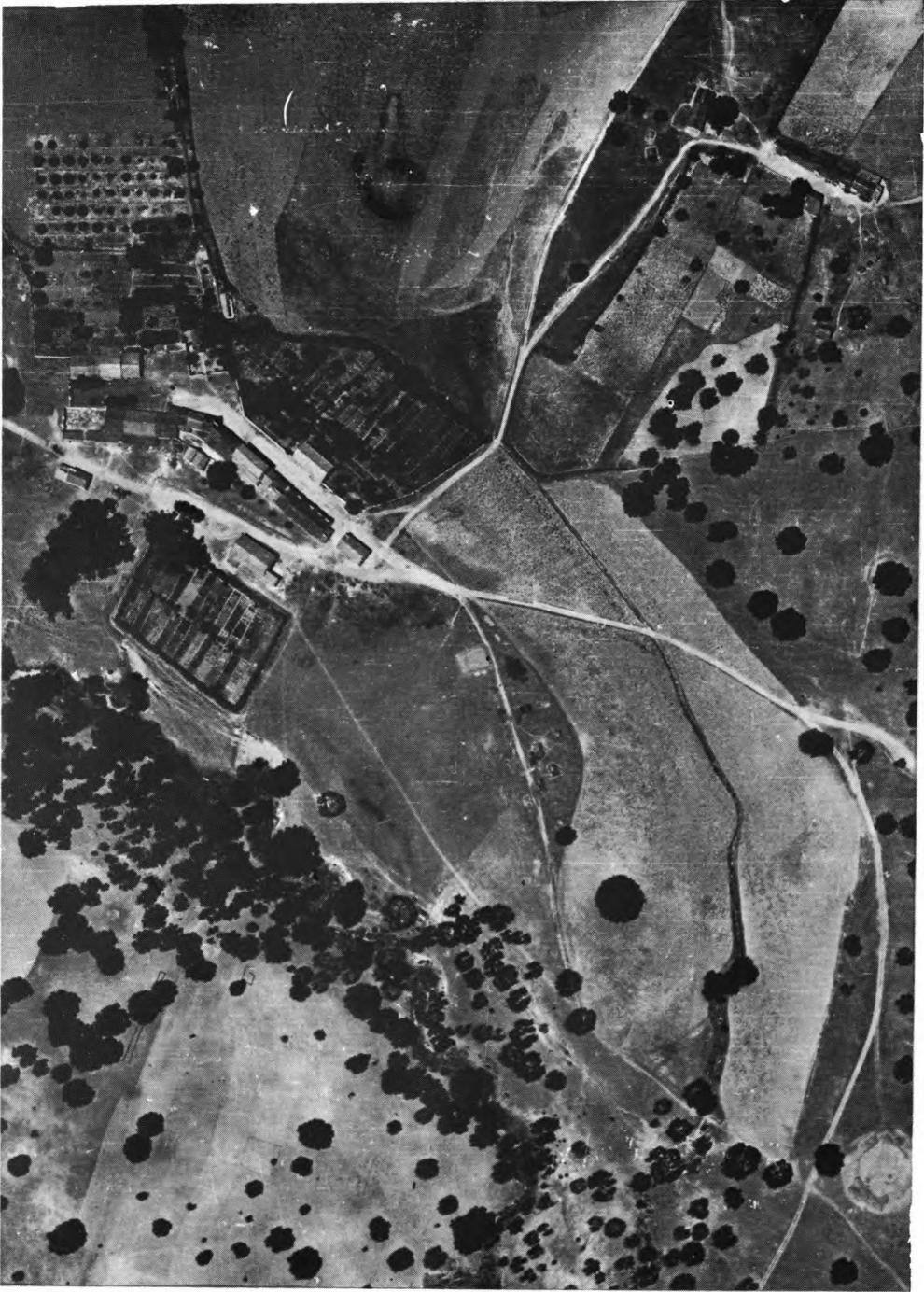


(Página deixada propositadamente em branco)

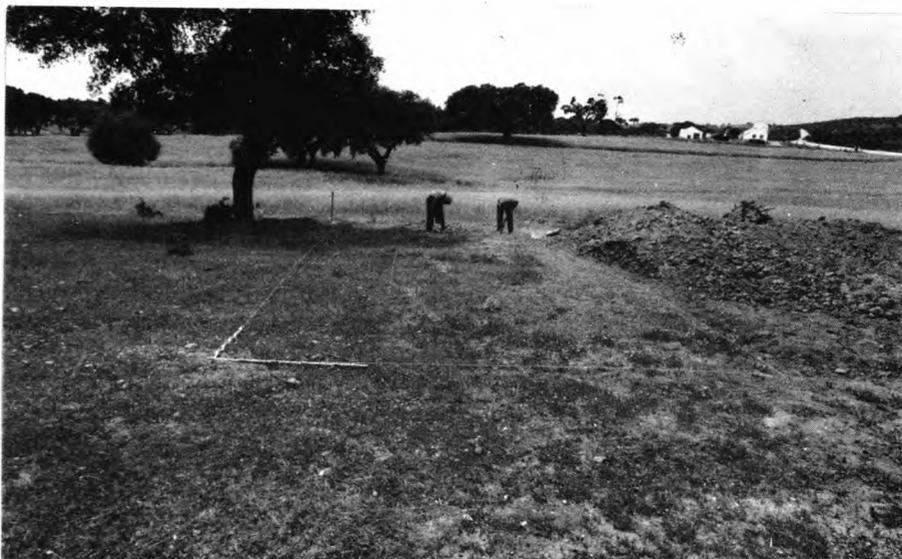


Planta geral da necrópole

(Página deixada propositadamente em branco)



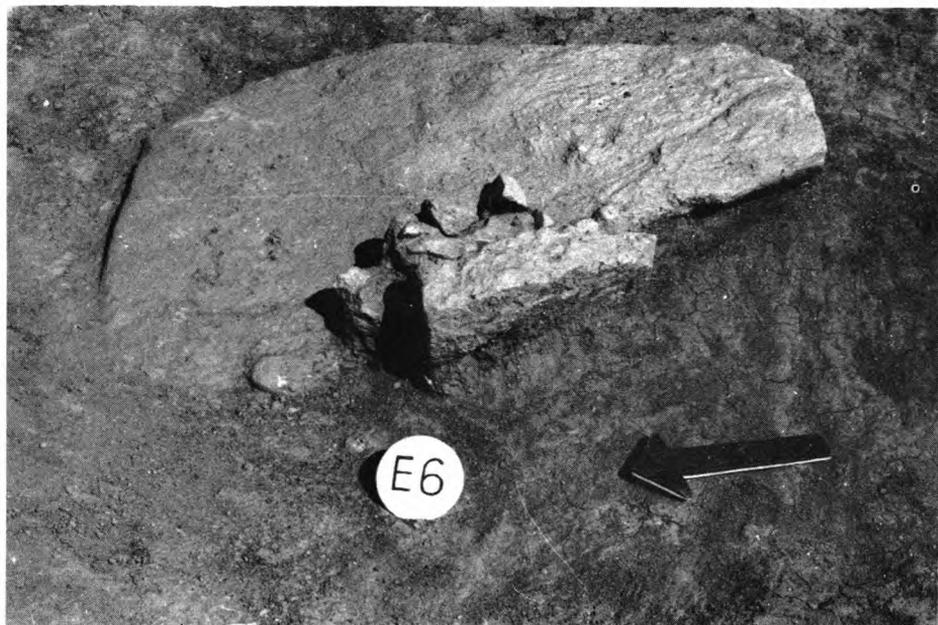
Vista aérea do «monte» e da necrópole



1 — Vista parcial de St.º André



2 — Pormenor da sepultura G 3



1 — Sepultura E 6 antes da escavação



2 — Sepultura E 6 e E 7



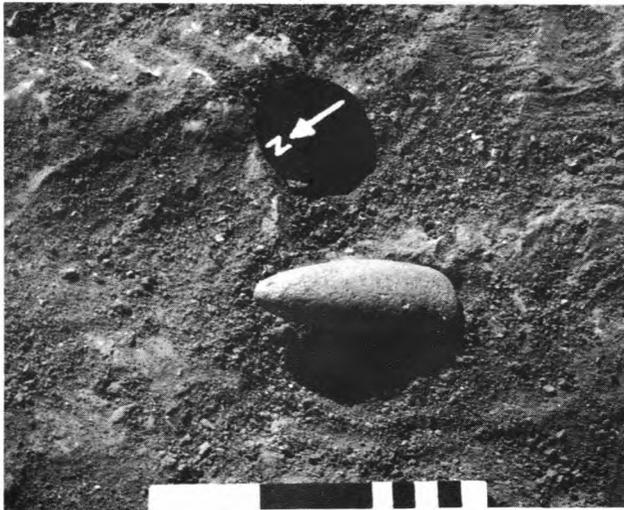
1 — Sepultura E 10 em fase de escavação



2 — Pormenor da sepultura E 10



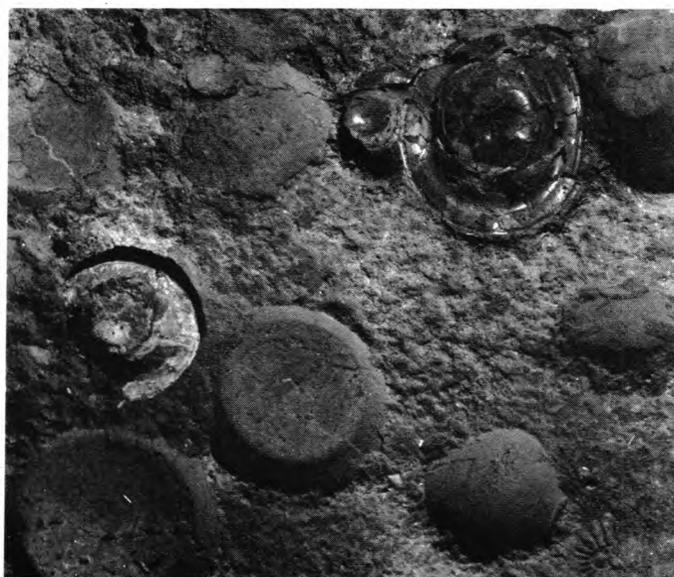
1 — Enterramento colectivo E 1



2 — Machado H 1



1 — Sepultura I 3 em fase de escavação



2 — Pormenor da mesma, visto de Oeste, depois de retirada a cerâmica, vidros 6, 13 e 14



1 — Urna E 10.1



2 — Urna D 1.1 *in situ*



1 — Urna D 3.3 em fase de desmonte



2 — Nível de ossos na urna G 2 em que se encontravam os brincos



1 — D 11.4; D 15/16.9; C 9.4



2 — Cerâmica de englobe vermelho E 1 5.3 e D 13 7



1 — Cerâmica comum D 7 (4); I 3.8; C 1.3



2 — «Paredes finas» B 7.1 3); E 4.5; D 4.1 (3)



1 — Cerâmica comum D 1 (6) e D 1 (4)



2 — Cerâmica comum D 17. 7



1 — Vidros B 7.1 (2) e A/15



2 — Vidros D 15/16.2; C 3.5; C 9.9; D 3.1 (8); E 2.6; C 4.1 (3)



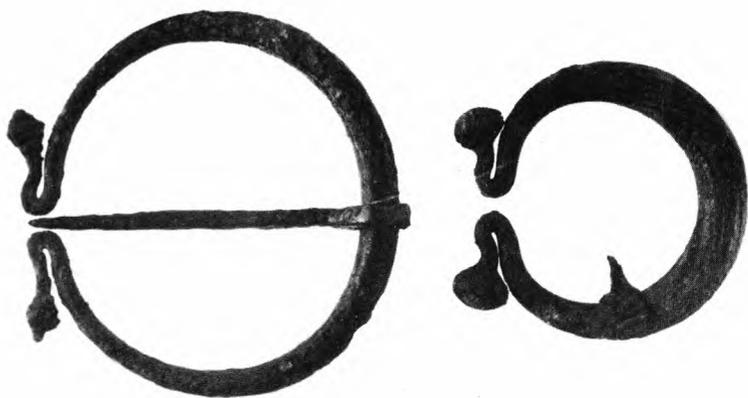
1 — Vidro D 11.1



2 — Campinha D 1 (5)



1 — Fibula C 10.4



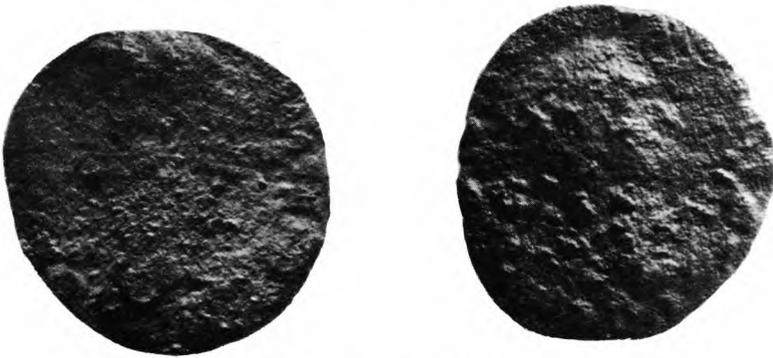
2 — Fibulas E 10.14 e B 5.9



1 — Anel — C 10.4a



2 — Brincos G 4.1 (3)



3 — Moedas C 1.6 e D 1 (3)